

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

TESE DE DOUTORADO

**OS JOVENS DO QUILOMBO DOS ALPES NO DUELO ÉTICO-ESTÉTICO:
IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E O LUGAR**

GISELE SANTOS LAITANO

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON REGO

PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2012.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**OS JOVENS DO QUILOMBO DOS ALPES NO DUELO ÉTICO-ESTÉTICO:
IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E O LUGAR**

GISELE SANTOS LAITANO

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Alecsandro J. P. Ratts (PPG em Geografia/UFG)

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich
(PPG em Geografia/UFRGS)

Prof. Dr. Paulo Roberto
Rodrigues Soares (PPG em
Geografia/UFRGS)

Profa. Dr. Patricia Silva
Dorneles (PPG em Políticas
Públicas/UFRJ)

Tese apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em
Geografia como requisito para
obtenção do título de Doutor
em Geografia.

PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2012.

Laitano, Gisele Santos

Os jovens do Quilombo Dos Alpes no duelo ético-estético: identidades, territórios e o lugar. / Gisele Santos Laitano. – Porto Alegre: UFRGS/PPGea, 2012.

2 v. il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Rego

1. Geografia. 2. Território. 3. Lugar. 4. Trajetórias Espaciais Cotidianas. 5. Quilombo dos Alpes. 6. Duelo Ético-Estético.

7. Juventude I. Título.

Catálogo na Publicação

Biblioteca do Instituto de Geociências - UFRGS

Renata Cristina Grun CRB 10/1113

Aos meus pais, Ana Maria e Luiz Heitor.
À comunidade do Quilombo dos Alpes.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Nelson Rego, e aos demais professores que tive e que foram fundamentais no meu processo de formação acadêmica.

Aos meus pais, Ana Maria e Luiz Heitor, pelo amor e apoio.

À comunidade do Quilombo dos Alpes, em especial à Janja e aos jovens, pela acolhida e conforto, aspectos imprescindíveis a essa pesquisa.

Aos meus tios, Carmen Lúcia e Alexandre, pelo carinho e pelos livros-presentes, ao longo da vida.

Aos meus amigos Adriana, Américo, Marcia e Mauro, com os quais compartilhei as alegrias e angústias vivenciadas.

Ao Augusto Bobsin, pelas belas e carinhosas ilustrações que acompanham esse trabalho.

Aos profissionais Augusto Bobsin, Ivanira Falcade, Lucimar Vieira e Tiago da Costa Andrioli, pelo apoio técnico na confecção dos mapas.

Aos diversos profissionais, técnicos, colegas de trabalho e anônimos, que me acompanharam de diversas formas ao longo desse trabalho, sem os quais o mesmo não teria sido realizado.



IDENTIDADE

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem insecto

Sou areia sustentando
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro

No mundo em que combato morro
No mundo por que luto nasço

Mia Couto

LISTA DOS MAPAS

Mapa 1 – O Bairro Glória na Cidade de Porto Alegre	181
Mapa 2 – Mapa das Territorialidades da Comunidade Quilombola dos Alpes (a)	182
Mapa 3 – Mapa das Territorialidades da Comunidade Quilombola dos Alpes (b)	182

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Acesso ao quilombo, pelo fim da linha do ônibus Alpes. À direita, o muro do seminário.	189
Foto 2: Placa de identificação do Quilombo dos Alpes.	190
Foto 3: Caminho da entrada.	191
Foto 4: Atalho tipo trilha que acessa o núcleo de moradias.	192
Foto 5: Bifurcação do caminho: à esquerda, a rua de baixo, e à direita, a de cima.	193
Foto 6: Presença de lixo queimado.	194
Foto 7: Casa do cão Obama.	195
Foto 8: Casas do quilombo vistas da Estrada Salater. No alto, à direita, a nova sede sendo construída. As casas do primeiro plano não são do quilombo.	197
Foto 9: Porto Alegre vista da rua de baixo.	199
Foto 10: Placa do estande do Quilombo dos Alpes na 34ª Expointer.	200
Foto 11: Interior do estande do Quilombo dos Alpes na 34ª Expointer.	201
Foto 12: Cardápio da refeição vendida na 34ª Expointer.	202
Foto 13: Refeição vendida na 34ª Expointer.	203
Foto 14: Estrada dos Alpes.	282
Foto 15: Placa da ONG Maria Mulher.	292
Foto 16: Atalho com flores do campo lilás.	296
Foto 17: Provável local da casinha de vassouras.	299
Foto 18: Zona Norte de Porto Alegre vista da descida da rua de cima.	300
Foto 19: Porto Alegre, em tons de outono, vista do Quilombo dos Alpes.	301
Foto 20: Campo de futebol do 'Comunitário'.	309
Foto 21: O coelho branco.	329
Foto 22: O campo do Canguru.	330
Foto 23: Casa em construção.	331
Foto 24: Anoitecer em Porto Alegre visto da Estrada dos Alpes.	334

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de jovens e suas idades.	205
Tabela 2 – Jovens que frequentam a escola, por série ou nível.	206
Tabela 3 – Jovens que pararam de estudar, conforme a série de abandono da escola.	206

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese Maria Quitéria	225
Quadro 2: Síntese Karenina	230
Quadro 3: Síntese Celeste	235
Quadro 4: Síntese Cefeu	239
Quadro 5: Síntese Hefaisto	245
Quadro 6: Síntese Ilyana	255
Quadro 7: Síntese Alcebíades	259
Quadro 8: Síntese Forbas	265
Quadro 9: Síntese Magnólia	269
Quadro 10: Síntese Zéfiro	274
Quadro 11: Síntese Linha Molar	341
Quadro 12: Síntese Linha Molecular	345
Quadro 13: Síntese Linha de Fuga	350

LISTA DE ABREVIATURAS

Calábria: Centro de Educação Profissional São João Calábria

CIEM: Centro Integrado de Educação Municipal

DCE: Diretório Central dos Estudantes

DMAE: Departamento Municipal de Água e Esgoto

DMLU: Departamento Municipal de Limpeza Urbana

EMEF: Escola Municipal de Ensino Fundamental

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

Expinter: Exposição Internacional de Animais

FACED: Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

FASC: Fundação de Assistência Social e Cidadania

FASE: Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul

FEBEM: Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

Mc: McDonalds

MNLM: Movimento Nacional de Luta pela Moradia

PTB: Partido Trabalhista Brasileiro

Sindisprev: Sindicato dos Trabalhadores Federais da Saúde, Trabalho e Previdência no Rio Grande do Sul

SIMERS: Sindicato Médico do Rio Grande do Sul

SIR: Sala de Integração e Recursos

ULBRA: Universidade Luterana do Brasil

RESUMO

A pesquisa analisa como a construção das identidades dos jovens do Quilombo dos Alpes insere-se e é reveladora do duelo ético-estético existente no mundo contemporâneo. O que se propôs foi interpretar como os jovens jogam o jogo das identidades, perpassados pelos pertencimentos étnico-raciais, e constroem identidades que se alimentam de territórios e lugares. Nesse sentido, foram elaborados os conceitos de Duelo Ético-Estético e de Trajetórias Espaciais Cotidianas, que orientam a investigação. Partiu-se da problematização de humanismo não racial, para discutir sujeito e identidade. Considerando a transição paradigmática, a metodologia foi construída com orientação de complexidade pós-moderna. Teve como centro o diálogo com os jovens, a partir da perspectiva hermenêutica. A pesquisa desdobrou-se em duas estratégias de abordagem ou eixos. Os procedimentos do eixo teórico-conceitual envolveram: levantamento bibliográfico, leitura e releitura, fichamento, discussão e interpretação. O eixo metodológico se desdobrou nos seguintes procedimentos operacionais: o registro no diário de campo de todo o trabalho de coleta, visita ao INCRA, visitas exploratórias e conversas informais na comunidade, registro fotográfico, aplicação de formulário, entrevistas semiestruturadas e acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas. Os resultados alcançados evidenciaram a existência do duelo ético-estético do qual os jovens do Quilombo dos Alpes participam e que, ao tomarem parte nesse duelo, eles se inserem como sujeitos na cidade. Isso possibilitou a elaboração de uma cartografia do corpo racializado dos jovens do Quilombo dos Alpes. Em síntese, a pesquisa integra-se numa Geografia Humanista, cuja abordagem enfatizou o nível molecular das diferenças e alteridades.

Palavras-chaves: Território – Lugar - Trajetórias Espaciais Cotidianas - Quilombo dos Alpes - Duelo Ético-Estético - Juventude

ABSTRACT

This paper analyzes how the construction of identity of the youths in Quilombo dos Alpes takes place in the contemporary world and reveals the existing duel between ethics and aesthetics. Our goal was to interpret the way the youths play the game of identities, pervaded by ethnic and racial backgrounds, and build identities that feed on territories and places. In this sense, we developed the concepts of Ethic-Aesthetic Duel and Daily Spatial Trajectories, which guide the research. Based on the problematization of non-racial humanism, we discuss subject and identity. Considering the paradigmatic transition, the methodology applied follows a postmodern complexity orientation, and is centered on the dialogue with the youths, adopting a hermeneutic point of view. The research is divided in two approach strategies or axes. The procedures involved in the theoretical axis include: literature review, reading and rereading, cataloguing, discussing and interpreting. The methodological axis involved the following operating procedures: entering in the field journal all the collected data, visiting INCRA (National Institute for Colonization and Agrarian Reform), exploratory visits and informal conversations with the community, photographic records, application of form, semi-structured interviews and follow-up of Daily Spatial Trajectories. The findings show that the youths of Quilombo dos Alpes take part in an existing ethic-aesthetic duel, and that in doing so they constitute themselves as subjects in the city. This allowed us to develop a mapping of their rationalized bodies. In summary, this research adopts a Humanistic Geography approach, focusing primarily on the molecular level of difference and alterity.

Keywords: Territory; Place; Daily Spatial Trajectories; Quilombo dos Alpes; Ethic-Aesthetic Duel; Youth.

SUMÁRIO

VOLUME 2

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 OBJETO E OBJETIVOS.....	18
1.2 O PROCESSO DE DESCOBERTA	19
1.3 PROBLEMATIZAÇÃO	22
1.4 JUSTIFICATIVA	25
1.5 QUESTÕES NORTEADORAS	30
1.6 ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO	32
2 CAMINHOS TEÓRICO-CONCEITUAIS	38
2.1 UMA NARRATIVA SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO	39
2.1.1 O Cenário Atual	39
2.1.2 O Duelo Ético-Estético:	53
2.1.2.1 Cartografar o Corpo Vibrátil	62
2.1.3 Raça e Etnia	66
2.1.3.1 Uma Visão do Outro	66
2.1.3.1.1 Povos Civilizados e Povos Naturais	67
2.1.3.1.2 Corpos e Intelectos Inferiores.....	69
2.1.3.1.3 Humanismo Não Racial.....	73
2.1.3.2 Crença, pertença e distinção	77
2.1.3.2.1 Pertencimento Étnico-Racial	86
2.1.3.2.2 Corpo Racializado	87
2.1.4 Identidade e Sujeito	88
2.1.4.1 <i>Essência</i>	89
2.1.4.2 Interação.....	91
2.1.4.3 Deslocamento.....	95
2.1.4.4. Hibridismo Cultural	97
2.1.4.5. Jogo das Identidades.....	100
2.2 UMA PERSPECTIVA PARA OLHAR O ESPAÇO	101
2.2.1 As Trajetórias Espaciais Cotidianas	101
2.2.1.1 Olhar o Espaço.....	102
2.2.1.2 O Homem por Inteiro	107

2.2.1.3 As Possibilidades.....	111
2.2.2 Território.....	113
2.2.2.1 Estado e Poder.....	114
2.2.2.2 <i>Poderes</i>	115
2.2.2.3 A Perspectiva Integradora.....	116
2.2.2.4 Genoespaço e Nomoespço.....	119
2.2.3 Lugar.....	120
2.2.3.1 Experiência e Permanência.....	120
2.2.3.2 Ações Condicionadas e Paixões Humanas.....	121
2.2.3.3 Não-lugar: Solidão e Similitude.....	124
2.2.3.4 Demarcações e Vínculos.....	125
3 PERCURSOS INVESTIGATIVOS.....	127
3.1 CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA.....	128
3.1.1 A Transição Paradigmática.....	128
3.1.2. O Paradigma Emergente.....	1335
3.1.3. As Conexões.....	140
3.2. VIVÊNCIAS, JUÍZOS E TRANSFORMAÇÃO.....	145
3.2.1. A Hermenêutica das Tradições.....	146
3.2.2. Os Conceitos Humanísticos.....	150
3.3 PARADOURO.....	153
3.4 ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DA PESQUISA ¹⁵⁶	
3.4.1 Eixo Teórico-Conceitual.....	157
3.4.2 Eixo Operacional.....	162
3.4.2.1 Estratégia de Aproximação com os Jovens ¹⁶⁵	
3.4.2.2 Estratégia de Observação dos Jovens.....	166
4 UMA CARTOGRAFIA DO CORPO RACIALIZADO.....	169
4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA.....	170
4.1.1 A Cidade de Porto Alegre: População e Dados Físicos.....	170
4.1.2 Formação Territorial da Grande Glória.....	171
4.1.3. Formação do Território do Quilombo dos Alpes.....	176
4.1.4. Mapas de Localização.....	180

4.2 A ABERTURA HERMENÊUTICA	183
4.2.1 As Visitas Exploratórias	188
4.2.1.1 Descrevendo as Visitas Exploratórias	188
4.2.2 Encontro com os Jovens	204
4.2.3 Cartografia do Duelo Ético-Estético.....	208
4.2.3.1 Relato das Entrevistas.....	212
4.2.3.2 Maria Quitéria, a acolhedora de otimismo	213
4.2.3.3 Entrevista com Karenina, a trançada.....	226
4.2.3.4 Entrevista com Celeste, a crespa	230
4.2.3.5 Entrevista com Cefeu, o de poucas palavras.....	235
4.2.3.6 Entrevista com Hefaisto, o preocupado com as crianças	239
4.2.3.7 Entrevista com Ilyana, a socialista.....	245
4.2.3.8 Entrevista com Alcebíades, o moicano.....	256
4.2.3.9 Entrevista com Forbas, o comedido	260
4.2.3.10 Entrevista com Magnólia, a debutante.....	265
4.2.3.11 Entrevista com Zéfiro, o sobrevivente.....	269
4.2.3.12 As Entrevistas em Síntese.....	275
4.2.4 Trajetórias: Hastes do Rizoma.....	279
4.2.5 Um Esforço de Síntese para a Espacialidade em Rizoma.....	338
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	354
5.1 ENLACES ENTRE TEORIA E PRÁTICA.....	355
5.2 OS RESULTADOS DA PESQUISA: A RESPOSTA AOS OBJETIVOS	357
5.2.1 Reconhecer e identificar a população jovem do Quilombo dos Alpes	358
5.2.2 Compreender a identidade dos jovens do Quilombo dos Alpes, a demarcação de territórios e os vínculos com o lugar	359
5.2.3 Analisar as Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens pertencentes ao Quilombo dos Alpes.....	361
5.2.4 Entender o jogo das identidades, realizado pelos jovens do Quilombo dos Alpes.....	363
5.2.5 Debater o pertencimento étnico-racial dos jovens do Quilombo dos Alpes, na construção de suas identidades	364
5.2.6 Verificar a negociação das identidades, feita pelos jovens do Quilombo dos Alpes, através do corpo racializado.....	365

5.2.7 Interpretar as vivências e os juízos elaborados pelos jovens do Quilombo dos Alpes, a partir das suas participações no duelo ético-estético, existente em Porto Alegre	367
5.3 APONTAMENTOS PARA O FUTURO	372
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	375
APÊNDICE A - MODELO DO FORMULÁRIO APLICADO	393

A photograph of a lush green bush with yellow flowers and a butterfly. The image is the background for the text. The bush has many green leaves and clusters of small yellow flowers. A butterfly with orange and black wings is perched on one of the branches. The sky is visible in the background, showing a clear blue color.

4 UMA CARTOGRAFIA DO CORPO RACIALIZADO

**Ele nasceu no morro
Não sabe nem em que data
Até pensava que a lua
Pendurada no céu
Fosse um pandeiro de prata**

Tulio Piva

Este capítulo contém a contextualização da área de estudo e os diversos procedimentos operacionais, que possibilitaram a descrição e a interpretação do campo, as quais também estão aqui relatadas neste capítulo. Esse conjunto constitui uma cartografia do corpo racializado.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÁREA

Apresenta-se, a seguir, a contextualização da área, dividida nos seguintes tópicos: 'A Cidade de Porto Alegre: População e Dados Físicos'; 'Formação Territorial da Grande Glória'; 'Formação do Território Quilombo dos Alpes' e os 'Mapas de Localização'.

4.1.1 A Cidade de Porto Alegre: População e Dados Físicos

O município de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, está localizado na latitude de 30° Sul, a 100 km do Oceano Atlântico, e o clima é subtropical úmido. A cidade possui uma população de 1.409.939 hab. (IBGE, 2011), em 476,3 km² de área territorial, distribuídos em uma parte continental, com 431,85 km², circundada por um conjunto de morros e por um arquipélago, com 44,45km². A Crista de Porto Alegre, com 22 km de comprimento, é a principal elevação da cidade e compartimenta o seu relevo em três modelados distintos: terras baixas, ao norte; terras altas, na área central; e terras baixas com morros isolados, ao sul. (MENEGAT, 1998). O Quilombo dos Alpes está localizado nas terras altas.

4.1.2 Formação Territorial da Grande Glória

No livro 'A grande Glória', da coleção Memória dos Bairros (BARCELLOS et al., 1995), está relatado que o Rio Grande do Sul foi uma área de ocupação tardia, cuja ação colonizadora ocorreu a partir do século XVII, em função das disputas por limites e fronteiras entre Espanha e Portugal. Em 1680, foi registrada a fundação da Colônia de Sacramento, pelos portugueses; em 1737, instalou-se o Forte de Rio Grande de São Pedro; em 1750, o Tratado de Madri; e, em 1777, o Tratado de Santo Ildefonso, definindo como fronteiras dos dois impérios, o rio Uruguai e a foz do arroio Chuí. Nesse contexto, a partir de 1732, Portugal passou a distribuir sesmarias/lotes de terras, aos interessados em se estabelecerem ao sul do seu Império. Tratavam-se, principalmente, de militares, cujos súditos seriam casais açorianos, que se instalariam provisoriamente nas margens do Lago Guaíba, com objetivo de rumar para as Missões. A permanência desses casais de açorianos não foi tão breve e acabou por formar o povoado que se tornaria a capital da Província de São Pedro.

Durante o período colonial, Porto Alegre circunscrevia-se ao pequeno morro em que hoje está o centro da cidade. Ao fim do século XIX, com o início da industrialização e a proclamação da República, “[...] ocorrerá um significativo crescimento urbano, acompanhado de profundas transformações nas relações sociais [...]” (BARCELLOS et al., 1995, p. 10). As elites de Porto Alegre fixavam suas residências na Rua Duque de Caxias e Avenida Independência. Enquanto isso, “A ocupação urbana da microrregião da Grande Glória, como uma das partes constituintes do tecido urbano que se amplia territorialmente, inicia-se no final do século dezenove, dentro de um processo que estava transformando a cidade como um todo” (BARCELLOS et al., 1995, p. 11).

De acordo com Barcellos et al. (1995), pode-se afirmar que as origens da ocupação da atual microrregião da Grande Glória encontram-se nas terras do sesmeiro Sebastião Francisco Chaves. Essas terras se unificaram nas mãos de Manoel da Silveira Nunes, em 1847, quando ele as comprou. Em 1890, Luiz da Silva Nunes, filho de Manoel, “[...] abrirá as primeiras ruas junto à Estrada de Belém, dando início ao parcelamento do solo na região” (BARCELLOS et al, 1995, p. 14). Em 1883, a viúva de Manoel da Silveira Nunes ofertou a abertura do atalho Rua Nunes, a fim de evitar-se para aqueles que cruzavam ou moravam na Grande

Glória, o Arroio Águas Mortas, pois suas enchentes dificultavam o acesso ao povoado de Belém, localizado a montante da Grande Glória. Mesmo com a abertura da Estrada de Belém, havia poucos moradores na microrregião, em função do precário transporte e das cheias do Arroio Águas Mortas. A partir desse fato, iniciou-se o loteamento da Grande Glória, cuja origem do nome ocorreu em função da gloriosa conquista nacional, de 15 de novembro de 1889.

Em 1895, o povoamento e ocupação da Grande Glória teve um importante impulso, a partir dos investimentos no setor imobiliário, realizados pelo Coronel Manuel Py, acionista da Carris⁵⁵ e um dos maiores capitalistas de Porto Alegre na época. “Realizou grandes empreendimentos com a compra de áreas de terra na periferia da cidade, que revendia em lotes. Um desses empreendimentos se dá no Arraial da Glória” (BARCELLOS et al., 1995, p. 17). As ações do Coronel Manuel Py, estendendo os trilhos do bonde até o arrabalde da Glória, facilitaram o acesso e os deslocamentos entre a região da Grande Glória e o centro da cidade, impulsionando a ocupação da mesma.

A ocupação da Grande Glória efetivou-se através de propriedades de produção hortifrutigranjeira (produção de frutas, verduras ou leite). Esses produtos eram vendidos no mercado público central, localizado no centro da cidade. Além disso, havia mansões de lazer ou veraneio, dos ricos industriais da cidade. Assim:

O parcelamento do solo na microrregião da Grande Glória, no momento de sua fundação, respondeu a uma necessidade de ocupação da terra. Os primeiros lotes foram ocupados por produtores rurais que necessitavam de grandes áreas, ou por famílias abastadas que procuravam um local apazível para veranejar. Estas duas intenções de ocupação estão diretamente vinculadas às características físicas da região. Uma área cercada por morros, com muitas vertentes, oferece boas condições para pequenas plantações; a vegetação natural, por outro lado, possibilita um clima ameno, ideal para os momentos de descanso (BARCELLOS et al., 1995, p. 24).

⁵⁵ Carris foi a primeira empresa de transporte coletivo de Porto Alegre, operando a primeira linha, em 1873. (CARRIS, 2009).

Com a consolidação do regime republicano no Rio Grande do Sul, passou-se a ter, em Porto Alegre, uma ação política modernizante. Essa ação se deu a partir de 1914, na perspectiva de intervenção na cidade, com melhoramentos, de tal forma que:

As reformas objetivavam a abertura e a ampliação de ruas, construção de redes de água potável e esgotos, além de iluminação pública e embelezamento de praças e jardins públicos. As intervenções na cidade pretendiam organizar o espaço urbano, tornando-o mais belo, mas também disciplinador das posturas dos habitantes, contribuindo para o pretendido avanço de modernização da sociedade porto-alegrense. (BARCELLOS et al., 1995, p. 26).

A partir da década de 1920, a política urbana-higienista começou a se transformar em ações concretas; porém essas ações não atingiram a cidade como um todo. Algumas áreas foram privilegiadas e outras não. Há relatos que, em 1966 e 1967, a população da Grande Glória recorria a fontes e poços, para o abastecimento de água (fonte da Saúde no fim da Rua Padre Teschauer, fonte na Rua Capitão Padilha). Isto ocorria, pois:

Durante a República Positivista, a intendência municipal, orientada pela doutrina comtista, preocupava-se em atender as necessidades dos setores mais dinâmicos da sociedade: de um lado a burguesia ascendente, que detinha o poder econômico, e de outro o operariado, que necessitava ter um mínimo de suas necessidades atendidas, para não convulsionar. A região da Grande Glória, afastada do Centro da cidade – onde habitavam os grandes comerciantes -, e da zona que se industrializava, o 4º distrito, é considerada como uma área de menor importância para a intendência nesse começo de século. Por esse motivo, a infraestrutura urbana da microrregião foi implantada muito lentamente. (BARCELLOS et al., 1995, p. 34)

A primeira instituição significativa a se instalar no bairro foi a Igreja da Glória, com a solicitação para o erguimento da capela da Glória, tendo sido atendida em 1893. Posteriormente, foi criado o Colégio Glória, sendo a primeira notícia datada de 1896 (BARCELLOS et al., 1995, p. 43). Ligada à Igreja da Glória, está a história da

Gruta Nossa Senhora de Lourdes, com romarias que mobilizavam toda a comunidade do bairro, em procissões entre esses dois locais santos.

A assistência médica presente na Grande Glória não era institucionalizada, mas, sim, era feita pelos médicos de família: “[...] um mundo composto por médicos visitantes, boticas antigas e parteiras, que conheciam sua freguesia, fazendo parte de um modelo de saúde tradicional e familiar no bairro [...]” (BARCELLOS et al., 1995, p.47). O lazer se fazia presente através da União da Grande Glória (origem da União dos Moços Católicos) e a Sociedade Satélite Prontidão (BARCELLOS et al., 1995, p. 49). E, em termos de assistência social, pode ser citada a Casa do Artista, de 1949.

O levantamento fotoaéreo, realizado em Porto Alegre, em 1971, mostra a ocupação residencial na subida dos morros, junto à Avenida Oscar Pereira. Essa ocupação começou a ocorrer a partir da segunda metade da década de 1960, acentuando-se no final de 1970. Neste período, o Brasil vivia sob um governo militar, com a chamada internacionalização da economia, que se deu com “[...] uma política de desenvolvimento da economia nacional associado ao capital internacional” (BARCELLOS et al., 1995, p. 51). Houve o crescimento do parque industrial, aumento das exportações, planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura e migrações campo-cidade. Essas migrações ocorreram, em especial, rumo às grandes cidades, as quais estavam despreparadas para acolherem às demandas provenientes do rápido crescimento populacional. Entre os problemas decorrentes dessas demandas, destaca-se a falta de habitação. Dessa forma, a população passou a ocupar as periferias urbanas de modo irregular, buscando espaços onde a terra é mais barata.

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PPDU), de 1971, fez completo zoneamento da cidade de Porto Alegre, e para a microrregião da Grande Glória:

[...] acusa um baixo índice de construção na área já urbanizada, e inviabiliza a futura construção de grandes prédios, para manter o caráter residencial que o bairro havia adquirido. O planejamento estabelece ainda a manutenção das encostas dos morros como área de preservação ambiental, não permitindo que essas áreas viessem a ser loteadas. Dessa forma o PPDU torna as terras da microrregião da Glória pouco atrativas aos olhares da especulação imobiliária (BARCELLOS et al., 1995, p. 52 - 53).

Assim, a ocupação dos morros da Grande Glória ocorreu, a partir dessa data, pelo loteamento clandestino e pela ocupação irregular⁵⁶, os quais são distintos, mas ocorrem de forma concomitante.

O livro 'A grande Glória' frisa que as melhorias na microrregião, embora longe de um ideal, são frutos dos movimentos populares. Isto ocorreu com as lutas por água e luz, assim como as reivindicações por ampliação do transporte coletivo para atender as novas vilas que surgem nas encostas dos morros, ou os pedidos de calçamento das vias. Com o fim da ditadura militar:

[...] o movimento popular dinamiza sua estrutura e amplia as reivindicações. A luta agora é pelo direito de propriedade da terra onde estão assentadas suas casas por tanto tempo e para o qual se conquistou significativas melhoras que, mesmo longe de serem ideais, foram importantes para a vida de cada um (BARCELLOS et al., 1995, p. 61).

Na década de 1980, foi fundado o Conselho Popular da Glória, o qual reúne as associações de moradores das diversas vilas que compõem a Grande Glória e estimula a formação de outras associações onde estas não existem (BARCELLOS et al., 1995, p. 62).

Ao longo dos anos de 1940 e 1970, verificou-se uma intensidade na vida cotidiana e a presença de redes de sociabilidade, sendo a Grande Glória um espaço marcado por relações de proximidade e vizinhança:

⁵⁶ Entendimento é que o “[...] *loteamento clandestino* é realizado por empresas loteadoras que, sem autorização da prefeitura, criam e demarcam os lotes em mapas da região, passando a vendê-los sem nenhum registro da transação em cartório de imóveis, explorando a boa-fé dos compradores. Os loteamentos resumem-se a simples abertura de uma via na encosta do morro, sem qualquer outra infra-estrutura” (BARCELLOS et al., 1995, p. 53). De outro modo, “[...] a *ocupação irregular*, era feita por famílias necessitadas de moradia nas proximidades do seu local de trabalho. Sem possibilidades de adquirir a terra, delimitam, por iniciativa própria, um pequeno pedaço de terreno nas encostas dos morros, onde constroem suas casas. As vilas nascem com precário arruamento e sem qualquer planejamento ou infra-estrutura, mesmo a de transporte coletivo.” (BARCELLOS et al., 1995, p. 55).

Elas são de diferentes formas: a doce recordação de artes infantis; as redes de ajuda mútua, como no caso de dona Edwiges; e mesmo nas relações presentes nas doações dos moradores entre si. São também redes de convívio social à-toa, marcada pela vida nos bares e pela presença nas diferentes festas. Finalmente, estas formas estão na freqüência assídua aos jogos de várzea, que mais do que um esporte, oferecem um espaço de convívio entre os moradores, inclusive de outros bairros (BARCELLOS et al., 1995, p. 69).

É o bairro como palco da proximidade e de um estar-junto comunitário que constitui um laço social, que se evidenciava nas festas promovidas pela igreja, no futebol de várzea, nas conversas, na música em bares ou em reuniões dançantes, nas brincadeiras de crianças (caçar passarinho, brincar com o que estivesse à disposição: árvores, espaço, mato, carrinho de lomba), nas matinês no Cine Grande Glória, no jogo de botão, nos piqueniques, na procissão da Semana Santa, na festa de São João, na turma de bairro e vizinhança, nos botequins de bairro, nos blocos de carnaval, no *footing* e no jogo da sedução do amor romântico. Logo, é o bairro, na conceituação feita por Maffesoli (1987, p. 33-34):

[...] um espaço público que conjuga certa funcionalidade com uma inegável carga simbólica. Inscrevendo-se profundamente no imaginário coletivo, ele é, entretanto, constituído pelo entrecruzamento de situações, de momentos, de espaços e de gente comum e, por outro lado, no mais das vezes, ele é falado através dos estereótipos mais banais.

4.1.3. Formação do Território do Quilombo dos Alpes

O Quilombo dos Alpes está localizado entre os bairros Cascata e Teresópolis, sendo que a área mais densamente ocupada localiza-se no bairro Cascata, na Microrregião⁵⁷ da Grande Glória⁵⁸, a qual agrega os bairros Glória, Cascata, Aparício Borges e Medianeira.

⁵⁷ Microrregião refere-se a uma das formas de regionalização para o planejamento, usadas pelo poder público em Porto Alegre. (PREFPOA, 2009).

⁵⁸ Sergio da Costa Franco (2006) aponta que o conceito popular de bairro Glória é mais amplo do que os limites oficiais do mesmo, incluindo, além do bairro Glória, os bairros Cascata, Cel. Aparício

O bairro Cascata foi criado pela lei nº 2681, de 21/12/1963, tendo os limites alterados pela lei nº 7954, de 08/01/1997, possuindo 691 hectares (PORTOALEGRE, 2011). Localiza-se nas Terras Altas, que constituem as chamadas Terras Altas da crista de Porto Alegre, de onde fazem parte os morros Santana, da Companhia, Pelado, da Polícia, da Glória, da Pedra Redonda e Teresópolis. O Quilombo dos Alpes está localizado na parte mais alta do Morro da Glória (279 m de altitude) e numa pequena parte do Morro Teresópolis (262 m de altitude). O acesso principal ao quilombo ocorre pelo bairro da Glória, pela Avenida Professor Oscar Pereira, dobrando-se à direita, na Rua Engenheiro Lundolfo Boehl, primeira à esquerda na Estrada dos Alpes. Ao final da Estrada dos Alpes, tem-se o Quilombo dos Alpes/ Dona Edwirges.

Segundo Gehlen (2007), o pleito pela titularização das terras iniciou-se em 1995, com a formação da Associação Quilombola Dona Edwirges, revelando a interação do grupo com a atual conjuntura legal e política para a concretização do artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988. Tal relatório é etapa imprescindível do processo de titularização das terras.

Gehlen (2007) evidencia que Dona Edwirges foi a primeira a ocupar o território vivido pela atual comunidade quilombola dos Alpes, ao mesmo tempo em que ela é o mito fundador do quilombo e base das relações de parentesco da comunidade. O Quilombo dos Alpes reproduz-se naquele território através da “[...] memória coletiva, o parentesco, a religiosidade, os laços de solidariedade étnica e a relação indissociável com aquele território [...]” (GEHLEN, 2007, p. 7).

Edwirges Francisca Garcia da Silva nasceu entre 1890-1895. Era filha de Estevão Francisco Garcia e Ana Francisca Garcia da Rosa, os quais tiveram 22 filhos. Segundo Gehlen (2007), provavelmente sua família veio de São Jerônimo/RS. Foi casada três vezes e teve seis filhos: Vilson, Carlos Francisco, Arminda, Paulo e Jane; faleceu em 8 de maio de 1998, aos 108 anos. Ficou viúva do primeiro casamento, entre 1910 e 1920, mas já havia dado a luz a seu primeiro filho, Vilson, retornando brevemente para a casa dos pais. Provavelmente em 1930, com o segundo marido, Antonio Ramos, Edwirges teria atravessado o lago Guaíba para

Borges e Medianeira. Usarei o termo Grande Glória para me referir a essa porção da cidade, uma vez que agrega, ao conceito popular, uma denominação político-administrativa.

trabalhar numa fazenda no distrito de Belém⁵⁹, deixando seu filho Vilson com sua mãe (GEHLEN, 2007). Antonio e Edwirges teriam fugido da fazenda, em Belém, por medo de apanharem dos patrões, pois, embora o período fosse pós-abolição, as relações de trabalho ainda se pautavam por preceitos escravocratas. Assim:

Edwirges e Antonio teriam saído da fazenda no Belém e caminhado por dias até chegarem ao morro dos Alpes⁶⁰. A essa altura Edwirges esperava o segundo filho, Carlos Francisco, que nasceu em 1934, no alto do morro, próximo do local onde posteriormente seria construída a casa de pedra (GEHLEN, 2007, p. 49).

Embora, as dificuldades da vida no alto do morro, a escolha de Edwirges foi por um “[...] local afastado, longe dos olhos das autoridades, ter sido bastante consciente: a intenção era proteger as crianças” (GEHLEN, 2007, p. 49).

Na coletânea “Memória dos Bairros – a Grande Glória”, encontram-se relatos de Edwirges e da vida nesses tempos:

Quando eu vim para cá era tudo mato. Eu tinha que ir abrindo assim, senão molhava a gente tudo. Ficava toda molhada do mato. Tinha só aquelas estradinhas curtinhas, pra gente entrar nas casinhas e a minha era lá pra cima. Eu vim de longe para cá. Cheguei aqui e não tinha casa, ninguém morava aqui, só eu, sozinha. Aí eu disse assim: o que eu vou fazer no meio desse mato. Esperando nenê eu fiquei. Eu trabalhei ali e subia isto aqui de noite, depois que eu arrumava a cozinha. Não tinha ninguém pra me buscar. Ai eu fui morar mais em cima, agarrei a casinha que eu entrava de quatro pé, uma casinha de vassoura. Não tinha coberta. Era um capão de mato. Eu entrava por aquele mato pra trazer o que comer para as minhas crianças. Que eu ia fazer? Agarrei e fiquei lá no mato. Aí meu marido morreu e eu fiquei sozinha. Terminei de pagar o terreno. Às vezes tinha o que comer, às vezes não tinha. Às vezes eu saía pela casa dos outros, pedia uma coisa ou outra. Esses meus filhos pediam comida. E eu sentada no mato. Não tinha saída. Eu não tinha pra dar. Chorava eu e chorava os filhos. Que eu ia fazer? Um dia saí desatinada no meio do mato e encontrei a casa ali, daquele casal de velhos. Eu entrei, lavei a casa e eles me deram cinqüenta mil dos antigos. Com ele eu

⁵⁹ Gehlen (2007) não especifica, mas, por se tratar de área portuária, é certamente o atual bairro de Belém Novo.

⁶⁰ O texto de Gehlen (2007) ora fala em Morro dos Alpes, ora em Morro da Glória; entretanto, em todos os mapas de localização da Comunidade Quilombola dos Alpes, no mesmo relatório, tem-se Morro da Glória, o que possibilitou cruzar as informações com Menegat (1998), confirmando se tratar do Morro da Glória.

fui lá no armazém, subindo pelo mato mesmo, pra comprar comida para os meus filhos. Naquele puxadinho eu ganhei os meus filhos. Não tinha roupa pra vestir eles, não tinha nada, enrolei ele num pano, cortava o umbigo. Ganhei sozinha no meio do mato. Ganhei os outros embaixo de duas árvores, pegando sombra. Minhas irmãs eram tudo pobre. O que eu ia fazer na casa delas, passar mais trabalho – eu não tenho mais irmãs, nem pai, nem mãe. Só eu que existo. Se Deus me levar, eu vou sozinha por que não tem mais ninguém. (BARCELLOS et al., 1995, p. 106).

É um relato carregado de emoção e que evidencia sua relação com o lugar, bem como o conhecimento que detinha do mesmo. Gehlen (2007) aponta que a identidade étnica da comunidade do Quilombo dos Alpes está assentada na memória e referências do grupo à Dona Edwirges. Dona Edwirges é a figura central, no que diz respeito à ancestralidade da comunidade, aos conhecimentos dos lugares de memória, à distribuição da sua parentela pelo território reivindicado, bem como à relação que a comunidade apresenta com o território, à religiosidade e à relação entre o grupo quilombola e os outros, definidores da fronteira de grupo (GEHLEN, 2007, p. 51 e 52). Assim:

Evocar a memória coletiva do grupo através desta figura largamente conhecida e reconhecida na comunidade, significa processar, no plano das representações, uma continuidade entre passado e presente. Os quadros atuais da memória possibilitam a reconstrução desse passado que teve a sua origem nessa ancestral negra. Operar, hoje, com a imagem mental de Dona Edwirges ressalta a possibilidade de uma inversão do estigma processado historicamente enquanto comunidade 'negra e pobre' e torna-se emblema de luta do pleito atual. (GEHLEN, 2007, p. 53).

Gehlen (2007) ainda evidencia que o cultivo, o trabalho com ervas, o cuidado com os animais e a manutenção do território eram práticas que articulavam o grupo, como uma coletividade distinta. Ao mesmo tempo que ser parente não basta, para pertencer à comunidade quilombola, é preciso “[...] estar imiscuído nas teias de solidariedade que perfazem o cotidiano da comunidade: é necessário ter ‘resistido ali dentro’” (GEHLEN, 2007, p. 60). Os vínculos sociais e afetivos de dentro da comunidade também se evidenciam em práticas solidárias, de tal forma que:

As práticas de reciprocidade e ajuda mútua organizadas na comunidade são orientadas por um senso de justiça que permite distinguir o errado e o certo, o injusto e o justo. Neste sentido, os mutirões de construção de casas, de arrecadação de alimentos e roupas entre moradores, configuram formas de resistência a situações adversas, onde se atualizam os princípios organizativos do grupo. (GEHLEN, 2007, p. 79).


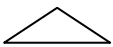
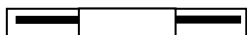
4.1.4. Mapas de Localização

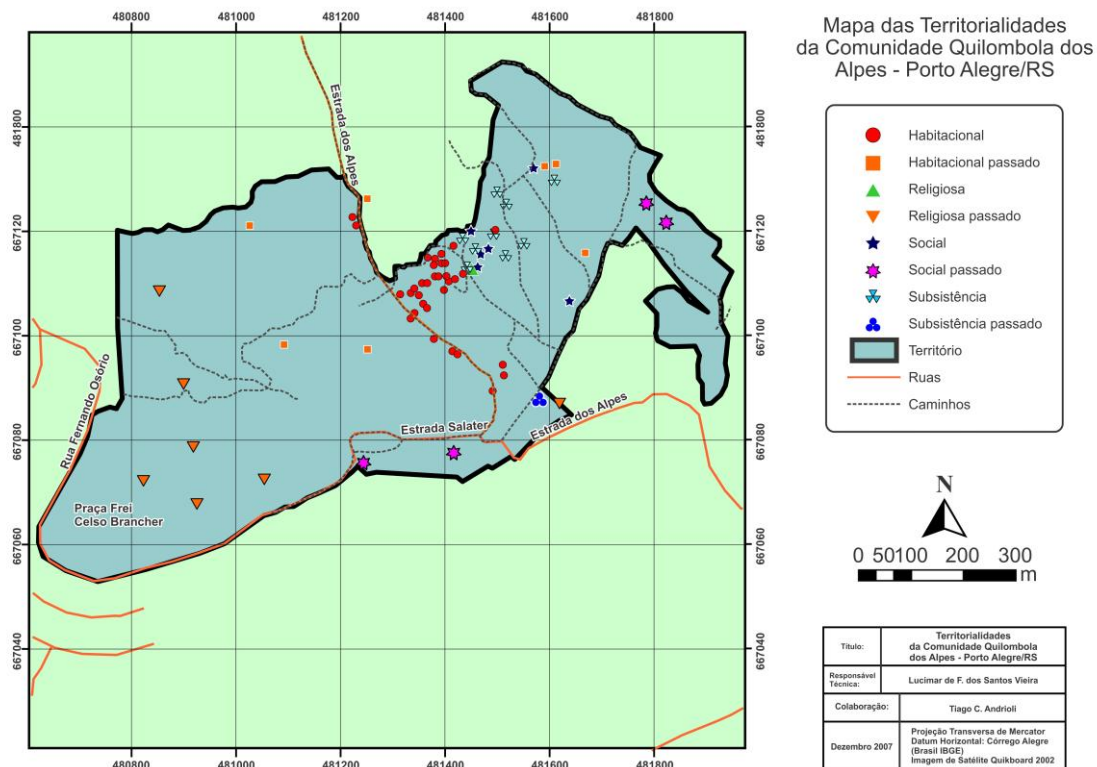
A seguir, são apresentados os mapas de localização do Quilombo dos Alpes.



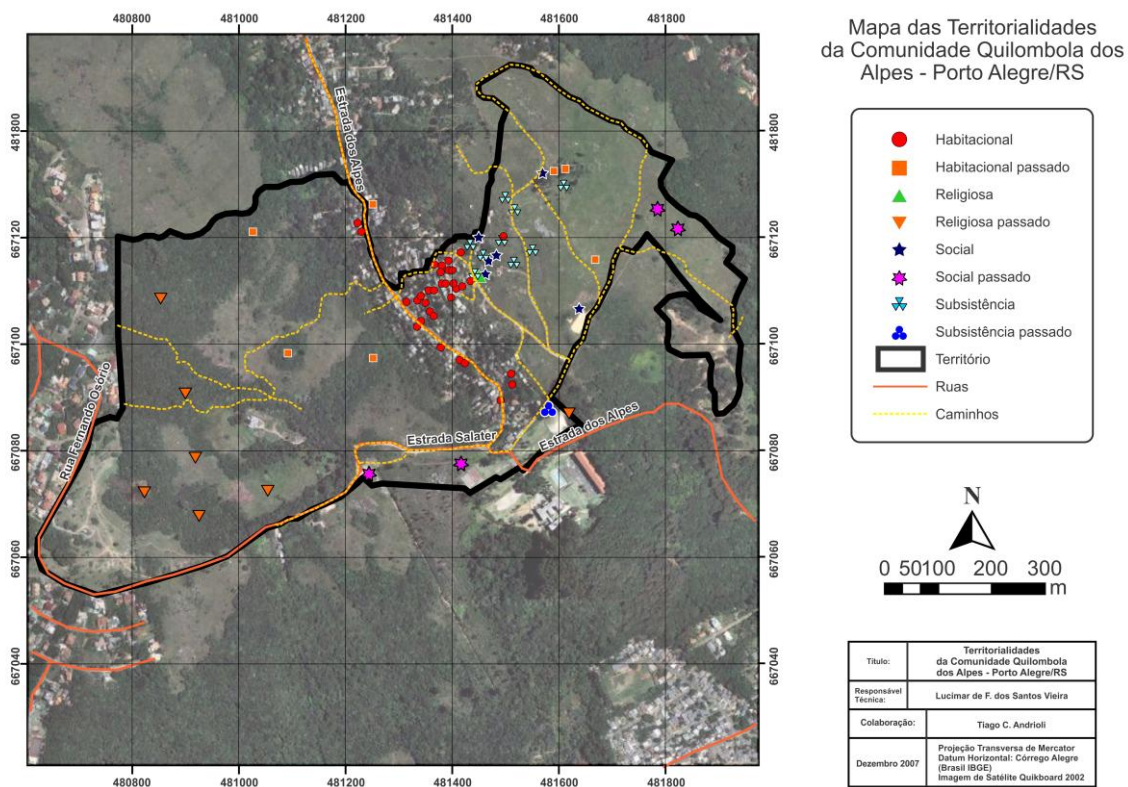
Mapa 1: O Bairro Glória na Cidade de Porto Alegre/RS

Fonte: WIKIPÉDIA.FICHEIRO, 2012.

Título: O Bairro Glória na Cidade de Porto Alegre
 Bairro Glória
N 
0 1,3 2,6 3,9km 
Fonte: Wikipedia.ficheiro
Ano: Agosto 2012



Mapa 2: Mapa das Territorialidades da Comunidade Quilombola dos Alpes (a)
 Fonte: Gehlen, 2007



Mapa 3: Mapa das Territorialidades da Comunidade Quilombola dos Alpes (b)
 Fonte: Gehlen, 2007

4.2 A ABERTURA HERMENÊUTICA

Neste tópico, são relatados os procedimentos operacionais do trabalho de campo, os quais possibilitaram a descrição, a análise e a interpretação da participação dos jovens do Quilombo dos Alpes no duelo ético-estético existente em Porto Alegre; logo, apresenta-se a abertura hermenêutica que possibilitou a elaboração de uma cartografia do corpo racializado, evidenciando o corpo vibrátil. Esses procedimentos operacionais incluíram ações aproximativas e técnicas de coleta de informações, ambas com registro no diário de campo. As ações aproximativas foram formadas por visita ao INCRA, contato com a Associação Quilombola D. Edwirges, retomada do contato com ex-alunos da EMEF Gabriel Obino, contato e aproximação com a população jovem do quilombo. As técnicas de coleta de informações constituíram-se por visitas exploratórias, aplicação de formulário, realização de entrevistas semiestruturadas, registro fotográfico e o acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens. O conjunto desses procedimentos forma uma Cartografia do Corpo Racializado.

O trabalho de campo pautou-se pelo registro pessoal de todos os procedimentos realizados, buscando a documentação dos fenômenos observados, bem como das minhas percepções e sentimentos, em relação às vivências experimentadas, tanto as de cunho teórico quanto as práticas, bem como os diversos contatos estabelecidos. As anotações foram feitas durante todo o processo de pesquisa. O diário de campo foi, como tem sido dito, um instrumento pessoal e intransferível.

As visitas ao INCRA, a fim de verificar como se encontrava o processo de titularização do Quilombo dos Alpes, ocorreram em vários momentos do processo da pesquisa, em especial no ano de 2009. No INCRA, o contato foi com o funcionário Sebastião Henrique S. de Lima, um dos responsáveis pelo andamento do processo do Quilombo dos Alpes junto a esse órgão. Ele foi o primeiro a alertar sobre as dificuldades que seriam encontradas, para a aproximação da principal liderança do Quilombo dos Alpes, em função dos assassinatos que ocorreram.

O trabalho de campo atrasou em função do ataque ocorrido às lideranças quilombolas, no dia 4 de dezembro de 2008, por volta das 13h30min. Nessa data, dentro do Quilombo dos Alpes, foram assassinados com arma de fogo Joelma da

Silva Ellias e Volmir da Silva Ellias; Rosangela da Silva Ellias (Janja) foi atingida e Valdir Ellias, não. Todos eram irmãos e eram os principais líderes do Quilombo dos Alpes. O assassino foi acusado de homicídio qualificado e tentativa de homicídio e levado a júri presidido pela Juíza da 1ª Vara Elaine Maria Canto da Fonseca, no dia 09 de dezembro de 2010. A pena do acusado foi de 39 anos de prisão.

O funcionário do INCRA, Sebastião Henrique S. de Lima, ressaltou que tal aproximação não seria impossível, mas que precisaria ocorrer de forma lenta e gradual, pois o grupo se encontrava fragilizado, emocional e politicamente, em função das mortes.

Em função desse fato, durante quase todo o primeiro semestre de 2011, foi tentado, diariamente e sem sucesso, contato com a Associação Quilombola Dona Edwirges e com Janja, sua principal liderança, para apresentar a professora-pesquisadora, expondo objetivos de pesquisa, esclarecendo-a sobre o que pretendia investigar. Reitero que a dimensão ética esteve presente nas relações estabelecidas com a comunidade do Quilombo dos Alpes ao longo da pesquisa.

A primeira ida ao Quilombo dos Alpes, especificamente para esta pesquisa, ocorreu no dia 28 de janeiro de 2011, quando conversei com Teseleu⁶¹ (morador no quilombo, mas não quilombola), através de Sebastião Henrique, do INCRA. Com esse contato, houve a aproximação da historicidade recente do quilombo. Como o Quilombo dos Alpes está encravado na Grande Glória, ele mantém relações tanto com a comunidade dos Alpes, quanto com a Vila Graciliano Ramos, pois há uma contiguidade espacial do quilombo com essas comunidades, bem como com o Centro Vocacional Maria Mãe de Deus, chamado popularmente de seminário.

Os vínculos são maiores com a Vila Graciliano Ramos, apesar da existência de tráfico de drogas, nesta vila. Já com a comunidade dos Alpes, há certo preconceito, pois os moradores do Quilombo são chamados, pelo pessoal dos Alpes, de 'quilombinhos'. A segurança no quilombo é um problema, pois a área é muito grande (são 114 hectares) e de fácil acesso. Na área do quilombo, existem pessoas com casas constituídas desde antes do início do processo de titularização. Assim, todos esses lotes, localizados especialmente ao longo da Estrada dos Alpes, estão em processo de desembaraço territorial do quilombo, pois, se não houver esse desembaraço, o processo que vem desde 1995 será ainda mais lento, já que vai

⁶¹ Todos os nomes citados são fictícios, exceto o de pessoas públicas e das lideranças do quilombo. Quando houver referência à pessoa do quilombo cujo nome não for fictício, o mesmo será explicitado.

envolver restituição da perda ou reintegração. Chama a atenção a localização privilegiada do quilombo na cidade de Porto Alegre: vista paisagística esplendorosa, acesso rápido e próximo ao centro da cidade. Infelizmente, esse é um dos principais fatores que contribui para a convergência de interesses alheios aos dos quilombolas na área.

Também, nesses primeiros contatos, foi importante a conversa com Reginete Bispo, no dia 04 de fevereiro de 2011. Na ocasião, Reginete trabalhava na Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Ela salientou que a história do Quilombo dos Alpes é uma história de conflitos, onde o mais trágico resultou nas mortes de Joelma da Silva Elias e Volmir da Silva Elias, em 04 de dezembro de 2008. Reginete ressalta a importância dos processos expressos pelo Movimento Negro, os quais resultaram na emissão do certificado de autodefinição, emitido pela Fundação Cultural Palmares em 31 de janeiro de 1995. A emissão dessa certificação é a primeira ação estatal no processo de titularização de terras quilombolas (PALMARES, 2011).

Reginete enfatiza que, hoje, a população do Quilombo tem autonomia para enfrentar as suas questões, o que se verifica, em especial, por parte de sua liderança, Janja. Aponta como principais questões: o elevado índice de analfabetismo e a falta de sistematicidade e continuidade das políticas públicas. Nesse sentido, foram desencadeadas várias ações, como a horta, o pomar e o galinheiro, construído totalmente em permacultura, sem que o trabalho tivesse sequência e acompanhamento adequado. Por outro lado, o “viveiro de chás”⁶² é o que está mais atualizado e é onde residem as maiores expectativas de geração de renda.

Reginete critica a falta de eficiência do INCRA para tratar e encaminhar os aspectos relacionados aos quilombolas. Como Reginete está morando nos Alpes e possui vínculos de amizade com os quilombolas, mas não se declara quilombola, pode-se dizer que se trata de um membro honorário. No caso, trata-se de um *outsider* em função da origem (não tem parentesco com Dona Edwirges), mas de uma pessoa que é admitida e compartilha da experiência do grupo.

Cabe comentar a ida ao Encontro do Movimento Negro Quilombola, do Rio Grande do Sul, no dia 11 de maio de 2011. O encontro ocorreu no Sindisprev, no

⁶² O viveiro de chás é a denominação usada para o local onde são cultivados diversos tipos de chás no quilombo.

centro de Porto Alegre. Era um encontro de lideranças quilombolas do estado, com o objetivo de levar uma pauta de reivindicações ao governador Tarso Genro, em reunião agendada para aquele dia. Os locais de origem das lideranças eram: São Lourenço do Sul, Canguçu, Pedras Altas, Pelotas, Potreiro Grande, Florida, Iguatemi, Formigueiro, Morro Alto, Limoeiro, Casca, Salto do Jacuí, Pastoral de Piratini, Rincão do Coco, Fazenda Cachoeira, Terceira de São Sepé e Porto Alegre (Alpes, Família Silva, Família Félix, bairro Restinga). Houve caminhada, pela manhã, do Sindisprev até o Palácio Piratini, sede do poder executivo estadual.

Ao longo da caminhada e enquanto ocorria a reunião com o governador, foi feita a interação, através de conversas, com as lideranças quilombolas na Praça da Matriz, localizada em frente ao Palácio Piratini. Foi possível perceber, então, que as lideranças esperavam o retorno dos que haviam entrado na reunião e que achavam que os encaminhamentos da questão quilombola no Brasil eram muito vagarosos, levando até, algumas vezes, ao desânimo.

Na parte da tarde, de volta ao Sindisprev, havia umas cem pessoas na plenária. Foi feita a leitura dos documentos trazidos pelas comunidades. Houve o relato da reunião com o governador, que resultou, concretamente, na proposta de formação de uma comissão/grupo de trabalho com ligação direta com a Chefia de Gabinete do Governador. Em muitas falas, havia a defesa da raça negra, com expressões no sentido de que deveria haver pressão sobre o governo branco, a respeito da precariedade da saúde em muitas comunidades; da luta pelos títulos da terra; da necessidade da defesa da cultura do tambor, enquanto um sustentáculo cultural; das dificuldades de acessarem as políticas públicas. Eles ressaltaram, ainda, a necessidade de se diferenciarem as políticas de Estado das políticas de governo; criticaram o não reconhecimento por parte de muitas prefeituras, com relação à existência de territórios quilombolas em seus municípios. Essa atitude é ambígua, segundo eles, já que esses municípios manifestam uma forma de exercer poder e, ao mesmo tempo, um desconhecimento, pois, fazendo isso, deixam de acessar verbas. Os participantes da plenária chamaram a atenção, também, para a necessidade de fortalecimento das comunidades pela Educação e da estética como manifestação política. Por fim, eles demonstraram a autoestima valorizada, por terem sido recebidos pelo governador.

Enfim, nesse dia, o que estava em pauta era da ordem da linha molar, pois as demandas expressas são tipicamente molares, institucionais. Percebo, no entanto,

que a origem dessas demandas é molecular, ou seja, diz respeito a um corpo racializado. Tem-se, então, claramente, as linhas molar e molecular se cruzando. Além disso, os discursos foram perpassados pelo significante raça, tomado pelo avesso, ou seja, houve o uso do conceito elaborado pelo grupo dominante, com o intuito de resistir e criar tradição política, ética, identidade e cultura. O conceito 'raça' é usado de tal modo que passa a ter a significação de solidariedade e força coletiva.

Já o primeiro contato com Janja ocorreu após uma semana tensa. Frente às inúmeras dificuldades de encontrá-la pessoalmente, foi possível conversar por telefone. Essa tensão ficou registrada no diário de campo:

Sábado, 21 de maio de 2011, descii no fim da linha do ônibus Alpes, entrei à pé no território do quilombo, caminhei uns três minutos, me deparei com um homem de cabelo vermelho, ao qual perguntei onde era a casa de Janja. Ele me disse que era só ir em frente e pediu para eu avisar a Janja que ela tinha esquecido seu celular na casa de Milton⁶³. Mais tarde fiquei sabendo que se tratava do Pai de Santo de Janja e que a religiosidade no Quilombo dos Alpes é de matriz africana. Caminhei mais um pouco, perdida entre o mato e as poucas trilhas, perguntei para uma criancinha, debruçada em uma janela, numa casa precária: onde é a casa de Janja? A criança me indicou, descii mais um pouco, sempre com medo de algum cachorro e me deparei com uma mulher negra, de cabelos brancos, magra e com rosto redondo. Mais uma vez, perguntei: onde é a casa de Janja? Ela me respondeu: "Eu sou a Janja". Cumprimentei e falei da nossa conversa ao telefone. Ela demonstrou não se lembrar do telefonema. Achei a situação pouco receptiva e disse que, no sábado seguinte, levaria por escrito o que eu gostaria de fazer na comunidade. Também deixei o recado de Milton. Janja me disse que ele era seu Pai de Santo.

⁶³ Nome real.

4.2.1 As Visitas Exploratórias

Foi realizada uma série de visitas exploratórias no Quilombo dos Alpes, para a ampliação do conhecimento do lugar e registro de aspectos que poderiam contribuir para a redefinição de outros procedimentos metodológicos. As visitas exploratórias ocorreram de maio a setembro de 2011, aos sábados à tarde, embora em muitos sábados tenha sido impossível ir ao quilombo, em função das chuvas do inverno. Essa fase exploratória foi importante para a qualidade dos laços criados, dos compromissos firmados e das perspectivas para os resultados alcançados, bem como para a viabilidade de futuras pesquisas e ações (MINAYO, 1994).

4.2.1.1 Descrevendo as Visitas Exploratórias

O texto a seguir está em primeira pessoa do singular, por apresentar, também, a trajetória da pesquisadora, a partir do olhar pessoal para os acontecimentos e percursos. Entende-se que não faria sentido, se fosse escrito de outra maneira, considerando a epistemologia e a teoria, que fundamentam esta tese.

Descer no fim da linha do ônibus Alpes e ir até a principal localização das casas do quilombo é tarefa que leva uns 10 minutos. Há o muro do seminário, que vai costurando o limite sul do largo caminho, por onde passam tranquilamente carros e caminhões. Esse caminho se bifurca em duas grandes ruas: a rua de cima e a rua de baixo. As ruas são todas de chão batido e os acessos a muitas casas são feitos por trilhazinhas, algumas alicerçadas em matacões ou com escadas encravadas e esculpidas na pedra e na terra. O terreno é bastante inclinado e irregular. Na primeira visita, fiquei pensando que, em dia de chuva, é quase impossível transitar e sair de casa só por necessidade. Recomendaram que eu andasse pela rua de baixo, não por causa do pessoal do quilombo, mas em função da Vila Graciliano Ramos. A rua de cima é mais isolada, não leva a maioria das casas, enquanto a rua de baixo leva diretamente ao principal núcleo de casas do quilombo. Aprendi a pegar um atalho tipo trilha, que encurta o caminho a esse núcleo, é mais plano e não é tão

cansativo, assim como aprendi a não me perder no espaço físico ocupado do quilombo.



Foto 1: Acesso ao quilombo, pelo fim da linha do ônibus Alpes. À direita, o muro do seminário.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.



Foto 2: Placa de identificação do Quilombo dos Alpes.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.



Foto 3: Caminho da entrada.
Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.



Foto 4: Atalho tipo trilha que acessa o núcleo de moradias.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.



Foto 5: Bifurcação do caminho: à esquerda, a rua de baixo, e à direita, a de cima.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.

Há o mato por todos os lados, vez por outra um caminhozinho e poucos metros depois, uma casa. Algumas casas estão fechadas, mas há um bico de luz acesa. Uma das vezes que percorri o trajeto, fiquei pensando que ali há moradores que talvez estejam dormindo ou trabalhando. Há ainda toda uma vertente do Morro Teresópolis, em divisa com a Vila São Caetano, que é de mata nativa e está dentro do território do quilombo, sendo que o objetivo é mantê-la assim, nativa.

Quase todas as casas são de tijolos sem reboco. Algumas são de compensado, muitas são casas bem precárias, umas três casas têm reboco, duas receberam pinturas novas em cores vibrantes. As casas são relativamente espessadas, umas das outras, exceto umas dez casas próximas às de Janja. Observei que diversas casas são fechadas por uma corrente com cadeado e me pareceu que, em algumas, há um banheiro coletivo, para onde as pessoas se deslocam para tomarem banho. É possível perceber que muitas casas apresentam-se em estado precário: sem forro, só o zinco do telhado, com os móveis meio velhos

e desgastados. Há algumas casas boas, espaçosas e bem construídas; nessas, eu sempre conversava com as donas de casa que, não raras vezes, estavam em afazeres domésticos.

Nas visitas, eu sempre encontrava lixo pelo caminho. Tratava-se de lixo que parecia não ter sido recolhido pelo lixeiro e mexido por cachorros, pois, na frente de muitas das casas, havia umas cestinhas toscas de madeira, onde o lixo deveria ser colocado, mas nem sempre o lixo estava ali. Também havia o lixo queimado. Só encontrei uma casa onde não havia lixo no entorno. Tinha o caminho de acesso todo varrido e marcado por pedrinhas pintadas de branco. Era a casa do cão Obama.



Foto 6: Presença de lixo queimado.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.



Foto 7: Casa do cão Obama.
Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.

O abastecimento de água também não era satisfatório. Havia falta de água e, em algumas casas, a água chegava por mangueiras soltas pelo chão dos pátios. Além disso, nas casas mais precárias, havia sempre um cheiro forte de esgoto.

Sempre encontrava muitas crianças no caminho, em especial na rua de baixo. As crianças estavam a correr e a brincar. Quando passava pelas casas, constatava que muitas crianças estavam assistindo televisão. De outras casas, em um determinado dia, saía um som de música alto. Pensei: “afinal, é sábado”!!!

Também pude conhecer muitos adultos e, quando passava por eles, sempre os cumprimentava, sendo que, não raras vezes, quando me perdia entre os caminhos que levam às casas, eles sempre foram solícitos em me ajudarem ou, até mesmo, em me acompanharem até o local onde eu tinha que chegar. Isso ocorreu, em especial, com Jerominho⁶⁴, que se tornou meu guia informal. Sempre que me via chegando ao quilombo, prontamente perguntava onde eu queria ir e se prontificava em me ajudar. Muitas vezes recorri a Jerominho, pedindo informações sobre quais atalhos pegar, mas, na medida em que aprendia a andar pelo quilombo, lhe agradecia a ajuda e dizia que em tal lugar já tinha aprendido a chegar.

Acredito que o fortalecimento dos laços com a comunidade do quilombo dos Alpes deu-se pela assiduidade e frequência das minhas idas ao local. Nos sábados em que não poderia ir, sempre avisava a Janja, antecipadamente, as minhas ausências. Também explicava que, nos dias de chuva ou que houvesse grande probabilidade de chover enquanto eu estivesse lá no quilombo, eu também não iria. Minha permanência interessada, no sentido de observar as atividades realizadas no quilombo, também contribuiu para o fortalecimento dos laços. Destaco, particularmente, o acompanhamento da construção da nova sede da Associação Quilombola Dona Edwirges. A doação da verba para a compra do material foi realizada por uma entidade ecumênica, e o trabalho, realizado em mutirão, aos poucos, nos finais de semana. Janja, seus irmãos, sobrinhos e agregados trabalharam no mutirão, nunca havia muitos, mas sempre entre três e quatro trabalhando, mais Janja. Janja, várias vezes, afirmava a importância de construir a nova sede, pois aí sim teriam um espaço onde se reunirem, já que, sem a sede, as reuniões tinham que ser na casa de um ou outro e cada um é uma família e que às

⁶⁴ Nome real.

vezes isso atrapalha. Assim, a Associação Quilombola Dona Edwirges está em processo de rearticulação e reestruturação.



Foto 8: Casas do quilombo vistas da Estrada Salater. No alto, à direita, a nova sede sendo construída. As casas do primeiro plano não são do quilombo.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.

Foi num sábado em que observava a construção da sede que conversei com Dona Jane da Silva Ellias, filha de Dona Edwirges e mãe de Janja. É uma senhora de cabelos brancos, puxados para trás, meio esvoaçando, meio lisos. Tem rosto redondo e é gordinha. Logo que chegou, arranjaram uma cadeira para ela sentar. Conversei um pouco com ela, que tem uma fala mansa e observava tudo. Olhava, especialmente, as crianças querendo entrar na obra, mas, como eram proibidas, respeitosa e se dirigiam mais para cima para brincarem numa clareira. Posteriormente, fui informada que, nessa clareira, seria instalada uma pracinha para as crianças e que tinham ganhado tal pracinha. Percebi todo um cuidado com as crianças, com o que estavam fazendo na clareira, se não estavam brigando.

Observei que as crianças demonstravam um grande conhecimento do espaço físico do quilombo, pois andavam, corriam e brincavam pelo mesmo. Dona Jane dava palpites para todos e falou que, quando tem aniversário, é preciso preparar uma mesa enorme, só para as crianças.

Uma das primeiras coisas que percebi, quando cheguei no local de construção da sede, foi que, encostadinha no meio da obra, de tal forma a não pegar sol, havia uma garrafa de cerveja. Assim, entre carregar um saco de cimento nas costas, mexer a massa da construção, cortar a pedra... havia um gole de cerveja. Comentaram de alguns conhecidos da Vila Graciliano Ramos, que passavam o dia todo bebendo cachaça, que estavam totalmente dominados e que o álcool era uma fuga. Também, perguntaram se eu bebia. Afirmei que sim. Em outras ocasiões, em dias frios, percebi que o vinho tinto é bem apreciado pelos adultos da comunidade. Ficavam de tarde, em frente as suas casas, aquecendo-se no sol de inverno com um copo de vinho tinto na mão.

A entrega de cópia impressa do resumo do projeto também foi importante para os laços criados. Maria Quitéria, a pessoa com maior escolaridade no quilombo, leu. Perguntei a Janja e a Maria Quitéria, juntas, se podia continuar vindo e fazendo a pesquisa. Janja disse que sim e Maria Quitéria disse que tinha lido e achado interessante, principalmente a parte em que comparo com os Alpes suíços.

Na medida em que ia sistematicamente ao quilombo, fui sendo recebida por Janja na sua casa. Ela me recebia na cozinha, pois normalmente estava lavando louça. Eu sentava numa cadeira da mesa e ela me servia um café preto e conversávamos. Contava-me a história do quilombo, de suas lutas, da necessidade de se reerguerem politicamente e poderem, com a nova sede da Associação, buscarem coisas para o pessoal do quilombo. Quando eu expressava que meu objetivo era com os jovens, ela sempre me falava que apostava nas crianças. Podia observar os móveis simples da cozinha e um grande pote de vidro em cima do balcão, com folhas. Eu pensava: “Cachaça ou unguento?”. Dessas idas, me recordo de uma fala sua, quando ela disse que o pessoal ia ao quilombo e se maravilhava com a vista da cidade, mas que ela olha pra dentro, pros lugares de recordação, onde brincou, onde conviveu com as pessoas. É a presença do lugar como o espaço de vínculos que os sujeitos estabelecem entre si e do território como palco dos pertencimentos.

Do Quilombo dos Alpes, em dias de céu claro, é possível vislumbrar boa parte da cidade de Porto Alegre: as ilhas, a ponte do Guaíba, o Centro Administrativo, o centro da cidade, a Catedral.



Foto 9: Porto Alegre vista da rua de baixo.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.

Uma das atividades em que observei a população do Quilombo dos Alpes fora do seu território foi na participação que tiveram na 34ª Expointer⁶⁵ em 2011. Na Expointer, ficaram no pavilhão da Agricultura Familiar num estande vendendo refeições, principalmente para o próprio pessoal que estava trabalhando na feira. Vários quilombolas trabalharam, num esquema de rodízio entre eles. Janja avalia

⁶⁵ A 34ª Exposição Internacional de Animais (Expoiner) ocorreu de 27 de agosto a 04 de setembro de 2011, no Parque de Exposições Assis Brasil, no município de Esteio, localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre. Considerada uma exposição-feira de nível mundial, sua ênfase encontra-se nos produtos riograndenses, em especial máquinas e na pecuária produzida no Rio Grande do Sul. Em 2011, a Expoiner reuniu mais de 3000 expositores. É organizada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. (EXPOINTER, 2011)

que foi bom, embora estivessem cozinhando em um fogão doméstico, mas disse que, para o ano seguinte, iria melhorar, pois havia ganhado um fogão grande, o que agilizaria a cozinha. Janja tem essa peculiaridade existencial: está sempre apostando em um futuro melhor, experienciando a esperança no cotidiano.



Foto 10: Placa do estande do Quilombo dos Alpes na 34ª Expointer.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.



Foto 11: Interior do estande do Quilombo dos Alpes na 34ª Expointer.
Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.

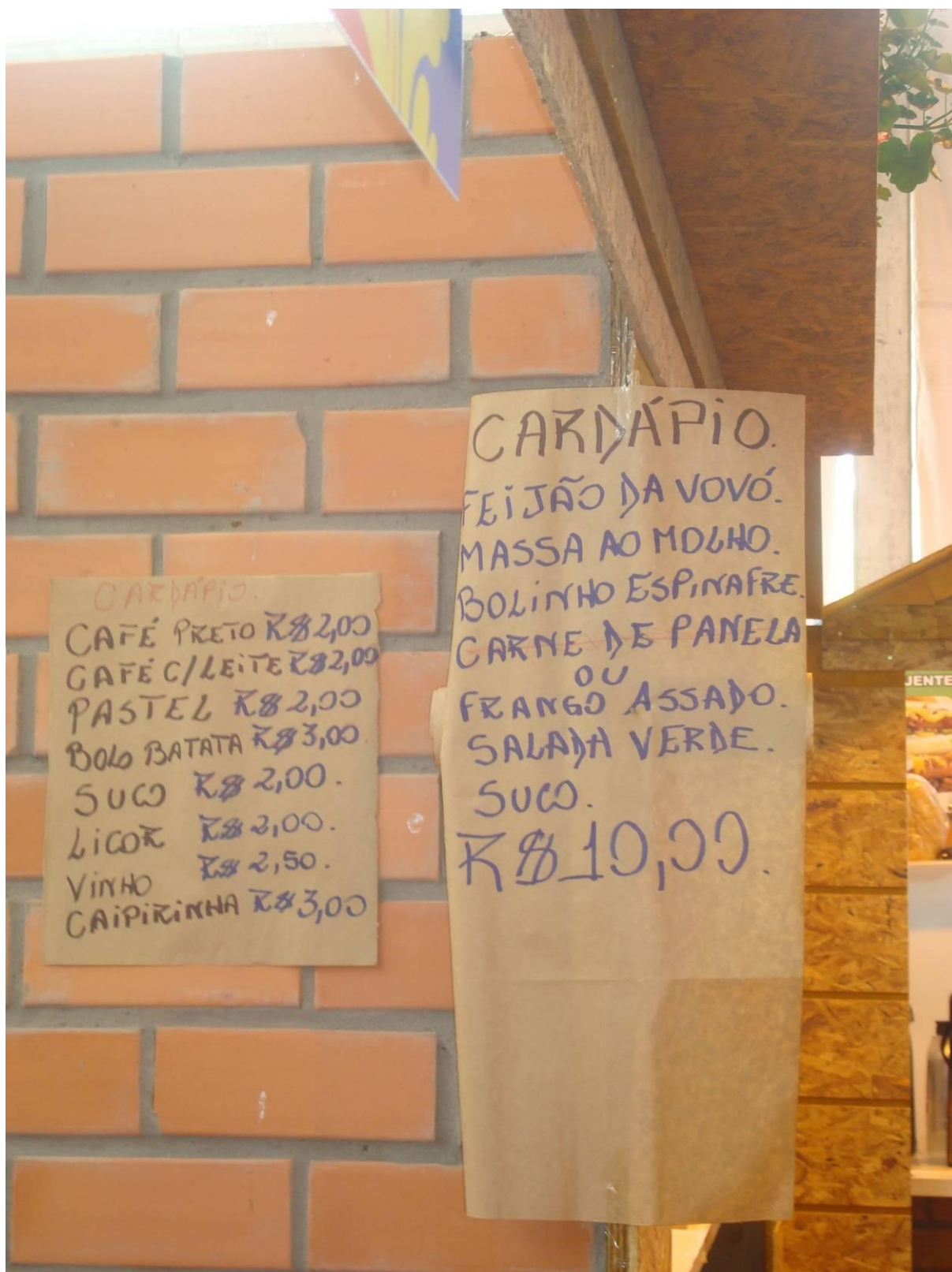


Foto 12: Cardápio da refeição vendida na 34ª Expointer.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.



Foto 13: Refeição vendida na 34ª Expointer.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2011.

As conversas que tive com Maria Quitéria, explicitando minhas intenções na pesquisa, também ajudaram a criar e fortalecer laços com a comunidade. Maria Quitéria é a pessoa de maior escolaridade no quilombo: é Técnica em Enfermagem. Expliquei pra ela como ocorreu o processo de construção da pesquisa, que envolve interesses que tenho de longa data, os quais resultaram nas leituras que tenho realizado, no fato de ter vindo trabalhar como professora de Geografia na EMEF Gabriel Obino e que, por esse fato, acabei conhecendo, pela fala dos alunos, a existência do Quilombo dos Alpes. Falei que, até aquele momento, estava num processo de reconhecimento do território do quilombo, mas que me faltavam as entrevistas. Portanto, ainda tinha uma longa caminhada.

Assim, realizei contato com as pessoas do quilombo – em que procurei me aproximar da sua população, de forma geral e em especial dos jovens. Nessa primeira aproximação, procurei anotar tudo o que me chamava a atenção, desde

aspectos ligados ao meio físico até os relativos às pessoas, passando pelos objetos. Depois disso, as anotações foram dirigidas ao meu objeto de estudo. As anotações objetivaram uma compreensão da totalidade das relações, bem como observações, reflexões e comentários críticos.

Portanto, a intenção foi realizar uma aproximação gradual, com reflexão e avaliação cotidiana frente ao fenômeno estudado e construção das primeiras explicações.

4.2.2 Encontro com os Jovens

A fim de me aproximar e identificar os jovens do Quilombo dos Alpes, realizei um levantamento de quem são, quantos são e o que fazem os jovens, aplicando um formulário de identificação (APÊNDICE A), durante os períodos de 06 de agosto a 1º de outubro de 2011 e entre 08 e 18 de dezembro de 2011. Neste instrumento, constava a identificação do jovem, sexo, data de nascimento/ idade, acesso à educação (escolarização concluída e em andamento), atividades de trabalho (passadas, presentes e perspectivas de futuro; formais e informais), atividades de lazer, grau de parentesco em relação à Dona Edwirges, se tem filhos (quantos e idade). Esse formulário foi aplicado aos poucos, quando eu ia sendo apresentada aos jovens, nos sábados à tarde, enquanto fazia as visitas exploratórias. Em função do grande número de famílias cadastradas (75 famílias, segundo o INCRA) e do tamanho da área (114 hectares), o formulário não abarcou todos os jovens, mas aqueles que tive contato nos períodos referidos. Foi antes de tudo, um instrumento que possibilitou aproximação com os jovens do quilombo.

Foram aplicados 28 formulários, desses 11 foram respondidos por pessoas do sexo feminino e 17 do masculino. Foram considerados jovens, a faixa etária apresentada a mim como jovem pela população do Quilombo dos Alpes. Assim, a idade desses jovens variou entre 14 e 27 anos, conforme a tabela abaixo:

Tabela 1 – Número de jovens e suas idades

Idade dos jovens, em anos	Número de jovens
14	01
15	03
16	06
17	05
18	02
19	02
20	01
21	03
22	00
23	00
24	00
25	02
26	01
27	02

Fonte: Gisele Santos Laitano

Em relação ao acesso à educação, verificou-se que há dois jovens com o Ensino Médio completo, um com curso de Magistério e um jovem com curso técnico completo (Técnico em Enfermagem), sendo que, conforme já ressaltai, essa é a pessoa com maior escolaridade do quilombo.

Constatei, conforme as tabelas abaixo, a existência de jovens que estão frequentando a escola, num total de nove jovens. Por outro lado, quinze jovens não concluíram seus estudos.

Tabela 2 – Jovens que frequentam a escola, por série ou nível

Série/nível da escola	Número de jovens
5 ^a	02
6 ^a	02
7 ^a	02
8 ^a	01
Ensino Médio	02

Fonte: Gisele Santos Laitano

Tabela 3 – Jovens que pararam de estudar, conforme a série de abandono da escola

Série em que os jovens pararam de estudar	Número de jovens
4 ^a	04
6 ^a	06
7 ^a	03
8 ^a	02

Fonte: Gisele Santos Laitano

Destaco que, dos jovens que abandonaram a escola, três explicitaram que não pensam em retomar os estudos e um abandonou, em função de doença ao longo do ano de 2011.

Quanto às atividades relacionadas ao trabalho, tanto as realizadas no passado quanto as atuais, foi verificada a dominância de subemprego, em funções que exigem pouca qualificação da mão-de-obra. Esse dado corrobora os baixos índices de escolaridade. Nessas atividades laborais já realizadas pelos jovens, destacaram-se: ajudante e servente de obra, panfletagem, cuidar de crianças, capinar pátio, bicos diversos, manicure e pedicure, confeitiro, marceneiro e atendente de *call center*. Entre as atividades de trabalho atuais que os jovens realizam, repetem-se as citadas acima e somam-se os estágios e a procura por estágios. E uma jovem trabalhou como professora de Educação Infantil e na Secretaria de Direitos Humanos do Estado do Rio Grande do Sul.

Quanto a futuras atividades relacionadas ao mundo do trabalho, poucos foram os jovens que expressaram sonhos e projeções em relação a profissões. Exceto um que quer fazer o curso de Técnico em Nutrição e outra que quer trabalhar na área da Sociologia. Policial, médico, jornalista e modelo foram profissões citadas por um jovem, cada uma; e embora evidenciem um senso comum da sociedade, nem

chegam a se expressarem de forma contundente entre os jovens do quilombo. Mesmo a popular resposta “ser jogador de futebol” foi dada por apenas um jovem. A qualificação profissional via aumento da escolaridade provoca a vontade de inserir-se profissionalmente na sociedade. Foi o que se constatou na fala da Técnica em Enfermagem, que respondeu que quer trabalhar na área, bem como no trabalho na área da Sociologia, manifestado pela que possui o curso de Magistério.

Como consequência, a formalidade nas relações de trabalho realizadas pelos jovens é rara, já que, dos que exercem ou exerceram alguma das atividades citadas acima, 18 responderam terem exercido ou exercê-las informalmente, ou seja, sem vínculos trabalhistas.

As atividades de lazer realizadas pelos jovens no passado refletiram um típico mundo infantil. Foram citados: brincadeiras com os amigos, jogar futebol, ir no Parque Redenção, ir no cinema, jogar videogame, andar de bicicleta, jogar bolita, peão, cartinha, ir na piscina, sair para dançar. As atividades de lazer atuais evidenciam muitas atividades realizadas em casa ou na casa de parentes (conversas, visitas, churrascos nos finais de semana), jogar videogame, frequentar a *lan house*⁶⁶ e uso do computador, em especial do Orkut⁶⁷ e do MSN⁶⁸. Eles mencionaram, ainda, ir em festas e bailes (baile *funk*⁶⁹ da Tuca, Banda da Saldanha⁷⁰), escutar música, ver televisão, fazer trilha de moto no morro, jogar futebol, ir ao *shopping* com as amigas, ler sobre a sua área (resposta da Técnica em Enfermagem). Tais atividades evidenciam a pouca mobilidade desses jovens pelo tecido urbano da cidade. Apenas um jovem afirmou ir ao cinema e frequentar o bairro Cidade Baixa, zona boêmia de Porto Alegre.

Já quando questionados sobre as atividades de lazer que gostariam de realizar no futuro, 18 dos jovens não responderam; quatro responderam que gostariam de jogar futebol, cinco gostariam de fazer viagens e um de ir em algum

⁶⁶ *Lan house* é um estabelecimento comercial onde o cliente paga para usar o computador e ter acesso à *Internet* e programas em geral como jogos eletrônicos. *Lan* significa *Local Area Network*. (LAN HOUSE, 2011).

⁶⁷ Orkut é uma rede social criada em 2004 e acessada via *Internet*, seu objetivo é ajudar aos seus membros conhecerem pessoas e manterem relacionamentos. (ORKUT, 2011).

⁶⁸ MSN é o portal de conteúdos da Microsoft na *Internet*. Possui notícias, fotos e vídeos sobre o Brasil e o mundo, entretenimento, celebridades, economia, esportes, etc. No MSN, há uma sala de bate-papo virtual que é o Messenger. (MSN, 2011).

⁶⁹ Aqui o *funk* se refere a um estilo de música com forte conteúdo sexual, explicitado nas letras e nas coreografias.

⁷⁰ Banda da Saldanha é uma casa de samba de Porto Alegre, onde existem quiosques, churrasqueiras, camarotes e espaços para shows; seus frequentadores são apreciadores de samba, churrasco e solidariedade. (BANDA DA SALDANHA, 2011).

lugar que tenha piscina. Fazer algum curso e cuidar de criança também foram desejos que apareceram nas respostas. O elevado número de jovens que não respondeu poderia ser interpretado como um modo de vida, cuja ênfase está no tempo presente, sem projeções para o futuro.

A questão sobre o vínculo com Dona Edwirges (mito fundador do quilombo e base das relações de parentesco) evidenciou que os laços de sangue existem e são fonte de identidade entre os jovens: oito são seus bisnetos/tataranetos, três são sobrinhos, um afirmou que todos são parentes no quilombo. Vale ressaltar, também, que há laços por afinidade, pois dois consideram Dona Edwirges sua avó emprestada. De um, Dona Edwirges não é parente. Apesar da constatação do forte parentesco, 12 jovens responderam não saber qual o vínculo ou não responderam, evidenciando que a identidade quilombola encontra-se em construção.

Quando questionados sobre filhos, 24 jovens responderam não ter e somente quatro responderam afirmativamente, sendo que seus filhos se encontram na faixa etária entre os dois e os sete anos de idade. Isto evidencia que as ideias de redução do número de filhos estão presentes por todas as camadas sociais do Brasil.

4.2.3 Cartografia do Duelo Ético-Estético

Como tenho afirmado, as entrevistas semiestruturadas tiveram propósitos bem definidos, a fim de coletar dados que pudessem evidenciar, no campo, a participação dos jovens do Quilombo dos Alpes no duelo ético-estético. As entrevistas ocorreram de forma individual, foram gravadas, transcritas e, posteriormente, interpretadas. Entendo que esse tipo de entrevista valoriza tanto as intenções da pesquisadora, bem como proporciona liberdade para o entrevistado enriquecer a investigação. Nesse sentido, não raras vezes, ele vai além do perguntado, estabelecendo conexões múltiplas e variadas, evidenciando a complexidade do real.

As entrevistas foram realizadas tendo por base os conceitos de vivência, juízo e transformação de Gadamer (1997). Tais conceitos foram cruzados com a perspectiva teórica de Deleuze e Guattari (1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b), no que diz respeito ao fato de que, individual e socialmente, somos feitos de linhas, ou

seja, a linha molar, a linha molecular e a linha de fuga. O que quero dizer é que cruzei os conceitos de vivência, juízo e transformação com os aspectos da linha molar, da linha molecular e da linha de fuga, que constituem o duelo ético-estético, no seu aspecto étnico-racial das investigações desta pesquisa. Deste modo, cartografei o corpo vibrátil. O roteiro das entrevistas encontra-se a seguir:

O roteiro das entrevistas:

LINHA MOLAR

CONCEITO HERMENÊUTICO: VIVÊNCIA

Como você já vivenciou/vivencia:

- a ação do INCRA na questão quilombola?
- a ação do INCRA dentro do quilombo?
- a ação do(s) governo(s) na questão quilombola?
- a ação do(s) governo(s) dentro do quilombo?

Como é para ti viver com essas ações?

CONCEITO HERMENÊUTICO: JUÍZO

Como você avalia:

- a ação do INCRA?
- a ação do(s) governo(s)?

Como você chegou a essa avaliação/pensamento:

- sobre a ação do INCRA?
- sobre a ação do(s) governo(s)?

CONCEITO HERMENÊUTICO: TRANSFORMAÇÃO

Como você vê transformações com:

- a ação do INCRA?
- a ação do(s) governo(s)?

O que muda com essas ações?

LINHA MOLECULAR

CONCEITO HERMENÊUTICO: VIVÊNCIA

Como você já vivenciou/ vivencia:

- o Movimento Negro?

- o baile *black*?
 - a identidade quilombola?
 - os penteados afros?
 - as camisetas/roupas que ressaltam/ lembram a questão de ser negro?
- Como é para ti viver com essas ações?

CONCEITO HERMENÊUTICO: JUÍZO

Como você avalia/escolhe:

- o Movimento Negro?
 - o baile *black* ?
 - a identidade quilombola?
 - os penteados afros?
 - as camisetas/roupas que ressaltam/ lembram a questão de ser negro?
- Como você chegou a essa avaliação/pensamento?

CONCEITO HERMENÊUTICO: TRANSFORMAÇÃO

Como você vê transformações a partir:

- do Movimento Negro?
 - do baile *black*?
 - da identidade quilombola?
 - dos penteados afros?
 - das camisetas/roupas que ressaltam/ lembram a questão de ser negro?
- O que se transforma com essas ações?

LINHA DE FUGA

CONCEITO HERMENÊUTICO: VIVÊNCIA

Como você já vivenciou/vivencia:

- casos de loucura?
- casos de alcoolismo?
- casos de drogas/*crack*?
- as rodas de samba/festas?
- a capoeira?
- o churrasquinho no final de semana?
- amar/ chorar a morte dos líderes?

Como é para ti viver com essas ações?

CONCEITO HERMENÊUTICO: JUÍZO

Como você avalia/escolhe:

- casos de loucura?
- casos de alcoolismo?
- casos de drogas/*crack*?
- as rodas de samba/festas?
- a capoeira?
- o churrasquinho no final de semana?
- amar/ chorar a morte dos líderes?

Como você chegou a essa avaliação/pensamento?

CONCEITO HERMENÊUTICO: TRANSFORMAÇÃO

Como você vê transformações a partir:

- casos de loucura?
- casos de alcoolismo?
- casos de drogas/*crack*?
- rodas de samba/festas?
- a capoeira?
- churrasquinho no final de semana?
- amar/ chorar a morte dos líderes?

O que muda com essas ações?

As entrevistas foram realizadas dentro do Quilombo dos Alpes, entre os dias 03 e 18 de dezembro de 2011, com dez jovens, com idades entre 15 e 27 anos⁷¹, divididos igualmente entre os sexos feminino e masculino. Todos os jovens entrevistados responderam ao formulário de identificação acima descrito. Dessa forma, analisando o formulário, fiz a seleção dos jovens para as entrevistas, procurando representar a diversidade dos jovens do Quilombo dos Alpes na pesquisa.

⁷¹ Distribuição das idades dos jovens entrevistados: dois jovens de 27 anos; um jovem de 26 anos; dois jovens de 21 anos; um jovem de 19 anos; um jovem de 18 anos; dois jovens de 16 anos e um jovem de 15 anos.

As entrevistas constituíram-se em diálogo com os jovens, a fim de adentrar no universo hermenêutico, captando o modo como vivenciam uns com os outros, dentro e fora do Quilombo dos Alpes. Para isso, as perguntas, que, na prática, tomaram a forma de amplos questionamentos, tiveram a intenção de promover a abertura ao ser do interrogado. A proposta é não encarcerar o pesquisado com a pergunta, mas procurar que, a partir dela, ele possa ir além do que é perguntado, no sentido de estabelecer relações e conexões não previstas. Isso inclui a perspectiva de que todas as perguntas pressupunham respostas abertas ou, mesmo, que poderiam ser enquadradas como “pergunta tortuosa” (GADAMER, 1997), ou seja, aquela que não pressupõe resposta, por ter perdido o senso de orientação.

O diálogo estabelecido com os jovens passa a ser descrito e interpretado abaixo, onde a alteridade, a estranheza e os vínculos estiveram presentes, alimentando o corpo vibrátil e evidenciando a tensão a respeito de como os sujeitos se veem. Acredito que, com isso, cartografei o sentido do que acontece e do que sobrevém aos jovens do Quilombo dos Alpes, por estarem tomando parte no duelo ético-estético. Ao mesmo tempo, penso que o diálogo contribuiu para compreender como o jovem chegou a certa opinião. Todos os nomes dos jovens são fictícios. Os nomes fictícios dos jovens com seus apostos, bem como as ilustrações fazem parte da interpretação realizada, revelam meu imaginário e o poder da nomeação.

4.2.3.1 Relato das Entrevistas

As entrevistas estão descritas e interpretadas de acordo com a ordem cronológica em que aconteceram. Não houve seleção quanto à ordem de realização das entrevistas; entretanto, os jovens foram selecionados a partir da aplicação dos formulários de identificação, sendo que o objetivo dessa seleção foi, como ressaltei anteriormente, trazer a diversidade dos jovens do Quilombo dos Alpes para o universo da pesquisa.



4.2.3.2 Maria Quitéria, a acolhedora de otimismo

“[...] o que a gente busca: o autorreconhecimento, da gente, da história da gente, e o ficar aqui, na área que a gente sempre viveu.”

A entrevista com Maria Quitéria, 27 anos, foi feita no dia 03 de dezembro de 2011.

O primeiro aspecto abordado, da linha molar, foi quanto às vivências de Maria Quitéria em relação à ação do INCRA, do Estado e dos governos, tanto dentro do Quilombo dos Alpes quanto nos quilombos em geral. Maria Quitéria participa das reuniões junto ao INCRA, desde o início do processo do autorreconhecimento⁷² do Quilombo dos Alpes. Tais reuniões ocorreram dentro do quilombo e, também, no próprio órgão, sendo que, nessa participação, Maria Quitéria estabeleceu contato com lideranças quilombolas diversas. Na vivência de Maria Quitéria, a lentidão do processo é o que mais é enfatizado, ou seja, segundo ela, a questão é encaminhada, pelo Estado, de forma extremamente lenta e vagarosa. O INCRA afirma que não tem recursos humanos suficientes para poder agilizar o processo e também alega que não tem pessoas preparadas para lidar com a questão quilombola. Ela não vê diferença na ação dos diferentes níveis de governo (municipal, estadual, federal), os quais se assemelham nos discursos. No começo da luta da comunidade do Quilombo dos Alpes pela titularização de suas terras, Maria Quitéria tinha muita expectativa e esperança de que o processo fosse ocorrer de forma mais ágil, mas disse que a lentidão provoca desânimo, nela e na comunidade. Ela, entretanto, afirma: “Mas a gente vê pessoas participando bom tempo, que não desistem. E isso não existe... isso dá muita força, um acaba dando força pro outro pra seguir em frente”.

Interpreto que, embora exista o desânimo e a não solução do problema, há também, pela vivência, um reforço do coletivo pautado numa identidade quilombola.

⁷² As referências ao início do processo de autorreconhecimento dizem respeito ao momento em que a comunidade do Quilombo dos Alpes iniciou a luta pelos seus direitos constitucionais, sendo o marco a formação da Associação Quilombola Dona Edwirges, em 1995.

O juízo que Maria Quitéria elabora⁷³, nesse aspecto da linha molar, ou seja, da ação do INCRA e dos governos, tem relação direta com sua vivência, pois para ela, “O que está escrito no papel sobre seus direitos é muito bonito, mas a prática, a realização no dia a dia não é”. Também, compreendo que a participação de Maria Quitéria alimenta o seu pertencimento ao território do Quilombo dos Alpes.

Maria Quitéria acredita na possibilidade de transformação, caso as ações do INCRA se realizassem, pois diz que isso iria “melhorar para todos do quilombo [...]”, em especial para os jovens. Ela afirma que os jovens acabam, na maioria, se perdendo, no sentido de não romperem com o destino social que lhes é dado. Ressalta que o que o INCRA já realizou, dentro do quilombo, foi em função de que a comunidade do Quilombo dos Alpes reivindicava via Ministério Público e esse reivindicava ao INCRA. Salienta que essa realidade não é exclusiva do Quilombo dos Alpes, pois teve a oportunidade de participar do cadastramento de comunidades quilombolas no Rio Grande do Sul, onde verificou que o processo se repete. Aqui, interpreto que a identidade quilombola vai sendo construída tanto internamente, quanto no contato com os outros quilombos.

Outro aspecto da linha molar, que Maria Quitéria aborda, está relacionado as suas participações em congressos e seminários sobre a questão do negro, mas aí já temos o molar em lineamento com o molecular, o qual será analisado e interpretado a seguir.

Maria Quitéria e a Linha Molecular

As vivências de Maria Quitéria no Movimento Negro se dão a partir e com o processo de autorreconhecimento. Com esse processo, ela passou a conhecer mais esse movimento social, a participar de reuniões sobre a questão negra na juventude, a receber uma agenda por e-mail das atividades desse movimento. Isso ocorreu de tal forma que, mesmo quando não pode estar presente, fica sabendo que tem congressos, seminários e encontros sobre essa temática, ou seja, para a discussão sobre a questão negra.

Para Maria Quitéria, o Movimento Negro e o Movimento Quilombola não devem se dividir. Ela afirma que as principais diferenças entre os dois movimentos é

⁷³ Entendo que os juízos não são elaborados de forma parcializada, somente são apresentados assim, a fim de análise e interpretação das falas dos entrevistados.

que os participantes do Movimento Negro têm um conhecimento mais acadêmico, pois muitos tiveram maior acesso à escola, enquanto no Movimento Quilombola eles têm mais a vivência da história, com um conhecimento mais “bruto”, mas reitera que os dois movimentos devem andar juntos. Interpreto, assim, que os movimentos sociais (Negro e Quilombola), que são moleculares, incidem sobre as instituições (a escola, a legislação), que são molares. Mais uma vez, há a evidência de que as linhas (molar, molecular e de fuga) estão e são misturadas e que diferença e semelhança são chaves para se entender os processos sociais. Ao mesmo tempo, compreendo que a participação de Mária Quitéria nesses movimentos sociais é o indicativo de novas configurações, que surgem e que alimentam o corpo vibrátil.

Quanto às festas que ocorrem no Quilombo dos Alpes, ela afirma que têm o objetivo de o pessoal se divertir ou são voltadas para arrecadar algum dinheiro e “sempre tem a questão da música... da música negra... na festa, pagode... essas coisas que o pessoal gosta, que a gente gosta”. Maria Quitéria ressalta que, com a finalização da construção do espaço físico para ser a sede da Associação Quilombola Dona Edwirges⁷⁴, será possível organizar festas, pois há, inclusive, conhecidos de fora do quilombo que se propuseram a organizar uma festa de *Hip Hop*⁷⁵, o que nunca aconteceu no quilombo. Ela lembrou que, como falta a sede, tal iniciativa não ocorre e, para a sede ser terminada, precisa de verba, que vem via Estado ou alguma instituição. Logo, tem-se a linha molecular (expressa na festa) cruzando-se com a molar (a verba via Estado). Interpreto que o gosto por um tipo de música e a identificação de gostos comuns do grupo são evidências de uma identidade étnico-racial, uma vez que contribuem para marcar a diferença entre o Nós e os Outros, ou seja, é uma endodefinição. Ao mesmo tempo, é expressão de coesão social, que é um dos atributos do território; no caso, o território é o Quilombo dos Alpes.

Maria Quitéria entende que a identidade quilombola, às vezes, é desconhecida até dentro do próprio Movimento Negro. Exemplifica esse desconhecimento com o relato sobre um encontro do qual participou, onde algumas pessoas tinham dificuldade de entenderem que, dentro do Movimento Negro, tem

⁷⁴ A nova sede da associação começou a ser erguida em regime de mutirão, em junho de 2011, sendo que o salão foi acabado em fevereiro de 2012, faltando ainda a construção da cozinha, o término dos banheiros e acabamentos em geral.

⁷⁵ Movimento cultural oriundo da juventude das áreas periféricas metropolitanas, marcado pela ética da mudança de atitude e por uma estética poética pautada por canções que abordam as questões de geração, da infância, da amizade, das leis e étnicas (LAITANO, 2001).

um segmento que são os quilombolas, marcados pela permanência e fixidez no espaço físico:

Porque esse segmento é descendente dos escravos e permaneceu ali, onde o escravo teve, entendeu? Tipo nós aqui, a avó que teve aqui, e a gente permaneceu nesse lugar, então... O quilombo é isso... É a resistência, né? É o lugar que ela veio, e a gente permaneceu, e tá aqui ainda. E outro pessoal, negro, do movimento, que tá nas periferias também, eles perderam esse início, esse começo, entendeu? Essa identidade logo de início, de começo, entendeu? De ah... meu pai veio de lá, veio da África, foi escravo... Meu avô, meu bisavô, meu tataravô, e aí se fixou em tal lugar e ficou ali... E minha família, nasceu daquele lugar dali. Então isso é o quilombo, eu vejo isso. É a minha visão, e o pessoal que tá no movimento, nem todos são assim.

Então, o quilombo e sua identidade são definidos por essa vivência de fixação e permanência num espaço físico. Para Maria Quitéria, os traços que vão caracterizar um quilombo, além da permanência, são os traços de parentesco, o que, para ela, pode derivar para outras comunidades e favelas serem pensadas como quilombos. E os traços de parentesco são outra faceta da identidade étnico-racial. Compreendo, nesse ponto, que a permanência e a fixação numa certa área, que foi delimitada pelo uso coletivo e cotidiano, é propulsora de vínculos de pertencimento, do grupo com o espaço, este agora entendido como território, porque espaço fechado.

Maria Quitéria afirma que a vivência dessa consciência da identidade quilombola é importante, tanto para ela quanto para as pessoas que estão à sua volta, “Porque quando tu sabe de onde tu vem, tu sabe pra onde tu quer ir, tu sabe o que tu quer, né? E... E tu tem a tua história”. Nesse sentido, ela aponta que o processo de autorreconhecimento proporcionou se apropriarem da história, a ver que ela e sua comunidade estão no contexto histórico. Comprova-se, nesse ponto, que a identidade étnico-racial é construída na interação e dinâmica com os outros grupos, onde se evidenciam um Nós e o Outro.

Assim, mais uma vez, temos a ação de Estado, típica da linha molar, se enredando com a linha molecular, nesse caso, no ser quilombola. Constato, então, que o Quilombo dos Alpes é território, pois ali existe a afirmação de uma identidade

que se diferencia pelo pertencimento àquele espaço, no qual o grupo tem uma vivência compartilhada. Esses aspectos são atributos do território.

Esse enredamento das linhas molar e molecular também se evidencia na institucionalização do racismo. Maria Quitéria afirma que, se os negros não estavam nos livros da escola, na época em que estudou, isso era visto como algo que não se tinha que estudar. Ela diz não ter sentido tanta falta da história na escola, o que também foi compensado pela história da família em casa, num exemplo de endodefinição com reforço positivo do grupo.

Maria Quitéria explica o que é a história da família em casa, numa evidência do Quilombo dos Alpes como lugar, enquanto emoção partilhada e afetividade de sua população. Ela também mostra que o Quilombo dos Alpes é território, pois há uma coesão social, em uma vivência compartilhada, num dado espaço físico ocupado e com forte senso de pertencimento:

A história da família em casa é o momento aquele em que senta a avó, senta a mãe, e começa a contar como é que é, como é que fulano dançava, como é que eram as festas, como é que a avó chegou aqui, o que a avó fazia, a casinha de vassouras, que isso é uma coisa que tenho bastante na mente, que a mãe sempre contou muito pra gente. Quando a avó chegou aqui em cima, no morro, ela fez uma casinha de vassouras, ela mora nessa casinha, bem aqui em cima, na casa de pedra, no topo do morro. E que ela olhava lá pra baixo, bem, bem longe, ela avistava umas luzinhas, que ela imaginava que eram vagalumes, Isso é uma coisa que tá lá agora no relatório, mas que é uma coisa que tá viva na memória, porque a mãe já contava isso. Muito antes de fazer o estudo, tudo... Ela já contava essas histórias pra gente. São histórias que eu pretendo contar pros meus filhos... Eu já conto.

Para Maria Quitéria, a vivência sem se dar conta que os negros não estavam nos livros, nem na história oficial, “vai indo até que algo aconteça e a pessoa se dê conta”. Ressalta, hoje, quando seus filhos estiverem na escola vão ter mais da história do negro do que ela teve:

Porque até certo momento ... tu vai caminhando como invisível, né? Eu vejo... [...] Eu vejo assim, que muito do negro, no mundo, né? Ele fecha os olhos assim, e segue em frente. Porque se tu vai ficar pensando assim: 'Ah, mas se eu não tô na TV, não tô ali, não tô aqui', tu não vai chegar a lugar nenhum. Então tu tem que ir te infiltrando, tu vai, tu vai chegando, vai se impondo. Tu vai aparecendo, entendeu? Vai tá ali, por exemplo, não tinha a minha história na sala de aula, dentro livro, mas eu tava lá sentada lá estudando. Isso já é um avanço, né? Já é importante pra gente.

Entendo que essa visão de Maria Quitéria destaca uma espacialidade, que mostra um cotidiano em rizoma dos negros: invisíveis na linha molar, mas presentes na linha molecular, infiltrando-se de forma descentrada, em diferentes espaços, estabelecendo conexões múltiplas, aparecendo aqui e ali, de forma inesperada, realizando penetrações: não estar no livro, mas estar na sala, ir chegando, se impondo, tendo seu território reconhecido. Nesse momento, quando as hastes, quando a linha molecular enreda-se com a molar, o risco da ruptura aparece, tendo-se, então, a linha de fuga (essa análise será realizada posteriormente). E o rizoma é a evidência do duelo ético-estético.

Maria Quitéria salienta, nas suas vivências, uma estética que lembre e/ou ressalte a questão de ser negro. Para ela, embora a estética do negro não esteja na mídia, na propaganda, na novela ou na minissérie da televisão, ela e os negros sabem que ela existe e que isso, para ela, remete a não esquecer quem se é ou de onde se vem; são as raízes. Nesse sentido, o corpo que foi racializado passa também a ser fator de identificação. Sobre essa estética, Maria Quitéria acredita que sempre achou bonita, mas que, para ela, isso se consolidou como pensamento, na medida em que foi estudando, pois:

[...] quando tu estuda, começa a ter mais conhecimento da história, tu começa a achar mais bonito. Tu começa a enxergar melhor as coisas. Um dos grandes problemas, do mundo em geral, é esse, é a falta de conhecimento, de comunicação. Tu tem conhecimento, tu consegue fazer um balanço. Tu consegue ver [...]

Mais uma vez, molar e molecular se emaranham e se evidenciam nas vidas: o estudo, molar e alimentado pelas instituições, se enreda com a micropolítica, que

permite enxergar a possibilidade de outras estéticas não hegemônicas. As estéticas não hegemônicas são moleculares. Seu objetivo não é se imporem hegemonicamente, mas, sim, estarem aí de forma anônima, expressando a vida, ou seja, o duelo ético-estético.

Maria Quitéria acredita que a expressão de outra estética na rua é a expressão de autoestima, de afirmação, de se reconhecer e se autorreconhecer, se gostar. Culturalmente, ela afirma que há mais referência e que é mais bem tratada uma pessoa branca do que a uma pessoa negra. Considero que essa outra estética que toma as ruas é expressão do duelo ético-estético, comprovado pelo tangenciamento dos corpos no espaço. E esse espaço é marcado por heterogeneidades. Tem-se aí o corpo vibrátil, expressando e buscando expressar os afetos do tempo presente, o que, nesse caso, se refere à expressão de outra estética.

Para Maria Quitéria, as transformações a partir do Movimento Negro decorrem do fato de que o movimento tem uma contribuição para toda a sociedade e não apenas para um indivíduo, trazendo as pessoas que ficariam excluídas para dentro dele. Exemplifica com a pesquisa sócio-antropológica, realizada nos inscritos do ENEM⁷⁶, de 2011, onde o estudante tinha a alternativa 'quilombola' para a autoidentificação. Conforme Maria Quitéria, isso é importante porque dá um senso de reconhecimento e de pertencimento a determinado grupo, estabelecendo uma diferença entre o Nós e os Outros. Mais um aspecto que comprova uma identidade étnico-racial e sua relação com o território do Quilombo dos Alpes, evidencia que as identidades se constroem imbricadas na espacialidade.

Maria Quitéria e a Linha de Fuga

Maria Quitéria vivencia a questão do álcool e do uso de drogas ilícitas dentro do quilombo. Entende que é muito triste ver um jovem se drogando, pois, para ela, ele está "perdendo tempo". Afirma que é para não ver jovens se perdendo que participa dos movimentos sociais. Segundo ela, durante toda a sua vida esteve

⁷⁶ ENEM é o Exame Nacional do Ensino Médio, o qual se constitui em uma prova individual, de caráter voluntário, que é aplicada em todo o território nacional para os estudantes que estão concluindo ou já concluíram o Ensino Médio. É uma prova com caráter de referência para uma autoavaliação e instrumento para os alunos pleitearem vagas no Ensino Superior, em diversas Universidades brasileiras. (HISTORICO, 2012).

próxima de pessoas que usavam algum tipo de droga. Diz que não foi por esse caminho porque almeja outras coisas para sua vida. Acredita que, se houvesse uma ação mais efetiva do governo, levando coisas boas para os jovens, ou seja, se as políticas públicas acontecessem, os jovens mudariam um pouco a sua mentalidade. Dessa forma, interpreto que Maria Quitéria conecta a linha de fuga (nos aspectos do álcool e drogas) com a linha molar (políticas públicas), na formação de um pensamento que ressalta uma linha de fuga, redundando em linha de morte ou em linha de abolição. Quando essa linha se constitui em abolição é possível vislumbrar, para os jovens, uma ambição diferente e condições de fazer outras escolhas. Caso contrário, o que acontece é que:

[...] chega um determinado momento que tu não quer mais estudar. É cansativo mesmo estudar, não é fácil. E aí tu não quer mais estudar, aí tu vai larga a escola ... Aí tu fica fazendo um biquinho aqui, um biquinho ali, aí já começa a usar alguma droga, né? Daqui a pouco tu gosta de alguém, casa, faz uns filhos, e aí é uma família ... desestruturada, é uma família que vai precisar de ajuda.

Para Maria Quitéria, “O que falta é o governo estar mais junto às comunidades”. Embora ela reconheça que, hoje, o governo está mais presente do que no passado, afirma que é pouco frente ao que é necessário.

Ela acredita ser importante proporcionar aos jovens outras vivências, pautadas pela participação. Exemplifica, lembrando o momento em que levaram um ônibus lotado de jovens do Quilombo dos Alpes para participarem de um encontro. Para ela, foi muito desgastante, porque os jovens ficavam andando no recinto e tinham dificuldade de ficar sentados, escutando as palestras ou discutindo propostas. Mesmo assim, acredita ter sido importante, porque foi a primeira vez que aqueles jovens participaram de um evento desse tipo. Lembrou que, apesar de tudo, eles conversaram e trocaram ideias. Acredita que, para ela, isso não trouxe problemas, porque estava motivada para a participação e discussão das propostas, mas, segundo ela, nem todos estão motivados para isso. Também entende que essa é uma forma de proporcionar outros tipos de conhecimento aos jovens:

E aí tu traz ele, tu leva ele até esses locais. Tu faz ele se abrir, porque é aquilo que te falei, a coisa do conhecimento. Da ignorância até, pra dizer mais. Tu ignora aquilo ali, porque tu não tem conhecimento. Porque a partir do momento ... tu tem conhecimento que tu sabe que aquilo ali é importante. Sabe o que que é? Vai mudar a tua visão. Muda. Pra mim, isso é fato, é minha opinião, mas muda. É fato, do próprio preconceito. Tu tem preconceito de uma coisa que tu não conhece. Porque o fulano disse que é feio... tu vai rir ... Não! É feio pra ele, pode não ser feio pra mim. E pra ti poder ter essa opção de não ser feio pra ti, tu tem que ter conhecimento das coisas. Tu tem que ter conhecimento de ti e conhecimento do que tu quer. Isso é importante, e é isso que a gente busca pros jovens daqui[...]

Portanto, é possível perceber, na fala de Maria Quitéria, a presença da linha molar (o encontro, a participação política) enredada com o molecular (as discussões, as inquietações, as motivações), ou seja, um emaranhado molecular que pode se conectar com o molar, por exemplo, através da inserção política, ou redundar em linha de morte.

Maria Quitéria acredita na possibilidade de construção do que se tem chamado de singularidades existenciais para os jovens do quilombo, em especial para incentivar os que estão na faixa etária entre 14 e 18 anos. Segundo ela, isso é importante para que eles possam se motivar positivamente frente ao mundo e não construam uma existência direcionada à linha de morte. Analiso que isso é a mostra de uma preocupação de encontrar o fator de afetivação desses jovens, no sentido daquilo que afeta e constitui o corpo vibrátil.

Sobre a capoeira e sua força de agenciamento entre os jovens, Maria Quitéria diz não conhecer muito, mas enfatiza que, com a construção do espaço físico da associação, vai existir a possibilidade de que seja realizada uma série de atividades voltadas para os jovens, entre elas a capoeira. Ela lembra que muitas pessoas se propõem a ir ministrar palestras, oficinas, cursos no quilombo, mas falta o espaço físico.

Maria Quitéria tem a percepção de que as ações voltadas para os jovens têm que ser pautadas por trocas e que sua ação é orientada pelo encantamento de que as coisas podem vir a acontecer e melhorar: “Então, a ideia é sempre procurar melhorar. Se mantém a história da vó, se mantém a questão da identidade, nossa... né? Das nossas raízes, e vai melhorando. Mais pro futuro... É nisso que a gente busca”. Assim, compreendo que se está frente a um espaço que contém uma

abertura, onde há a possibilidade de criação de novas conexões. Essa possibilidade é entendida como o movimento do corpo vibrátil, que busca passagem para expressar os afetos, no sentido do que é gerador de vida e consubstancia a formação de uma subjetividade singular.

Nesse momento da entrevista, as linhas molar, molecular e de fuga se enredaram em nó cego, se tensionaram; a ruptura dirigida à morte se impôs. Os olhos de Maria Quitéria encheram-se de lágrimas, seu corpo se retraiu e ela balbuciou: “apesar de todas as coisas ruins que aconteceram com a gente, a gente tem que ser otimista. Tem que achar que as coisas podem melhorar. Até porque, com o assassinato dos meus irmãos, não precisava ter acontecido”. O estranhamento foi como uma penetração indevida da pesquisa numa vivência que desembocou em linha de morte, naquilo que está dado, no que, por mais analisado ou interpretado que seja, já é, ou melhor, foi, porque sem volta. Mais uma vez, no entanto, o Quilombo dos Alpes e sua população não olham para trás. Eles se abrem para o futuro, na busca de construção de conexões realizáveis: “a gente tem que ser otimista”. É o corpo vibrátil no seu movimento em direção à vida, ou seja, com as dores e alegrias, com os prazeres e as mortes.

Maria Quitéria entende que há uma responsabilização do Estado pelas mortes de Joelma da Silva Ellias, de 36 anos, e Volmir da Silva Ellias, de 31 anos, porque, para ela, se o governo titula, certifica uma comunidade quilombola, esse governo não pode deixar essa comunidade à mercê. “O governo tem que ficar junto da comunidade e não é o que acontece”. As mortes tiveram um impacto muito ruim para todos, um impacto político e emocional, molar e molecular, um golpe em todos, um golpe no rizoma, ao mesmo tempo em que evidenciaram o território em seu atributo de uso coletivo historicamente diferente:

É... Um impacto que a gente tá vivendo, fazem três anos. Hoje dá pra fala, hoje eu consigo falar um pouco melhor sobre isso. Há um tempo atrás eu não conseguia falar. E eu vou te dizer mais, eu parei de ir nas reuniões, eu parei de acreditar em algumas coisas, depois que aconteceu isso com a gente. Porque é bem triste, não tem como te explicar, não tem mesmo, porque assim... tu não tá fazendo mal pra ninguém, acredito eu, e realmente não tava fazendo ... ninguém tava fazendo mal pra ninguém. O que a gente queria, o que a gente tava buscando, o que a gente busca: o autorreconhecimento da gente, da história da gente, e o ficar aqui, na área que a gente sempre viveu. E aí vem um fulaninho que não entende nada, que não sabe de nada,

que entende tudo errado, que troca tudo, que acha que tá acima de tudo e de todos, acima da lei, e faz o que quer, né? ... Aí eu acabo com a tua vida e resolvo meus problemas. Não foi bem assim, e até naquele momento até de tudo na vida tu tem que tira uma coisa positiva, né?

Maria Quitéria relata que o Movimento Negro foi muito solidário com a comunidade do Quilombo dos Alpes, após os assassinatos, pois a comunidade começou uma peregrinação nas instituições, atrás da justiça. Enfrentaram diferentes espaços institucionalizados, onde não havia ideia sobre o que era um quilombo. Então, a busca por justiça foi também uma explicação de quem eu sou. A busca de justiça os jogou na realidade e no entendimento que o crime tinha sido bem planejado e anunciado; portanto, eles poderiam ter sido avisados, mas “aqueles que sabiam não avisaram, ninguém impediu”.

A busca da justiça articulou a comunidade e, ao mesmo tempo, faz Maria Quitéria refletir no sentido de que de “Tudo que é ruim, que acontece, tem que se tentar tirar algum proveito”:

E o que a gente queria era justiça. E aí é aquela coisa, a partir do momento que um quer a justiça, todos querem. E te digo mais ainda, não sei se não é falar demais, mas eu vou dizer: A gente quis a justiça, e a gente quis pelo certo. Porque somos uma família grande, e se eu quisesse a justiça do lado torto? E se eu quisesse vingança com as minhas próprias mãos. E aí ia unir os outros e ia fazer a vingança, com as mãos da gente. Mas aí não, e depois outra coisa... O governo ficou devendo pra gente. Eles morreram por causa deles, do governo em si, que não deu ajuda, não deu auxílio, não deu apoio necessário. Então eles, que, pelo menos, dessem agora. Dessem depois, tinha que dar. E aí foi isso que eu acho, principalmente, que motivou. A questão da justiça. Muito, muito, muito triste falar nisso. Como é que vou te explicar... É aquela coisa que falei antes, tu deixa de acreditar nas coisas, entendeu?

Interpreto que essa vivência da comunidade do Quilombo dos Alpes, em torno da busca de justiça, retroalimentou-se da elaboração do juízo da busca da justiça pelo certo e da não realização da vingança, evidenciando um pensamento e uma ação individual que se dirige para o todo social.

É importante registrar que Maria Quitéria explanou que esse seu pensamento foi e é alimentado pela convivência que tem em casa, lembrando sua irmã assassinada, Joelma da Silva Elias (Jô). Para Maria Quitéria, Jô era uma mulher forte, determinada e que lutava pelo que acreditava, tendo sido a principal liderança na luta pela realização do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição da República Federativa do Brasil, na área do Quilombo dos Alpes, ou seja, sua titularização como território. Jô nunca frequentou a escola, era analfabeta, mas administrava muito bem sua vida financeira, sua vida doméstica, indo a qualquer lugar e posicionando-se como sujeito, nos diferentes espaços em que se inseria.

Maria Quitéria finaliza a entrevista, falando da importância de ter ética como aquilo que faz com que o sujeito não se perca, no sentido de que “Eu acho que tu tem que ter ética, se não tu se perde. Tu tem que saber o que tu quer pra ti, o que tu pretende. Tu tem que saber que se tu der um passo ali pra frente, vai te uma consequência”. Para ela, as ações e atitudes realizadas pelos sujeitos sempre terão uma consequência de volta. Isso evidencia um senso de reciprocidade das ações.

A entrevista foi finalizada com a pergunta sobre a questão da afetividade na comunidade do Quilombo dos Alpes. Maria Quitéria fala das diferenças entre eles. Diz que há aqueles que só cobram e criticam, mas, pela proximidade e pelo convívio num território compartilhado, há ajuda e coajuda, a qual, segundo ela, “muitas vezes, vem de onde nem se espera”. A moradora enfatiza que “depois disso, tem a família. A família tá acima de tudo, praticamente. É o que te dá o norte, os valores pra ti poder seguir em frente ou não [...]”. E isso é a perspectiva de compreensão do espaço geográfico como lugar.

Encontrava-me, então, frente ao corpo vibrátil, com os afetos, as dores, as alegrias e as paixões que ganham passagem. Trata-se do que afeta e o que se deixa afetar. Uma espacialidade em rizoma nas suas conexões, nas hastes do rizoma, daquilo que historicamente foi construído na linha molecular e que emergiu e tocou no molar. Ao tocar no molar, a reação foi amordaçá-lo, fazendo linha de morte, daquilo que continha a transformação em ruptura. A pulsão do molecular encolhe-se, aquieta-se, sente-se perdida: decepção e mortes. Mas o rizoma não morreu, hibernou para continuar. O rizoma te joga em outra ética e outra estética, em juízos elaborados em família, em sentidos de pertencimento e na presença do Quilombo dos

Alpes, como lugar e como território. Outra ética e outra estética que não estão isoladas, mas em duelo.

Linha Molar	<p>Teve participação no processo de autorreconhecimento. Contatou com lideranças quilombolas. Manifesta desânimo, pela lentidão do processo de titularização. Diz ter esperança, pelo convívio com outros quilombolas. Acredita que a realização das ações do INCRA afetará positivamente, em especial, os jovens.</p>
Linha Molecular	<p>Participa do Movimento Negro. Entende que o processo de autorreconhecimento proporcionou apropriação da sua história. Pensa que o Movimento Negro e o Movimento Quilombola não devem se dividir. Compreende que o Movimento Quilombola diferencia-se do Movimento Negro pela fixação e permanência no espaço. Considera festas no quilombo como diversão, como modo de arrecadar fundos, de valorização da música negra.</p> <p>Ressalta a necessidade da conclusão da nova sede da Associação. Evidencia que a falta da história dos negros na escola é compensada pela história da família em casa. “Negro caminha como invisível no mundo, mas vai se infiltrando”. Acredita que a estética negra permite saber quem se é, de onde se vem (raízes). Afirma que reconhecer como bonita essa estética passa pelo conhecimento e que isso valoriza a autoestima. Afirma que o Movimento Negro contribui para toda a sociedade.</p>
Linha de Fuga	<p>Vivencia consumo de álcool e drogas ilícitas e é em função disso que participa dos movimentos sociais. Pensa que há lacuna da política pública; falta governo estar junto da comunidade e proporcionar, aos jovens, vivências pautadas por participação, motivando-os positivamente. Diz que a capoeira será possível no quilombo, com a nova sede. Responsabiliza o Estado pelas mortes. Acredita que as mortes causaram impacto político e emocional na comunidade. Afirma que a justiça pelas mortes foi buscada e que não houve a realização da vingança. Entende que a ética orienta as ações dos sujeitos.</p>

Quadro 1: Síntese Maria Quitéria

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.3 Entrevista com Karenina, a trançada

“[...] cada um olhar de uma pessoa ... pensa de um jeito diferente...”

A entrevista com Karenina (16 anos) foi feita no dia 06 de dezembro de 2011.

Quando questionada sobre os aspectos da linha molar, Karenina disse não conhecer o INCRA, nem suas ações; entretanto reconheceu, como ação do governo dentro do Quilombo dos Alpes, a distribuição de cestas básicas para as famílias. Ela considera essa distribuição “uma coisa boa, porque ajuda as pessoas que podem contar com o rancho, quando estão precisando de alguma comida”.

Karenina e a Linha Molecular

Karenina tem vivência do Movimento Negro. Já esteve numa manifestação, no centro da cidade, relacionada a essa questão. Karenina descreve que havia várias pessoas carregando faixas a respeito da temática e que foram vários conhecidos do Quilombo dos Alpes. Segundo ela, primeiro teve uma caminhada na rua e, depois, eles ficaram parados em um local aberto, onde havia música. Karenina não aponta nenhuma mudança para ela, após essa participação, mas enfatiza que, se houvesse de novo, ela gostaria de participar, porque o que ela mais gostou e achou legal foi que eles saíram todos juntos para falar coisas sobre os negros. Percebo aí a presença de um dispositivo de identidade étnico-racial dada pela participação de Karenina no evento. Embora ela não tenha todos os elementos analíticos para descrevê-lo, é possível entender que a vivência contribuiu com essa identidade, porque diz respeito a um falar de si para os outros, ou seja, marca a diferença entre o Nós e os Outros, característicos da identidade étnico-racial.

Sobre música *black*, Karenina relata que escuta em aniversários, sendo que gosta de samba e de *rap*. Do *rap*, Karenina gosta das letras, que falam coisas sobre os negros; e do samba ela gosta do ritmo. Compreendo, então, que, mesmo nos espaços de confraternização e exceção, como as festas de aniversário, estão presentes música onde Karenina identifica um gostar carregado de pertencimento ao seu grupo étnico-racial.

Em relação aos penteados que valorizem uma estética negra, Karenina usa seu cabelo em longas tranças, há quase um ano. Ela diz que escolheu usar o cabelo assim porque acha legal e se sente mais bonita. Resolveu trançar o cabelo porque suas irmãs usam o cabelo trançado. Aí ela fez o mesmo. Conta que, no primeiro dia, foi sua irmã que trançou; depois, ela aprendeu e hoje faz sozinha. Karenina acredita que, quando sai na rua com o cabelo trançado, chama a atenção pelas tranças e diz que muitas pessoas falam que ela é bonita. Ela relata que alisou o cabelo só uma vez e gostou, mas que prefere as tranças. Afirma: “alisei, por alisar”. Interpreto aí que o que passa a ser considerado belo ou bonito é permeado por aquilo que é apresentado cotidianamente e visualmente ao sujeito, no caso carregado por imitação. Além disso, a imitação ocorre não por uma tomada de decisão, necessariamente consciente, mas por agenciamento cotidiano. Soma-se a essa perspectiva um gosto por ser diferente e adentrar à cena urbana, ou seja, sair na rua e impactar, onde o corpo vibrátil se expressa publicamente.

Quanto a roupas que remetam à questão da afrodescendência, Karenina diz que não vê muitas pessoas usarem, mas cabelos trançados, sim. Karenina conta que as pessoas olham com um olhar diferente para quem está com o cabelo trançado. Nesse olhar diferente, Karenina identifica que “Algumas pessoas olham com... com... olham a pessoa como bonita assim. Tem outras que acha feio; tem outras que olham com preconceito também com os negros [...] cada um olhar, cada um olhar de uma pessoa ... pensa de um jeito diferente...”. Reconheço, então, a evidência do duelo ético-estético, pois os corpos racializados e em tangenciamentos nos espaços provocam olhares que vão além do visual, mas carregam uma expressão de valores, de sentidos e de afetos, que constituem o corpo vibrátil.

Em relação à identidade quilombola, Karenina afirma que faz parte um pouco dos Alpes e um pouco do quilombo, sendo que, quando tem que dizer onde mora, ela fala que mora na Estrada dos Alpes, que também faz parte do Quilombo dos Alpes. Karenina afirma que gosta de morar no quilombo e não se preocupa com o que as pessoas acham. Percebo aí uma identidade quilombola que se alimenta do pertencimento ao território e que se fortalece na medida em que cresce a autoestima de seus membros.

Karenina e a Linha de Fuga

Karenina relata que tem um amigo do quilombo que está envolvido com o uso de drogas e que ele está tentando parar, mas ainda está usando. Para ela, isso traz um sentimento muito ruim, porque não tem muito como ajudar. Karenina relata que a maior transformação que ela identifica no seu amigo é que, em função da droga, às vezes, ele fica mais violento; em outras situações fica mais quieto e “nisso, ele fica se machucando”. Verifico, nessa vivência de Karenina, um forte sentimento de limitação da ação de ajudar, principalmente porque a ajuda mútua tem sido uma das principais características das relações da comunidade do Quilombo dos Alpes.

Em relação à capoeira, Karenina participou na escola, pois tinha muito tempo livre, quando estudava pela manhã. O que mais lhe chamava a atenção era a música. Conta que aprendeu os movimentos, mas que seu pai a convenceu a não ir mais nas aulas de capoeira. Percebo, aqui, o fator de afetivação potencial que a música exerce sobre os jovens do Quilombo dos Alpes e que a capoeira pode vir a ser um dispositivo de identidade, que fortaleça uma leitura crítica desses jovens, nas diversas escalas geográficas.

Karenina não participa das reuniões de final de semana, que ocorrem nas casas do quilombo, pois sai pouco de casa e na sua casa não tem. Ela, entretanto, costuma dançar em casa com sua irmã, o *funk* e o samba. Compreendo aí que nem tudo que é elencado como constituinte do Quilombo dos Alpes o é para todos, evidenciando uma heterogeneidade dentro do território. Nesse caso, contudo, a semelhança é reforçada pela musicalidade e pela dança.

O que Karenina gosta do convívio com as pessoas do Quilombo dos Alpes é que tinha uma época em que ela e suas amigas passavam o dia caminhando pra lá e pra cá. Conta que iam até a escadaria, iam até a lagoa e conversavam bastante. Suas conversas eram sobre o que elas iriam fazer, sobre o que estavam fazendo e sobre os meninos que elas gostavam. Atualmente, no entanto, elas ficam mais em casa. Karenina fala que gosta de morar no Quilombo dos Alpes e que também gosta de ir na casa das amigas, pois pode ir na hora que ela quiser. Ela não mencionou nada que não goste ou que tenha que melhorar no quilombo, pois, nesse espaço, ela “conhece todo mundo e todo mundo me conhece”. Karenina revela aí um típico universo adolescente, com a livre circulação desimpedida num espaço fechado, porque território. Espaço esse que é, ao mesmo tempo, lugar, pois carregado de

vínculos e conhecimentos de si e de sua comunidade, tecidos num cotidiano marcado por co-presenças.

Em relação às mortes de Joelma e Volmir, Karenina relata que ocorreram numa quinta-feira, o dia em que soltam mais cedo da escola. Conta que ficou sabendo pela sua irmã:

Daí ela falou, quase chorando ... aí eu peguei, subi... correndo. Aí, bem na hora que eu tava subindo, subiu uma moto, bem rápido, lá pra cima. Eu pensei que fosse o cara, né? E aí eu desci correndo, né? Aí, bem na hora que eu cheguei aqui, peguei ela no chão com sangue ... aí eu fui direto pegar a filha dela, e comecei a chorar junto com ela. Aí subindo... eu gostava muito dela, da mãe de Maria João ... cheguei a ver ela no chão. E agora, eu gostava bastante dela, até tava quase pedindo pra ela, nesse tempo, vim ela ser minha madrinha. E daí não tinha mais tempo mais...

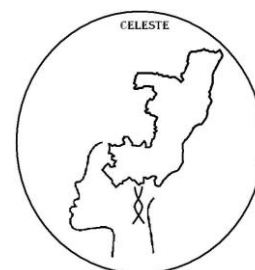
Karenina identifica que a principal transformação, depois dos assassinatos, é que “tem sempre uma coisa ruim no coração, pois era uma pessoa querida e que eu gostava bastante”. Ela também se lembra do seu pai, que havia falecido. Então, pela lembrança, diz saber bem como Maria João, filha de Joelma, se sente.

O corpo vibrátil expressa-se nessa fala de Karenina, perpassada por nervosismo e angústia, evidenciando a fragilidade de todos e a sua, bem como o impacto emocional – a quebra dos vínculos afetivos, ocasionada pelas mortes. Também tenho a estranheza da morte, que se impõe para aqueles que, em princípio, não tinham idade para morrer. Logo, a sensação é de desmanche de um mundo.

Linha Molar	Identifica distribuição de cestas básicas para as famílias.
Linha Molecular	Participou de manifestação no centro da cidade, onde ocorreu a expressão a respeito do que é ser integrante dos quilombos. Escuta e dança samba e <i>rap</i> , pois essas músicas apresentam assuntos sobre os negros. Estética: usa longas trancinhas, imitando sua irmã, pois assim se acha mais bonita e diz que chama a atenção; já alisou o cabelo. Costuma dizer que faz parte da Estrada dos Alpes e do Quilombo dos Alpes. Gosta de morar no quilombo.
Linha de Fuga	Diz que tem amigo do quilombo que usa drogas e que não tem como ajudar. Sai pouco de casa, mas dança, em casa mesmo, o samba e o <i>funk</i> . Vai à casa das amigas no quilombo. Gosta do fato de que, no quilombo, todo mundo se conhece. Afirma que as mortes trouxeram “uma coisa ruim no coração”.

Quadro 2: Síntese Karenina

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.4 Entrevista com Celeste, a crespa

“[...] a gente não tem que ter vergonha do que a gente é”

A entrevista com Celeste (18 anos) foi feita no dia 08 de dezembro de 2011.

Celeste afirma que nunca vivenciou nenhuma ação do INCRA, dos governos ou do Estado, dentro do Quilombo dos Alpes. Ela sabe que essas ações envolvem um longo processo, que demora para ser resolvido, tanto para o Quilombo dos Alpes, quanto para os outros quilombos. A fonte dessas informações, para Celeste, é a televisão e a leitura de jornais. Acredita que esse processo é demorado porque tudo que envolve questões econômicas é sempre lento. Celeste também ressalta que, na escola (ela finalizou o Ensino Médio no final de 2011), realizou trabalhos e pesquisas sobre essas questões, tanto na disciplina de História quanto na de Geografia. Celeste acredita que, se ocorresse uma ação mais efetiva do INCRA, aconteceria uma transformação principalmente para os jovens, no sentido de eles terem mais condições de subirem na vida, terem estudos melhores. Analiso que a escola e a escolarização, para além das críticas da sua ineficácia, podem ser contribuintes para uma leitura crítica do mundo pelos sujeitos, em especial nos temas que são do cotidiano.

Celeste e a Linha Molecular

Em relação ao Movimento Negro, Celeste conhece e entende que é uma luta muito grande contra o racismo, pois, segundo ela, em certos lugares, os negros não são aceitos, embora isso não seja admitido de forma explícita. Ela não tem vivência nem participações com o Movimento Negro.

Celeste já foi a várias festas que tocam músicas da cultura negra. Nessas festas, ela diz que se sente bem, embora goste também de outros tipos de música. Ela ressalta que se sente bem, nesse ambiente, porque é o ambiente em que cresceu. “Em função de ter pessoas que pensam parecido comigo, sabe? Não tem nenhuma desigualdade sabe? [...] Olha... Pensamentos assim, da vida. Aonde tu quer chegar? Como é que tu vai chegar? As dificuldades que tu vai chegá. Ali eu me sinto bem.”

Interpreto que esse se sentir bem relatado por Celeste que não é conversado, mas é sentido por ela, expressa uma atmosfera e um *feeling* que se alimentam do vivido em comum e de uma forma identitária. Os gostos e os pensamentos em comum contribuem para a construção da identidade, que nunca é única ou exclusiva. Os dispositivos identitários atuam em sobredeterminação, uns sobre os outros. Tem-se aí, então, uma exemplificação do hibridismo cultural, no qual os jovens estão inseridos.

Quanto à identidade quilombola, Celeste diz que é do quilombo, mas afirma que poucas pessoas sabem sobre esse assunto. Observo, neste caso, uma identidade quilombola em construção, mas já suficientemente marcada pela diferença entre o Nós (grupo de pertencimento, os *insiders*) e os Outros (os *outsiders*).

Celeste considera a estética negra, nos cabelos e penteados, como uma maneira de as pessoas negras mostrarem que não têm vergonha de serem negras. Tem a vivência de usar o seu cabelo crespo, não tendo nenhum interesse de deixá-lo liso. Acredita que usar o cabelo liso é querer ser parecida com os brancos, sendo que, para ela, é importante ter orgulho da raça negra. Interpreta-se que o cabelo é signo de identidade; portanto, de reconhecimento e valorização, evidenciando a existência do duelo ético-estético. Celeste participa do duelo ético-estético com seu corpo racializado, mas toma o que foi fonte de estigma e depreciação para a elaboração de uma positividade do seu grupo de pertencimento étnico-racial. Ao

participar do duelo, Celeste se insere como sujeito na cidade, mostra sua diferença, marcada pela valorização de uma visualidade da estética negra.

Celeste afirma que esse seu pensamento sobre orgulho da raça vem do fato de ter prestado atenção, de ver os negros sofrendo, mas que isso não se restringe aos negros, nem aos espaços de fora do quilombo:

Eu simplesmente por ver a situação, por ver muitos negros sofrerem... Nem os negros, mas também os *gays*, sofrerem muito preconceito, acho que isso foi me mostrando que a gente não tem que ter vergonha do que a gente é.

Percebo aí, mais uma vez, o uso de uma categoria do dominante pelo avesso, ou seja, a raça sendo usada como um dispositivo de identidade positiva. Esse dispositivo é conectado com outra identidade estigmatizada, que é a identidade homossexual. Compreendo, então que Celeste abre possibilidades de diálogo entre os diferentes grupos que sofrem diferentes formas de discriminação, destacando novas conexões no campo social.

Para roupas ou vestimentas que valorizem ou remetam a uma estética negra, Celeste afirma que também desta forma os negros querem expressar que são negros, sem vergonha de dizer 'sou negro' ou de demonstrarem que gostam de coisas que o negro usa. Ela acha que isso é uma mudança que está ocorrendo nos dias de hoje. Celeste delimita um universo com outra ética e outra estética. São gostos e costumes que marcam um pertencimento étnico-racial. Também pode ser observado um comportamento de valorização do corpo racializado; logo, evidencia-se outra ética, entrelaçada numa estética, as quais são facetas do duelo.

Para Celeste, a discriminação e o preconceito acontecem porque há um desconhecimento, por não conhecerem.

Celeste destaca que construiu essas ideias, ou seja, seus juízos, assistindo televisão, realizando estudos e leituras, inclusive na escola. Relata que se envolveu muito na organização de festas no quilombo. Conta que, ali dentro do quilombo, tem muitos livros sobre a questão do negro e diz que, para isso, ou seja, para organizar festas e receber convidados, ela tinha que saber o que se passava ali dentro. Assim, ela foi lendo e foi se inteirando dos assuntos. Lembra que essa foi uma caminhada

muito individual. Também relata os cursos que fez, onde foram abordadas essas questões. Logo, percebo que se está, mais uma vez, frente a uma identidade em construção, onde há um grupo (o Nós) que precisa ser conhecido, a fim de estabelecer diálogo com os convidados (os Outros).

Celeste e a Linha de Fuga

Celeste tem a vivência do alcoolismo e do uso de drogas dentro do Quilombo dos Alpes. Para ela, isso é um problema que há no quilombo, assim como em qualquer outro lugar. Para Celeste, isso é muito difícil, principalmente quando a pessoa é criança: “A pessoa, quando é criança assim, ela tem que ter alguém pra se espelhar, né? E quando tu tem um pai alcoólico, um irmão drogado, coisa assim, é difícil, não tem quem se espelhar, entendeu? É bem difícil”. Para Celeste, as pessoas que optam pelo caminho do álcool ou das drogas fazem isso por fraqueza, pois, “se a pessoa for forte, tiver consciência e responsabilidade, ela não vai por esse lado”. Para ela, a principal transformação que ocorre nessas pessoas é que a autoestima cai totalmente, e a família acaba sendo morta, englobando a todos que passam a se angustiarem e a se preocuparem.

Celeste vivencia as festas, as rodas de samba e os churrascos, nos finais de semana, no Quilombo dos Alpes. Sabe, inclusive, cozinhar as comidas que eles adoram comer, como feijoada. Novamente, há a evidência de gostos e costumes construindo a identidade e marcando a oposição entre o Nós e o Eles/Outros.

Quanto à capoeira, Celeste não tem vivência, nem nunca participou, mas tem amigos que praticam. Ela afirma conhecer muito pouco.

A relação de Celeste com os outros moradores do Quilombo dos Alpes é, segundo ela, normal. Destaca que, pelo fato de estar estudando, também ficava pouco no quilombo. Como Celeste passa muito tempo com a sua mãe, que mora ao lado do quilombo, muitas vezes ela não participa das reuniões de fim de semana. Interpreto que o senso de pertencimento à identidade ocorre, mesmo que a participação não seja total, nos momentos de festividades.

Quanto aos assassinatos de Joelma e Volmir, Celeste relata que, no dia das mortes, ela estava na escola e que a sua irmã ligou avisando. Para ela, todo esse acontecimento foi muito difícil:

Olha, pra mim nem tanto, porque eu não passo muito tempo com eles, sabe? Pra filha da minha tia que morreu, pras filhas do meu tio que morreu, foi muito difícil assim. Até porque a minha tia que morreu, foi morta na frente da filha, então... Pra filha, assim, foi um choque, nova... Foi, pra família assim, geral, foi desastroso.

Celeste acredita que teve justiça, uma vez que o assassino foi preso, mas que, até ele ter sido preso, a maior transformação verificada foi o medo que a comunidade viveu, porque ele prometeu voltar. Então, quando ele foi preso, tinha a tristeza pelas mortes, mas também um alívio. Ela ressalta que, embora tenha sido uma tragédia, para o Quilombo dos Alpes, foi uma forma de mostrar, para a sociedade, o que acontece com os negros dentro dos quilombos.

Compreendo que a expressão de solidariedade de Celeste, pela dor dos parentes, não se dá somente pela sua vivência, mas pelas vivências dos outros e pelos vínculos afetivos que foram quebrados com as mortes. Nesse ponto, as dores e angústias, experimentadas em comum pelo grupo, acabam por reforçar a identidade em construção, inclusive no lado mais perverso que existe, que foi pelos assassinatos das lideranças quilombolas.

Celeste finalizou a entrevista, expressando um otimismo, pois acredita que, embora ainda exista o racismo contra o negro, isso está diminuindo. Segundo ela, os quilombos estão sendo mostrados, os negros que subiram na vida estão aparecendo e isso mostra que as coisas estão mudando bastante.

Interpreto que se tem a expressão de afetos, de atrações e de repulsas, ao longo da entrevista com Celeste. Isso é a evidência do corpo vibrátil, com forte preocupação com os fatores de afetivação dos jovens, a fim de evitar o movimento em direção à linha de morte. E esse corpo vibrátil está em duelo.

Linha Molar	Sem vivência. Reconhece, no entanto, que seria bom se a ação do INCRA se realizasse, especialmente para os jovens terem mais condições. Afirma que tudo que envolve a parte econômica é demorado.
Linha Molecular	<p>Não tem vivência do Movimento Negro, mas identifica que a luta contra o racismo é grande.</p> <p>Se sente bem em festas com <i>black music</i>, pois diz estar com pessoas que pensam parecido com ela.</p> <p>Afirma que é do quilombo, mas que são poucas pessoas que conhecem o assunto.</p> <p>Valoriza a estética negra, como forma de não ter vergonha de ser negro, de dizer: “sou negro”. Demonstra que gosta de coisas que os negros gostam. “Cabelo liso é querer ser parecida com os brancos”.</p> <p>Usa cabelo crespo e não tem intenção de alisá-lo.</p> <p>Lembra que os negros sofrem discriminação, mas afirma que isso não se restringe aos negros: “Os homossexuais também”.</p> <p>Pensa que discriminação e preconceito vêm do desconhecimento e que suas ideias são alimentadas pela televisão, pelos estudos, por leituras e pela escola.</p>
Linha de Fuga	<p>Tem vivência do uso de álcool e drogas ilícitas no quilombo. Afirma que isso causa problemas nas crianças, que ficam expostas a esse consumo, sem terem em quem se espelhar. Além disso, as crianças sofrem, porque a família morre em função dessas práticas.</p> <p>Sabe cozinhar comida que os negros gostam.</p> <p>Conhece pouco da capoeira.</p> <p>Mortes: diz que foi difícil, mas que houve justiça. Ressalta o medo de que ocorressem outros assassinatos. Expressa solidariedade pela dor dos outros.</p>

Quadro 3: Síntese Celeste

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.5 Entrevista com Cefeu, o de poucas palavras

“Foi ruim, eu vi tudo”

A entrevista com Cefeu (21 anos) foi feita no dia 11 de dezembro de 2011.

Quanto aos aspectos da linha molar, Cefeu nunca vivenciou ações do INCRA, no Quilombo dos Alpes. Em relação a ações do governo, ele identificou a distribuição de rancho que ocorre no quilombo. Considera que essa é uma ação boa, porque ajuda as famílias a não precisarem comprar muita comida.

Cefeu e a Linha Molecular

Cefeu só ouviu falar do Movimento Negro durante uma passeata da qual participou, com algumas pessoas do quilombo. A passeata ocorreu no centro de Porto Alegre. Ele descreve esse evento, como tendo bandeiras com os nomes dos quilombos, distribuição de folhetos e muitas pessoas. Para ele, foi uma atividade boa, porque ele pôde conhecer gente nova e sair um pouco. Cefeu identificou como importante a sua participação nessa passeata, pois não “tinha só o Quilombo dos Alpes”. Ele pôde conhecer outros quilombos. Interpreto a presença de uma identidade negra e quilombola, que vai sendo construída nas vivências dentro do Quilombo dos Alpes, bem como se reforça no contato com outros grupos quilombolas. Também percebo a pouca mobilidade dos jovens pelos espaços da cidade.

Cefeu foi duas vezes a festas *black*, no centro de Porto Alegre, acompanhado do seu primo mais velho, que já conhecia o local. Ele disse ter gostado de ter ido a essas festas, pois teve oportunidade de sair um pouco e também porque ouviu músicas que gosta, inclusive *rap*. Conta que dança *Hip Hop*. Além disso, “também dava para namorar”. Cefeu lembra que, quando havia o galpão de pau a pique, eram promovidas festas no quilombo. Segundo ele, “isso era bom, porque as festas eram em casa”. Percebo a raridade da mobilidade dos jovens, pelo tecido urbano da cidade, em termos de diversão e lazer. Além disso, quando ela ocorre, se dá em locais com os quais há uma identidade, no caso uma identificação com o tipo de música do Movimento *Hip Hop*, lembrando que as identidades que atravessam os sujeitos são múltiplas e atuam em sobredeterminação: negro, quilombola, *hip hop* e outras, sem hierarquias.

Cefeu relata que já pensou que é quilombola e que “isso é bom, mas às vezes é ruim. O que tem de bom é o conhecimento das pessoas. E o ruim é porque tem gente que não gosta dos quilombolas”. Ele acha que esse não gostar vem do preconceito. Identifica uma vivência, segundo a qual, desde pequeno, observa: “Que tem gente que não gosta de preto, tem gente que não gosta de branco” e que esse não gostar se deve à cor. Ele, porém, não relata nenhuma vivência de preconceito. Neste caso, considero que a presença da identidade quilombola em formação, que vai se alimentar tanto da tolerância e apreciação dos não-quilombolas, quanto da

depreciação e preconceito de outros não-quilombolas. Também há a vivência das linhas de cor (branco/preto), como marcadores das relações sociais.

Em relação aos cabelos que lembrem uma estética de valorização do negro, Cefeu acha “legal, porque dá para ir mudando”. Nas garotas, ele acha que, com cabelo trançado, elas ficam mais bonitas, lembrando de uma namorada sua que usava tranças. Verifico que as identidades negra e quilombola se constroem com o enaltecimento da estética do corpo racializado, de tal forma que as características depreciadas passam por um processo de vitalização.

Quanto a roupas e vestimentas que remetam à afrodescendência, Cefeu conta que já teve uma blusa assim, que era toda colorida. Ele usava essa blusa “Por causa da cor, eu gosto de tudo que é tipo de cor”. Acredita que o fato de gostar de roupas coloridas está no sangue e o que ele mais gostava de usar nessa roupa era que, quando ele saía com essa blusa, todo mundo olhava: “Porque ela [a blusa] era mais chamativa assim ... não era só uma cor, tinham três cores junto”. Percebo que Cefeu tem um gosto pelo impacto de seu corpo na cena urbana, por chamar a atenção; também usa a ideia de um gosto (“o gosto pela cor”), como derivada de uma herança genética (“está no sangue”), num típico uso do conceito de raça como determinante de comportamentos.

Cefeu e a Linha de Fuga

Cefeu tem vivência com o uso abusivo de álcool e drogas ilícitas. Ele acha “isso muito ruim, porque a pessoa fica bebendo e tem filho pequeno”. Cefeu se preocupa com o que a criança vai pensar do seu pai, que, para ele, “se atirou na cachaça, porque a mulher dele largou ele”. Para Cefeu, a transformação que ocorre na pessoa que usa álcool ou drogas é que ela fica agressiva, grita e quer bater nos outros. Ele evidencia, então, uma forte preocupação com os modelos aos quais as crianças do quilombo estão expostas.

Quando tinha festas no Quilombo dos Alpes, no galpão de pau a pique, Cefeu conta que gostava de ficar ajudando a servir as pessoas que vinham de fora, mas lembra que não conversava muito com esses convidados. Acredita que ajudava nas festas, porque é coisa de família, ou seja, um ajuda o outro. Relata que foi criado pela sua avó e que, às vezes, vai visitar a sua mãe que mora fora do quilombo. Interpreto que, nesse território, a família é a base das relações e que tais relações

são perpassadas fortemente pela ajuda mútua, de tal forma que se constitui o Nós, enquanto os convidados são os Outros.

Em relação à capoeira, Cefeu não conhece muito. Conta que, no colégio, a prática era oferecida, mas ele nunca quis participar.

Cefeu diz que gosta de participar dos churrascos e reuniões de fim de semana, e que acha bom estar em família. Para ele, as pessoas da comunidade do Quilombo dos Alpes se ajudam, umas às outras, e se relacionam bem. Ele exemplifica esse ajudar-se com a construção da nova sede da Associação, na ajuda oferecida, quando a sua avó precisa de algo e na prática desenvolvida na horta. Diz que, quando ocorre algum desentendimento, não leva muito tempo e logo estão todos se falando de novo. Verifico, então, mais uma vez, a evidência de que são os laços de sangue, a família, a base das relações estabelecidas entre a comunidade. Ajudar em atividades diversas põe em evidência o lugar, como o palco onde os sujeitos vivenciam as alegrias e os desafetos do cotidiano.

Em relação às mortes de Joelma e Volmir, Cefeu conta que foi ruim e que presenciou tudo junto com sua avó e suas tias. Ele acredita que houve justiça, mas diz que isso não adianta, porque não traz os mortos de volta. Entende que a principal transformação, depois dos assassinatos, é que “todo mundo sente a falta deles, pois eles eram pessoas boas, que brincavam com todos, e além disso eles deixaram filhos”. Novamente, interpreto que as mortes foram um golpe no rizoma. Cefeu relatou o que presenciou, com voz baixa e de forma vagarosa: é a expressão de que não há o que fazer, frente à morte, e é o corpo vibrátil expressando o que lhe deixa afetar.

Linha Molar	Reconhece a distribuição de rancho.
Linha Molecular	Participou de passeata no centro, onde pôde conhecer outros quilombolas e sair um pouco. Foi a duas festas <i>black</i> , no centro da cidade, onde pôde escutar músicas que gosta e namorar. Quanto à identidade quilombola, identifica que há os que gostam e os que não gostam, em função da cor da pele da pessoa. Vivencia as linhas de cor. Estética negra: acha que mulheres ficam mais bonitas com cabelo trançado; gosta de roupas coloridas porque causam impacto.
Linha de Fuga	Vivencia o consumo de álcool e drogas ilícitas, expressando preocupação, quando isso ocorre na frente das crianças. Ajuda nas festas, mas não conversa com os convidados. Não conhece muito sobre a capoeira. Pensa que as reuniões de fim de semana são boas, porque “é bom estar em família”. Ressalta que as pessoas do quilombo se ajudam. Mortes: presenciou, diz que houve justiça, mas lembra que “os mortos não voltam e deixaram filhos”. Sente a falta deles.

Quadro 4: Síntese Cefeu

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.6 Entrevista com Hefaisto, o preocupado com as crianças

“Ah... Aqui não tem nada. O que tem aqui é as pessoas [...]”

A entrevista com Hefaisto (21 anos) ocorreu dia 11 de dezembro de 2011.

Em relação aos aspectos da linha molar, ou seja, o INCRA, os governos e o Estado, Hefaisto afirmou que nunca vivenciou nenhuma ação. Assim, não há juízos elaborados a partir dessa vivência.

Hefaisto e a Linha Molecular

Ao ser questionado sobre o Movimento Negro, embora Hefaisto tenha afirmado não ter vivência e não conhecer nada desse movimento social, disse que gostaria de conhecer, a fim de aprender alguma coisa. Ele estabeleceu relações com uma atividade que aconteceu na escola, a qual focava como é viver num quilombo e o que se faz nesse espaço. Diz que tal atividade ficou na sua memória e

relata que faz tempo que isso ocorreu. O que ficou registrado, para Hefaisto, foi o fato de que, na escola, mostravam as pessoas do quilombo plantando, colhendo e ajudando, umas às outras. Para ele, isso é interessante, pois identifica aí uma maneira de ajudar as crianças e, assim, proporcionar que elas não se envolvam em coisas erradas. Interpreto que, para Hefaisto, o Movimento Negro, mesmo que ele ainda não conheça, traz a possibilidade de afetivação dos jovens, em função de que há o desejo de aprender. Portanto, tem-se o corpo vibrátil, procurando passagem para se expressar. Percebo, também, a relevância da memória (a relação com a escola) porque nela são dispostas as lembranças significativas vivenciadas pelos sujeitos.

Quanto às festas *black*, Hefaisto tem a vivência de realizar apresentações com seu grupo de *Hip Hop*, onde é dançarino. Sua inserção no *Hip Hop* ocorreu quando estava fazendo um curso na Vila Cruzeiro do Sul, onde ele teria levado um CD e colocado no computador escondido da professora, tendo começado a ensaiar. A partir desse fato, teve contato com os outros estudantes do curso, interessados em *Hip Hop*, e iniciou sua participação. Verifico aí a multiplicidade das identidades, alimentada tanto pela identificação com o Movimento *Hip Hop*, quanto com a possibilidade de conhecer o Movimento Negro; portanto, evidenciando que os sujeitos não estão encarcerados em identidades únicas e excludentes, mas que a identidade é sempre aberta ao novo, evidência do jogo das identidades.

Hefaisto se apresenta com seu grupo de *Hip Hop* em festas, shows ou eventos e sente um pouco de vergonha porque todos da plateia ficam olhando e, ao mesmo tempo, fica pensando que não pode errar. Identifica que o lado bom é que tem pessoas que gostam, e o lado ruim é quando vão. Para ele, a maior transformação que ocorreu, a partir da sua participação como dançarino nesse grupo, é que ele começou a evoluir bastante, no sentido de se mostrar como pessoa. Lembra que, na época em que estava no colégio, fazia as tarefas, mas não mostrava ao professor porque pensava que tinha feito tudo errado. O fato de não mostrar o livrava de “levar xingão dos professores”. Hefaisto comenta que, antes, era muito brabo, que qualquer coisa que falavam com ele, ficava brabo e xingava, mas diz que agora mudou. Acredita que mudou para melhor. Diz que não xinga mais e que não fica só em casa, jogando videogame, pois frequenta outros lugares. Compreendo a participação, como um tomar-parte em algo, perpassado por uma positividade, que resulta em mudança de atitude do sujeito e que, ao mesmo

tempo, proporcionou deslocamentos por outros espaços da cidade, logo, outras vivências para Hefaisto. Nesse sentido, Hefaisto rompe cotidianamente com o lugar social que lhe estava reservado.

Entre os locais que Hefaisto gostaria de visitar, estão os outros quilombos, a fim de “poder saber o que eles fazem”. Hefaisto já esteve no Quilombo dos Silva⁷⁷, tendo conhecido umas garotas, numa atividade da qual ele participou, no centro da cidade. No Quilombo dos Silva, o que ele mais gostou de conhecer foi a horta e demais atividades que eles desenvolviam. Hefaisto não sabe precisar o nome da atividade de que participou, no centro, a qual lhe possibilitou contato com outros jovens quilombolas. Ele descreve essa atividade como tendo ocorrido em diversas salas, onde eram dadas sugestões de coisas para ter nos quilombos. Hefaisto sugeriu praça de brinquedos, para as crianças, e cursos. Ele relatou também que fizeram atividades com plantas em vasos e adubo. Entendo que, embora Hefaisto não nomeie a atividade, isso não é empecilho para ele expressar seu sentimento de identidade com outros jovens quilombolas. A identidade é algo vivido em forma de grupo, sem a necessidade da elaboração consciente.

Quanto à identidade quilombola, Hefaisto afirma que diz que é do quilombo e que nem todas as pessoas sabem o que é um quilombo, sendo que:

Ah, tem alguns lugares assim, que me perguntam. Ah, como é que é o quilombo, não sei o que... Ah, às vezes, eu para pra explicar, mais ou menos... Tem algumas que perguntam, a onde fica o quilombo dos Alpes...

Hefaisto acredita que é importante falar e explicar o que são os quilombos, para os que não conhecem, pois é uma forma de eles aprenderem o que é e o que não é feito nos quilombos. Há, neste caso, a evidência de uma identidade em construção, pois expressa um pertencimento étnico-racial que se revela pelas fronteiras entre o Nós (os quilombolas) e o Outro (os não quilombolas). Logo, aparece o grupo étnico-racial, onde o autorreconhecimento e o reconhecimento pelos outros é vital para a construção da identidade. Ao mesmo tempo, a fala de

⁷⁷ A referência é ao Quilombo Família Silva, que foi o primeiro quilombo urbano a ser reconhecido e receber titulação no Brasil. Está localizado no bairro Três Figueiras, em Porto Alegre. (QUILOMBOFAMILIASILVA, 2012)

Hefaisto mostra que a construção da identidade ocorre em inter-relação com a espacialidade.

Nesse aspecto, Hefaisto relacionou a história que escreveu sobre os quilombos num curso que fez na Vila Cruzeiro do Sul. Essa história foi transformada em filme, para o qual Hefaisto contribuiu com a escrita da história. Era uma história que contava que dois negros se encontraram e cantavam o hino dos quilombos, que havia uma princesa que gostava dos negros e dois brancos que viviam batendo nos negros, para fazer a escravidão. Hefaisto diz que, se tivesse oportunidade, faria outra história, com um final menos traumatizante. Na história inventada por Hefaisto, fica explícita uma visão de um passado escravagista, que atua fornecendo elementos para a identidade quilombola e, ao mesmo tempo, a presença de dois grupos étnico-raciais, um com o qual ele se identifica.

Quanto a uma estética que valorize a questão da África e do fato de ser negro, Hefaisto ressalta que já vivenciou outros fazerem trancinha nos cabelos e que acha “bacana” usar trancinhas, mas só para os rapazes. Para as mulheres, ele acha horrível, sendo que gosta de garotas que usam o cabelo liso. Já quanto às vestimentas, destaca que já teve uma camiseta branca que representava os negros, tendo estampada uma pessoa negra, com umas poesias sobre os negros. Hefaisto lembra que comprou essa camiseta num *shopping* e que poderia ter comprado uma camiseta das marcas Nike ou Adidas, mas que preferiu comprar a camiseta com a estamparia que remete à questão do negro. Diz que gostaria de ter outras roupas com esse estilo.

Verifico aí como o sujeito aciona as múltiplas identidades que o constituem. A escolha por uma estética não negra, nos cabelos femininos (o alisamento), não joga o sujeito, necessariamente, à opção pelas grifes, às quais são ícones da sociedade de consumo. O sujeito fragmentado, ora faz uma escolha, ora faz outra, sem condição de necessidade entre as escolhas: é o jogo das identidades. Essa não existência da necessidade das opções é a evidência de que o rizoma contém a possibilidade de inserções daquilo que é heterogêneo, múltiplo, e atua em conexões descentradas. Isso, no caso dessa pesquisa, diz respeito à inserção dos jovens do Quilombo dos Alpes no duelo ético-estético. Vale lembrar, aqui, que participar do duelo ético-estético é jogar o jogo das identidades e que as contradições estão tanto na sociedade quanto na cabeça dos sujeitos. É a existência das contradições

atuantes, no entanto, que possibilita a construção de novas configurações, onde o corpo vibrátil se realiza, pois essa realização é a expressão do que lhe afeta.

Hefaisto e a Linha de Fuga

Hefaisto tem vivência com pessoas que usam álcool de forma abusiva e consomem drogas. Ele afirma que essas pessoas são avisadas de que esse consumo é ruim, mas que não adianta porque, mesmo assim, continuam usando. Acredita que o que falta é eles terem capacidade e força de vontade de pararem. Para Hefaisto, a principal mudança que esse consumo traz é que ele ocorre na frente das crianças, que crescem vendo o consumo. Ele expressa preocupação e elabora um juízo frente a esse fato, ou seja, a exposição das crianças ao consumo de drogas:

É, me preocupo... às vezes falam disso. Ai eu falo com uns amigo meu que... Então, voltando, de segunda a segunda, não vou dizer que é de domingo em domingo, mas de segunda a segunda, bebendo... Aqui é de segunda em segunda... E tem uns aí que fumam e faz isso, faz aquilo, e as criança vendo. Eu acho errada a parte dele, que eles faz... Ou faz em outro lugar, sem as criança ver... Mas não tão nem aí se tem criança, ou não tem... Eu acho errado isso aí...

Portanto, tem-se uma nítida expressão de juízo, no sentido de que é um pensamento elaborado por um sujeito, mas que se dirige ao todo social. No caso, tem-se a preocupação de Hefaisto com as crianças, preocupação que ele expressou ao longo da entrevista. Ao mesmo tempo, não há dentro do Quilombo dos Alpes uma autenticidade coerente e contínua. O que quero dizer é que, em relação ao uso de drogas, nem todos têm o mesmo pensamento nem a mesma ação.

Hefaisto diz participar das vivências de reuniões de fim de semana, no próprio Quilombo dos Alpes, quando seus moradores se reúnem para se divertirem - por exemplo, nos churrascos. O que mais lhe chama atenção e que gosta é:

Ah... o que eu acho assim é que todo mundo se reuni, fazendo festa, os outros, conversando, trocando uma ideia, vendo o que tem pra fazer, o que não tem pra fazer, vendo criança correndo, brincando, curtindo entre eles. Os adulto tudo ali, tudo feliz, vendo as criança brincando. É isso eu acho...

Destaco a expressão de Hefaisto, a respeito do Quilombo dos Alpes como lugar construído num estar-junto comunitário, de acolhida entre seus membros, de tranquilidade e de um estar à toa. Esses elementos vão contribuindo com um senso de pertencimento entre a população que, pelo cotidiano, reforça o sentimento de identidade do grupo e constitui o quilombo como território, pois espaço de pertencimento.

Hefaisto já vivenciou a capoeira, em aulas das quais participou, sendo que o que mais gostou foi aprender a fazer alguns movimentos que não conhecia. Ele acha que a capoeira é algo bom, tanto para os adultos, quanto para as pessoas pequenas e para as crianças de rua.

Hefaisto expressa que gosta de morar no Quilombo dos Alpes “porque é bom”. Sua explicação do porque é bom é a seguinte:

Ah... Aqui não tem nada. O que tem aqui é as pessoas, os conhecidos. Se eu não conheço, vou acabar me envolvendo com as pessoas erradas lá. Me envolver com as pessoas erradas que eu nem conheço. E aí, como se diz... passo pelos outros.

Hefaisto identifica que, no Quilombo dos Alpes, cada um ajuda ao outro e diz que ele tem a vivência desse ajudar-se, uns aos outros. Cita, como exemplo, a nova sede da Associação Quilombola Dona Edwirges, lembrando que ajudou na construção do telhado. Percebo, então, o Quilombo dos Alpes como lugar, em que o pertencimento àquele território se alimenta da solidariedade e dos laços afetivos, sendo que o principal capital são as pessoas.

Em relação aos assassinatos de Joelma da Silva Ellias e de Volmir da Silva Ellias, Hefaisto vivenciou o acontecimento. Disse que foi errado o que foi feito, que foi triste para a família, mas que teve justiça. Ele, entretanto, não identifica mudanças no quilombo, depois do ocorrido. Logo, o Quilombo dos Alpes é lugar,

como salientei anteriormente, mas é também território, cujas disputas de poder, pela posse do mesmo, resultaram nas mortes citadas.

Em Hefaisto, interpreto que as questões relacionadas às crianças constituem o principal afeto que pediu passagem, ao longo da entrevista, ou seja, aquilo que toca seu corpo vibrátil.

Linha Molar	Não tem vivências.
Linha Molecular	Não tem vivência do Movimento Negro, mas gostaria de conhecer. Apresenta-se com seu grupo de <i>Hip Hop</i> , onde aprendeu a não ser mais brabo. Gostaria de conhecer outros quilombos. Sobre a identidade quilombola, afirma que nem todo mundo sabe o que é um quilombo. Estética negra: gosta de trancinhas só nos rapazes; nas gurias, acha bonito o cabelo liso. Já teve uma camiseta com estampa que remetia à afrodescendência e gostaria de ter mais roupas nesse estilo.
Linha de Fuga	Vivencia o consumo de álcool e drogas ilícitas e acha errado que isso seja feito na frente das crianças. Gosta das reuniões de fim de semana, porque diz que as pessoas ficam conversando e compartilhando um momento de estar “à toa”. Capoeira: gosta do movimento. Reconhece, como o lado bom do quilombo, o fato de as pessoas se ajudarem. Diz que as mortes representam algo triste, mas afirma que houve justiça.

Quadro 5: Síntese Hefaisto

Fonte: Gisele Santos Laitano

4.2.3.7 Entrevista com Ilyana, a socialista



“[...] porque eu não tenho a cor negra”

A entrevista com Ilyana (27 anos) aconteceu no dia 13 de dezembro de 2011.

Em relação aos aspectos da linha molar, na sua vivência, Ilyana reconhece que o INCRA foi importante no processo de reconhecimento do Quilombo dos Alpes. Para ela, o INCRA constitui-se num órgão político, sendo que foi a partir dos estudos desse órgão que eles se descobriram quilombolas. Ela, entretanto, acredita que há muito o que melhorar na ação do INCRA, em especial, no que diz respeito à agilização e rapidez do processo de titularização dos quilombos. Interpreto, neste

aspecto, a presença da linha molar (quanto à ação do INCRA), reforçando a linha molecular (o ser quilombola).

Ilyana acredita que a maior transformação que pode advir dessa agilização do INCRA são ações de políticas públicas, em especial, para os jovens. Ela avalia que, para os jovens do quilombo, há muita dispersão, no sentido de que falta a parte cultural. Embora reconheça que as famílias têm uma responsabilidade, ela acha que o governo deveria propor políticas públicas para os jovens que estão entrando nas drogas, “porque essa é uma realidade muito presente nos quilombos”. Verifico, então, que a linha molar (a ação do INCRA) se roça com a linha de morte (uso de drogas).

Ilyana entende que existe uma diferença nas ações dos diferentes governos, no que diz respeito à questão dos quilombos. Destaca o governo Lula⁷⁸, como o marco na abertura para o reconhecimento das áreas quilombolas. Avalia que “governos de direita vão em outra direção”.

Ilyana construiu esse pensamento, a partir de sua militância política no Partido dos Trabalhadores (PT), onde atua desde os 16 anos. Lembra que, desde pequena, achava errado que algumas pessoas tinham acesso a muitos bens materiais e outras não. Duas pessoas foram importantes referências de Ilyana nessa questão: seu avô e Saraí⁷⁹.

Ela conta que Saraí foi sua segunda mãe, tendo morado um grande período com ela. Foi a partir da vivência com Saraí, que foi vereadora em Porto Alegre pelo PT, que Ilyana começou a ver o quanto a luta política e a própria noção da política são importantes para a vida. Considera que Saraí foi um marco da sua noção política e que também buscou muita coisa por conta, como a filiação ao PT e as leituras que fez de Marx, Lenin, Olga Benário, etc. Salaria que, mesmo que tenha buscado muita coisa por sua própria conta, essa caminhada não foi feita sozinha, mas tendo Saraí como marco.

Verifico aí o quanto a linha molar é a linha que remete a tudo que é bem planejado e definido, ao institucionalizado e que remete à macropolítica, a qual é captada pelo olhar retilíneo; mas também tenho claro que essa linha não atua sozinha, mas em mistura com as outras duas (a linha molecular e a linha de fuga).

⁷⁸ O governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi de 2003 a 2010, sendo o 27º do período de Governo Republicano. (PLANALTO, 2012)

⁷⁹ Nome real.

Ilyana e a Linha Molecular

Ilyana tem a vivência do Movimento Negro, através de sua participação em diferentes momentos, mas sua participação não é orgânica⁸⁰.

Participou dos protestos pela política de cotas para os afrodescendentes, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), já que entende que a maioria dos negros não está na faculdade e que esse contexto decorre da história.

Ilyana relata sua participação no Encontro Nacional da Juventude Negra, pois declara que vem de uma família negra e que se autoidentifica, não pela cor da pele, que não é negra, mas pelos vínculos familiares, já que sua mãe é negra e o pai ela não conhece, mas parece que seus avós paternos teriam vindo da Alemanha. Ressalta que não é só o convívio com a família da mãe que a ajudou ter esse pensamento, mas também a consciência sobre a desigualdade racial e os preconceitos:

Mesmo não sendo negra, eu me considero sim, eu tenho sangue negro,... minha família, minha mãe... E o meu pai né, que era branco, e que me deu essa cor, a cor do olho, a cor da pele [...] Então eu tenho essas duas mistura. Mas eu sempre puxo pelo lado da questão racial.

Relata que, no processo para ser delegada no Encontro Nacional da Juventude Negra, alguns participantes não a aceitaram para representá-los, em função de a cor da pele não ser negra e escolheram outra pessoa, com a pele mais escura:

Então pra mim é difícil, pra mim às vezes é difícil... Então como eu tenho noção do que eu quero, minha ideologia é essa, é lutar pelas classes, seja qual for. Então pra mim é difícil de algumas pessoas entra dentro, de as pessoas me aceitarem que eu participe desse movimento, porque eu não tenho a cor negra. Eu não acredito que isso seja uma forma de racismo, mas uma forma de as pessoas não entenderem qual é a noção da minha política, o que eu defendo.

⁸⁰ O sentido é da participação engajada na construção do movimento social.

Ilyana vê como a principal possibilidade de transformação, a partir da sua participação no Movimento Negro, o fato de que aprendeu muita coisa sobre a questão do preconceito racial, inclusive aprendeu a lidar com as situações de preconceito. Aponta, como o lado negativo desse movimento, o fato de não a aceitarem, porque tem a pele mais clara. Apresenta, então, a sua visão, a partir da qual pode ocorrer uma diminuição do racismo:

[...] eu acho que construí ... as pessoas não serem mais racistas, não terem mais preconceito. Eu acho que tem que ser independente de pele, de cor, de raça, independente de construir com quais pessoas. É conscientizar, eu acho é isso.

Interpreto, neste ponto, a construção de relações sociais pautadas pelo conceito de raça e pelas linhas de cor, embora a raça seja um conceito banido do conhecimento científico contemporâneo. Ilyana não tem, no seu corpo, a cor considerada suficiente para ser delegada num fórum de discussão do Movimento Negro. Os olhares de certos participantes do Movimento Negro sobre o seu corpo não o identificam como um corpo suficientemente racializado para os representar. Isto é evidência de que os grupos sociais que tiveram a cor da pele como marcadores sociais acabam, não raras vezes, tomando categorias dos dominadores e usando-as.

Ilyana é atravessada pela fragmentação da identidade; pelos seus laços afetivos e por suas vivências, ela se identifica com os negros, mas não tem esse reconhecimento pleno dentro do Movimento Negro. Ela aciona a identidade negra, não pela cor da pele, mas pelos vínculos construídos ao longo da sua existência, inclusive vínculos com a cor da pele negra. A moradora associa esses vínculos com o que chama de sua ideologia e sua política (elementos que ela aciona da linha molar), expressando no corpo que se insere no duelo ético-estético o chamado humanismo não racial; logo, o negro não é raça, o negro é ser. Tem-se aí a evidência do sujeito pós-moderno.

Em relação às festas *black*, Ilyana prefere *pop rock*⁸¹ e alguns pagodes. Teve a vivência do Carnaval com seu avô, já que passou boa parte da sua infância com ele. Ilyana relata que vivenciou muito o Carnaval com o avô, pois ele foi vice-presidente da Escola de Samba Figueira. O avô de Ilyana também era Pai de Santo. Então, ela teve tanto a vivência do Carnaval quanto da religião de matriz africana, que são duas fontes das origens culturais dos negros no Brasil.

Quanto à questão religiosa, Ilyana não segue a religião de matriz africana, embora tivesse sido desejo do seu avô. Ela afirma, porém, que respeita muito e entende que deve ser respeitado, porque “na questão religiosa, tem muito preconceito porque é uma religião de origem negra”. Esse seu pensamento sobre a questão das religiões de matriz africana vem do fato de que Ilyana sempre quis ser professora de História, querendo saber o porquê as coisas são do jeito que são no presente e cuja explicação encontra-se no passado. Então, ela estudou a questão da religião católica, no Brasil, e o quanto essa religião impedia os negros, tanto de frequentarem as igrejas, quanto de não seguirem os seus costumes, a sua cultura ou a sua religião. Igualmente, passou a ter compreensão do quanto todo esse processo foi perpassado por violência. Relaciona essa violência passada com a violência atual que existe nas áreas de periferia urbana, onde os jovens - a maioria formada por negros - são massacrados com as drogas. Então, o que ocorre hoje é consequência desse passado. Nesse ponto, Ilyana se declara “[...] pela questão de igualdade. Eu sou a favor do socialismo. É uma utopia, mas eu sou a favor do socialismo, de que todo mundo tenha [...]”.

Compreendo aí que Ilyana adiciona, aos seus dispositivos identitários, a dimensão da política como uma dimensão de sua identidade. Isso ocorre de tal forma que esses diversos dispositivos não entram em choque, mas são acionados conforme os contextos nos quais Ilyana se encontra. O que quero dizer é que, em Ilyana, há fortes marcos do hibridismo cultural. Socialismo, participações políticas, carnaval, religiosidade de matriz africana, *pop rock* e pagode são dispositivos identitários, citados por ela, a partir dos quais os contatos estabelecidos apontam para o surgimento de novas configurações de subjetividades, que não são marcadas por essências excludentes, mas, sim, por uma negociação e por um jogo das identidades. O sujeito aciona aquela que mais lhe convém, em função dos

⁸¹ *Pop Rock* é um subgênero da música rock, contém um estilo popular, com atitudes mais calmas e um som suave. (POPROCK, 2012)

momentos e contextos onde estiver inserido. Trata-se de facetas do duelo ético-estético, que apontam para novas conexões.

Quanto à identidade quilombola, Ilyana vivencia com muito orgulho, embora reconheça que existem muitas pessoas que não têm noção do quanto é importante esse reconhecimento. Na comunidade dos Alpes⁸², ouvia referências ao pessoal do quilombo, de forma preconceituosa. Lembra que eram chamados de “negrada do cantão”, sendo que muitos achavam um absurdo esse processo de reconhecimento. Para Ilyana, o reconhecimento do território do Quilombo dos Alpes, em seus 114 hectares, foi como “[...]bater na cara de muita gente, sem violência [...]”.

Ilyana começou a se dar conta dessa identidade quilombola, a partir da ação do INCRA e da construção da Associação Quilombola Dona Edwirges, no sentido que, nesse momento, houve um forte movimento político. Para ela, isso foi importante porque considera que uma coisa é sair do seu espaço para fazer política (que é o que ela fazia e faz), outra coisa é “[...] ter um espaço onde tu possa fazer, e que tu possa construir junto com a tua comunidade, principalmente com teus próprios familiares, é maravilhoso, foi maravilhoso [...]”. Mais uma vez, as linhas, molar e molecular, se misturam. Essa mistura se reflete na autoestima dos sujeitos, evidenciando um Nós (os *insiders*), constituinte de uma identidade étnico-racial.

Quanto às questões estéticas, Ilyana afirma que, pessoalmente, não dá muita importância. Usando seu cabelo às vezes alisado, noutras, crespo. Acredita que usar o cabelo crespo é uma forma de assumir que cabelo crespo é bonito e que toda essa questão estética vem da mídia, que vai impondo uma forma de beleza (a pessoa tem que ser alta, loira, magra). Ela entende, contudo, que ninguém vai estar deixando de se assumir como negro, caso não esteja usando uma roupa cuja estética seja a negra. Neste caso, interpreto mais uma faceta do jogo das identidades, no qual os jovens estão inseridos: as identidades vão sendo negociadas e acionadas no cotidiano, de tal forma que há uma sobreposição das identidades, característica do duelo ético-estético.

Para ela, a principal transformação que ocorre a partir dessa reflexão sobre estética é na autoestima, no sentido da:

⁸² Referência aos lotes dispostos ao longo da Estrada dos Alpes.

[...] auto-estima das pessoas, né? Tu ser reconhecida pelo que tu é; tu ser respeitada, independente de qualquer coisa, do jeito que tu é, tu ser respeitada, não importa o teu tipo de cabelo, o jeito que tu se veste, as coisas assim. O jeito que é o teu cabelo, a roupa que tu usa, o que tu vai comprar. Acho que tem que ser respeitado. Se tu é magro, se tu é gordo, se tu...

Logo, a inserção de Ilyana no duelo ético-estético evidencia o quanto ela joga o jogo das identidades, acionando vivências e juízos, perpassados pelos pertencimentos étnico-raciais e por várias questões advindas desse pertencimento.

Ilyana e a Linha de Fuga

Quanto às vivências relacionadas ao uso abusivo de álcool e ao uso de drogas dentro do(s) quilombo(s), Ilyana afirma que esse é um dos principais motivos pelos quais ela faz militância na Juventude do PT. Compreende que o governo é feito de partidos e que seu partido está no poder, tanto no nível federal quanto no nível estadual e que é nesses espaços que são construídas as políticas públicas. No caso da juventude que milita, ela analisa que existem muitos estudantes de faculdade que desconhecem a realidade das favelas, das áreas de periferia ou das comunidades quilombolas. Então, ela trava uma discussão com esses estudantes, a fim de lhes mostrar essa realidade.

Para ela, as drogas atingem mais os jovens do sexo masculino. A moradora contou, inclusive, já ter sido roubada, na sua própria casa, por parte de parentes envolvidos com drogas. Ilyana afirma que, quando isso acontece, se fica com muita raiva, mas diz ter o entendimento de que as políticas públicas deveriam se dirigir para esse foco, a fim de ocupar os jovens, porque “[...] isso é uma praga essa questão das drogas. E isso dói muito. É uma das coisas que eu mais luto [...]”. Analisa-se, nesse ponto da entrevista, que as políticas públicas, enquanto ação do Estado (linha molar), devem ser produzidas a partir daquilo que é molecular. Daí a importância que passa a ter o diálogo partidário, em que Ilyana marca a posição do discurso de um grupo (sua comunidade do Quilombo dos Alpes e demais periferias urbanas – enquanto um Nós) junto aos “estudantes de faculdade” (o Outro).

Ilyana identifica que a principal transformação em uma pessoa que usa drogas é que ela já não é mais aquela pessoa que se conhecia. Quando reflete

sobre o que levou tal pessoa a seguir esse caminho, analisa a falta de expectativas e de oportunidades que inexistem para a pessoa dar outro sentido à sua existência. Ela também faz referência às pessoas que acabam sendo vítimas da violência, em função das drogas e que não têm relação com as drogas. É o caso do seu irmão, que foi morto com um tiro na cabeça, à queima roupa, por um cara drogado que estava atrás de uma pessoa: “Então aí a gente dá mais importância, a gente quer lutar contra isso, né?”

Quanto à ocorrência de doença mental, no Quilombo dos Alpes, Ilyana relembrou o caso de Maria Bonita, que ela conheceu quando tinha sete anos de idade. Maria Bonita era formada professor, numa época em que ser professora era mais valorizado. Como Maria Bonita era professora, negra e tinha ficado louca, Ilyana sempre se interessou em saber o que lhe tinha acontecido, ou seja, qual a origem da loucura que a tinha acometido.

Ilyana lembra que Maria Bonita:

[...] era completamente louca assim: ela saía na rua de pé descalço, ela não tomava banho, ela só pedia cigarro, cigarro... Cigarrinho, cigarrinho... Eu só me lembro dela no cigarrinho... Cigarrinho, cigarrinho... Ela descia de lá de cima até aqui, catando bagana de cigarro. E ela via uma pessoa com cigarro na mão, ela pedia cigarro. E eu já conhecia ela assim, eu só me lembro dela assim [...]

Muitas foram as explicações que Ilyana ouviu sobre as causas da loucura de Maria Bonita. Disse, no entanto, que, de todas as histórias que ouviu, a que lhe parece a mais sensata é que ela era abusada sexualmente por um parente e queria ficar noiva. “Daí, ela ficou louca”. Interpreto, então, que, no quilombo, há um microcosmo das dores, tristezas, devaneios e perversidades que constituem a existência humana.

As vivências de Ilyana sobre a roda de samba e os churrascos, nos finais de semana em casa, são perpassadas por lembranças boas e más. Ela afirma que gosta do fato de que “por qualquer coisa”, há o costume de se reunirem e fazerem um churrasco. Ilyana diz que, sempre que pode ou é convidada, participa. As pessoas presentes nesses eventos, segundo ela, são parentes, amigos ou

convidados, sendo que: “É bom, principalmente porque é um momento da gente se reuni, não que a gente não se reunisse antes, mas eu acho assim oh, vêm da questão verem de tu gostar de ta com a pessoa. Mas é uma coisa legal [...]”

Ela lembra ainda que não dá pra reunir todo mundo, só os parentes mais próximos, pois só a sua avó teve 16 filhos. Ressalta, porém, que nem todos os seus descendentes moram no quilombo.

Ilyana também aponta o lado negativo de tais reuniões, que, segundo ela, são as brigas que acontecem por causa da bebida. “Inclusive, tinha uma época que sempre que se reuniam ocorria briga, mas agora está mais calmo, desde a morte de um do quilombo, que teve uma complicação por causa de um ferimento na cabeça em função duma briga num churrasco”.

Neste caso, fica claro que o Quilombo dos Alpes não é um espaço idílico; ao contrário, é um território onde ocorre uma série de negociações internas, mas, ao mesmo tempo, vai sendo verificada a construção de uma identidade, que busca por positivities, em inter-relação com o espaço. As recordações boas evidenciam o lugar, enquanto um estar-junto, marcado por um bem querer entre as pessoas. As lembranças ruins mostram o quanto a linha de fuga pode ser rompida e se transformar em linha de morte. Quanto às mortes de Joelma da Silva Ellias e Volmir da Silva Ellias, Ilyana afirma que “foi muito horrível” e, também, que foi logo depois da morte de seu irmão. Ilyana relembra Joelma e as causas das mortes:

Eles eram pessoas muito queridas. Apesar da gente não ter o mesmo sobrenome, a gente era da mesma família, porque eu vivia na casa da Joelma, que foi uma que mataram. A gente vivia lá. Pra mim, foi muito horrível. Não foi simplesmente uma pessoa que eu conhecia, era uma pessoa querida, e eu chorei muito assim, foi muito horrível, foi uma covardia total. E foi assim... o racismo estampado na cara, sabe? Todo mundo dizia que não tinha isso, que não tinha esse preconceito, e aí apareceu isso, da forma mais trágica que teve da vida, né? De que foram as duas mortes que, pra mim, foram horrível.

Ilyana aponta que a principal transformação que ocorreu, após as mortes, foi a desmotivação e o enfraquecimento político do Quilombo dos Alpes, porque eles estavam com muitos projetos. O abalo foi muito grande e eles ficaram receosos de

que pudesse ocorrer de novo porque “foi uma coisa totalmente inesperada”, disse ela.

Mesmo com as mortes, Ilyana acredita que houve justiça, mas que essa só aconteceu a partir da movimentação da comunidade, junto à Secretaria dos Direitos Humanos. Então, segundo ela, a atenção dada foi em função de se tratar de área quilombola. Caso não fosse área quilombola, Ilyana acredita que não teriam ido atrás do assassino. Assim, fica ressaltada a linha molar, em enredamento com a linha de morte; no caso, a linha de morte (os assassinatos) enfraqueceu politicamente o quilombo, tanto no aspecto molar (luta pela titularização) quanto no aspecto molecular (desmotivação na política cotidiana, que pensa projetos), mas que, de certa forma, impulsionou a comunidade pela busca de justiça (molar); ou seja, o rizoma tomou a frente e se inseriu no mundo molar para realizar justiça.

Ilyana tem grandes expectativas em relação ao quilombo, porque acredita na realização de projetos, para as crianças e para os jovens, a fim de criar outras possibilidades para esses segmentos sociais:

Ah, eu chego a sonhar acordada com a minha cabeça assim, de que teria uma creche, vários projetos, assim... pra questão dos jovens. E a creche, nisso, pra criá os jovens conscientes, sem a expectativa de ser drogado, preparação pra eles, pros jovens ter essa questão de políticas públicas direcionadas para o quilombo.

A linha de morte enfraquece a linha molecular, enquanto a linha molar, marcada pelas instituições, se movimenta lentamente para a realização da justiça, que só corre em função de um contexto político. Como consequência, o rizoma se imobiliza (descrenças, medos, desamparos). Aos poucos, suas hastes e filamentos se abrem para deixar passar a vida novamente em busca de novas conexões, que é o que lhe movimenta, evidenciando um espaço aberto para o futuro, que se alimenta, entre outras coisas, pelo duelo ético-estético onde os jovens do Quilombo dos Alpes jogam o jogo das identidades. É o corpo vibrátil, expressando o que lhe afeta e o que lhe é bloqueado.

Linha Molar	<p>Entende que o INCRA foi importante no processo de reconhecimento, mas pensa que se trata de um órgão político, que deveria ser mais ágil e rápido. Diz que agilização do processo de titularização trará benefícios aos jovens do quilombo.</p> <p>Reconhece o governo Lula como um marco no reconhecimento das áreas quilombolas.</p> <p>É militante política.</p>
Linha Molecular	<p>Participa, de forma não orgânica, do Movimento Negro.</p> <p>Se auto-identifica como negra e quilombola não pela cor da pele, mas pelos vínculos existenciais.</p> <p>No Movimento Negro, aprendeu muito sobre o racismo, embora setores desse movimento não considerem a cor da sua pele suficientemente negra para representá-los.</p> <p>Teve vivências do Carnaval e da religião de matriz africana. Afirma que essa religião sofre preconceito, porque é de origem negra.</p> <p>Relaciona violência atual das periferias urbanas com a violência histórica sofrida pelos negros.</p> <p>É socialista.</p> <p>Gosta de pagode e <i>pop rock</i>.</p> <p>Tem orgulho de ser quilombola.</p> <p>Usa cabelo crespo ou liso, mas reconhece que a mídia impõe um modelo de beleza.</p>
Linha de Fuga	<p>O uso de álcool/ drogas entre os jovens é um dos motivos pelos quais faz militância política.</p> <p>Afirma que as drogas geram violência, que atinge, inclusive, quem não é envolvido com drogas, como seu irmão que foi morto.</p> <p>Buscou explicação para a loucura de Maria Bonita.</p> <p>Acredita que o lado bom dos churrascos de final de semana é a reunião e a possibilidade de ficar perto de quem se gosta. “O lado ruim é quando há brigas, devido à bebida”.</p> <p>Mortes: considera “horível” e diz que levou desmotivação política e gerou o medo de que ocorresse novamente. Diz que houve justiça, porque era área quilombola.</p>

Quadro 6: Síntese Ilyana

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.8 Entrevista com Alcebíades, o moicano

“Conversá, pra fazê a gente se abrir e não ter vergonha”

A entrevista com Alcebíades (19 anos) ocorreu no dia 15 de dezembro de 2011.

Alcebíades expressou pouco conhecimento nas questões relacionadas à linha molar, seja em relação ao INCRA ou ao(s) governo(s). A única ação do governo que ele identificou foi em relação aos cursos que fez e, mesmo assim, esses cursos não ocorreram dentro do quilombo e, sim, na Vila Cruzeiro do Sul, que fica próxima, mas requer deslocamento com transporte público. Os cursos foram de Informática, de Matemática e de História. Ele disse que “foi bom fazer os cursos” e que faria outros, se fossem oferecidos. Alcebíades tem algumas lembranças de coisas boas nos cursos. Uma delas é que, nos cursos, os alunos tinham que “Conversá, pra fazê a gente se abrir e não ter vergonha”. Assim, considero que, mesmo de forma tênue, a fala de Alcebíades evidencia um emaranhamento daquilo que é molar (os cursos oferecidos pelo governo) com posturas cotidianas do sujeito, que remetem à linha molecular. Os emaranhamentos das linhas molar, molecular e de fuga são independentes da sua expressão consciente: somos feitos individual e socialmente de linhas.

Em relação ao curso de História, Alcebíades lembra que os assuntos abordados eram sobre os quilombos e os antepassados, e que gostou disso. Ele, entretanto, não identifica nenhuma mudança para si próprio, após esses cursos, mas, ao mesmo tempo, acredita que pode haver mudança, com a realização de alguma atividade prática, como plantar e capinar. Alcebíades lembra que, inclusive, já teve essa iniciativa de plantarem no quilombo, mas diz que, com o tempo, ela estagnou.

Alcebíades e a Linha Molecular

Alcebíades não tem vivência relacionada ao Movimento Negro, pois nunca ouviu falar desse movimento. Ele afirma também que não gosta muito de festas,

mas que, às vezes, participava, quando elas ocorriam no quilombo⁸³, em especial quando “vinham convidados de fora”. Alcebíades lembra que esses convidados faziam reuniões, dizendo que iriam mandar cursos para eles no quilombo. Alcebíades participou dessas reuniões; porém não identifica nenhuma transformação, a partir disso.

Quanto à identidade quilombola, Alcebíades diz que gosta e que conta que é do quilombo, pois se sente bem com isso. Apesar disso, quando questionado, não consegue explicar o porquê. Ele diz que as pessoas que não são do quilombo não conhecem como é o quilombo, mas que muitos têm curiosidade de conhecer. Ele ressalta que sempre diz que “no quilombo é bom”. Percebo aí a potencialidade de um agenciamento positivo, presente na identidade quilombola, a qual está em construção. Tal agenciamento está permeado de um senso de pertencimento, de orgulho e de um bem-querer, relacionado ao quilombo, evidenciando que o mesmo é território e lugar, no sentido conceitual que se apresentou no referencial teórico dessa pesquisa.

Para Alcebíades, a mudança dele, com sua mãe e irmã, da parte de baixo do quilombo, no início da Estrada dos Alpes⁸⁴, para a parte de cima (no principal núcleo de moradias do quilombo) foi importante, pois aí ele diz ter ficado sabendo que ele era quilombola. Mesmo que Alcebíades afirme que essa mudança foi boa, ele ainda não identifica nenhuma transformação significativa, em relação ao fato de dizer que é quilombola. Ele também não consegue precisar seu parentesco com Dona Edwignes, embora reconheça que todos são meio parentes entre si no Quilombo dos Alpes. Analiso que existe uma estratégia de ocupação do território do quilombo, com alguns deslocamentos de moradia⁸⁵.

Alcebíades relata que é bom usar penteados que remetem a uma lembrança da África ou de ser negro, pois “a aparência fica boa”. Ele disse que já usou cabelos com trancinha e, na época da pesquisa, estava usando o tipo moicano. Seu objetivo,

⁸³ Aqui a referência é ao passado, porque Alcebíades faz alusão à antiga sede da Associação Quilombola Dona Edwignes, que era construída de pau a pique e acabou não resistindo às intempéries.

⁸⁴ Essa mudança foi de uma área de propriedades privadas, que existe encravada no território do Quilombo dos Alpes, a qual se localiza na forma de lotes ao longo da Estrada dos Alpes, e que será desmembrada do quilombo, quando na finalização do processo de titularização.

⁸⁵ Em outra entrevista, foi relatado que o pai de Alcebíades acabou morrendo de uma doença que teria se desenvolvido após uma briga, num churrasco de família, na parte de baixo do quilombo, ou seja, no início da Estrada dos Alpes; fato que também motivou a mudança dessa família para a parte de cima do quilombo.

ao usar esses tipos de cabelo, é “[...] pra fazer diferente... pra não ficar igual”. O mesmo acha das roupas que lembram a África ou se relacionam à condição de ser negro. Neste caso, disse que já viu e que acha legal, mas nunca usou, pois não é o seu estilo. Interpreto que a presença de uma estética negra é contribuinte do processo de construção de uma identidade quilombola entre seus jovens, demarcando as fronteiras entre o Nós e os Outros, a qual não é absoluta; ou seja, o sujeito, nesse processo, joga o jogo das identidades. Neste caso, se apropria do cabelo (no sentido de usar cortes de cabelo que valorizem a afrodescendência no seu corpo), mas não da roupa, embora reconheça ambos, como expressões de diferenciação dos sujeitos negros e quilombolas. Portanto, o jogo das identidades não fecha os sujeitos numa identidade, mas, ao contrário, permite que o sujeito exercite suas escolhas e expresse sua singularidade em abertura e acione os dispositivos de identidades existentes no mundo contemporâneo e que tal abertura é constituinte do duelo ético-estético.

Alcebíades e a Linha de Fuga

Alcebíades afirma que vivencia muito a existência do uso de álcool e de drogas no quilombo e no bairro e que acha muito ruim porque: “Ah tem tudo ... uma hora perde, ... mora na rua. E os parente já fogem ... já saem da volta. Por causa que ele rouba. Porque pra dar um prato de comida tem que dar na rua”.

Alcebíades diz que gosta da vivência das reuniões para se divertirem, com o churrasco no final de semana, momentos em que ficam escutando música. Gosta, mas nem sempre. Segundo ele, o que mais gosta é das conversas com as pessoas e da possibilidade de fazer amizades, seja dentro ou fora do quilombo. Identifico, então, a presença de laços construídos, a partir do compartilhamento estabelecido num território e num lugar, onde a comunicação e a socialidade são elementos importantes.

Em relação à capoeira, Alcebíades afirma que só fez uma vez e desistiu. Diz que conhece somente a ginga da capoeira, mas não conhece da onde ela surgiu, ou seja, sua história.

Quanto às relações que ocorrem dentro do Quilombo dos Alpes, Alcebíades afirma que algumas pessoas se relacionam bem e que outras se relacionam mal. “As que se relacionam mal é por causa do roubo ou brigas”. E o que acha mais

interessante é que eles se ajudam e se apóiam uns aos outros, “quando alguém fica mal ou precisa de ajuda”. Identifico aí a evidência de uma solidariedade na comunidade do Quilombo dos Alpes, a qual vai sendo tecida num território que se alimenta tanto dos vínculos de pertencimento quanto das relações estabelecidas pelo parentesco, pela vizinhança ou pela proximidade. São as dificuldades e as alegrias da vida, num estar-junto cotidiano, que embasam os vínculos criados e que são elementos de pertencimento, para os seus sujeitos.

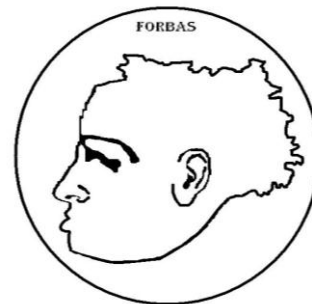
Em relação aos assassinatos de Joelma da Silva Ellias e Volmir da Silva Ellias, Alcebíades salienta que “foi muito mal”, mas diz que não vê nenhuma mudança no Quilombo dos Alpes, depois desse fato.

Enfim, interpreto que a fala de Alcebíades expressa uma série de valorizações para ações práticas, mas que ele identifica pouca ou nenhuma transformação, em especial nos aspectos da linha molar, sendo um juízo pragmático o grande orientador de seu pensamento.

Linha Molar	Pouco conhecimento do INCRA. Relata curso que fez na Vila Cruzeiro do Sul. Aponta que a mudança ocorreria, se fosse chamado para algum tipo de trabalho.
Linha Molecular	Nunca ouviu falar do Movimento Negro. Não gosta muito de festa, mas participava, quando tinha festa no quilombo. Diz que gosta do quilombo, mas não explica o porquê. Reconhece que muitas pessoas têm curiosidade de conhecer o quilombo. Ficou sabendo que era quilombola quando se mudou para a parte de cima do quilombo. Já usou cabelo com trancinhas; hoje usa moicano. Afirma gostar, por ser diferente. Aprova as roupas que valorizam a afrodescendência, mas não usa.
Linha de Fuga	Vivencia uso de álcool e de drogas. Gosta das conversas nas reuniões de final de semana. Da capoeira, só conhece a ginga. Afirma que as relações ruins, dentro do quilombo, ocorrem por causa de roubo ou brigas. “O que tem de bom no quilombo é que um ajuda o outro”. Mortes: diz que foi algo “ruim”, mas não relata mudanças, após as mesmas.

Quadro 7: Síntese Alcebíades

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.9 Entrevista com Forbas, o comedido

“Eu prefiro ver eles felizes, assim, mas que não bebam muito, né?”

A entrevista com Forbas (16 anos) foi feita no dia 15 de dezembro de 2011.

Em relação aos aspectos da linha molar questionados, Forbas não conhece, nem vivenciou ações do INCRA, dentro do Quilombo dos Alpes ou dos quilombos em geral. Já quando questionado sobre as ações do governo dentro do quilombo, Forbas elencou a horta; o caminhão que vai consertar as duas ruas de chão batido, quando as mesmas estiverem muito esburacadas por causa das chuvas; a instalação dos postes de luz; e os cursos que ocorreram no antigo galpão de pau a pique. Forbas identifica que, com essas ações, ocorreram melhorias dentro do quilombo, em especial a instalação dos postes de luz. Ele lembra que, antes, faltava muita luz e estragava muito os eletrodomésticos, já que a luz era toda junta (tem luz regularizada a menos de um ano no Quilombo dos Alpes). Forbas lembra que o governo disse que iria fazer uma pracinha para as crianças, mas que isso ainda não aconteceu. Ele também salienta que algumas pessoas do quilombo foram visitar o Quilombo dos Silva, mas que ele não pôde ir nesse dia e que também não ficou sabendo como é lá. É possível identificar, na sua fala, o elenco de ações de governo que possuem relação direta com o cotidiano de Forbas; logo, com suas vivências.

Forbas e a Linha Molecular

Forbas já ouviu falar sobre o Movimento Negro dentro do quilombo, mas nunca vivenciou, nem sabe o que esse movimento faz. Portanto, não tem como elaborar juízos.

Em relação às festas *black* que têm em Porto Alegre, Forbas conta que não é muito de sair. Diz que só foi “uma vez numa festa que era de *funk*” e que não gostou porque tinha muita briga. Afirma que prefere ficar escutando música em casa, onde geralmente ouve pagode. Ele relata que gosta do pagode porque presta atenção nas letras, as quais considera “muito boas, sendo que a maioria fala de amor”. Também ressalta que só ele gosta de pagode, na sua casa, onde ele mora com o pai e seu

irmão. Interpreto aí uma identidade que vai se alimentado de um estilo musical: o pagode.

Forbas relata que tem satisfação em dizer que é do quilombo, pois afirma achar bonito. Segundo ele, antes as pessoas não conheciam e agora está sendo mostrado mais o que eles conhecem, a cultura. Forbas conta que chegou nesse pensamento porque, antes, o quilombo aparecia só como um “monte de negro, hoje todo mundo pode participa, não só os negros... os brancos também, aí foi aprendendo a gostar, não tem nada de ruim. Tudo de bom viver em uma comunidade que tenha quilombo”.

Forbas diz que, quando conta que é do quilombo, as pessoas o tratam “normal” e que muitos perguntam se é legal de viver no quilombo. Forbas acha interessante mostrar o quilombo para aqueles que são de fora, porque ele pode “mostrar tudo de um lugar que ele conhece”. Lembra que já fez esse trabalho uma vez.

Interpreto que a identidade quilombola em formação traz o referencial da cor da pele, mas que a exclusividade dessa referência está sendo rompida. Esse rompimento tem sido verificado com as linhas de cor para o pertencimento ao território do Quilombo dos Alpes. Assim, a identidade vai se consolidando, na medida em que vai sendo contraposta a um Outro, os de fora, os que vão visitar ou querem conhecer o quilombo.

Forbas afirma que, a partir dos penteados que valorizam uma estética afrodescendente, é possível pensar que as pessoas estão menos racistas. “Antes tinha pessoa... assim que pegava e dizia: Ah, tu tá cortando o cabelo com jeito de negão, de preto”. Ele diz que esse tipo de reação está mudando, e ressalta que é interessante o fato de ter muitas pessoas usando o mesmo estilo. Verifico, então, uma estética nos cabelos que toma os espaços públicos, evidenciando uma série de jeitos e procedimentos, identificados pejorativamente como sendo de pessoas negras. O interessante, no entanto, é que esse aspecto, que tem sido fonte de estigma e depreciação, é retomado como signo de identidade positiva para o grupo, mostrando o elemento étnico-racial dessa identidade, tornando explícito o duelo ético-estético.

Quanto a roupas e vestimentas que lembrem uma estética negra, Forbas conta que teve essa vivência, tanto vendo outros usarem quanto usando camisetas diferenciadas, nesse sentido. Para ele, isso mostra que da sua parte não há nenhum

tipo de racismo, que pode se usar sem medo. Forbas diz que começou a usar camisetas assim porque viu outras pessoas usando: “legal porque é o modo das pessoas também, poder se expressar. Não se expressam com palavras, mas com o jeito que se veste”. Forbas acha que a roupa mostra muito isso e acredita que o que muda é que não tem nada demais no fato de a pessoa usar uma roupa assim. Interpreto aí a presença do ver e ser visto, como contribuinte da identidade. O corpo em seu movimento e tudo o que sobre ele é posto, assim como o modo como é posto carrega, em si, uma manifestação, uma expressão, em especial numa época de hedonismo; mas isso não é um fechamento, mas, sim, uma abertura a novas conexões.

Forbas e a Linha de Fuga

Forbas tem a vivência do uso abusivo do álcool, por parte do seu padastro, que bebia muito e batia na sua mãe. Este fato fez sua mãe ter ido embora e ele conta que foi algo muito difícil, porque agora ele mora só com o pai e um irmão e vai à casa da sua mãe só de visita, “e não é muito seguido”. Essa separação da mãe já tem cinco anos e ele afirma que sente muito a falta dela. Lembra que, no início, foi bem estranho, porque ela estava com ele todos os dias: “porque antes eu morava com ela, acordava todos os dias e ela tava ali”. Percebo aí o quanto um dos problemas é o fato de que o consumo de álcool vai cortando laços emocionais e se inserindo no cotidiano, sem um questionamento público maior, já que, oficialmente, é lícito.

Quanto a vivências de caso de loucura, Forbas relata o que está acontecendo com seu primo Meleagro⁸⁶. Diz que, antes de a doença se manifestar, “ele conversava e agora ele mudou muito, fica muito sozinho, caminhando”. Forbas tem esperança que, com o tratamento, ele melhore e volte a ser o que ele era.

Quanto à capoeira, Forbas diz conhecer “bem pouca coisa”. Sabe que tem ou tinha na escola, mas nunca participou. Segundo ele, uns conhecidos fazem capoeira, sendo que às vezes conversa com eles sobre a prática. Percebo, mais uma vez, que a capoeira é um dispositivo de identidade com potencial de agenciar os jovens, mas que acaba passando sem uma vivência.

⁸⁶ Meleagro é um jovem do Quilombo dos Alpes, de 15 anos, que foi diagnosticado como esquizofrênico.

Forbas conta que seu pai e outros parentes às vezes se reúnem para reuniões e churrascos de finais de semana. Nessas reuniões, fazem uma comida, bebem, conversam e escutam música. Forbas diz que o que mais gosta é de ver as pessoas unidas, pois, para ele, as festas são uma forma de as pessoas se aproximarem. “Quanto menos festa, mais as pessoas se afastam e param de se falar”. Forbas, contudo, adverte: “Eu prefiro ver eles felizes assim, mas não bebam muito né?”. Ele também destaca que fora do quilombo vê muita gente brigando. Avalio que as relações estabelecidas dentro do Quilombo dos Alpes, nos momentos de exceção, são marcadas por um convívio de união e camaradagem, e que isto é um importante elemento para a criação dos laços entre os membros, evidenciando a presença do lugar no cotidiano. Ao mesmo tempo, o que está fora do Quilombo dos Alpes é apresentado como marcado por violência.

Forbas conta que o que mais gosta do quilombo é o fato de que ali ele tem liberdade para poder caminhar pelo morro. Diz que dá para descansar e ficar relaxado, “sem a violência e os tiros de revólver que tem na vila lá de baixo, onde as pessoas têm que viver com medo”. Segundo ele, é difícil ter briga no quilombo, pois ele acha que as pessoas são bem unidas e que essa união vem do fato delas se conhecerem há muito tempo. Compreendo, mais uma vez, que a delimitação do espaço do Quilombo dos Alpes se caracteriza por relações internas perpassadas por união. Essa união deriva de uma proximidade física, tecida num cotidiano elaborado ao longo do tempo de permanência no morro.

Forbas relata, como exemplo desse jeito de ajudar uns aos outros, o fato que ocorreu quando ia ter uma invasão no quilombo. “Aí toda a comunidade se uniu e não deixou a invasão acontecer”. Ele lembra, ainda, de situações em que alguém vai reformar uma casa: “sempre tem uns ajudando aos outros, ou na horta”.

Forbas afirmou que ajudava, mas que deixou de ajudar porque esteve fazendo o tratamento de um câncer do tipo linfoma. Ele contou que ficou sabendo que estava com linfoma, quando trabalhava na confeitaria. Um dia, acordou com uma “bolota no pescoço”, que não sabia o que era. Então, foi até a casa da sua mãe e ela ficou preocupada. Foram em dois hospitais e, depois de uns dois meses, eles conseguiram consulta no Posto de Saúde. A médica o encaminhou diretamente para o Hospital Conceição, onde ele ficou internado e recebeu o diagnóstico de linfoma. Forbas conta que tinha terminado o tratamento havia um mês e que teria que fazer um controle mensal. A doença durou quase um ano. Durante esse período, ele ficou

morando com a sua mãe, fora do quilombo, porque, para ir até o Hospital Conceição, precisava pegar apenas um ônibus. Depois que melhorou, ele voltou a morar no quilombo. Diz que todos do quilombo perguntam se ele está melhor. As principais transformações que Forbas vivenciou, depois da doença, é que os médicos falaram que ele não pode beber, nem fumar, mas que isso não é problema. Ele conta que teve que deixar de jogar futebol e considera que aprendeu a ser mais forte. Refere que sempre via casos de doenças acontecendo com os outros e que, quando aconteceu com ele, ele viu que não era fácil. Nesse relato de Forbas, carregado de emoção, compreendo as dificuldades do acesso aos serviços de saúde, as motivações das escolhas dos locais de moradia, bem como os impedimentos das atividades e a presença da possibilidade da morte para o jovem. Essas emoções são amparadas na solidariedade, que Forbas expressou, ao dizer que todos perguntam como ele está, e na saudade da mãe que não mora mais no Quilombo dos Alpes.

Quando ocorreram os assassinatos de Joelma e Volmir, ele estava passando um tempo na casa de uma tia, fora do quilombo. Seu pai lhe telefonou, contando o fato. Ele pensou que não podia ser verdade, mas, depois, viu na televisão. Forbas acha que foi uma covardia, pois lhe contaram que um foi morto pelas costas. Segundo ele, a principal mudança foi que, depois das mortes, a comunidade do quilombo começou a se unir mais e entendeu que não podia ficar brigando.

Interpreto que Forbas finalizou a entrevista com a expressão do seu corpo vibrátil, com os afetos que passam, os mundos que são desconstruídos - o seu individual, com sua doença; as mortes de Joelma e Volmir. Ao mesmo tempo, sua fala alinhava os fatos através da união existente no Quilombo dos Alpes.

Linha Molar	Como ações dessa linha, reconhece a horta, o caminhão que aplana as ruas de chão batido, a luz elétrica, os cursos que fez.
Linha Molecular	Já ouviu falar sobre o Movimento Negro, mas não sabe como ele atua. Não sai muito em festas fora do quilombo. Escuta música em casa (pagode). Acha legal mostrar o quilombo pra quem é de fora. Afirma que os cabelos que valorizam a afrodescendência mostram que as pessoas estão menos racistas. Já usou camiseta em estilo afro. Acha que é uma forma de expressão.
Linha de Fuga	Vivenciou situações com o padrasto, que bebia e batia na sua mãe. Diz que agora ela mora longe e que sente saudade. Relatou a doença mental de Meleagro. Capoeira: conhece pouco. Reuniões de final de semana: gosta, pois afirma que a festa é uma forma de as pessoas se aproximarem. “Festas fora do quilombo têm muitas brigas”. No quilombo gosta das festas, porque diz que pode ficar relaxado, “sem tiros de revólver”. Entende que, no quilombo, as pessoas são unidas e que essa união deriva do fato de as pessoas se conhecerem há muito tempo. Ressalta que, no quilombo, há a tradição de as pessoas ajudarem-se umas às outras. Tratamento do linfoma o fez morar com sua mãe. Mortes: considera uma covardia, mas diz que elas fizeram a comunidade se unir.

Quadro 8: Síntese Forbas

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.10 Entrevista com Magnólia, a debutante

“Ah, quando eu vejo às vezes, que é diferente, eu às vezes imito”

A entrevista com Magnólia (15 anos) foi realizada no dia 18 de dezembro de 2011.

Magnólia não relata nenhuma vivência em relação à linha molar, inclusive desconhece o INCRA ou algum tipo de ação do governo no Quilombo dos Alpes. Acredita, entretanto, que se o governo fizesse uma pracinha para as crianças brincarem, um colégio e uma creche, isso traria benefícios para todos do quilombo. Magnólia afirma que a creche ajudaria as mães, no sentido de que poderiam ficar despreocupadas, em relação aos filhos, durante o tempo em que vão trabalhar.

Compreendo que, mesmo que Magnólia não tenha vivências na linha molar, nos aspectos dessa pesquisa, ela revela uma preocupação que se traduz em sugestões de ações ao governo. Essa preocupação se dirige ao todo social.

Magnólia e a Linha Molecular

Em relação ao Movimento Negro, Magnólia diz que já ouviu falar, mas não sabe precisar as preocupações desse movimento.

Quando questionada sobre as festas *black*, Magnólia disse ter a vivência das festas de 15 anos. Ela relatou sua própria festa de 15 anos, que foi marcada por diferentes tipos de música ligada à cultura negra. Fala que gostou muito da sua festa, porque “todos os convidados se divertiram muito e estavam alegres, dançando e rindo bastante”. Magnólia diz que ficou muito contente com a felicidade de todos na festa. Na festa, Magnólia recebeu uma tele-mensagem, com uma música especial para ela e uma mensagem lida, que tinha sido escrita pelos seus irmãos. Magnólia recorda que, na sua festa de 15 anos, “tinha tudo o que deve ter numa festa desse tipo”: ela estava de vestido branco todo bordado, maquiada, com bolo de três andares e outros comes e bebes. Para ela, a principal transformação, depois dessa festa, foi que agora ela é mais responsável.

Interpreto que as festas são tempos e espaços de exceção, onde há uma suspensão das atividades cotidianas. As festas de 15 anos, no universo feminino, constituem-se em ritos de passagem, marcando a saída da infância e a entrada no mundo juvenil. Nessas festas, a figura central é a aniversariante que está comemorando 15 anos, mas que se realiza, ou seja, fica feliz, na medida da presença e alegria de seus convidados: “Bahh ... fiquei contente”.

Magnólia afirma que é bom morar no Quilombo dos Alpes e o que mais gosta é que “um ajuda ao outro no quilombo”. Essa ajuda ocorre em coisas do dia a dia, “tipo precisar de sal ou de um ovo emprestado”. Magnólia também diz que sempre que pode ajuda e é ajudada. Identifica-se aí a presença da solidariedade construída no compartilhamento de um território e de um cotidiano vivido em comum, que, não raras vezes, é marcado por faltas e necessidades. A ajuda mútua e os laços criados são constituintes do espaço geográfico como lugar, com a criatividade presente no cotidiano.

Magnólia conta que, quando fala que é do quilombo, algumas vezes as pessoas de fora dizem que gostariam de conhecer o local. Verifico aí uma identidade quilombola, pois há uma referência a um Nós, enquanto ‘aquilo que diferencia o grupo’, daqueles que não são do grupo (os Outros). Essa diferença está assentada espacialmente no território do Quilombo dos Alpes, ou seja, é marcada pelo pertencimento ao quilombo, pelos laços de parentesco e pelo reconhecimento dos que não são do quilombo. Esses aspectos mostram uma identidade quilombola em construção, porque ainda não é de todo reconhecida, ao mesmo tempo em que se abrem perspectivas de novas conexões de identidades (no sentido de que os sujeitos não estão presos numa única identidade), evidenciando as hastes do rizoma, uma espacialidade rizomática.

Quanto a uma estética que remeta ou valorize a questão negra nos cabelos, Magnólia afirma que, para ela, “usar o cabelo alisado ou com trancinha é indiferente”. Lembra, porém, que, na sua festa de 15 anos, optou por usar trancinhas, pois entende que, assim, fica mais bonita. Também ressalta que gosta de imitar o que acha diferente: “Ah, quando eu vejo, às vezes, que é diferente, eu às vezes imito”. Então, ela chegou nesse pensamento e ação, através da observação dos outros: “De ver os outros fazendo, aí eu gostei e fiz.” Ela acredita que a principal transformação está no fato de os outros a verem assim.

Interpreto aí a presença do duelo ético-estético, onde, através da visibilidade e da busca da diferença, o sujeito, no seu cotidiano, vê e imita e traduz isso no seu corpo racializado. Os corpos racializados não estão isolados espacialmente, mas se tangenciam com outros corpos, abrindo-se em novas experiências. O que é belo pode ser também o que é negro, evidenciando outras estéticas não hegemônicas.

Compreendo que o ato de imitar revela os diferentes espelhos aos quais os sujeitos estão expostos. Nestes espelhos, os sujeitos têm as possibilidades de estabelecerem novas e inesperadas conexões com outros dispositivos identitários, sejam dispositivos falados ou não falados, articulados em expressões do corpo: cores, movimentos, gestos e trejeitos, em Trajetórias Espaciais Cotidianas.

Quanto às vestimentas que remetam à questão negra, Magnólia desconhece. Diz que nunca viu ninguém, nem usou. Expressa, portanto, não ter vivência quanto a esse aspecto.

Magnólia e a Linha de Fuga

Magnólia demonstrou também não ter vivências relacionadas ao uso abusivo de álcool ou de drogas, bem como de casos de loucura. Quanto à capoeira, Magnólia comenta que sabe que existe, “inclusive fiquei conhecendo pelas oficinas que tinham na escola, mas nunca participei e não sei bem o que é”. Ela conta, no entanto, que já viu apresentações de capoeira e afirma que “até faria capoeira, pois acho legal, em especial as piruetas”.

Quanto às rodas de samba e os churrascos de final de semana, Magnólia tem a vivência desses encontros, na casa do seu irmão ou de suas tias. Ela destaca que acha legal a família se reunir. Diz que, nesses encontros, o pessoal dança, mas que ela é muito tímida e não dança na frente dos outros. Entende que, se dançasse na frente dos outros, ela não seria mais tímida e que isso seria uma coisa boa; portanto, seria uma transformação. Percebo, então, que a dança, prática que representa também uma ruptura do cotidiano, pode contribuir para uma transformação da subjetividade do sujeito.

Em relação aos assassinatos que ocorreram no Quilombo dos Alpes, ela diz que foi “uma coisa muito chata” e que ficou muito nervosa. Magnólia chegou a ver os corpos serem levados e lembra que “todo mundo ficou muito triste”. Para ela, nada mudou no quilombo, depois dessas mortes.

Entendo que as linhas molar, molecular e de fuga emaranham-se e constituem a vida, mesmo quando na fala de Magnólia aparecem apartadas.

Linha Molar	Não tem vivência, mas sugere que o governo faça pracinha, colégio e creche no quilombo.
Linha Molecular	Ouviu falar sobre o Movimento Negro, mas não sabe precisar com o que seus integrantes se preocupam. Relatou sua Festa de 15 anos, a qual teve música, alegria e diversão. Diz que gosta de morar no quilombo, sendo que o que mais gosta é que “um ajuda o outro”. Ajuda e é ajudada dentro do quilombo. Refere que quem não é do quilombo gostaria de conhecer. Acha indiferente trançar ou alisar seu cabelo, mas se acha mais bonita de tranças. Gosta de imitar, quando vê algo que acha diferente. Não conhece roupas que remetam à afrodescendência.
Linha de Fuga	Não tem vivência de álcool, drogas ou loucura. Capoeira: nunca participou, nem sabe o que é, mas gosta dos movimentos. Reuniões de final de semana: lembra que elas ocorrem na casa do irmão e das tias. Acha “legal” a família se reunir, onde alguns dançam, mas não dança na frente dos outros. Mortes: afirma que foi algo “muito chato”. Lembra que ficou muito nervosa. Não identifica mudanças, em função dessas ocorrências.

Quadro 9: Síntese Magnólia

Fonte: Gisele Santos Laitano



4.2.3.11 Entrevista com Zéfiro, o sobrevivente

“Apanhando ou não, é aqui, né? Aqui é meu chão mesmo”

A entrevista com Zéfiro (26 anos) ocorreu no dia 18 de dezembro de 2011.

Em relação aos aspectos pesquisados da linha molar, Zéfiro vivenciou a atuação do INCRA dentro do Quilombo dos Alpes. Ele relata que, a partir do processo de pesquisa feito por esse órgão (o qual é parte integrante do processo de titularização), a comunidade do Quilombo dos Alpes passou a ter conhecimento que sua bisavó, Dona Edwirges, tinha sido a primeira moradora do morro e que isso lhe dava direitos (referência ao Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988). A principal transformação apontada por Zéfiro, a partir desse processo, foi que a comunidade ficou mais unida. Zéfiro não vivenciou a ação do INCRA em outros quilombos, mas

conhece pessoas do Quilombo dos Alpes que foram visitar outros quilombos, a fim de saber como que eles viviam, também para aprender e trazer essas experiências para o Quilombo dos Alpes. Ele ficou sabendo disso a partir de Janja e, inclusive, era para Zéfiro ter ido, mas ele não pode. Interpreto aí o enredamento da linha molar na ação do Estado via INCRA, com a linha molecular, no sentido de ser um dos contribuintes da formação da identidade quilombola.

A ação do governo no Quilombo dos Alpes, relatada por Zéfiro, é a distribuição de cestas básicas, a qual ocorre por volta de uma vez ao mês. Ele acredita que isso é bom, porque para algumas pessoas é difícil de comprar os alimentos básicos, como arroz e feijão. Zéfiro identifica que essa distribuição de cesta básica deve-se às atividades que eles realizaram no Quilombo dos Alpes. Mais uma vez, é possível observar as linhas molar (o governo) e molecular, no caso nas atividades cotidianas, se misturando.

Zéfiro e a Linha Molecular

Zéfiro afirma que conhece pouco do Movimento Negro, mas diz que já participou de um grupo de danças de estilo afro. Seu contato com esse grupo foi através de Saraí e o grupo ficava na Orfanotrófio, local próximo ao quilombo. Nesse grupo, Zéfiro dançava, mas também participava de reuniões. Ele conta que aprendeu muita coisa sobre a escravidão e sobre como os negros usavam a dança para se expressar. Interpreto aí a dança como um dispositivo que provoca uma abertura para o conhecimento sistematizado, pois a dança, ao ter o corpo como principal vetor, agencia os jovens pelo molecular, pelo não dito, mas expresso pelo corpo.

Sobre as festas *black* que ocorrem em Porto Alegre, Zéfiro diz que só participa porque trabalha em um lugar onde tem uma banda de pagode que se apresenta seguidamente. Ele conta que já tocou cavaquinho e pandeiro, mas que não toca mais. Afirma que, sempre que houver algum projeto de festas dentro do quilombo, ele estará envolvido. Verifico, então, que o lazer e a diversão não são vivenciados nos equipamentos urbanos, evidenciando uma não mobilidade do jovem na cidade; ao mesmo tempo em que potencialidades artísticas vão sendo vivenciadas e abandonadas.

Em relação à identidade quilombola, há um tempo, para Zéfiro, era como se ela não existisse, mas a sua participação no grupo de dança lhe possibilitou ir aprendendo sobre os seus direitos, sendo que ele destaca o fato de que ia aprendendo, porque tinha uma pessoa que ensinava. Ele lembra que o processo de titularização foi colocado em prática, de tal modo que muitos quilombolas já têm as suas terras e outros ainda não. Interpreto a linha molar (direitos sobre a terra) em lineamento com a linha molecular (dança) construindo, para Zéfiro, uma visão crítica e integrada da questão quilombola no Brasil.

Quando Zéfiro não está no quilombo, ele se refere ao seu local de moradia como sendo os Alpes. Ele fala: “Ah, eu moro nos Alpes”. Ele conta que algumas pessoas questionam se lá, nos Alpes, não tem um quilombo. Diz: “muitas pessoas das redondezas estão sabendo cada vez mais que o quilombo existe”. Compreendo que há aí uma identidade quilombola em construção. Ela vai sendo tecida através do autorreconhecimento, com as endodefinições do grupo, e do reconhecimento pelos não quilombolas, com as exodefinições. Isso configura uma identidade étnico-racial em construção, imbricada na espacialidade.

Quanto aos cabelos que valorizem uma estética negra, Zéfiro fala que já usou o cabelo⁸⁷ no estilo *black*. Ele ficou mais de quatro anos sem cortar o cabelo e só cortou porque havia feito uma promessa. A vontade de usar o cabelo *black* se originou da observação de fotografias em que via seu pai com calça boca de sino e um cabelo grande: “Aí eu olhava as foto e dizia: Oh pai, eu vou deixar o cabelo assim, desse tamanho, assim: Grandão!”. Zéfiro não lembra muita coisa dessa fase da história. O que relata é o conhecimento obtido através das fotografias. Zéfiro diz que o que mais gostava do cabelo *black* é que muitas pessoas se referiam a ele de forma jocosa: “Ah, o cara tem ninho de rato! Ah, mas eu adorava, né? Eu adorava ter o cabelão *black*. Só cortei porque era promessa mesmo”. Zéfiro acredita que seu cabelo chamava a atenção. Disse, no entanto, não se preocupar com relação a preconceito ou surpresa para os que olhavam. Segundo ele, a preocupação era apenas se ele gostava ou não. Para as garotas, Zéfiro afirma que “acha legal, quando elas trançam os cabelos”.

Interpreto que a visualidade das fotografias é fator que contribui na formação da identidade do grupo. As fotografias remetem a uma força de agenciamento

⁸⁷ Referência a um estilo de corte de cabelo, onde o cabelo crespo cresce e é usado naturalmente.

identitário, onde a estética é central, mesmo sem Zéfiro conhecer os movimentos sociais que engendraram a valorização de uma estética negra. Nesses movimentos sociais, o corpo racializado foi tomado como fonte de valorização, num processo que reverte toda a conceituação de raça, que afirmava que os traços fisionômicos dos negros eram a justificativa de sua inferioridade. Essa estética negra está explicitada no corpo, através de um tipo de cabelo. É molecular, pois não necessita de um discurso articulado e bem definido, mas toca naquilo que é subtendido, naquilo que é flexível e alimenta a formação da identidade, de forma invisível porque rizomática.

Quanto a roupas e vestimentas que remetam à afrodescendência, Zéfiro diz que usava roupas desse tipo nas apresentações do grupo de dança, mas nunca as usou no seu dia a dia. Ele já presenciou pessoas usando esse estilo de roupa e acha “tri”. Mais uma vez, é possível observar a força do visual, como contribuinte da formação da identidade.

Zéfiro e a Linha de Fuga

Para Zéfiro, a questão do alcoolismo “é ruim de falar”, porque ele vivenciou muito isso com seu pai, que foi alcoólatra, por quase vinte anos. Contou que fugiu de casa, pois o pai bebia muito e batia nele. Nessa fuga, Zéfiro chegou a dormir um dia na rua, no centro da cidade. Dali procurou uma tia, no bairro Cavallhada. Com 13 anos, já morava sozinho no bairro Serraria (ambos os bairros localizam-se em Porto Alegre). Nessa trajetória, ele conviveu bastante com “boca de tráfico” (locais de venda de drogas ilícitas), sendo que, na época, as drogas mais usadas eram cocaína e maconha. Ele afirma que viveu tudo isso e que saiu desse tipo de vida pela força da sobrevivência, tendo sido uma caminhada solitária:

Não, fui eu mesmo. Pela força da sobrevivência. E bah, um dia vou ter a minha casa, um lugar melhor. Vou voltar pros Alpes. Vou ajeitar minha vida lá. E foi assim que aconteceu, e é assim que tá acontecendo até hoje. E eu vou poder ainda voltar, e ajudar meu pai. E foi assim que aconteceu. E aí foi a força de sobrevivência.

Zéfiro acredita que o fato de ele ver como a vida é sofrida ajudou-o a mudar:

[...] ninguém sabe o que eu passei. Eu saí de casa com 12 anos, tive que dormir um dia, no centro, na rua. Tipo que nem mendigo, eu podia tá lá a vida toda, até hoje, tá lá. Se eu não tivesse cabeça. Ah, aí eu parei, eu olhei lá: era carro passando, ônibus buzinando, era gente dormindo no papelão. E eu sentado lá, na Praça XV.

Neste caso, observo um enredamento das três linhas. A linha molar, nas questões sociais, econômicas e culturais, que colaboraram para o alcoolismo do pai, sem nenhum tipo de assistência ao dependente químico e à sua família. A linha de fuga, na ruptura que Zéfiro vivenciou ao sair de casa e nas vivências que teve a partir desse fato (dormir no centro, morar sozinho aos 13 anos, conviver com o tráfico). Nessa ruptura, Zéfiro vivenciou uma tensão entre a linha de morte e uma linha de abolição. Solitariamente, ele se deslocou da linha de fuga para a linha molecular. O Quilombo dos Alpes, como lugar e território, contribuiu como vínculo de pertencimento e agenciamento positivo, para essa remessa, essa saída.

Em relação à capoeira, Zéfiro teve pouco contato na época do colégio, tendo participado de algumas aulas. Nessa época, seu pai bebia e ele tinha que sair do colégio e ir cedo para casa, para buscar seu pai nos bares. Na sua família, eram quatro irmãos e todos fugiram, mas hoje ele tem contato com as irmãs e com seu pai diariamente. A sua mãe mora em Alegrete, e Zéfiro não a vê muito. Ele chegou a passar um ano com ela, mas acabou retornando para Porto Alegre, porque não encontrava trabalho naquela cidade. Compreendo, mais uma vez, a capoeira como um dispositivo de identidade positiva, mas que não se realiza plenamente. No caso de Zéfiro, a vivência do pai numa linha de morte, dada pela degradação física e emocional impulsionada pelo alcoolismo, fez com que ele vivenciasse um impulso em direção à linha molecular, nos resgates que realizava de seu pai, quando o buscava nos bares. Já sua migração para a cidade de Alegrete, ao encontro de uma vivência com sua mãe, foi quebrada pelas questões econômicas regionais da cidade, ou seja, a falta de trabalho.

Zéfiro pouco vivencia as reuniões de final de semana, no Quilombo dos Alpes. Segundo ele, fica mais em casa com sua esposa. Quando participa, no entanto, ele acha “bom porque é uma junção de família, com conversa e risadas”. Interpreto aí a presença do lugar, nos laços de convívio social e de solidariedade, pautados num estar-junto comunitário e descompromissado, estar-junto à toa para diversão.

O que Zéfiro mais gosta no Quilombo dos Alpes é a liberdade de poder caminhar no morro, da visão, de olhar o centro da cidade, do vento: “Ah, eu adoro aqui, desde pequeno eu me criei aqui. Apanhando ou não, é aqui, né? Aqui é meu chão mesmo”. Tem-se o Quilombo dos Alpes como território, onde os vínculos de pertencimento foram tecidos nas vivências, apesar das dores e das alegrias.

Zéfiro estava no quilombo no dia dos assassinatos de Joelma e Volmir, tendo carregado Joelma no colo. Para ele, as mortes foram uma crueldade. Conta que considerava Joelma como uma irmã. Depois das mortes, Zéfiro identifica como a maior transformação o fato de que eles tinham que ter mais força de vontade e ver que estavam em uma área quilombola. O crime os fez refletir sobre isso, mas eles “Tiraram um pedaço dos Alpes”. Verifico que a concretização da linha de morte, nos assassinatos, levou dores e tristezas para a comunidade do Quilombo dos Alpes. Ao mesmo tempo, acabou reforçando as ações da comunidade, em direção ao processo de titularização. Esse processo é molar, mas se alimenta tanto do molecular, quanto das linhas de fuga, inclusive no seu sentido mais aterrador que foram os assassinatos.

Linha Molar	Pela atuação do INCRA, diz que a comunidade passou a ter conhecimento que sua bisavó foi a primeira moradora do morro e que isso lhe dava direitos. Acredita que isso provocou a união na comunidade. Refere que o governo distribui cestas básicas.
Linha Molecular	Sobre o Movimento Negro, conhece pouco. Já participou de um grupo de dança afro, onde também aprendeu sobre a escravidão e sobre a dança como forma de expressão. Festas <i>black</i> : só vivencia porque trabalha num local onde toca pagode. Diz que a identidade quilombola não existia há um tempo. Afirma que o quilombo está sendo cada vez mais conhecido. Já usou cabelo <i>black power</i> , por imitação de fotos de seu pai. Acha bonitas as garotas com cabelo trançado. Só usou roupas que remetam à afrodescendência nas apresentações do grupo de dança, mas diz que acha “tri”.
Linha de Fuga	Fugiu de casa, porque o pai bebia e batia nele. Conviveu com boca de tráfico. Caminhada solitária por sobrevivência. Morou sozinho com 13 anos. Dormiu no centro. Reuniões de final de semana: gosta de ficar em casa com a esposa, mas, quando participa, gosta das conversas e risos em família. Do quilombo, gosta da liberdade. Mortes: considera uma crueldade. Lembra que carregou Joelma no colo e que fez com que a comunidade se desse conta de que estava em área quilombola.

Quadro 10: Síntese Zéfiro

Fonte: Gisele Santos Laitano

4.2.3.12 As Entrevistas em Síntese

A análise e a interpretação das entrevistas realizadas com os jovens do Quilombo dos Alpes evidenciam que os mesmos participam do duelo ético-estético existente em Porto Alegre.

Nas vivências e juízos elaborados pelos jovens e relacionados à linha molar, é possível verificar que, mesmo os que não elaboraram juízos, reconhecem a prática da distribuição de cestas básicas, ou, mesmo, são capazes de dar sugestões⁸⁸. Para os jovens que possuem uma visão crítica desses órgãos, existe a leitura da morosidade das ações e a inexistência de políticas públicas para a juventude. Essa inexistência acaba sendo um dos principais propulsores da inserção das jovens (Maria Quitéria e Ilyana) nos movimentos sociais. Também é importante destacar que a ação de Estado, no que se refere aos processos de titularização das terras das comunidades quilombolas, contribui para a fomentação da identidade quilombola, numa exemplificação tanto da importância do Estado quanto do emaranhamento das linhas molar e molecular.

LINHA MOLECULAR

Em relação ao Movimento Negro, mesmo que a maioria dos jovens não tenha vivências, desconhecendo esse movimento social, fica evidente, nas suas falas, um potencial de afetivação desse movimento. Isso se verifica, em função da possibilidade de conhecer pessoas e sair do quilombo, ou mesmo da própria denominação 'negro', a qual, por si só, já é potencial de afetivação dos jovens. Para os jovens que conhecem o Movimento Negro, fica claro o quanto a participação é importante nos juízos que esses jovens elaboram, mas que, ao mesmo tempo, os jovens jogam o jogo das identidades pelo questionamento da linha de cor da pele, para uma legitimação da participação no movimento.

Constata-se que a diversão e o lazer dos jovens, como as festas *black*, na quase totalidade da vezes, ocorrem dentro do Quilombo dos Alpes. Há pouca

⁸⁸ Nesse caso, penso na possibilidade de a pergunta ser tortuosa e não admitir resposta, pois não há a vivência; entretanto, o fato de os jovens darem sugestões, mostra o sentido dessa pergunta para os jovens que não possuem essas vivências.

mobilidade dos jovens pelo tecido urbano da cidade e suas experiências de lazer tendem a se restringir aos seus iguais, sem vivências em outros locais. Daí a importância das reuniões familiares de fim de semana, realizadas dentro do Quilombo dos Alpes, analisadas na linha de fuga.

A identidade quilombola está em formação. Evidenciam-se pertencimentos ao território, orgulho e bem-querer. Frente ao desconhecimento dos outros, fica clara uma vontade de se mostrar, pois o contato com o Outro reforça o que se é (o Nós), e, ao mesmo tempo, representa uma abertura para novas conexões, as quais são características do hibridismo cultural contemporâneo. Os jovens jogam o jogo das identidades, quando se abrem para o novo, seja conhecendo outros quilombos ou retomando a escravidão, como fonte de identidade, mas também identificam o preconceito por parte de algumas pessoas em relação à população quilombola. O jogo das identidades também é jogado em relação às linhas de cor, pois, ao mesmo tempo em que estas estão nas relações sociais, alguns jovens, para serem quilombolas, rompem com a cor, ou seja, não tomam a cor da pele como fator de pertencimento à identidade quilombola, pois suas peles não são negras.

Quanto à estética que valorize a afrodescendência, nos cabelos e/ou nas vestimentas e roupas, é possível observar o quanto a mesma é fator de autoestima, onde o corpo racializado passa a se expressar nos espaços públicos. Essa expressão pauta-se em elementos étnico-raciais, em que a busca pela diferença é fator de afetivação, onde os olhares de tolerância, aceitação e apreciação são sentidos de forma acolhedora ou rejeitados. A imitação do outro mostra o quanto a exposição a modelos influencia e cria gostos. O corpo racializado, ao expressar-se com uma estética que contenha elementos negros, revela o não dito com palavras e contribui para outras apreciações do que é considerado belo e bonito. Gostos, costumes, jeitos e procedimentos, relacionados ao negro como grupo étnico-racial, são valorizados. Nesse sentido, o que foi depreciado é vitalizado, contribuindo na formação de uma identidade negra e quilombola. Esse corpo racializado traduz na pele o duelo ético-estético, pois ele, o corpo, se mostra publicamente, sem ter vergonha, com uma ética e uma estética não hegemônicas, ao mesmo tempo em que não se pretende hegemônico.

LINHA DE FUGA

O consumo de álcool e uso de drogas ilícitas aparece como grande preocupação, entre os jovens do Quilombo dos Alpes, seja em função de vivências próximas, seja por causa da forma como ocorre, ou por ocorrer na frente das crianças. A drogadição é relacionada ora a questões pessoais (fraqueza, falta de vontade), ora à falta de oportunidades e de sentido para a existência. A violência advinda do uso de drogas ilícitas ou do álcool perpassa todos os jovens, contribuindo, desde a formação das crianças, até o impedimento do exercício da solidariedade, tão presente no Quilombo dos Alpes. Ao mesmo tempo, essa questão impulsiona os jovens a participarem e lutarem por políticas públicas para a juventude de periferia.

Quanto a casos de loucura ou de doença mental, foi apontado um caso no passado (Maria Bonita) e um caso no presente (Meleagro). O interessante é que, no caso do presente, embora Meleagro seja conhecido de todos e esteja sempre no quilombo só foi identificado como doente mental por um entrevistado. Isso mostra o quanto a doença mental, mesmo que presente na nossa sociedade, não é foco de debate.

A capoeira é pouco conhecida por parte dos jovens, embora esteja presente em oficinas na EMEF Gabriel Obino, a qual atende a maioria dos jovens do Quilombo dos Alpes. Percebe-se que a capoeira possui um potencial de afetivação para os jovens, pois, ao mesmo tempo em que eles revelam seu desconhecimento, demonstram interesse na sua musicalidade.

As rodas de samba e festas, realizadas nos finais de semana dentro do Quilombo dos Alpes, são marcadas por intenso convívio social. A música, a dança, as conversas e as risadas descompromissadas do mundo do trabalho tecem os vínculos sociais, perpassados por forte conteúdo comunicacional elaborados em família. Nesse sentido, aspectos como a ajuda e a solidariedade são características fundamentais. Essa família extensa vivência relações de vizinhança e proximidade, dadas pelo compartilhamento do mesmo território. Existe a confraternização, mas também as desavenças, bem como o consumo excessivo do álcool. E a música é forte fator de afetivação.

As mortes de Joelma da Silva Ellias e Volmir da Silva Ellias são sentidas com pesar por todos os jovens, sendo que alguns deles presenciaram de alguma forma a

tragédia. A justiça é reconhecida, mas relativizada, pois há um entendimento no sentido de que só foi realizada porque eles se organizaram e a buscaram. Muitos dos jovens ficaram nervosos, ansiosos ou emocionados ao falarem desse fato. Houve a possibilidade da volta do assassino, do revide e do alívio com a sua prisão, além e principalmente de lidar com o limite existencial que a morte traz. As mortes enfraqueceram e reforçaram as linhas: houve a desarticulação política da comunidade, houve a dor pelas perdas, mas, ao mesmo tempo, houve o reforço daquilo que se é, do pertencimento, pois, ao atingir os líderes quilombolas, a situação fez com que todos se vissem como quilombolas, dando-se conta que representava: “a morte de um de nós”.

As entrevistas acima descritas e interpretadas evidenciam o duelo ético-estético. Os silêncios, os sonhos, as dores e as alegrias dos jovens do Quilombo dos Alpes mostram as afeições e os interesses dos mesmos, expondo o universo hermenêutico no qual estão inseridos. As conexões e as orientações vivenciadas pelos jovens no cotidiano são experimentadas pelos seus corpos racializados que se tangenciam pelo espaço. Essas conexões constituem o rizoma. Tem-se o corpo vibrátil pedindo passagem ou em expressão, pois se está frente aquilo que não é percebido pelo olho do visível.

O duelo ético-estético produz novas configurações no campo social, produzindo novas subjetividades. As entrevistas expõem que o corpo racializado tem um repertório de jeitos, de gestos, de procedimentos, de movimentos, de expressão e de bloqueios de afetos que se inserem no duelo ético-estético.

Para além do quanto possa ser apontado de deformação, cooptação ou inautenticidade, o corpo racializado é perpassado por um conjunto de repertórios e enunciações, que evidenciam, antes de tudo, um corpo negro. Acredito que aí está a possibilidade utópica, descrita por Gilroy (2007), ou seja, de sair da racialização. Esse corpo negro traduz um estilo em suas expressões, tem na musicalidade sua estrutura profunda e, não raras vezes, é o único capital desse grupo étnico-racial. Nesse sentido, concorda-se com Hall (2003), que afirma que esse corpo negro é na:

[...] sua expressividade, sua musicalidade, sua oralidade e na sua rica, profunda e variada atenção à fala; em suas inflexões vernaculares e locais; em sua rica produção de contranarrativas; e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical, a cultura popular negra tem permitido trazer à tona, até nas modalidades mistas e contraditórias da cultura popular *mainstream*, elementos de um discurso que é diferente – outras formas de vida, outras tradições de representações. (HALL, 2003, p. 342).

A seguir, está descrito o acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas desses jovens.

4.2.4 Trajetórias: Hastes do Rizoma

O acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens do Quilombo dos Alpes ocorreu no período de 25 de janeiro a 14 de abril de 2012. Durante esse período, procurei acompanhar os jovens por mim entrevistados nos mais diferentes espaços vivenciados por eles no seu cotidiano. Pelas Trajetórias Espaciais Cotidianas, os jovens do Quilombo dos Alpes se inserem como sujeitos na cidade. Esse acompanhamento tomou a forma de trilhar as hastes/filamentos do rizoma, evidenciando um espaço rizomático, o qual compõe /substantiva uma cartografia do corpo racializado.

O acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas é relatado a seguir, tanto pela descrição dos espaços percorridos quanto pela descrição e interpretação das ações e subjetividades dos sujeitos envolvidos, incluindo a professora-pesquisadora. Entendo que a explicitação desse lugar de narração é necessária, para evidenciar o corpo vibrátil e construir diálogo.

A apresentação das Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens do Quilombo dos Alpes foi concebida na forma de trilha. As trilhas reportam a percursos íngremes, difíceis de serem transcorridos, ao menos em determinadas partes ou situações. As trilhas podem ser apagadas ou ter transmutadas as suas localizações. Podem ter durações efêmeras ou se sedimentarem e transformarem em caminhos, estradas ou rotas, ou seja, as trilhas podem endurecer. A ideia de trilha enfatiza o molecular presente no cotidiano, pois a trilha é flexível, contendo conexões múltiplas

e porosas, que podem ou não se realizar. Assim, ao percorrer as trilhas, deparei-me com o corpo vibrátil dos jovens do Quilombo dos Alpes. Foram cartografadas 19 trilhas, sendo que elas se emaranham umas nas outras e, às vezes, conduzem a trilhas sem saídas, que são as trilhas que se esvaziam de conexões possíveis. Cabe lembrar que as trilhas expostas abaixo não têm o intuito de esgotar as possibilidades, mas realizar uma cartografia do corpo racializado, a partir do que me foi possível no âmbito dessa pesquisa. O conjunto das trilhas cartografadas compõe as Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens do Quilombo dos Alpes.

Uma trilha é sempre reveladora e esclarecedora. Para percorrê-la, são necessários corpos, seja o da professora-pesquisadora, seja o dos jovens. Nesse sentido, foi feita a opção de descrevê-las na primeira pessoa, numa seleção de fragmentos do diário de campo. Entendo que foi nesse encontro de corpos que o diálogo se construiu. O que quero dizer é que seria impossível estar a todo o instante, a todo o momento e em todos os lugares com os jovens. Frente a esse impossível, optei por transcrever trechos do diário de campo (em itálico), os quais revelam o diálogo estabelecido com os jovens, bem como os sentimentos vivenciados e captados por mim, bem como as descrições do espaço físico. Aos fragmentos do diário de campo, que foram transcritos, chamei de trilhas. Como afirmei acima, algumas dessas trilhas conectam-se, outras se esgotam em si mesmas. Todas as trilhas evidenciam um espaço rizomático.

TRILHA 1 – Troar dos Tambores

Cheguei na casa simples e pobre de Ilyana, em um dos lotes da Estrada dos Alpes, às 17h do dia 25 de janeiro de 2012. No pátio, havia muitos cachorros, umas duas galinhas e certo farelo de lixo, que não é lixo propriamente, mas restos de muitos objetos em pedaços pequenos. No pátio, há duas casas. Ela me recebeu na primeira, uma casa de madeira meio caindo, com tábuas muito desgastadas e esburacadas. Como o terreno tem um declive muito acentuado em direção aos fundos, na parte de baixo dessa casa há uma parte de alvenaria, foi nessa parte que entrei, pela parte de trás da casa. Como é de alvenaria e como estava muito quente, naquele dia, essa parte estava relativamente fresca, mas também úmida. Pensei no inverno e no quanto deve ser insalubre, até porque o teto é baixo, onde uma pessoa um pouco mais alta encostaria.

Entrei na casa e Ilyana me ofereceu uma cadeira para sentar. Esperei um pouco ela se ajeitar, pois havia chegado da rua recentemente. A cadeira em que sentei ficava de frente para a porta. Então, podia olhar o pátio e a segunda casa, de madeira muito velha (era a casa onde havia feito a entrevista com Ilyana). A peça em que me encontrava e toda essa construção eram bastante toscas. Havia um refrigerador muito velho e enferrujado, e duas cadeiras muito desgastadas, velhas e com os forros esburacados e carcomidos. A porta que dava para a rua não tinha um encaixe de marco, era uma madeira com um buraco e blindada, na parede, uma corrente; então concluí que, para fechar a porta, passava-se a corrente pelo buraco da porta e se colocava um cadeado. Como o pátio era de chão batido, de terra vermelha, acabava que dentro da casa o barro vermelho também entrava. Podia observar a peça ao lado que era separada da peça onde eu me encontrava, por uma parede de alvenaria e sem porta. Nessa peça ao lado, havia uma cama de casal encostada na parede, a qual eu não enxergava a cabeceira, um armário, do qual via um pedaço da parte dos fundos, onde observei que era um compensado todo aberto e empenado, sendo que, na prateleira de baixo, pude vislumbrar pelo fundo do armário uns tênis; havia, também uma cômoda com uma televisão velha ligada. Havia uma janela basculante sem cortina, logo lembrei que, com o raiar do sol, os que dormem nessa peça já acordam. Nessa peça estava uma ex-aluna minha, Carmen Emília, e seu filhinho Eduardo, de um ano e pouco. Carmen Emília estava sobre a cama com Eduardo assistindo a um programa de televisão. Pude ver que era um filme norte-americano. Pensei nas suas férias nessa casa quente e úmida, assistindo à péssima qualidade dos programas televisionados na TV aberta. Conversei rapidamente com Carmen Emília, que me apresentou o pequeno Eduardo, que estava só de fraldas descartáveis. As fraldas descartáveis são um consumo que perpassa por todas as classes sociais. Perguntei a Carmen Emília sobre o Ensino Médio, uma vez que ela havia terminado o Ensino Fundamental em 2011. Ela me respondeu vagamente e sem muito ânimo, me questionei o quanto é preciso de ânimo para sair dali e enfrentar um mundo em uma sociedade de classes, onde se é o mais desfavorecido.

Sentei e Ilyana sentou ao meu lado. Expliquei-lhe a segunda parte da pesquisa que consistiria em acompanhar os jovens em suas Trajetórias Espaciais Cotidianas. Ilyana concordou e pegou da bolsa a programação do Fórum Social

*Temático*⁸⁹, do qual ela estava participando e me falou que no dia seguinte talvez fosse numa oficina sobre ações afirmativas. Combinei com ela que lhe telefonaria no outro dia, para saber onde ela se encontraria. Me despedi de todos e fui para a parada do ônibus.

O sol estava escaldante. Observei a Estrada dos Alpes com suas casas, sua vegetação, o morro verde e o céu azul. Achei um lugar bonito. Conversei com duas senhoras na parada. Uma estava levando o neto ao psicólogo e outra indo ao supermercado. Pensei que também aí havia uma transformação: pessoas mais pobres frequentando o psicólogo.



Foto 14: Estrada dos Alpes.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

⁸⁹ O Fórum Social Temático ocorreu de 24 a 29 de janeiro de 2012, em Porto Alegre e Região Metropolitana. Tal fórum se insere no processo do Fórum Social Mundial. As atividades propostas foram geridas por movimentos coletivos e organizações da sociedade civil, relacionados ao tema do mesmo, ou seja, “Crise Capitalista, Justiça Social e Ambiental”. Este fórum também se constitui em etapa preparatória para a Cúpula dos Povos na Rio + 20. (Fórum Social Temático, 2012).

No dia 26 de janeiro, no início da tarde, tentei contato telefônico com Ilyana, mas não consegui; então acabei indo às 14h para a oficina que ela havia mencionado sobre “Ações afirmativas e a questão racial”, na FACED-UFRGS⁹⁰. Assisti à oficina, mas me cansei. Havia o pessoal das associações de funcionários da UFRGS, uma representante do DCE e um negro formado pela UFRGS. Os discursos do funcionário e do DCE eram muitos duros, perpassados pela linha molar e engessados nela com forte conteúdo disciplinador e um tanto dualista, no sentido do ou isto ou aquilo, sem enlaçamentos. O depoimento do negro formado pela UFRGS seria interessante, mas havia o barulho de uma obra ao lado. Então não conseguia escutá-lo, só vi que ele era de uma geração mais velha do que a minha, numa época em que, segundo ele, os poucos estudantes negros da universidade se conheciam todos. Como não conseguia escutar, acabei indo embora.

Do lado de fora, comprei um CD “Mulheres Bantas, Vozes de Minhas Antepassadas”, da poeta Ana Cruz⁹¹. Nada de Ilyana. Mande um torpedão por telefone celular e telefonei. Consegui contato e ela me disse que estava indo para o Largo Zumbi dos Palmares, porque lá havia umas oficinas que ela estava interessada em assistir. Então, me dirigi para lá, a pé sob o sol de janeiro, da FACED até o Largo.

O Largo Zumbi dos Palmares fica localizado entre as esquinas da Rua José do Patrocínio e da Avenida Perimetral I, sendo constituído simplesmente por um amplo espaço público, na forma retangular, onde são realizados diferentes tipos de atividades, que vão desde feira de alimentos até shows. No Largo Zumbi dos Palmares, havia quatro grandes tendas de plástico, dispostas em cada lado e um palco para shows sendo montado. Cheguei lá e fui passando de tenda em tenda, atrás de Ilyana. Pude ver o que acontecia nas tendas: música, discussão sobre homofobia/lesbianismo e escola, trançado de cabelo afro, religiosidade africana. Caminhei no asfalto, porque o Largo é todo de asfalto e não tem vegetação alguma, atrás de Ilyana e nada. Até um organizador do Fórum foi me perguntar do que eu estava atrás e eu disse que era de uma amiga. Comprei uma água e me sentei na tenda que achei que teria maior visibilidade de Ilyana quando ela chegasse. Lá pelas tantas, Ilyana chegou. Estava de calças de brim e blusa rosa pink. Seus cabelos de

⁹⁰ Era um dos locais onde o Fórum Social Temático foi realizado.

⁹¹ Posteriormente, no dia 10 de março, presenteei Janja com esse CD, pela passagem do seu aniversário.

grandes caracóis anelados, na altura dos ombros, estavam soltos e com partes que revelavam que tinham sido pintados de loiro. Ilyana usava um piercing na sobrancelha, seus olhos são cor de mel e ela é gordinha. Cumprimentei-a e conversamos, perguntei onde ela gostaria de ficar. Ela me disse que na tenda da música, onde já tinha um primo seu.

Nessa tenda de música, tinha uma oficina sobre tambor. O oficinheiro era Ìdòwú Akínrúllí⁹², natural de Lagos, na Nigéria, mas que estava morando em Porto Alegre. Quando chegamos, ele estava mostrando, num projetor numa tela branca, algo sobre tambores da África. Como era muito claro na tenda, não dava para ver muito bem. Em semicírculo havia uns quinze jovens⁹³, com alguns tambores; entre eles, o primo de Ilyana. Ìdòwú interagiu com os jovens. Ìdòwú era negro e miúdo, com um quipá, uma blusa estampada com azul, preto e branco, a qual parecia ser uma tecelagem africana, e calça de brim. Seu português nem sempre era claro e algumas vezes as palavras tinham que ser explicadas e/ou gesticuladas. Os jovens pareciam ser universitários, num estilo que lembrava os hippies, exceto o primo de Ilyana. Ìdòwú fez alguns exercícios com os jovens, entre os quais tirarem seus nomes ao som do tambor. O primo de Ilyana participou desse exercício. As mãos de Ìdòwú no tambor eram incríveis. Mal ele tocava, tirava as notas com o som do nome das pessoas, revelando uma enorme intimidade com aquele instrumento musical e com a música. Ficamos ali, eu e Ilyana, sentadas, escutando os tambores. Estávamos ali, no fresquinho da tenda, sentadas, quietas, só escutando o troar da percussão dos tambores. Me perdi no tempo, ao sabor dos sons dos tambores, e Ilyana comentou comigo que teve essa mesma sensação: se perder no tempo ... Acho que passaram uns 40 minutos. Tirei fotos. A oficina acabou. Ilyana me apresentou seu primo⁹⁴ e fomos procurar outra oficina. Disse que iria na oficina que ela escolhesse. Passamos pelas oficinas e Ilyana acabou escolhendo uma com os funcionários negros do Grupo Hospitalar Conceição (GHC).

Nessa oficina, houve o relato da primeira funcionária negra do GHC. Ela contou os enfrentamentos pelos quais passou ao longo do seu tempo de trabalho, no GHC, em função da cor da sua pele. Um outro funcionário relatou o preconceito

⁹² Nome real.

⁹³ O número não é preciso, porque alguns jovens não ficavam o tempo todo nessa atividade. Assim, esse número é uma média.

⁹⁴ Encontrei esse primo de Ilyana em outras oportunidades. Ele é um dos integrantes do conjunto musical 'Pegada de Negão'.

com seu cabelo de várias tranças curtas, na altura das orelhas, o qual, às vezes, é visto como não adequado em função da higiene a um ambiente hospitalar. Durante todo o tempo, havia uma senhora trançando cabelos. Essa senhora relatou que sua mãe, ao alisar o seu cabelo quando criança, contribuiu para a sua profissão, pois o alisamento com formol, ao qual era submetida, era dolorido e muitas vezes queimava o couro cabeludo. Então, essa prática de sua mãe contribuiu para ela se dar conta que alisar o cabelo era querer ser que nem os brancos. Teve também um músico que tocou violão, falou um pouquinho sobre Hip Hop, interagiu com os ouvintes, distribuiu seu cartão de contatos para shows e cantou.

Iria haver shows à noite no Largo Zumbi dos Palmares, mas às 18h me despedi de Ilyana e fui para casa. Me senti contemplada nos objetivos de acompanhar Ilyana. Estava cansada e 'louca' de calor. Acompanhar as Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens do Quilombo dos Alpes traz o limite do corpo.

TRILHA 2 – Brilho do Olhar

Antes do feriado do Carnaval, Ilyana me telefonou convidando para a primeira plenária de Saraí⁹⁵ que está concorrendo à vereança em Porto Alegre nesse ano. Como a plenária seria dia 29 de fevereiro, falei para Ilyana que não sabia se poderia ir porque, nessa data, já estaria trabalhando, mas disse que tentaria ir. Durante o Carnaval, refleti e decidi que seria um ótimo acompanhamento de Trajetória Espacial Cotidiana uma vez que Ilyana é engajada politicamente e está apoiando e trabalhando na campanha de Saraí. Comuniquei na escola, enfatizando que era fundamental para minha pesquisa.

No dia 29 de fevereiro, saí de casa lá pelas 18h, sendo que a plenária seria na sede municipal do PT, localizada na Avenida João Pessoa, em frente ao Parque da Redenção. Cheguei às 19h na sede e entrei. No primeiro saguão, há algumas mesas, com livros. Ao lado, uma livraria, que comercializa publicações principalmente voltadas a temas políticos. No fundo da sede, fica um auditório com uns 110 lugares. Nesse auditório, as paredes são brancas e, do chão até a altura de um metro, são pintadas de vermelho, sendo que as pinturas são relativamente novas, proporcionando um ambiente agradável. Na parede do fundo, havia uma

⁹⁵ Na entrevista, Ilyana se refere à Saraí como sua segunda mãe.

imensa bandeira do PT pendurada e, na frente, bandeiras menores, dispostas como num varal: a bandeira do Movimento dos Atingidos por Barragens, com fundo branco e seu símbolo onde embaixo consta escrito: Brasil – águas para a vida e não para a morte; a bandeira vermelha do MNLM – Movimento Nacional de Luta pela Moradia, com seu símbolo; a bandeira com as cores do arco-íris, que representa a luta pela livre orientação sexual; a bandeira da UNE (União Nacional dos Estudantes); a bandeira do PT, com fundo roxo, que representa a luta feminina/feminista dentro do PT; a bandeira do JPT – Juventude do Partido dos Trabalhadores e a bandeira do MST – Movimento Nacional dos Trabalhadores Sem Terra. Ao longo das paredes fotos recentes das lideranças do PT, entre elas o Governador do Estado do Rio Grande do Sul, Tarso Genro e da Presidente Dilma Roussef. Ao fundo, uma mesa com espaço para uns cinco palestrantes sentarem e duas grandes caixas de som, onde dois músicos afinavam seus instrumentos. Na entrada, havia uma mesa com materiais e uma lista de presenças. A maioria das pessoas que entravam se conheciam entre si e me cumprimentavam. Havia um clima de camaradagem, conhecimento e amizades.

Entrei no auditório e vi Ilyana. Fui cumprimentá-la. Estava toda bonita, de cabelo trançado, com fitas roxa e lilás. Sentei-me bem atrás e perto de um ventilador, pois havia só quatro e um estava estragado. Ilyana chegou perto de onde eu estava e disse para eu sentar em uma fila de cadeiras à frente. Aí eu não ficaria sozinha. Troquei de lugar e conversei com uma senhora que estava perto de mim.

*Como havia tido um grande temporal em Porto Alegre, o início da plenária atrasou um pouco. O público foi chegando aos poucos. Iniciou com o que, no PT, chamam de *mística*: música e mensagens, para criar uma atmosfera propícia à atividade que será desenvolvida. Um militante abriu a plenária e houve apresentações de música: um gaiteiro, um violinista e dois cantores se alternaram em músicas nativistas. Uma jovem⁹⁶ cantou *Elis Regina* acompanhada de violão; um jovem declamou uma poesia sobre a mulher e um rap *swingado*⁹⁷. Esse jovem era o primo de Ilyana que estava com ela na Trilha 1.*

Às 19h50min iniciou a plenária, com as falas de apoio à candidatura de Saraí e o lançamento de sua pré-candidatura à vereança. As falas foram de: um deputado

⁹⁶ Posteriormente, fiquei conhecendo Elisa, vocalista do conjunto musical 'Pegada de Negão'.

⁹⁷ Rap significa *rhythm and poetry* (ritmo e poesia) e é uma das linguagens do Movimento Hip Hop. O jovem cantou um rap, mas com malemolência, daí ser *swingado*. (LAITANO, 2001)

estadual do PT, do representante da CUT (Central Única dos Trabalhadores), do organizador da campanha, do responsável pelo financiamento da campanha (onde Ilyana foi apresentada como a responsável pela Agenda de Saraí), do representante do Movimento Negro, do representante da juventude, de um frei representante de um deputado federal, do representante da comunidade da Cruzeiro do Sul, do representante do GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), do representante da Articulação de Esquerda (corrente política interna do PT), do representante dos educadores. Houve um momento de filiação de militantes ao PT. Todas as falas referiam-se a Saraí como mulher, militante histórica e popular do PT e com grandes chances de se eleger para um mandato popular na Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Quando Saraí chegou, todos a aplaudiram e falaram palavras de ordem. Saraí estava toda em tons de roxo e lilás e foi conduzida à mesa. Quando da chegada do candidato do PT, à prefeitura houve novamente aplausos e palavras de ordem. Ele entrou acompanhado, entre outros, de Reginete Bispo, uma das primeiras pessoas com quem conversei sobre o Quilombo dos Alpes e que eu considero um membro honorário do mesmo. Houve a formalização da pré-candidatura de Saraí, que foi apresentada formalmente. Reginete e um vereador do PT na Câmara Municipal de Porto Alegre também falaram da importância da candidatura e do apoio a Saraí. Por fim, Saraí fez seu discurso, reafirmando que seu mandato será em sintonia com sua história e com o PT histórico.

Estava no mundo da linha molar, mas acredito que o PT, em algumas de suas partes, se alimenta e dialoga com o molecular, só que o cuidado é para nesse diálogo, o molecular continuar a ser molecular, ou seja, repleto de flexibilidade e não se engessar, virando uma caricatura molecular.

Nessa plenária, pude observar que Ilyana estava bem inserida no seu papel, na campanha de Saraí. Durante a plenária, Ilyana se movimentava entre os jovens presentes e pareceu que fazia contatos e algum tipo de credenciamento. Também vi alguns jovens, cujos rostos eu conhecia do bairro Glória. Quando Ilyana foi apresentada como responsável pela agenda de Saraí, vi um rosto bonito e iluminado, com seus olhos brilhando. Fiquei feliz por Ilyana, talvez por ter conhecido a precariedade do seu local de moradia, a qual, se tomada isoladamente, pode alimentar um discurso de que quem mora ali não tem visão político-crítica. Da casa velha e desgastada na Estrada dos Alpes à sede do PT municipal, existe uma haste

do rizoma, no qual Ilyana transita, alimentada de suas vivências e seus juízos. Segundo a entrevista que fiz com Ilyana e descrita acima, Saraí foi fundamental, foi sua “segunda mãe”.

TRILHA 3 – Cor do Cabelo

No dia 6 de março, Ilyana me ligou e convidou para um almoço na ONG Maria Mulher⁹⁸, da qual ela participa em algumas atividades. O almoço seria em função do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher.

No dia 8 de março, peguei o ônibus T3, lá pelas 11h30min. Pedi ao cobrador para ele me avisar quando estivesse perto do Super Daki, que era o meu ponto de referência, a ONG era do outro lado da rua. Sentei e o senhor do meu lado no ônibus ouviu minha conversa com o cobrador e disse que me avisaria. O trajeto que fiz da minha casa até a ONG passa pela Vila Cruzeiro do Sul. Entraram no ônibus pessoas pobres e pensei o quanto a gente vai se distanciando da vida real das classes populares, parcela significativa da população brasileira, quando andamos só de carro particular. Andar de ônibus é um exercício de civilidade e de encontro das diferenças e das desigualdades.

Desci praticamente na frente da ONG, onde havia uma placa relativamente grande, onde estava escrito “Maria Mulher”. Estava na Rua Cruzeiro do Sul, em plena vila, mas, de um lado, havia as casas de classe média da Vila dos Comerciários, separadas por um muro de concreto, e do outro lado, as ruelas asfaltadas e as casas pequeninas da Cruzeiro. Mas o que observei das ruelas me pareceu relativamente bonito, talvez porque estivesse numa parte nobre da Cruzeiro, já que não conheço a espacialidade da Grande Cruzeiro. Percebi que, no mesmo prédio da ONG, ao lado, havia uma placa que identificava uma Igreja Metodista. Cruzei o portão de ferro e uns dois ou três metros depois já havia umas quatro mulheres negras. Cumprimentei-as e perguntei pelo almoço com a Saraí. Me falaram que Saraí não havia chegado e que eu podia entrar. Atravessei o pequeno pátio, onde já havia uma mesa posta ao ar livre com os pratos e os talheres para o almoço. Então, entrei em um recinto com cadeiras estofadas de relativo conforto;

⁹⁸ Trata-se da Organização Não Governamental ‘Maria Mulher Organização de Mulheres Negras’, a qual vem atuando desde 1987, com a missão de realizar a defesa dos direitos humanos das populações marginalizadas, em especial dos afrodescendentes e fazer o enfrentamento das discriminações sexista, étnico-racial e social. (MARIAMULHER, 2012)

duas mesas redondas baixinhas, com toalha branca; um tablado mais alto, fazendo às vezes de palco; um projetor devidamente instalado com um telão, onde estava sendo televisionado o Jornal do Almoço. Havia também uma caixa de som e microfones, próximos a dois jovens⁹⁹ que estiveram na plenária de Saraí e estavam afinando os instrumentos. Na parede oposta ao tablado, havia uma cortina de tactel amarela, marcando os bastidores da sala. Percebi que, na sala, todas as aberturas de vidro tinham janelas do tipo tampão. Depois fiquei sabendo que ali era uma sala de cinema e entendi que, com aquelas janelas, realmente ficava o ‘escurinho do cinema’. Também reparei que todas as instalações eram simples, mas funcionais, sem enjambrações, e bonitas.

Cheguei e cumprimentei quem via, me dirigi a Ilyana, que me apresentou Noa, a coordenadora da ONG. Ilyana falou da minha pesquisa e Noa falou de uma jovem que fez o doutorado sobre segurança alimentar dos quilombolas. Eu disse que assim que terminasse a tese iria divulgá-la. A caixa de som estava com problemas e Noa falou que vai mandar arrumar, porque detesta coisa que não funciona. Um pouco depois chegaram três mulheres representantes do governo estadual e, junto com elas, Noa me levou para mostrar a parte de cima da ONG, com suas diversas salas para os atendimentos, que vão desde o atendimento psicológico individual até uma sala de informática. Noa salientou que a ONG funciona através de trabalho voluntário e da concorrência a editais estaduais ou federais. Com projeto, eles conseguem verbas tanto para compra de equipamentos quanto para os pagamentos dos oficinairos. Noa é uma negra bonita, de cabelo crespinho e curto, bem tratada e com uma postura de quem tem acesso ao conhecimento crítico. No pátio, Noa comentou sobre a mudança da cor do cabelo de uma jovem mulher que estava lá, provavelmente da Vila Cruzeiro do Sul. Noa falou que ela tirou o loiro e colocou um castanho escuro e disse: “Muito bem!”. Percebi também que Ilyana tinha tirado o loiro e colocado um preto no seu cabelo.

Entre na sala, sentei e fiquei conversando com Ilyana. Comentei sobre a mudança da cor do cabelo e lhe perguntei qual era a cor dele. Ela me disse que era um castanho e que mudava como a cor dos seus olhos e da sua pele.

Os convidados para o almoço iam chegando. Saraí chegou, com um vestido tomara-que-caia vermelho, com uma blusa preta aberta na frente. Seu cabelo estava

⁹⁹ Posteriormente, fiquei sabendo que esses jovens compõem o conjunto musical ‘Pegada de Negão’, sendo que a jovem é Elisa, citada acima.

puxado com um coque e uma flor vermelha. Ilyana me apresentou e cumprimentei-a. Depois conversei com Saraí sobre a pesquisa, falei que todos os jovens teriam os nomes trocados por nomes fictícios, mas que ela é que decidiria se seu nome apareceria ou seria trocado. Salientei que Ilyana só tinha falado coisas boas ao seu respeito, e ela, como boa política, me disse que o que Ilyana não podia dizer eram mentiras. Assim, ficou acertado que as referências a Saraí, que aparecessem nas entrevistas e que entrassem na escrita da tese, levariam o seu nome.

Já avançando no horário da tarde, o almoço foi servido. A maioria das pessoas era formada por mulheres. Acredito que são mulheres que estão envolvidas na ONG e são da própria Vila Cruzeiro do Sul. Na mesa, ao ar livre, havia um carreteiro, uma meia feijoada, ovo picado, salsinha, salada de tomate, cebola e alface, mais um molho para temperar. Me servi, sentei na sala e comi, estava uma delícia. Tive sorte, pois peguei uma cadeira bem perto de um ventilador!!! Uns jovens passavam com bandejas, onde havia copos servidos de refrigerante ou água. Bebi um copo de água. Assim que acabei, fui até a cozinha, onde deixei o prato e o copo, e cumprimentei o cozinheiro.

Durante o almoço, os jovens se apresentaram. Uma moça que cantou na plenária de Saraí, acompanhada ao violão, se apresentou (era Elisa). Ela é toda bonitinha e usa aparelho. Seu cabelo estava puxado para cima com um laço e os crespos foram valorizados. O rapaz toca violão. Tenho impressão que os conheço, mas não sei de onde. Um primo de Ilyana, que estava no Fórum Social Temático com ela e na plenária, declamou duas poesias. E uma jovem alta, com o cabelo crespo solto declamou uma poesia sobre as mulheres. Depois houve falas. As representantes do governo do Estado do Rio Grande do Sul falaram. Uma foi questionada e sua fala versou sobre muitas coisas, com ênfase nas ações de geração de trabalho e de renda, que o governo estadual vem fazendo, levando em conta as peculiaridades regionais. Depois, um frei e sua acompanhante falaram. O frei enfatizou as músicas e as poesias que os jovens apresentaram, que tinham significado e levavam à reflexão.

Conversei com uma liderança comunitária. Ela me reconheceu, de quando trabalhei na SMED¹⁰⁰ e ia ao Colégio Emílio Meyer, na implantação do Curso Normal. Ela me relatou o quanto sua vida mudou: foi Conselheira Tutelar, fez o

¹⁰⁰ A sigla SMED significa Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

Curso Normal, se formou em Pedagogia pela PUC (Pontifícia Universidade Católica), se especializou em Direitos da Criança e do Adolescente e está com um contrato de professora no Estado do Rio Grande do Sul, onde também discute a questão do Ensino Médio. Ela pretende fazer uma pesquisa que mostre o impacto das políticas públicas, da qual ela é fruto, na vida concreta das pessoas: o que aconteceu com fulaninho que teve tal atendimento. Deu o próprio exemplo de Ilyana, que, pela EMEF Gabriel Obino, era um caso de FEBEM¹⁰¹. Me falou cheia de felicidade que seu neto de 17 anos faz estágio e toca contralto numa orquestra e que foi incentivado por uma professora da EMEF N. Sra. das Graças. Salientou o quanto as mudanças aconteceram para ela, que, antes de ser Conselheira Tutelar, levava uma vida de dona de casa na vila. Me perguntou como fui parar na EMEF Gabriel Obino. Conteí minha trajetória de moradora do bairro Glória e de professora da rede municipal. Observei que ela também está bem mais refinada para falar. Nada como a inserção do sujeito em outros espaços.

Conversei mais um pouquinho com Saraí. Ela comentou que a gente fica meio estranha quando está num lugar onde não conhece as pessoas. Respondi que não me importava e que, para o meu trabalho, isso era bom. Tirei foto com Saraí e Ilyana. Na hora da foto, disse para Ilyana ficar no meio, Saraí completou que Ilyana era o que nos unia. Saraí é rápida no pensar e bem disposta, tem um largo sorriso no rosto. Depois me dei conta que quem tirou a foto foi uma liderança comunitária do bairro Restinga e participante do MNLN (Movimento Nacional de Luta pela Moradia). Achei-o muito envelhecido, até meio trêmulo e fumando! Mesmo líder e discutindo nacionalmente a questão da moradia, fiquei pensando que seu estrago corporal é o estrago das classes populares. A classe social se impõe aos corpos. Depois Saraí, o líder comunitário da Restinga e outros subiram para as salas de reuniões da ONG, onde teriam atividades. Me despedi e saí contente. Na saída, tirei uma foto da placa da ONG.

Nessa minha ida à ONG Maria Mulher, observei que Ilyana se relaciona e conversa com as diferentes pessoas. Ilyana me contou que a ONG está concorrendo a um edital para uma oficina de contação de histórias. Combinei com ela que posso

¹⁰¹ FEBEM é a sigla da antiga Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor, já extinta. Em seu lugar, atualmente, existe a FASE (Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul), que é o órgão responsável pela execução das medidas sócio-educativas de internação e semiliberdade, determinadas pelo Poder Judiciário para adolescentes autores de ato infracional. (FASE, 2012)

ajudá-la, caso saia a aprovação do edital. Há professores na EMEF Gabriel Obino que trabalham nessa área e a biblioteca da escola é ótima.



Foto 15: Placa da ONG Maria Mulher.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

TRILHA 4 – Mensagem da Canção – Semana 40 Graus

Combinei com Celeste que iria encontrá-la no domingo, 11 de março, às 16h na casa da Janja. Desci devagar do ônibus e fui fotografando. Cheguei lá pelas 15h40min. Fui até a casa de Janja, falei com ela, que me levou até Milton e mais duas mulheres que estavam tomando cerveja na área junto à casa. As crianças corriam e havia um galeto no fogo, mas a maioria já tinha almoçado. Mostrei as fotos do aniversário de Maria João, na máquina fotográfica, e expliquei que estava com problemas para baixá-las no computador. Conversei com Janja, que me relatou que

os netos ficam durante a semana com ela e que, nos finais de semana, não querem ir para a casa dos pais. Ela disse que está cansada e que precisa fazer umas coisas sozinha, encaminhar umas papeladas. Ao escutar um funk saindo de um celular, Janja disse que era a favor da censura para essas músicas e que ela escuta outro tipo de música: Clara Nunes, Jovelina Pérola Negra, etc, músicas que passam uma mensagem, que fazem refletir e que ela tenta passar as coisas boas que sua mãe lhe passou, mas que é difícil.

Tentei contato com Celeste, mas não consegui, nosso encontro foi ‘pro saco’, mas acabei pegando os convites para o Galeto Dançante do quilombo e combinei com Janja que enviaria e-mail para Maria Quitéria me mandar o cartaz e eu fazer a divulgação na escola. É o rizoma... sempre inesperado e descentrado, ou melhor, sou eu andando pelas hastes do rizoma, por suas trilhas.

SEMANA 40 GRAUS – 11 a 17 de março

Me deu certo arrependimento de não ter ido no sábado, dia 10 de março ao quilombo, mas o calor estava insuportável, meio do tipo panela de pressão. Fiquei meio frustrada comigo, por ter ido no domingo, dia 11 de março, e por não ter cumprido minha combinação com Celeste. Ao mesmo tempo, na hora não dei a devida importância aos convites para o Galeto Dançante, que a Associação Quilombola D. Edwirges/Quilombo dos Alpes estava organizando, a fim de arrecadar fundos para a finalização da nova sede da mesma, espaço construído em mutirão e batizado de Octógono Dejanira, uma tia de Janja. Ao longo dessa ‘Semana 40 Graus’, compreendi que o galeto é um marco da retomada política e emocional das lutas do Quilombo dos Alpes. E eu, bobinha, achando que os convites e o cartaz tinham sido uma investida sem significação.

Liguei para o Forbas e combinei que iria na quarta-feira, dia 14, acompanhá-lo em sua Trajetória Espacial Cotidiana. Como caiu um temporal nesse dia, passei um torpedo para ele, dizendo que depois ligava, para nos encontrarmos noutra data. A ideia era acompanhar Forbas em sua revisão e controle da doença, que havia tratado ao longo do ano de 2011, ou seja, pretendia ir com ele ao Hospital Conceição. Posso dizer que, felizmente, esse acompanhamento não se realizou, porque seus exames indicaram melhora na sua saúde. Desse modo, houve a necessidade de consulta médica, num prazo que excedia os desta pesquisa.

Também liguei para Maria Quitéria e combinei de ir ao quilombo, na quinta-feira, por volta das 17h.

Quanto aos contatos com Celeste, tentei mais uma vez e ela não apareceu. Tenho um apreço muito grande por Celeste. Ela foi uma das alunas que tive na EMEF Gabriel Obino e que me perguntavam se eu conhecia o quilombo que tem em cima do morro. Outra vez, encontrei Celeste caminhando na rua de baixo, rumo à casa de sua mãe, que é próxima, mas não fica dentro do quilombo. Ela estava acompanhada de um jovem, que acredito ser o seu marido. O jovem tinha um cachorro de um tipo brabo na guia. Quase não consegui falar com Celeste, pois o jovem a interditou e eles seguiram seu rumo. Com esse acontecimento, desisti de realizar a Trajetória Espacial Cotidiana com Celeste. Encontrava-me frente a uma interrupção de uma haste do rizoma, uma haste desconectada (ao menos para mim, naquele momento).

TRILHA 5 – Maria Quitéria no Ônibus

15 de março, quinta-feira. Entrei no ônibus Alpes e logo vi Maria Quitéria, que me deu um sorrisinho, sendo que seus olhinhos voltaram-se para baixo. Já até conheço seu jeitinho de olhar. Sentei no banco que ficava atrás ao que ela estava e, logo depois, ela sentou do meu lado. Comecei perguntando do concurso que ela e o Amadeo foram fazer, no último domingo. Maria Quitéria me contou a maratona, a perda do horário do ônibus Alpes, a descida até a Avenida Oscar Pereira, o Trensurb, pois o concurso era na ULBRA da cidade de Canoas. Depois do trem, um táxi rachado com outras pessoas que estavam indo fazer o concurso, o frio na barriga de chegar atrasado. Enfim, a prova e, depois, a volta na multidão. Comentei que eles deveriam ter ficado nervosos e ansiosos, mas que era assim mesmo, que o negócio era ir fazendo concurso, que uma hora se passa.

Maria Quitéria me perguntou onde eu preferia descer, se no fim da linha ou no bequinho. Respondi que preferia o fim da linha, pois a lomba do bequinho era demais. Ela me disse que, quando ia pelo bequinho, subia correndo. Descemos no fim da linha e fomos a pé, pela estrada de terra batida. Maria Quitéria comentou que o barro, em função das chuvas da semana, só acumulava água depois que o muro dos padres foi construído. Explicou que isso ocorria porque os padres derrubaram os pinheiros que davam pinha e entulharam o poço, sendo que ali era uma área de

nascente. Também me contou que havia ido até o George Black¹⁰² e, depois, na EMEF Gabriel Obino deixar os convites do Galeto Dançante com a diretora. Comentei que moro perto do George Black e que, na escola, há muitos professores novos e que a nova direção é progressista.

Pegamos o atalho que dá na casa de porta azul. Esse atalho está repleto de flores do campo de tons lilás... Será que tem cobra?

Chegamos na casa da Janja. Maria Quitéria foi acomodar seus filhos e eu disse que tinha tempo, que ela não se incomodasse em me fazer sala, pois trabalhava só às sete da noite e tinha um ônibus às 18h30min.

Maria Quitéria voltou e ficamos conversando na cozinha de Janja. Expliquei essa nova parte da pesquisa, que estou chamando de Trajetórias Espaciais Cotidianas, as quais já tinha feito um pouco com Ilyana. Maria Quitéria achou interessante e, quando Janja chegou, disse que eu agora queria 'ficar como uma sombra deles'. Retruquei que eu tinha noção que toda pesquisa é, de certa forma, uma intromissão, mas que sabia que o resultado final seria bom. Conversamos mais um pouco e falei que eu tinha intenção de, após a pesquisa, continuar trabalhando com eles, que moro e trabalho perto. Também falei que tenho uma coleção de livros infantis, que quero doar para eles, que foram livros que ganhei ao longo da minha infância.

Maria Quitéria me propôs ajudá-los a montar uma biblioteca e disse que ela tinha muitos livros em casa e não sabia mais onde colocá-los. Respondi, então, que guardaria os livros e que eu a ajudaria. Imediatamente me lembrei de uma amiga que estuda Museologia na UFRGS, na mesma faculdade onde está instalado o curso de Biblioteconomia e que poderia me dar algum contato, a fim de qualificar a montagem dessa biblioteca, tantas vezes mencionada por Maria Quitéria. Acabei encontrando-a no sábado dia 17 de março e já trocamos umas ideias, sobre a biblioteca e as oficinas de contação de histórias no quilombo. Então, eu a convidei para o Galeto Dançante.

Combinei com Maria Quitéria que viria no sábado, lá pelas 16h, quando ela me mostraria o edital a que eles concorreriam para conseguir verbas para as

¹⁰² Georg Black é o Centro de Referência de Assistência Social da Glória. É ligado à Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC), que é o órgão da Prefeitura Municipal de Porto Alegre responsável pelas ações de assistência social. Entre outros atendimentos e serviços, essas ações envolvem a abrigagem infanto-juvenil e adultos, bem como o programa Bolsa Família. (FASC, 2012)

oficinas. Mas, como sempre, ela me advertiu que, para tudo isso, precisa que a sede da Associação esteja pronta.



Foto 16: Atalho com flores do campo lilás.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

TRILHA 6 – Zunido do vento

17 de março. Cheguei lá pelas 16h30min em frente à casa de Maria Quitéria. Meleagro estava jogando bola. Cumprimentei-o e disse que queria falar com Maria Quitéria. Meleagro chamou-a e me disse que ela já viria. Um dos filhos de Maria Quitéria apareceu e começou a jogar bola com Meleagro, na área coberta, na frente da casa. Logo depois, Meleagro partiu e fiquei com a impressão que ele estava mais ‘centrado ou aterrizado’. Conversei com o filhinho de Maria Quitéria, enquanto ela não chegava. Chegou mais um menino, e perguntei de quem ele era filho. Ele respondeu: “Do Arquelau”. Era um garotinho lindo, de rosto redondinho, olhos gateados e cabelo bem sararazinho, com uma argolinha na orelha ... bem sapeca.

Também passou uma menina em direção à casa de Maria Quitéria. Dei 'oi'. Quando ela voltou, perguntei se era a filha de Zéfiro. Ela deu um sorriso lindo. Reparei que ela tem o rosto do seu pai e seu nome é Poliana.

Maria Quitéria apareceu e seu filho pequenininho veio junto e ficou meigamente no seu colo, com o rosto recostado nela. Sentamos na mureta da casa de Janja. Maria João passou com um rapaz e disse que a Ilyana estava lá em cima¹⁰³ com a Janja. Comentei com Maria Quitéria que estava à disposição dela, que meu objetivo era acompanhá-la. Ela propôs subirmos para a nova sede e pegou seu computador. Assim, segundo ela, já olhávamos o edital com Ilyana. Seu filhinho não foi junto.

Na subida, encontramos Janja no mato, mexendo nas plantas. Ela comentou zombando que Ilyana estava lá em cima, com uns amigos, e que estavam todos bêbados. Tinham tomado cachaça no sol e vindo caminhando até o quilombo.

Entramos no Octógono. Ilyana estava lá, seus amigos estavam do lado de fora e não cheguei a conhecê-los. Arrumamos um lugar sem sol, visto que o sol adentrava pelas janelas no octógono, ofuscando nossas vistas. Maria Quitéria abriu seu notebook, para vermos o Edital da Fundação Luterana, mas não conseguiu abrir o arquivo. Ficamos conversando, eu, Maria Quitéria e Ilyana. Maria Quitéria e Ilyana discutiram sobre as possibilidades do que fazer em termos de oficina, para concorrerem a esse edital. Suas ideias são as seguintes: oficina de Hip Hop, oficina de capoeira, oficina de leitura (para as crianças alfabetizadas) e oficina de recreação dirigida (para crianças ainda não alfabetizadas).

Fico feliz por vê-las exercendo autonomia, sabendo como se locomover nos meandros da política; nesse caso, como conseguir acessar os editais. Deixei claro que, frente a qualquer dúvida, elas poderiam contar comigo, mas destaquei que elas conhecem esse mundo muito mais do que eu.

Ilyana disse que iria para casa e me perguntou se eu iria de ônibus. Respondi que sim, mas, como ela afirmou que iria pelo morro, resolvi descer junto, pois não conhecia aquela parte do quilombo. Me despedi de Maria Quitéria e deixei amarrado, para segunda-feira, um acompanhamento¹⁰⁴, pois talvez ela fosse ao centro.

¹⁰³ Essa referência é à nova sede da Associação Quilombola D. Edwirges, espaço nomeado de Octógono Dejanira.

¹⁰⁴ Esse acompanhamento não se realizou, porque não consegui contatar Maria Quitéria no domingo.

Fui com Ilyana pela rua de cima. A vegetação é linda. Passamos pelo viveiro dos chás que está meio abandonado. Senti um pouco de frio, fiquei arrepiada e adorei... Depois de tanto tempo de calor em Porto Alegre, vislumbrei a cidade já com o sol em tons de outono, num amarelo que tende ao pálido e ao marrom, mas ainda mantém os tons alaranjados e vivos do verão. Avistei o Hospital Divina Providência, a vila Cascata, a Avenida Oscar Pereira, vários prédios pelos quais passo cotidianamente, o bairro Teresópolis, o campo do Grêmio, o lago Guaíba, as ilhas. Por mais prédios que veja do alto, Porto Alegre não me parece uma selva de pedra. Descemos pelo largo caminho da rua de cima. Passei por onde provavelmente teria sido a casinha de vassouras¹⁰⁵. Me apaixonei pelo campo florido. Flores do campo nas mais diferentes cores: amarelas, laranjas, vermelhas e azul-lilás. Só de lembrar, suspiro por causa da beleza da simplicidade das flores do campo. Minha vontade era me reclinar por ali, tomar um chimarrão, me jogar na relva, fazer um piquenique com alunos que moram em condomínios ou com os amigos. O barulho do vento zunia, e eu me arrepiava de um friozinho gostoso. Quanta ignorância, quanto medo em relação aos moradores dos morros da cidade são expressos pela classe média. Recordei Mia Couto e suas Geografias do Medo¹⁰⁶.

Na descida, Ilyana me contava um pouco do quilombo. Assim que parou o vento, estávamos numa quebrada onde ela me disse que já estávamos na Vila Graciliano Ramos. Passamos por um casal e uma casa toda arrumadinha, pátio varrido e organizado com pedras pintadas de branco. Ilyana me confidenciou que, nessa família, todos eram esquizofrênicos e que o pai vendia as filhas. O próprio Conselho Tutelar já tinha intervindo, mas não havia o que fazer ou não tinha dado em nada. Lá pelas tantas, me dei conta que estava frente à casa de Saraí, onde tinha estado com Teseleu, que foi a pessoa que me recepcionou na minha primeira ida ao Quilombo dos Alpes. Na frente da casa de Saraí, Ilyana me mostrou sua nova casa. Disse que seus amigos estavam ali e me convidou para entrar. Agradei e disse que tinha horário, mas que gostaria de acompanhá-la em momentos que não fossem da política. Ela me falou que fará um Chá de Panela, ou melhor, de Casa Nova, quando a interpelei se iria casar. Disse que ficaria esperando seu convite, pois

¹⁰⁵ A casinha de vassouras é, provavelmente, uma das primeiras residências de D. Edwirges no morro.

¹⁰⁶ Na Conferência de Estoril, em 2011, Mia Couto leu o texto “Murar o Medo”, onde ele aborda a questão da fabricação do medo do outro, o qual tem levado a sociedade atual a perder a capacidade de indagar e questionar as estruturas de poder mundial. Para a cidadania, Mia Couto afirma que não há outro caminho que não comece pelo desejo de conhecer melhor o Outro. (COUTO, 2011)

tinha interesse de vê-la com seus amigos. Ilyana me disse que sua diversão era assim na sua casa, ou na casa dos amigos ou na campanha política. Me despedi, e ela me disse que, descendo, logo ali, era a Estrada dos Alpes. Caminhei um pouquinho e saí na parada de ônibus da cancha de bocha. Uns homens estavam jogando bocha. Tudo muito tranquilo. Olhei a tabela e esperei o ônibus Alpes, que passaria em breve. Pensei que as casas bem construídas e de classe média, da Estrada dos Alpes, não devem ter problema de segurança.

Terminei meu campo muito feliz e em bem-estar, também consciente de que tenho que agilizar as Trajetórias Espaciais Cotidianas. O prazo será o galetto. Como sempre, o mais difícil será com os guris. Tenho que seduzi-los e entendê-los.



Foto 17: Provável local da casinha de vassouras.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.



Foto 18: Zona Norte de Porto Alegre vista da descida da rua de cima.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.



Foto 19: Porto Alegre, em tons de outono, vista do Quilombo dos Alpes.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

TRILHA 7 - Chuvisqueiro

Na quinta-feira à noite, dia 21 de março, dei a primeira aula para Forbas, na EMEF Gabriel Obino. Aproveitei para engatar minha ida no tal de 'Comunitário', um campo de futebol 'lá embaixo', como os guris do quilombo falam. Na sexta-feira, dia 23 de março, liguei para o Forbas, a fim de saber se iria ter jogo no 'Comunitário'. Ele disse que o tempo estava mudando e que talvez não descessem, mas fiquei de passar lá, mesmo assim. Já havia me informado que era na Rua Carvalho de Freitas, perto da Padaria Delícia.

Saí do trabalho e me dei conta que estava chovendo. Mesmo assim, passei de carro devagarzinho, a fim de achar o tal de 'Comunitário'. Lá pelas tantas, avistei um campo de futebol todo iluminado. Me parecia uma praça. Nem desci do carro, pois não avistei ninguém. Fiquei meio frustradinha e pensando na necessidade de agilizar as Trajetórias Espaciais Cotidianas.

TRILHA 8 – Alinhavos para Semana e Jogo no Comunitário

Cheguei no quilombo lá pelas 16h40min, do dia 24 de março, sábado. Fiz o caminho do atalho da casa de porta azul. O atalho está tomado por flores do campo rosa-claro, as quais crescem em longas hastes bem altas, sendo que ao longo dessas hastes nascem as flores. Tenho cuidado com os cocôs dos cachorros, mas também penso em cobras.

Pelo caminho, encontrei a mãe de Celeste, que estava com Poliana, a filhinha de Zéfiro. Cumprimentei-a e perguntei por Celeste. Ela me disse que estava em casa. Fiquei contente frente à possibilidade de falar com ela. Para Poliana, perguntei por seu pai. Com seu lindo sorriso, falou: “Não sei...”.

Fui direto à casa de Forbas, que é em frente da casa de Alcebíades. Dei a tacada certa, vários dos guris estavam por lá. Forbas não estava em casa, tinha ido passar o fim de semana com sua mãe, que não mora no quilombo. Mas encontrei Alcebíades, Hefaisto e Cefeu e outros jovens do quilombo, mais umas crianças. Estavam reunidos numas pedras que têm entre a casa de Forbas, a de Alcebíades e outra casa. Me postei ali e comecei a puxar conversa. Eles estavam mexendo com uns pneus de bicicleta. Recordei que Forbas já havia me relatado que eles andam bastante de bicicleta pelo morro. Deixei Celeste para outro dia, não podia perder essa oportunidade.

Conversei particularmente com Alcebíades, Cefeu e Hefaisto sobre a continuidade do trabalho. Entre a timidez e a minha intromissão em suas vidas, consegui alinhar as Trajetórias Espaciais Cotidianas para a semana e conhecer o famoso ‘Comunitário’.

Para Cefeu, perguntei sobre o que ele andava fazendo, se estava trabalhando. Cefeu, que sempre me parece o mais calado, por temperamento, me contou que estava trabalhando em uma pintura lá na Vila São Caetano¹⁰⁷, junto com o Arquelau. Expliquei-lhe a continuação do trabalho, se podia ir com ele, passar por lá e ficar por lá. Ele ficou meio quieto e me pareceu desconfiado, ou não entender ou achar intromissão. Confirmei quem era Arquelau. Frente à confirmação, raciocinei que é o rapaz super-habilidoso que fez o corte das madeiras do telhado da nova sede da Associação, ou seja, do Octógono. Conversei pouco com ele, mas sempre o

¹⁰⁷ A Vila São Caetano é considerada uma zona residencial diferenciada, dentro do bairro Teresópolis. As casas da Vila São Caetano são de alto padrão arquitetônico.

percebi muito centrado, com materiais de construção na mão e com um porte de quem conhece os instrumentos que carrega. Aí propus a Cefeu que eu conversasse com Arquelau, a fim de esclarecê-lo sobre o que eu pretendia, porque não queria atrapalhar, nem prejudicar seu trabalho. Perguntei a Cefeu quando encontraria Arquelau; ele me disse que só no domingo. Então, combinei que, no fim da tarde de domingo, voltaria ao quilombo para falar com Arquelau. Já vislumbrei que minha dificuldade, caso pudesse acompanhá-lo, seria ir até a casa em que estavam trabalhando, porque eles iam de moto, cortando por cima do morro.

Nesse meio tempo, chegou Jerominho, no estado de sempre. Ele me cumprimentou, com sua mão calejada, e me deu três beijinhos, numa demonstração, frente aos outros rapazes, de seu maior contato e intimidade comigo. Pensei: “Esse pessoal não é mole!!!”

Alcebíades, logo que me viu, disse não se lembrar de mim. Peguei no ‘pé’, disse que eu até já tinha entrevistado ele. Muito arredio, quase não me olhava direto nos olhos e tirava um pouco de onda da minha relação com os outros jovens. Entrei no jogo, respondia seriamente e com afeto. Aos poucos, ele foi se soltando. A presença de Hefaisto me ajudou. Ele foi meu aluno na EMEF Gabriel Obino, que ainda é chamada de CIEM¹⁰⁸, por muitos membros da comunidade. A chegada de Onofre, também meu ex-aluno, e depois de seu pai e sua mãe, com um bebê e um menininho de uns sete anos, ajudou na criação de um clima de colaboração dos jovens para comigo.

Eu explicava para os jovens que pretendia ir com eles onde eles fossem. Eles zoavam um pouco de mim, dando a entender que seriam lugares onde eu, a princípio, não deveria ou não poderia ir, meio que locais secretos, marcados por certa proibição. Me posicionei de forma a não dar muita importância para essas interdições, em certo sentido, ‘jogando o jogo das identidades’ com os jovens. Ao mesmo tempo, me lembrava que, nas entrevistas, eles afirmavam não saírem muito do quilombo. Falaram por alto da festa funk, na Cruzeiro do Sul. Disse que, se eles fossem, eu iria, mas que só iria com eles.

Nesse meio tempo, passou Magnólia e aí fiquei sabendo que ela, Hefaisto e Alcebíades eram irmãos. Pensei na validade da amostra, se isso não me jogava

¹⁰⁸ CIEM é a sigla de Centro Integrado de Educação Municipal, denominação dada a várias escolas municipais de Porto Alegre, na época do governo Alceu Collares, que esteve à frente da prefeitura, de 1986 a 1988. (ESCOLA MUNICIPAL VEREADOR MARTIM ARANHA – HISTÓRICO, 2012)

para mais uma entrevista, talvez com Amélia, a transexual. Eles zoavam de Magnólia, que dava um risinho, como a enfrentar aquela maioria de rapazes que compõem o quilombo. Falei rapidamente com Magnólia, deixando combinado que depois conversaria com ela.

Perguntei se iria sair jogo no 'Comunitário'. Eles disseram: "talvez sim". Como disse que iria assisti-los, não sei até que ponto não se mobilizaram para jogarem naquele dia.

Depois de ter acertado com Cefeu e frente às dificuldades impostas por Alcebíades, que não levava a sério minhas propostas de Trajetória Espacial Cotidiana com ele, me dediquei a Hefaisto. Também pensei que as evasivas de Alcebíades talvez tenham a ver com seu não fazer nada, em estar sempre no quilombo, tanto que, primeiro ele me disse que estava num serviço de obra perto do Supermercado Nacional. Indaguei qual Nacional. Com muito custo, concluí que era o Supermercado Nacional, do bairro Teresópolis. Como tentei agendar uma Trajetória Espacial Cotidiana com Alcebíades e ele se retraiu, zoei dele, dizendo que achava que ele não trabalhava em obra. Disse que queria ver sua mão, se era uma mão calejada ou não. Alcebíades abriu sua palma da mão e passei minha mão na dele. Senti um pouco de calosidade, mas zoei, como ele faz, dizendo que era mão lisinha. Devia ter dito 'mão de médico'.

Conversei com Hefaisto, explicando-lhe a próxima etapa do meu trabalho. Ele foi bastante gentil comigo e me contou que, naquela semana, iria, com sua prima Alice, começar num emprego no Mc Donald's¹⁰⁹ (Mc). Meu coração deu um apertinho, porque sei da sazonalidade desses empregos, mas perguntei se era seu primeiro emprego com Carteira Assinada e ele me disse que sim. Entrou em sua casa pobre e me trouxe um envelope pardo bem cuidado, de onde tirou a papelada que tinha que agilizar. Sua fala era meio confusa, mas entendi que eles tinham que fazer o exame médico, abrir uma conta num banco e, depois, se apresentarem no Mc. Incentivei o que pude. Falei que o horário que eles trabalhariam era super bom, das 10h às 16h, não muito cedo por causa do deslocamento até à Avenida 24 de Outubro e do frio do inverno, e não muito tarde, o que tornava possível que estudassem à noite.

¹⁰⁹ Segundo o seu próprio site, a Mc Donalds é a maior e mais conhecida empresa de serviço rápido de alimentação do mundo, presente em 119 países, tendo 1,7 milhão de funcionários e atendendo mais de 64 milhões de clientes ao dia. (MCDONALDS, 2012)

Olhei a papelada, os documentos exigidos. Indaguei se Hefaisto tinha acabado o Ensino Médio. Ele me disse que não, e que isso não precisava. Hefaisto me disse que todos os documentos estavam prontos. Como vi as fotocópias dos documentos, elogiei mais uma vez sua primeira assinatura da Carteira de Trabalho. Propus a Hefaisto acompanhá-lo nessas andanças do primeiro emprego, em documentar tudo e colocar na pesquisa. Lembrei-lhe que todos os nomes citados são trocados. Também anotei os dias, porque estava com dificuldade de entender o que seria feito em cada dia, até chegar na quarta-feira, quando ele e sua prima Alice se apresentariam no Mc. Lá pelas tantas, Hefaisto chamou sua prima Alice, que vai trabalhar com ele. Ela estava numa casa a poucos metros das pedras, onde estávamos. Conheço Alice da escola, é meio emburrada, mas já acho que esse é um pouco o jeito das classes populares lidarem com a classe média. Falei para ela da pesquisa, das entrevistas e que iria acompanhá-los. Perguntei se podia chamá-la de Ali. Ela disse que sim. Ali me falou que a documentação, depois de pronta, iria para o Rio de Janeiro ou São Paulo. Frente à dúvida, brinquei de aula de Geografia, quando ela confirmou que era São Paulo. Falei que o Mc era uma grande multinacional e que, em São Paulo, tem muitas matrizes dessas grandes empresas. Para abrir conta em banco, quem é menor de idade tem que levar um responsável. Por isso, Hefaisto me disse que sua mãe, Erêndira, iria junto, pois Ali era menor. Hefaisto chamou Erêndira. Cumprimentei-a e perguntei se ele tinha contado para a sua mãe sobre a pesquisa. Frente a sua negativa, expliquei-lhe o que já tinha feito e o que ainda pretendia fazer. Sempre dava o exemplo de Ilyana, a qual já tinha acompanhado algumas vezes. Erêndira me explicou o que eles iriam fazer em cada dia (segunda, terça e quarta-feiras). Aí entendi que, na segunda-feira, era o exame médico; na terça-feira, abriam a conta bancária; e na quarta-feira se apresentariam no Mc. Lembrei das dificuldades, tanto de Hefaisto quanto de Ali, no sentido de me explicarem o que fariam. Erêndira repreendeu-os pelo atraso na semana passada, lembrando que tem que combinar, com a sua patroa, o horário para sair do trabalho, para poder acompanhá-los ao banco. Expliquei a pesquisa a Erêndira e enfatizei que os nomes de todos os envolvidos vão aparecer trocados, são fictícios, mas que eles, quando lessem, se reconheceriam. Erêndira se despediu de mim e retornou para dentro de sua casa. Sua última palavra foi 'fictício'.

Ao mesmo tempo em que eu travava conversas e agendamentos para as Trajetórias Espaciais Cotidianas, os jovens se agilizavam para o jogo no

'Comunitário'. Lá pelas tantas apareceu uma garrafa de Coca-cola gelada, a qual eles tomaram em copos descartáveis. Me ofereceram e agradeci. Na medida da minha permanência, Alcebíades ficava menos fechado em relação a mim. Tirei fotos dele e de Magnólia, que passou algumas vezes pelo grupo com seu risinho sem dentes, mostrando suas covinhas. Brinquei com ele, dizendo que ele gostava de tirar foto. Ele me sugeriu tirar a foto na sombra, que iria sair melhor. Enalteci seu conhecimento e perguntei se ele não queria ser fotógrafo. Na verdade, ele manifestou um desejo e conhecimento de algo que gosta. Havia um burburinho sobre pegar tênis e quem ia jogar.

Nesse meio tempo, fiquei sabendo que eles têm um time do quilombo, o Furacão. Enfatizei que o nome era forte e passa a ideia de invencível. Eles disseram que nunca perdiam. Perguntei onde jogavam. Eles contaram sobre os campeonatos; do Seu Antão, que desarticula o time se eles jogam na EMEF Gabriel Obino, porque o time deles é forte. Falaram que treinam até em dia de chuva, porque "faz parte da preparação". Me dei conta que o futebol é um esporte super másculo. Também disseram que tem um outro time, o do Alpes, onde Hefaisto às vezes joga.

Enfim, quase 17h45min, começamos a descer a pé a Estrada dos Alpes para o 'Comunitário'. Teteu, o irmão pequeno de Alcebíades foi junto. Tentei ir de mãos dadas com ele, mas ele não estava a fim e ia pela calçada.

Desci conversando com Hefaisto. Hefaisto me contou de quando chegou a treinar no Internacional, que foi a professora de Educação Física da escola que lhe arranhou esse treino, mas não me disse por que desistiu.

Ao passarmos por uma área com muitas árvores a formar um mato denso, Hefaisto comentou que ali era um bom lugar para fazer uma pracinha, tirando as árvores. Argumentei que a mata era bonita e importante e que tinha espaço plano lá em cima (no quilombo) para a pracinha. Ele disse que "lá em cima eles não fazem".

Onofre desceu de bicicleta e, em boa parte, foi conversando comigo e Hefaisto. Fiquei sabendo do seguinte:

- estão preocupados com o pessoal do Limite, área de subhabitação bem precária, ao lado da EMEF Gabriel Obino. Acham que é necessário tirar o pessoal do Limite dali, mas aí a preocupação é de eles (o pessoal do Limite) irem lá para cima, para o quilombo. Segundo Hefaisto, "é só eles [o pessoal do Limite] falarem para Janja, que ela deixa";

- que os jogadores do Internacional jogam vôlei numa quadra que fica escondida. Eles me mostraram o lugar e me alertaram que, quando eu passar por ali e tiver alguns carrões, é porque eles estão jogando;

- iam parando em algumas casas, a fim de angariarem jogadores. Chegavam falando que estavam indo para o 'Comunitário', jogar;

- numa dessas paradas, saiu um ex-aluno de uma casa. Dei: 'oi';

- depois, paramos no 'Mercado dos Alpes'. Hefaisto me disse que era da sua prima. Encontrei outro ex-aluno, bem sentado e tranquilo. Brinquei com ele sobre a vida boa; também vi que, ao seu lado, estava uma jovem que, pela aparência, dava pra ver que era sua irmã. Brinquei com a semelhança. Os jovens pararam no mercado, sentaram no banco, tomaram mais um refrigerante grande, me ofereceram e agradei. Conversaram com um que estava lá e com outro que chegou. Tirei fotos.

- fomos descendo a Estrada dos Alpes, cumprimentado um e outro. Passou um casal visivelmente bêbado. Eles cumprimentaram o casal e me disseram, zoando, que, nesse caso, eles falavam inglês, referindo-se a não inteligibilidade das palavras pronunciadas pelos 'bebuns' e por eles;

- referiram-se as suas descidas de bicicleta, pelo asfalto da Estrada dos Alpes, e ao quanto já se tinham livrado de acidentes, quando o freio da bicicleta falha;

- pegamos a Rua Carvalho de Freitas; chamei e dei 'oi' para uma aluna;

- fiquei sabendo que eles gostariam de ter um treinador e um patrocinador. Questionei o que era preciso para ser patrocinador. Eles me falaram que era só dar as camisetas e colocar o nome do patrocinador, pois as que eles tinham eram de um patrocinador antigo. Fiquei de ver o que podia agilizar, mas que o mundo da Educação Física e do esporte não eram muito próximos de mim. Também disseram sobre arranjar jogos. Pensei que tudo era simples e relativamente barato, em termos dos benefícios que poderiam reverter para a comunidade e para a sociedade em geral: patrocínio, técnico, urbanização e regularização fundiária do quilombo, melhora física das casas, etc.

Chegamos ao 'Comunitário'. Vi que o campo estava localizado ao lado de uma capatazia do DMLU¹¹⁰ e do Centro Comunitário do Bairro Glória. Era uma praça

¹¹⁰ DMLU é o Departamento Municipal de Limpeza Urbana, que é o órgão da Prefeitura Municipal de Porto Alegre responsável pela coleta do lixo domiciliar, seletivo e especial, bem como do lixo que é descartado nas ruas, da varrição e capina das vias públicas. (DMLU, 2012)

da prefeitura, relativamente bem cuidada, com duas grandes quadras de futebol com iluminação noturna.

As casas de classe média da Rua Carvalho de Freitas estão todas gradeadas e com cerca elétrica. É quase certo que seus jovens não usufruem da praça.

Entramos no campo, eu, Hefaisto e Onofre. Os outros foram chegando aos poucos. Era 18h50min. Havia uns rapazes jogando no campo menor e logo foram se organizando, de tal modo que ficou claro que todos jogariam juntos. Hefaisto, Alcebíades e Onofre foram colocando seus uniformes. Saíram discretamente para fora do campo, num matinho, para colocarem os calções. Alcebíades se mostrou mais receptivo, me contou que adorava jogar futebol, mas que seu pé não estava muito bem. Tirei fotos, e eles começaram a jogar. Logo entrou uma menina de uns nove anos, que até então não estava no grupo. Ela começou a jogar futebol com os jovens, sem demonstrar inibição. Perguntei sobre uns dois homens do lado de fora do campo, que é cercado com uma tela alta e tem um mato. Me falaram que eles ficam ali, 'fumando'. Colocaram seus tênis na mochila e eu disse que não podia cuidar, porque ficaria só até umas 8h da noite. Teteu andava de bicicleta e me chamou para ficar lá fora com os outros que chegaram. Explicou que, de lá, eu podia olhar o jogo e não levava bolada.



Foto 20: Campo de futebol do 'Comunitário'.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

Fui para fora, lá estava Agamenon e mais meu aluno Américo com sua namorada, Elvira, a qual havíamos encontrado na descida da Estrada dos Alpes. Havia também duas garotinhas irmãs de Américo: Maria Rita, de 11 anos, e Maria Elisandra, de 4 anos. Eram bem miúdas. Maria Rita era bem falante, me contou onde morava e que estudava na EMEF Gabriel Obino; também me contou que esteve no hospital tirando um furúnculo. Maria Elisandra era pequeníssima e dengosa. Coloquei-a no balanço algumas vezes e a embalei. Acho que não ia a uma pracinha, com crianças, há uns 35 anos!!! Maria Rita, Maria Elisandra e Teteu brincaram na pracinha, nos balanços, na gangorra, nos ferros de subir e com um monte de folhas secas. Nessas folhas, Teteu achou uma cédula de vinte reais!!! Veio contar e ficou feliz. Mexi com ele, alertando para que não perdesse. Dias depois, fiquei sabendo que ele acabou perdendo o dinheiro.

Elvira, Maria Rita e Maria Elisandra comiam uns sanduíches feitos na hora: pão branco de sanduíche de saco, queijo e presunto. Tiravam o queijo e o presunto

do plástico com suas mãos sujas, e o pão ficava no banco da praça. Bebiam refrigerante gelado de um litrão. Me ofereceram e agradeci. Era um belo piquenique na praça, não fossem as condições de higiene. Fiquei pensando em suas casas, nas baratas do Mc Donalds, num bom banheiro para se higienizar e, ao mesmo tempo, no quanto aproveitavam a praça e o quanto isso lhes imprime outra subjetividade, ou, no quanto esse piquenique num espaço público, ressoa em seus eus.

A garotinha que estava jogando futebol com os guris chegou e pediu um copo de refrigerante. Estava suja e suada. Elvira serviu, perguntei onde morava e com quem estava. Ela falou que morava no Morro da Glória e que estava com sua mãe, que já estava indo embora. Então, ela deu ‘tchau’ e saiu andando na bicicleta. Teteu se deu conta que a bicicleta era de um dos jovens do quilombo, correu até a quadra e Onofre saiu correndo atrás, retomando a bicicleta. Conversei mais um pouco com Elvira, que mora no bairro Cavahada e faz curso no Calábria¹¹¹, ficando com Américo apenas nos finais de semana, pois, nos dias de semana, eles não têm tempo.

Estava frio, eu me despedi e fui embora lá pelas 19h30min. Os jovens ficaram jogando, me disseram que, às vezes, ficam até a meia-noite e que já houve vezes que ficaram até as três da manhã.

TRILHA 9 – Sem Letreiro

26 de março, segunda-feira. Como combinei de estar na casa de Hefaisto às 11h, me organizei em função do horário do ônibus; porém, acho que o ônibus passou sem letreiro. Assim, acabei chegando às 11h30min. Fiz o atalho que dá na casa de porta azul, com o coração na mão e o medo de perder Hefaisto, nessa rica Trajetória Espacial Cotidiana, que espacializa os passos de seu primeiro emprego de Carteira Assinada.

Passei que nem foguete pela casa de Janja. Cumprimentei-a pela janela, dizendo que estava indo na casa de Hefaisto. Também vi D. Jane. Estavam com umas carinhas de ‘me acordei faz pouco tempo’.

¹¹¹ Calábria é o Centro de Educação Profissional São João Calábria, localizado no bairro Vila Nova. No Calábria, são oferecidos vários cursos para qualificação profissional de jovens de baixa renda. (CALABRIA, 2012). Os bairros Cavahada e Vila Nova são próximos do bairro Teresópolis.

Cheguei na casa de Hefaisto. Tudo fechado. Chamei, veio um cachorro latindo. Vi que havia várias roupas no varal. Fui para o lado da casa e reparei que tinha uma televisão ligada num desenho animado. Dava para ver a televisão, porque a janela era uma basculante só com a armação de ferro, sem vidros. Pensei no frio do inverno, entrando por ali. Chamei. Nada. Me dirigi à outra casa, em outro pátio mais ao fundo, pois percebi que havia pessoas no quintal. Cumprimentei, veio um cachorro em direção aos meus pés. Gritei com o bicho. Saía um catarro do nariz do cachorro. Isso me deu nojo. Chegou uma jovem que eu já tinha visto. Seu cabelo crespo estava naquelas condições de quem tinha acordado e ainda não tinha ajeitado o cabelo. Eu disse que estava atrás do Hefaisto. Ela foi até a janela sem vidros comigo e gritou. Alcebíades apareceu na basculante sem vidros e disse que Hefaisto e sua prima Alice, de 17 anos, tinham saído havia pouco. Agradei e desci correndo a rampa que dá na Estrada dos Alpes, a fim de pegar um ônibus que passaria em cinco min. Consegui.

Como tinha me perdido deles, entrei no ônibus e fiquei matutando como literalmente pegá-los, ou seja, como me inserir das suas Trajetórias Espaciais Cotidianas, embora a de Alice não seja objeto da tese, uma vez que não entrevistei essa jovem. Eu sabia que eles tinham exame médico de admissão, marcado para às 14h, no Centro de Porto Alegre, e eu tinha o endereço. Resolvi ir almoçar. Liguei para Magnólia, pois era o número de telefone que eu tinha, e perguntei se conseguia falar com Hefaisto ou Alice, pois tinha me desconstrado deles. Depois de um tempo, Erêndira, mãe de Hefaisto me ligou, relatando o mal entendido que Hefaisto fez. Contou que tinham ido ao seu emprego, que fica na Rua Padre Chagas, mas que estariam no centro às 14h. Ágil de pensamento, Erêndira me passou o número do telefone de Alice, caso nos desencontrássemos.

Lá pelas 13h40min eu já tinha chegado ao endereço do exame médico. Perguntei para o porteiro e ele disse que talvez fosse no segundo andar. Peguei o elevador e subi. Não estavam lá. Liguei para Alice e ela me disse que estavam na portaria. Desci correndo e os encontrei. Eles me pareciam meio atrapalhados, em especial Hefaisto. Essa sensação de atrapalhamento, frente ao que se tinha que fazer, foi uma das sensações que me acompanhou enquanto estive em Trajetória Espacial Cotidiana com Hefaisto. Alice sempre se mostrou mais perspicaz, frente a decisões cotidianas que fossem necessárias.

Hefaisto, Alice e eu pegamos o elevador até o quarto andar. Alice era quem apertava os botões do elevador. Hefaisto, entre nervosismo e ansiedade, parecia sempre ir atrás. Saímos do elevador que dava num hall escuro. Essa condição decorria tanto do granito, quanto das madeiras das paredes, quanto da fraca luz. Três portas-paredes de vidro. Uma iluminada, por onde se vislumbrava um ambiente branco: era uma empresa de Medicina do Trabalho. Comentei que deveria ser ali, pois, na portaria, Alice perguntara sobre o exame para o Mc. Entramos. O ambiente era todo branco com os detalhes, incluindo as cadeiras, vermelho, além de ser bem iluminado, com luz branca. Alice e Hefaisto se dirigiram ao balcão. Falaram que era exame para o Mc. Fiquei atrás, observando. Entregaram seus papéis e foram orientados a aguardarem, sentados. Nos sentamos nas cadeiras alinhadas. Forcei para ficarmos juntos. Alice parecia meio desconfiada da minha presença, pois, primeiro, tinha sentado separada, quando eu havia escolhido o lugar ao lado de Hefaisto.

Alice foi chamada ao balcão, e lhe entregaram uma prancheta para ela preencher um formulário. Sentei ao seu lado e ela ia lendo e preenchendo. Eram questões sobre sua saúde, e ela tinha que marcar sim ou não. Havia uma pergunta sobre cirurgia. Ela me disse que já tinha feito, então teria que escrever qual a cirurgia. Foi de lábio leporino, mas tinha dúvida na escrita. Eu também tinha essa dúvida, mas, mesmo assim, escrevi para ela. Aproveitei para falar que tinha sido muito bem feito, pois nem se notava. Automaticamente minha memória reportou-se a um jovem loiro que conheci em algum momento do meu passado, com lábio leporino. Percebo que comparei a cirurgia de Alice com a desse jovem do meu passado. Sua cirurgia era evidente, enquanto eu nem havia notado a de Alice. Só vi a cirurgia na foto 3X4, no dia 28, mas agora, ao escrever, me dou conta que Alice costuma olhar para baixo, talvez para esconder sua cirurgia, que pode ser sentida ou pensada como um defeito ou algo que chama a atenção. Além de olhar para baixo, Alice também parece meio emburrada, mas isso foi passando, na medida em que estive com eles em suas Trajetórias Espaciais Cotidianas.

Após preencher o formulário, Alice devolveu a planilha e foi a vez de Hefaisto ser chamado. Sentada ao lado de Alice, escutei seu diálogo com a atendente. Não escutei o que a atendente perguntou, mas a ouvi afirmar que “mais ou menos não pode”. Hefaisto estava debruçado demais sobre o balcão, com os braços e sua parte de cima do tórax jogados sobre o balcão. Me deu uma sensação de que ele estava

meio sem saber o que falar ou que fazer, pois já tinha sido sua professora e feito uma entrevista com ele. Então, tenho uma noção de sua expressão verbal. Me levantei para ajudá-lo. Então, fiquei em dúvida, se devia ou não ajudá-lo. Pensei o que deveria fazer? Ao me levantar, uma senhora que estava com um jovem na sala falou: “A gente tem que dar uma mãozinha pra eles”. Em milésimos de segundos, pensei que não tinha como negar minha presença, meu corpo, naquele momento. Me aproximei do balcão e vi que a atendente perguntava sobre o peso de Hefaisto. Falei para ele que devia ser uns 75 quilos. Ele sussurrou que tinha medo de dizer alguma coisa errada. Tranquilei-o e disse que devia ser mais ou menos isso. Ele anotou na ficha ‘75k’ e eu adicionei um ‘g’. Hefaisto e eu sentamos um ao lado do outro, para ele preencher o formulário. Percebi que ele estava meio desconcertado ou nervoso frente ao formulário. Seu corpo meio que se encolhia frente à prancheta, mal conseguia preencher seu nome. Perguntei se ele queria que eu fosse preenchendo. Ele me passou a prancheta e eu fui perguntando para ele as questões e assinalando. Ainda na hora de assinar, ele fez no lugar errado. Acredito que ele não leia o que está escrito, por dificuldade própria de leitura, pelo tamanho das letras, por nervosismo com a situação ou, ainda, por um pouco de tudo junto. Ele entregou o formulário preenchido no balcão. Sentou e logo depois ambos foram chamados e convidados a passar para outra sala, no fim do corredor.

Fiquei sentada sozinha por uns segundos, mas logo depois perguntei a uma atendente se podia passar para acompanhá-los. Entrei e me dirigi para a sala grande, ao fundo do corredor, com paredes brancas, cadeiras e detalhes vermelho, além de um ar condicionado muito forte. Ao longo do corredor, havia pequenas salas que me pareceram ser os consultórios. Quando cheguei na sala grande, Alice estava sentada e Hefaisto em pé. Propus sentarmos juntos, mas só consegui sentar ao lado de Hefaisto. Tentei tirar fotos de Alice, mas ela não deixa, foge e ri. Foi uma forma que achei de me aproximar da jovem desconfiada. Conversei com Hefaisto, enquanto ele esperava para ser chamado. Expliquei que, quando qualquer trabalhador começa ou sai de um emprego com carteira assinada, ele faz um exame médico para ver como está sua saúde. Disse pra ele que isso é importante, pois tem umas doenças que a pessoa desenvolve em função do tipo de trabalho que exerce, também falei que, de tempos em tempos, tem um médico da empresa que examina o trabalhador. Hefaisto contou que uns jovens disseram que eles teriam que coletar sangue. Disse que, em princípio, num exame de admissão, isso não acontecia.

Hefaisto comentou que queria um destes na sua casa, referindo-se ao ar condicionado.

Já havia avisado Hefaisto e Alice que só poderia ficar até as 14h15min, porque eu tinha médico e que a minha sorte era que meu médico era perto dali. Alice foi chamada para o exame. O exame é relativamente rápido. Voltou e se dirigiu para uma mesa que havia na sala, onde lhe entregaram um papel que deveria apresentar depois. Chamaram Hefaisto, que também voltou. Enquanto ele estava pegando o papel, me despedi. Disse que estava no meu horário e fui embora, lembrando das combinações que havíamos feito para terça-feira, dia 27 de março.

TRILHA 10 – Inesperadas Conexões

27 de março, terça-feira. A combinação minha com Hefaisto e Alice foi que, conforme seus planejamentos, eles pegariam o ônibus das 10h30min e eu iria para a parada do Alpes, perto da minha casa. Quando eles entrassem no ônibus, eles me dariam um toque por telefone. Assim, eu não precisaria ir até o quilombo.

Às 10h30min, Alice me ligou, dizendo que estavam pegando o ônibus. Como eu já estava preparada, saí de casa e, em alguns minutos, estava na parada. Nesses minutos, fiquei apreensiva: e se eu me atrasasse? E se eu os perdesse e não colasse nas suas Trajetórias Espaciais Cotidianas? E os meus prazos? Essas Trajetórias Espaciais Cotidianas que inventei...

O ônibus Alpes dobrou a esquina e fui em sua direção, fazendo sinal com a mão, para ele parar. Ah... havia um outro ônibus na frente. E se o motorista do Alpes resolvesse não parar? Entrei no ônibus, passei o vale-transporte e vislumbrei Alice e Hefaisto, sentados no fim do ônibus à direita, cada um em uma janela. Hefaisto estava no último banco e Alice na sua frente. Eram bancos altos. Sentei ao lado de Alice. Eu puxava conversa. Perguntei sobre o exame médico, se tinha tudo ido bem. Também perguntei se eles tinham dado uma volta no centro, depois do exame. Brinquei que tinha chovido, assim ficava ruim de dar 'banda' no centro.

Rapidamente chegamos à parada da escadinha da Avenida Borges de Medeiros no centro, também chamada de parada da Santa Casa. Descemos e fizemos uma caminhada até a Rua Padre Chagas, pois iríamos passar no emprego de Erêndira, a mãe de Hefaisto. Isso era necessário, porque aquele seria o dia em

que eles abririam a conta no banco. O banco determinado era o Bradesco e, como Alice é menor de idade, Erêndira iria assinar como sua responsável.

Fomos caminhando pela Avenida Independência, depois pela Avenida 24 de Outubro, passamos pelo DMAE¹¹², dobramos na Rua Dr. Vale e chegamos à Rua Padre Chagas, tendo levado uns 30min. Ao entrarmos no prédio onde Erêndira trabalha, Alice e Hefaisto passaram direto pelo porteiro. Fiquei meio sem jeito e dei um leve aceno com a cabeça. Eles entraram no elevador e disseram que ali todo mundo os conhece. Meu estranhamento foi que, mesmo quando se é conhecido de alguém, se cumprimenta. Sei lá o que se passa se é um pouco de timidez ou um pouco de falta de costume mesmo.

Pegamos o elevador e o mesmo se passou, quando entramos no local de trabalho de Erêndira. Alice e Hefaisto passaram reto, e eu os acompanhei, meio atrás, de tal forma que a recepcionista me perguntou o que eu desejava. Agradei e disse que os estava acompanhando. O local de trabalho de Erêndira era uma sala ampla, com várias mesas e duas meias paredes, além de duas salas independentes, pintadas de um verde folha bem suave e com alguns poucos quadros nas paredes. O mobiliário era todo cinza claro e combinando. Havia três pessoas trabalhando nas mesas espalhadas, além de um homem numa das salas reservadas e uma mulher na outra. Erêndira apareceu com um avental preto. Cumprimentei-a e sentamos, eu, Alice e Hefaisto, num sofá e cadeiras na recepção. Alice e Hefaisto olhavam as revistas. Reparei que Hefaisto olhava com atenção as manchetes da revista. Comentou sobre uma manchete do Meirelles. Expliquei-lhe que ele tinha sido o principal dirigente do Banco Central do Brasil; também comentou sobre uma propaganda de um automóvel de mais de R\$ 100.000,00. Falei que, para mim, aquilo era um chama ladrão.

Esperamos pelo horário de almoço de Erêndira, que nos serviu guaraná. Pude observar um pouco a rotina de trabalho do local e percebi que era um escritório de advocacia. Nem Hefaisto nem Alice tinham me dito que tipo de serviço era. Depois de um tempo, Erêndira me apresentou sua patroa. Ao sairmos, a patroa nos desejou boa sorte.

¹¹² DMAE é a sigla do Departamento Municipal de Água e Esgoto, órgão do poder público municipal de Porto Alegre, responsável pela captação, tratamento e distribuição de água, bem como pela coleta e tratamento do esgoto sanitário em Porto Alegre. Na Avenida 24 de Outubro, há uma grande e bonita estação do DMAE. (DMAE, 2012).

Pegamos o elevador e Erêndira me explicou que abririam a conta no Banco Bradesco perto dali, pois seria melhor, para eles, do que no Centro ou no bairro Azenha. Erêndira foi explícita, quando disse a Hefaisto que eles abririam conta-salário, ou seja, que só pegariam o dinheiro no banco, porque fazer dívida com banco é uma bola de neve. Perguntei se Hefaisto era de gastar muito. Erêndira disse que Hefaisto adora pagar para os outros.

Entramos no Bradesco, passamos pela porta giratória e nos dirigimos para a tabelinha que dizia 'Abertura de Contas'. Nos sentamos, os quatro. Como havia exatamente quatro cadeiras, Hefaisto comentou: 'Bem certinho'. Um funcionário do banco se dirigiu até nós, e Erêndira falou que era abertura de conta, mas só dos dois, apontando para Hefaisto e Alice. O funcionário nos indicou sua mesa de trabalho num nicho e comentou que só tinha duas cadeiras. Comentei que não teria problema. Alice e Hefaisto sentaram. Ao saber que era para o Mc, o funcionário perguntou se o outro Bradesco não estava aberto, em função da greve dos seguranças, porque o pessoal do Mc costuma abrir na outra agência. Erêndira disse que foram direto ali. Alice e Hefaisto entregaram as fotocópias dos seus documentos e tiveram que assinar papéis. Mais uma vez, se evidenciou a dificuldade de Hefaisto, em assinar seu nome. O funcionário explicou detalhadamente quando o cartão iria ficar pronto e indicou o número da agência e o número da conta-salário.

Saímos felizes, por mais uma etapa. Tirei fotos deles, na frente do Bradesco. Erêndira estava feliz e disse que iriam almoçar. Fomos para Rua Hilário Ribeiro e sentamos junto a uma mesa, na calçada de um restaurante. O dia estava ensolarado e a rua era bonita e limpa. Pedimos risoto de galinha, mas Hefaisto comeu dois lanches. Fizemos um brinde. Tomamos uma garrafa de dois litros de Coca-cola. Erêndira deu várias dicas de comportamento no serviço, para Hefaisto: não ir atrás do que os outros dizem, dos que dizem que não é bom de trabalhar no Mc, não ficar dando conversa para guria do serviço, "pois se diz e faz uma coisa e já dizem que é outra". Eu falei que, no trabalho, sempre se 'engole muito sapo', mas que é assim em tudo que é lugar.

Saímos do restaurante e Hefaisto levou a garrafa de Coca-cola, pois ainda havia refrigerante. Hefaisto foi bebendo e servindo o refrigerante no copo descartável, ao longo do caminho. Quando acabou o refrigerante, Hefaisto depositou a garrafa de refrigerante de plástico e o copo descartável numa lixeira.

Fizemos o trajeto de volta a pé até o centro. Hefaisto comentou que iria trabalhar no Mc porque gostava. Alice disse que só comeu no Mc uma vez. Hefaisto me mostrou o prédio da Avenida Independência, onde instalou ar condicionado. Contou que ficava de cabeça para baixo do alto do prédio, mas que não ficava tonto. Lembrou que não podia deixar cair nada porque senão o prédio tomava multa e ele era descontado. Ao longo da caminhada, Alice e Hefaisto tinham os olhos atraídos para as lojas, para a miríade de objetos expostos nas vitrines. Também durante essa caminhada de retorno é que entendi uma brincadeira, entre os jovens do quilombo, quando eu lhes perguntava onde eles estavam trabalhando. Alguns me respondiam, em especial Alcebíades, zoando de mim, que trabalhavam “na Vivo”. Hefaisto e Alice me explicaram que a alusão à operadora de telefonia celular escondia o jogo implícito e significava ‘Vivo dormindo’, ‘Vivo parado’, no sentido de os jovens não estarem inseridos em atividades produtivas e/ou não terem literalmente o que fazer no cotidiano. Esse significado, no entanto, só era inteligível para aqueles que conheciam o jogo/brincadeira.

Chegamos ao centro e fomos ao Tudo Fácil¹¹³, pois Alice tinha que pegar sua Carteira de Trabalho. O Tudo Fácil estava lotado. Então, eles decidiram que voltariam no outro dia, bem cedo. Saímos do Tudo Fácil e entramos direto no ônibus Alpes. Tivemos sorte. Voltamos conversando. Brincava com Hefaisto, porque sua lista relativa ao que comprar estava aumentando: um óculos, uma televisão para colocar no seu quarto, um armário para o seu quarto. Alice disse que, com 150 reais do salário, ia comprar comida e os outros 150, comprar roupa. Mexi com ela, dizendo que ela iria andar super na moda, porque 150 reais por mês de roupa é um monte. Ela disse que tinha que comprar um casaco para o inverno e umas calças de brim, porque tinha feito bermuda das calças que possuía. Comentei que, com tempo, se acha coisa boa e barata no Centro e no bairro Azenha também, mas tem que ter tempo de procurar.

No retorno, sentia Alice e Hefaisto mais despreocupados, na medida em que seus encaminhamentos iam dando certo, e ao mesmo tempo eles estavam mais abertos comigo. Quando passamos na frente da Igreja de N. Sra. da Conceição, Alice sugeriu de entrarmos. Disse que eu estava pelas decisões deles. A Igreja da

¹¹³ O Tudo Fácil é uma centralização de vários serviços oferecidos pelo Governo do Estado. Entre os serviços ofertados, está a confecção de documentos, como a Carteira de Trabalho. (TUDOFÁCIL, 2012)

Conceição está toda restaurada na parte interna e tem um trabalho em barroco todo dourado. Alice tirou fotos e eu também. Olhamos o altar e as imagens dos santos. Como fui até perto do altar, chamei-os para verem a igreja de outro ângulo. Hefaisto pensou que eu o estava censurando e tirou o boné. Fiz um sinal com a mão e eles se dirigiram para onde eu estava. Hefaisto me perguntou sobre a parte de cima. Disse que era onde ficava o órgão. Também entramos na loja de souvenirs da igreja. Alice olhou tudo bem atentamente: as imagens de santos, as medalhinhas e os rosários. Perguntei se ela ia à igreja e ela me disse que só na Universal. Falei que na Universal não tem santo. Ela comentou que quer comprar um rosariozinho, quando receber seu salário.

Ao sairmos da igreja comentei que o Centro é cheio de lugares para se conhecer e que eles, como saem cedo, podem ir descobrindo esses lugares aos poucos. Como exemplo, citei o prédio quase ao lado do Museu de Medicina. Alice propôs irmos naquele momento; então, fomos.

Entramos no Museu de Medicina que está todo restaurado. Fomos recepcionados e primeiro vimos uma exposição itinerante sobre a história do SIMERS, no Rio Grande do Sul. Era interessante, tinha fotos dos médicos em greve, textos, reproduções de jornais. Alice olhou an passant por tudo e se interessou por um nicho com instrumentos e remédios antigos e também por um livro virtual. Hefaisto foi atrás.

Depois passamos para a exposição permanente, que é bem interessante, cheia de instrumentos médicos antigos. Vimos um esqueleto humano, com os ossos nomeados. Há também a reprodução de uma sala de cirurgia mais antiga. Chamei a atenção deles que, numa exposição, os objetos estão numerados e que o número do cartão ao lado explica o objeto. Olharam tudo bem atentos. Também alertei para que observassem o prédio, que era antigo e restaurado, todo bem cuidado. Hefaisto me perguntou se eles não tinham algum livro sobre o esqueleto. Então, na saída fomos até a recepção e falei para a recepcionista que ele gostaria de um material sobre o esqueleto. Ela explicou como o esqueleto chegou a Porto Alegre e que tinha uma explicação no folder. Na saída, Alice e eu assinamos o livro e eu lhe expliquei o porquê de todas aquelas informações solicitadas. Hefaisto não quis assinar o livro. Fiquei super feliz dessa conexão rizomática com a Igreja e com o museu, espaços de valor cultural e bem cuidados.

Como na quarta-feira eles teriam que estar às 15h no Mc e iriam pela manhã no Tudo Fácil, perguntei por onde ficariam durante todo esse intervalo. Me disseram que iriam ao serviço de Erêndira. Então, combinamos de nos encontrar direto no Mc, porque seria meu aniversário e almoçaria com meus pais. Na volta, quando passamos de ônibus pela Avenida Azenha, mostrei onde meus pais moravam. Desci na minha parada no bairro Medianeira onde moro e dei 'tchau'.

TRILHA 11 – Um Olhar Para baixo

28 de março, quarta-feira. Tinha quase certeza de ter lido, nos papéis de Hefaisto e Alice, que suas apresentações no Mc eram às 14h, mas Alice foi enfática ao dizer que era às 15h. Assim, realizei minhas atividades cotidianas tranquilamente, quando recebi o telefonema de Erêndira, dizendo que eles tinham se confundido com o horário e que era às 14h no Mc. Erêndira disse que eles estavam no seu serviço e eu, então, combinei de ir direto para o Mc.

Desci na Avenida 24 de Outubro, na frente do Mc. Me dirigi à funcionária do quiosque dos sorvetes, que fica localizado fora da loja, e ela me indicou para falar "lá dentro". Dentro da loja, perguntei para uma funcionária. Ela me pareceu meio desvinculada de trâmites do trabalho que fosse além de suas tarefas. Assim, respondeu que não sabia nada. Voltei para rua e me dirigi para um rapaz, que me foi indicado como gerente. Também não sabia nada, entrou dizendo que iria se informar e 'nunca mais' me deu resposta. Fiquei ali do lado de fora e conversei, novamente, com a funcionária do quiosque dos sorvetes. Percebi que ela era bem despachada ao falar. Pensei que isso era necessário, visto que ficava sozinha ali do lado de fora da loja. Essa funcionária me deu algumas informações. Disse que, se era entrevista, a pessoa que faz a entrevista já havia ido embora. Eu, então, argumentei que era entrega de documentos. Ela me disse que isso eles fazem ali mesmo, nas mesinhas da loja, e que ela não tinha visto um rapaz e uma moça juntos.

Olhei apreensiva o relógio, eram 14h. Resolvi não ligar para Alice, pois pensei que poderia atrapalhá-los, caso estivessem entregando os documentos. Esperei mais um pouco e liguei, perguntei onde eles estavam, me falaram que em frente ao serviço de Erêndira. Eu disse que estaria lá em minutos. Saí quase correndo da Avenida 24 de Outubro, esquina com a Avenida Goethe, em direção à Rua Padre Chagas. Cheguei e lá estavam eles: Alice e Hefaisto, mais Erêndira. Os dois

estavam com seus envelopes pardos nas mãos, os quais continham seus documentos. Cumprimentei-os, mexi com Hefaisto, que estava todo com manta e casaco grosso, e com Alice, também com roupas quentes, pois no dia anterior havia esfriado. Erêndira me felicitou pelo meu aniversário e os jovens também. Fomos em direção ao Mc.

Entramos no Mc. Alice e Hefaisto se dirigiram para o balcão. Fiquei atrás, escutando. Disseram que era entrega de documentação e veio uma funcionária. Olhou a documentação de Alice e disse que era preciso a Carteira de Trabalho. Alice argumentou que ficaria pronta só no dia 29 de março. Então a funcionária disse que ela teria que vir no outro dia, pois pegaria todos os documentos juntos. Quanto aos documentos de Hefaisto, faltavam as fotocópias, as fotografias e o Certificado de Reservista. Além disso, acabei assinando alguns documentos, onde eram solicitadas assinaturas de adultos responsáveis. Propus a Alice e Hefaisto sentarmos nas mesinhas da rua do Mc, para revisarmos a documentação.

Sentados do lado de fora, vasculhei os envelopes, tanto de Alice quanto de Hefaisto. No caso de Alice, realmente só faltava a Carteira de Trabalho. Não tinha outro jeito, ela teria que retornar no outro dia. No de Hefaisto, faltavam somente as fotocópias; as fotografias, ele tinha, mas na hora não argumentou com a funcionária do Mc, deixando passar. Peguei suas fotografias e escrevi seu nome atrás. Quanto às fotocópias, Hefaisto disse que o cara do banco devia ter pego tudo. Então, eu e Alice ficamos sentadas nas mesinhas, enquanto Hefaisto foi até o serviço de sua mãe, Erêndira, tirar as fotocópias. Fiquei meio ansiosa com toda a situação, que parecia tender a não se desenrolar. Esperamos pelo retorno de Hefaisto. Alice conversava comigo de forma aberta.

Hefaisto chegou com as fotocópias. Verifiquei a papelada e entramos de novo no Mc. A funcionária disse que faltava o Certificado de Reservista e ficou com o telefone de Alice, pois, frente as nossas insistências, iria verificar se aceitariam sem esse documento. Pensava com meus botões o quanto a vivência da exclusão social, nesse caso descrito, exclusão do trabalho formal, promove outros desejos e necessidades. Hefaisto está com 21 anos e nunca precisou, nem teve vontade de regularizar sua situação frente ao alistamento militar. Falei para ele que, para os homens, no Brasil, depois dos 18 anos, não se faz nada formal sem esse certificado; entretanto, sua vida é à margem da formalidade.

Propus passarmos no serviço de Ataíde, que se localiza na Rua Padre Chagas. Assim, Hefaisto já conhecia onde ele trabalhava e falava com ele sobre as possibilidades de patrocínio.

Enquanto caminhávamos em direção à Rua Padre Chagas, vislumbramos Erêndira, que vinha em nossa direção, com uns papéis numa mão e, na outra, um cigarro. Erêndira parou e, frente à surpresa da coincidência de nos encontrar novamente, ouviu o relato sobre o que faltou para Alice e Hefaisto, em termos de papéis. Erêndira ralhou com Hefaisto. Disse que ele e seu irmão Alcebíades não a escutam, que “não deram bola”, quando ela falou e insistiu na necessidade de regularizarem as suas situações militares e também que não era para ele mexer em seus documentos, quando ele chegasse em casa, que ela é que iria ver os papéis. Senti Erêndira sozinha e forte pra lidar com Hefaisto e seus senões. Erêndira comentou comigo que chegou a encaminhar, via escola, a aposentadoria de Hefaisto, mas que era muita burocracia e ela acabou desistindo. Essa fala de Erêndira me tranquilizou, pois revelou seu conhecimento. Ao mesmo tempo, pensei que, financeiramente, se Hefaisto estivesse aposentado, teria uma fonte de renda certa; por outro lado, aí mesmo que Hefaisto não sairia do quilombo.

Falei para Erêndira que passaríamos no serviço de Ataíde, que era na Rua Padre Chagas e que, talvez, ele nos desse informações sobre como conseguir patrocínio para o time de futebol do quilombo, o Furacão.

Antes de chegarmos no serviço de Ataíde, perguntei a Hefaisto se ele preferia que eu os apresentasse como meus alunos ou como jovens do quilombo. Hefaisto falou como aluno, que o quilombo era aos pouquinhos. É a evidência da identidade em formação.

Minha intenção, ao propor a ida ao local de trabalho de Ataíde, com Alice e Hefaisto, era proporcionar-lhes o conhecimento de outro espaço físico, além do contato com uma possibilidade de patrocínio para o Furacão.

Entramos no prédio, me dirigi ao porteiro e falei aonde iríamos e que Alice e Hefaisto estavam me acompanhando. Entramos no elevador e nos dirigimos ao terceiro andar. Entramos no hall do escritório. Fui até a secretária, me apresentando. Nesse meio tempo, Alice e Hefaisto sentaram nas charmosas cadeiras do hall daquele espaço de trabalho, composto de tons pastéis e luzes tipo cristal. A secretária voltou e disse que eu podia passar. Informei que estava com meus alunos. Ao entrarmos na sala em que Ataíde estava, reparei que Alice não se

conteve e mexeu na máquina de café, toda de metal dourado, ou melhor, nos sachês. Pensei em tomarmos um cafezinho na saída; porém, a conversa foi meio longa e, ao fim, Ataíde recebeu telefonema interurbano.

Entramos na sala em que Ataíde estava sentado numa confortável cadeira de escritório, atrás de uma mesa. Ataíde manuseava seu notebook. Apresentei Alice e Hefaisto. Ataíde apertou suas mãos e indicou as duas cadeiras luxuosas, em frente a sua mesa: cadeiras tipo cone com estampa aveludada de tigrinho. Fiquei em pé.

Alice permaneceu quase todo o tempo calada e olhando para baixo. Mais tarde, em outro momento, Ataíde falou dessa postura de Alice. Eu lhe expliquei que, além do contexto social onde eles vivem, Alice tinha lábio leporino, o que talvez a colocasse, ainda mais, num olhar para baixo.

Hefaisto e Ataíde conversaram sobre futebol. Ataíde, sem noção do contexto social, perguntou se Hefaisto conhecia isso ou aquilo, relacionado a futebol. Hefaisto não conhecia, mas falou de vários times importantes de Porto Alegre, dos quais eles, integrantes do time do quilombo, tinham ganhado. Hefaisto também falou de sua passagem pelo Internacional. Falei que tinha sido a professora de Educação Física da escola que tinha encaminhado ele. Também falei do Mc e do que tinha faltado, nos documentos, a fim de que Ataíde percebesse um pouco a vivência dos jovens. Hefaisto falou que desistiu do Internacional, porque tinha muita fofoca. Refleti que conviver com a fofoca implica em jogar o jogo das identidades e que, naquele espaço do time de futebol, Hefaisto não conseguiu jogar o jogo das identidades. Despedimo-nos.

Voltamos caminhando pela Avenida Independência. Hefaisto falou novamente do prédio em que instalou ar condicionado, sendo que Alice retrucou: 'cada vez que passa aqui, conta a mesma história'. Hefaisto encontrou com seu ex-patrão, conversou um pouco com ele. Hefaisto nos relatou que o ex-patrão disse que, se ele quisesse voltar, ele tinha trabalho.

Voltamos conversando com mais proximidade, Alice estava mais receptiva. Disse-lhes que não poderia acompanhá-los no dia seguinte, mas que iria ao quilombo no sábado. Então, nos despedimos. Eu fui pegar o ônibus, enquanto Alice e Hefaisto iriam dar uma volta no centro, iriam fazer um lanche. Seria bom ir com eles, mas estava cansada e tinha que trabalhar à noite. Eram quase 16h.

TRILHA 12 – 30 de março, sexta-feira

Como os jovens do quilombo disseram que jogam no 'Comunitário', nas sextas e sábados à noite, resolvi sair do trabalho e passar no 'Comunitário'. Fui devagar, de carro, ao longo da Rua Carvalho de Freitas. Estava uma garoa fininha. Achei a quadra que estava iluminada, mas sem ninguém. Também, com aquele tempo, mas lembrei que Hefaisto me disse que eles jogavam inclusive com chuva, pois isso fazia parte do treino.

TRILHA 13 – Retornar as Ações, Fortalecer os Laços

31 de março, sábado. Como de costume, desci do ônibus Alpes e fiz a caminhada pela trilha que dá na casa de porta azul. Onofre estava no ônibus e foi caminhando comigo. Fomos conversando amenidades. Sempre que podia, incentivava-o a estudar e trabalhar.

Passei pela casa de Janja, pois queria muito falar com ela sobre a semana. Entrei pela sala e ela me recebeu toda feliz. Janja me contou que tinha ido a um show de pagode, de um artista que adora. Seu rosto estava todo iluminado. Percebi um pouco do seu lado mulher, pois ela sempre me parece mais homem, não na sexualidade, mas na vida. Homem, no sentido da dureza da vida, ou uma mulher dura, que carrega a vida e lhe abre possibilidades. Janja me contou que, depois do show, foi no acampamento dos sem-teto no centro e conversou com o pessoal e, depois, foi para o bar do Ricardo na Vila Conceição. Disse-me que se divertiu e dançou, chegando em casa às 6 da manhã. Perguntou se eu conhecia o bar do Ricardo e me convidou para sairmos juntas. Eu respondi que sim, mas expliquei que eu quase não estava saindo por causa da pesquisa e que eu retornaria a ter vida social depois da tese. Ela me contou que foi com Teseleu, ex-marido de sua filha. Expliquei para Janja toda a história que tinha vivenciado durante a semana, com Hefaisto e Alice, mais a história do Ataíde e sua possibilidade de conseguir um patrocínio para o time do quilombo, o Furacão. Contei que, naquela noite, Ataíde iria vê-los jogar no 'Comunitário'. Janja disse que tudo bem, que era só ele ir lá, que eles tinham tudo certinho na associação, CNPJ e etc. Me despedi e fui ao encontro dos gurus. Também, nesse dia, enquanto conversava com Janja, entrou na sala um

morador do quilombo excessivamente alcoolizado. Deu de presente para ela uma garrafa de cerveja e, para mim, um merengue.

Enfim, cheguei à casa de Erêndira. Lá estavam sentados nas pedras, Hefaisto, Alcebíades e outros. Mexiam com pneus de bicicletas. Conversei e confirmei o jogo à noite com Hefaisto. Perguntei sobre o emprego no Mc e sobre os papéis que ficaram faltando. Também perguntei sobre Erêndira, e seus filhos me disseram que estava na casa de outro filho, que mora na Estrada dos Alpes, mas mais embaixo. Comentei que tinha encontrado Onofre no ônibus e que ele me mostrou uma casa na Estrada dos Alpes, que era a casa de um irmão de Hefaisto. Fico zozza com tantos enroscos de parentescos. Hefaisto entrou na sua casa e me trouxe um documento do Alistamento Militar. Percebi que faltavam carimbos. Comentei que não conhecia todo o procedimento, mas que me parecia incompleto. Hefaisto mostrou que tinha que pagar uma multa e me mostrou a guia para fazer o pagamento. Vi que eram nove reais e alguns centavos. Como não estava pago, pensei que era um indicativo de falta de dinheiro.

Na casa um pouco mais acima da casa de Erêndira, fica a casa de Alice. Quando estava indo à casa de Alice, Poliana passou por mim correndo. Ela é uma garotinha linda e mimosa. Hefaisto e Alcebíades me disseram que ela é terrível. Sempre brinco com ela. Nesse dia, ela estava com duas longas tranças. Eu perguntei pelo seu pai. A menininha que passou correndo me deu um sorriso e disse: “Enchendo a Xênia de porrada!”. Instantaneamente pensei no apelido de Zéfiro. Meu coração apertou, há de tudo no quilombo. A entrevista de Zéfiro disparou na minha mente, sua infância de maus-tratos, suas noites na rua, sua precoce vivência solitária no mundo e em boca de tráfico, minha dificuldade em contatá-lo, sua casa mais afastada, seu amor pelo morro, hoje um adulto agressor que me recebeu tão bem.

Alice estava passando a máquina de cortar cabelo num jovem que estava sentado num banco no pátio. O pátio é relativamente sombreado em função de uma árvore. Então, fica gostoso ficar ali nos dias quentes. Também vi que a casa era de material e que, na porta da rua, tinha uma cortina que impedia de ver por dentro. Me aproximei. Alice estava olhando para o que estava fazendo e assim ficou, meio emburrada. Mas já acho que ela é assim mesmo. Puxei conversa, exaltei suas habilidades de cabeleireira. Perguntei quem era o jovem e ela me confirmou tratar-se de seu marido. Cumprimentei-o. Perguntei sobre o emprego no Mc. Ela disse que

estava esperando a resposta, mas que, se demorasse muito, iria procurar outra coisa. Desci para a casa de Erêndira, que é quase ao lado.

Conversei mais um pouquinho com os guris. Confirmei o jogo no 'Comunitário', para às 8 da noite, me despedi e desci pela escadinha para pegar o ônibus. Na parada, encontrei Magnólia, que estava com uma garota da sua idade. Como ela era muito parecida com Violeta, perguntei se eram parentes: eram irmãs. Perguntei se Magnólia passava as tardes no quilombo. Ela me confirmou e disse que saía só para ir na SIR¹¹⁴. Ótimo, decidi que acompanharia Magnólia na SIR.

31 de março, 20h, no Comunitário.

Chegamos lá pelas 20h no 'Comunitário'. Descemos e fomos para a quadra de futebol, que estava bem iluminada. Eu e Ataíde.

Os garotos do quilombo foram chegando aos poucos. Tímidos e retraídos, fui apresentando Ataíde. Chegavam sem olhar direto. Puxava conversa, meio que inquiria, dizendo 'esse é meu aluno', 'esse foi meu aluno'. Procurava criar uma atmosfera de menos retraimento e constrangimento. Alguns, primeiro nem chegavam perto, ficavam jogando bola no campo de areião, se demonstrando; depois se aproximavam, olhar cabisbaixo e eu puxando com palavras seu olhar para cima, para que as nossas desigualdades se transformassem pelo diálogo em diferenças. Não que a desigualdade socioeconômica deixe de existir, mas que a desigualdade socioeconômica não seja impedimento do diálogo. Então essa desigualdade passa a ser vivenciada como diferença.

Dos entrevistados, estavam Alcebíades e Forbas; Hefaisto não apareceu. Ataíde foi conversando com os jovens, contando um pouco de suas experiências na várzea. Aos poucos, os guris foram falando e se expressando e seu corpo vibrátil foi se impondo de forma ereta e mostrando suas performances. Eles estavam sentados no banco do campo de areião, com os braços cruzados. Só Ataíde estava em pé. Alguns se aproximavam de bicicleta, o que me pareceu uma forma de estar e não estar. Ataíde queria vê-los jogar, mas eram poucos os jogadores. A bola rolava pelo

¹¹⁴ SIR é a Sala de Integração e Recursos a qual se constitui em um serviço de apoio à inclusão no Ensino Fundamental para alunos com necessidades especiais matriculados nas escolas municipais de Porto Alegre. A oferta pedagógica da SIR é ofertada na EMEF Gabriel Obino no turno inverso ao qual o aluno está matriculado. (SMED, 2012).

areião. Com o vento, fomos ficando todos empoeirados. Como Hefaisto não apareceu e como eram poucos os integrantes dos times, o jogo ficou incompleto.

Entramos no carro e fomos embora, cheios de poeira. Essa trilha ficou em aberto. Tornou-se impossível percorrê-la, no tempo dessa pesquisa, mas as possibilidades do patrocínio estão abertas.

TRILHA 14 – Amigos no Quilombo

1º de abril, domingo. Pela primeira vez, levei amigos ao quilombo, dois adultos e duas crianças. Chegamos lá pelas 16h30min. Deixamos o carro na rua de cima, próximo à sede da associação. Descemos em direção à Associação e vislumbrei a casa da filha da Janja. Percebi que Janja estava lá e que ela veio em nossa direção. Acho que eles deviam estar se divertindo, tomando uma cervejinha, na tarde desse domingo ensolarado!!!

Apresentei meus amigos para Janja. Janja abriu a sede da associação e foi falando, contando a história deles. Fomos para fora, Janja falou das plantas, do território. Descemos a rua de cima, vislumbramos a cidade, o local da casinha de vassouras, procurando identificar onde é cada coisa na cidade. A criança mais velha se surpreendeu com o tamanho da cidade e com o fato de que a mesma continuava do outro lado do morro da Embratel. A criança menor correu. Os dois adultos conversaram com Janja. Tiramos fotos. Fiquei feliz de compartilhar o quilombo, um lugar que me faz feliz.

Conversei com Arquelau, que é com quem Cefeu trabalha. Enquanto Arquelau vinha vindo, Janja comentou que ele tinha colocado a camisa. Expliquei-lhe a pesquisa e a intenção de acompanhar Cefeu nas suas Trajetórias Espaciais Cotidianas. Arquelau me disse que era complicado, porque os donos da casa se encontravam, onde eles estavam trabalhando. Então, não dava para eu ficar presente. Falei-lhe que achava isso pelo que eu tinha conversado com Cefeu. Agradei sua atenção e me desculpei de tirá-lo do seu descanso de domingo.

Fomos embora, pela língua de asfalto, ou seja, descendo a Estrada dos Alpes.

TRILHA 15 – Trilha Verde

03 de abril, terça-feira. Tinha agendado com Karenina de passar o dia com ela, desde a saída do colégio. Assim, cheguei na EMEF Gabriel Obino lá pelas 11h30min. Almocei e logo depois vi Karenina no pátio. Conversei com ela, que me disse que já estava liberada. Dirigiu-se para a área coberta da escola, lá conversou com mais uma garota do quilombo. Um jovem se aproximou delas e trocou umas palavras. Karenina esperou por mais uma pequena jovem, a qual pegou pela mão e pelo jovem moicano. O grupo foi saindo da escola e eu fui indo junto.

Lentamente, o grupo foi subindo a Estrada dos Alpes: eu, Karenina, a pequena jovem, o jovem moicano, Sofia e mais um garoto. Levamos 30min e fizemos duas paradas, uma delas também para deixar o ônibus passar. Sofia foi fazendo molecagens, durante todo o trajeto, dizendo palavras, incomodando e construindo a expressão de masculinidade, de forma exagerada, em seu corpo feminino.

Entrei pela primeira vez no quilombo pelo caminho do bequinho ou escadinha. É uma lomba e tanto. Cheguei quase cansada, mas com fôlego. Quando passamos, eu e Karenina pela casa de Janja, a pequena jovem ficou, e Fefe gritou: 'Olha a professora!'. E eu pensei: 'Bem na hora do almoço'. Karenina me deu um copo de suco. Bebi tudo, me restabelecendo. Janja apareceu e eu disse que hoje ficaria com Karenina e que aquilo não era hora de importunar. Me despedi e fui atrás de Karenina.

Às vezes tenho a impressão que os jovens não entendem direito o que eu faço. Fui atrás de Karenina, comentei que não sabia chegar à sua casa, mas que sabia que tinha um cão brabo, o Obama. Ela me disse que seu irmão tinha dado o cachorro. Falei que seria uma oportunidade de conhecer sua mãe, embora o horário não fosse adequado.

Fomos indo pelas trilhazinhas e chegamos à casa de Karenina, com o pátio todo varrido. Karenina entrou e me apresentou sua mãe. Eu fiquei na porta. Sua mãe, Janaína, estava indo dar comida para sua sobrinha de uns dois anos. Vi que era num pote de plástico e que era arroz com feijão, sem suco, meio seco. Expliquei a D. Janaína a pesquisa. Karenina me trouxe uma cadeira para sentar. Conversei um pouco com D. Janaína, uma negra forte, de 57 anos, com voz mansa. Percebi a casa simples, de um cômodo apenas, mas organizada: pia, a máquina de lavar

roupa, uma estante de ferro todo carcumido com os utensílios de cozinha, um refrigerador meio enferrujado. A estante e o refrigerador funcionavam como uma divisória. Atrás do refrigerador havia um sofá e encostado na parede uma cama arrumada e um armário de umas cinco portas com maleiro. Sentado no sofá, estava um negro jovem muito bonito, jogando videogame. Conclui que toda a família é bonita. No armário tinha um adesivo do PTB. Pensei que este adesivo não tinha significado algum. Na frente do sofá e na parede em que se tem a porta, havia uma televisão enorme, onde estava ligado um videogame. Quando a sobrinha se dirigiu para o videogame, logo após a saída do irmão de Karenina, D. Janaína disse mansamente ‘o teu tio te mata’ e retirou o videogame do alcance das mãos da neta. No chão, havia também duas bacias com roupa de molho. Achei que era para desencardir, antes de colocar na máquina de lavar roupa. Lá pelas tantas, entrou um coelho branco. Lembrei-me de ‘Alice no País das Maravilhas’¹¹⁵. Tirei foto do coelho. Janaína disse que tiveram mais, mas que tinham morrido e que a neta não o pegava, porque ele tinha as unhas afiadas. Karenina foi para trás do refrigerador e me perguntou se eu queria vê-la dormindo. Eu disse que não, mas que eu queria era conhecer os lugares por onde ela anda no quilombo. Comentei sobre a foto de uma negra linda, que estava pendurada, em tamanho pôster, sobre a cama. A negra tinha uma faixa, onde li: ‘Beleza Negra, Porto Alegre’. Perguntei quem era. D. Janaína me contou dos seus nove filhos e disse que aquela da foto era uma filha que estava em São Paulo, trabalhando num circo, ajudando. Concluí que devia ser uma daquelas garotas bonitas, que ajudam com as facas ou as mágicas. Janaína me falou que ela tinha mudado de circo, mas que estava voltando e que voltaria depois do feriado, quando as passagens aéreas ficam mais baratas.

¹¹⁵ Refiro-me ao livro de Lewis Carrol, onde a principal personagem Alice cai em uma toca de coelho, que a leva para um mundo fantástico, com criaturas, falas e pensamentos inusitados que rompem com a lógica da racionalidade cartesiana.



Foto 21: O coelho branco.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

Janaína me falou que moravam ali desde 2005 (data falada por seu filho) e que, antes, moravam no mato, isolados perto da pedreira. Ela disse que não tinham parentesco com D. Edwirges, mas que Janja tinha colocado eles. Então, por isso eles estavam no quilombo. Comentei da subida da Estrada dos Alpes e Janaína me falou que, para ela, agora era puxado, porque tinha se operado das varizes. Falei que minha mãe também tinha feito essa cirurgia e que era bem dolorida a recuperação.

Karenina propôs sairmos, naquele momento. Eu disse que estava a sua disposição, acrescentei que poderia esperar, se ela quisesse almoçar. Ela disse que preferia ir imediatamente. Então, me despedi de Janaína e tirei fotos dela com a neta. Fiquei de trazer as fotos.

Karenina foi indo pelas trilhas, cheias de verde. Passamos pela construção de uma casa com dois pisos, meio embretada no mato. Era de seu irmão, pai da sobrinha que conheci. Karenina comentou com o irmão que essa construção estava

indo rápido. Ele riu e continuou seu trabalho. Karenina propôs irmos até o campinho. Confirmei se era o Canguru, pois me parece que o nome que eles chamam os espaços não é o mesmo que dizem para mim. Fomos até o Canguru. Tirei fotos. Karenina comentou que estava virando mato. Do caminho para o Canguru, Karenina me apontou onde era o laguinho que ela ia com Maria João. Falou que seus irmãos “trabalham como guardinha lá na Vila São Caetano e que um deles namora uma que mora na casa de telhado branco”. Uma mansão, pensei em atrações entre distintas classes sociais, pois toda a família é muito bonita.



Foto 22: O campo do Canguru.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

Voltamos e agradei a Karenina. Disse que gostaria de acompanhá-la no trajeto do ônibus até o trabalho. Combinamos de entrar em contato, quando ela fosse trabalhar, mas essa Trajetória Espacial Cotidiana acabou não se realizando.

No retorno, percebi que tinham umas três construções no quilombo. Isso era um bom sinal, pois estavam substituindo as casas de madeira/ compensado por

tijolos ou fazendo casas novas. O interessante era que a casa de tijolo era feita ao redor da casa de madeira/ compensado, de modo que uma envolvia a outra. Tirei foto.



Foto 23: Casa em construção.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

Na volta, passei pela casa de Erêndira. Mais uma obra na casa de Forbas. Era o pai de Forbas e seu irmão construindo. Hefaisto e Onofre estavam sentados nas pedras. Depois chegou Alcebíades, de dentro de casa. Conversei rapidamente com eles. Disse que tinha ficado preocupada com o fato de Hefaisto não ter aparecido no 'Comunitário'. Ele disse que não deu para ir, insisti para saber o que houve, mas não fui direta. Afinal minha imaginação é fértil, e a realidade é dura e surpreendente. Brinquei com eles que eu achava que eles não tinham levado fé em mim.

Na sombra, estava uma jovem senhora, que cumprimentei. Os guris disseram que era a mãe de Américo. Então, me encaminhei até a jovem senhora, feliz. Falei que tinha conhecido suas filhinhas, Maria Rita e Maria Elisandra, que elas eram uma gracinha e que as meninas eram parecidas e bonitas como a mãe. Ela deu um largo sorriso, e eu percebi seus dentes estragados e sua pele vincada, numa face de traços bonitos e delicados. Ela me disse que seu filho já tinha falado de mim para ela. Mais adiante, na sombra, um negro todo bem vestido num estilo esportivo, com correntes no braço e pescoço, conversou gentilmente conosco. Perguntei a Hefaisto sobre o Mc e os documentos que estavam faltando. Ele me mostrou o documento do alistamento militar, que ele tinha que regularizar. O negro vestido esportivamente comentou que ele levou anos para regularizar a sua situação, frente ao alistamento militar. Tirei fotos.

Despedi-me e fui para a parada do ônibus. Cheguei em casa, cansada da subida pela Estrada dos Alpes. Dormi até às cinco da tarde. Estava e estou feliz.

TRILHA 16 – Faixa Laranja

07 de abril, sábado de Aleluia. Desci no mesmo horário e fiz a mesma trilhazinha. Ao imbicar na rua de baixo, um grupo de crianças vinha correndo. Duas crianças estavam de cacunda, uma delas era o Fefe, que gritou: ‘A Professoraaaaaa!!!!’. Depois me disse que a Janja estava lá em cima. O Fefe tem uma cara de safado e medonho e é sempre muito querido. Perguntei por Maria Quitéria, ao seu filho mais velho. Ele me disse que a mãe tinha ido ao centro, comprar sua Páscoa. Dei ‘tchau’ e eles se foram para o Canguru.

Fui até a sede da Associação. Lá estavam Janja, seu filho mais velho e sua esposa. Seu filho mais velho estava com uma serra, fazendo as mesas para o galeto do próximo sábado. Rapidamente ele mediu e serrou as tábuas e depois as pregou. Janja e sua nora estavam debruçadas sobre uma caixa cheia de macela. Estavam fazendo uns buquezinhos. Fiquei ali com elas, fazendo os buquês e tentando conversar, pois o barulho da serra era alto. Do lado de fora, havia umas crianças jogando bolinha de gude.

Saí dali com Janja e peguei mais cinco convites para o galeto. Ela brincou comigo que, assim, eu ia ganhar um convite. Da casa de Janja, passei na casa de Alice, que estava sentada na pedra conversando com Magnólia. Perguntei a

Magnólia se ela teria SIR na próxima semana. Ela não sabia direito, mas me disse que, na semana anterior, tinha descido até a escola e “não teve”. Conversei com Alice, brinquei afirmando que seu rosto era de sono e ela me falou que estava dormindo. Perguntei a Alice sobre o emprego no Mc e ela me disse que ainda não tinham chamado e que iria esperar mais uns dias; se não tivesse notícias, iria procurar num outro Mc. Perguntei o que elas fariam no sábado, elas disseram que nada. Ficariam por ali. Aí eu brinquei e disse: “... fofocando”. Dei tchau e disse à Magnólia que entraria em contato, para acompanhá-la à SIR. Infelizmente, a professora que atende Magnólia na SIR entrou em licença, nos dias em que me programei de acompanhá-la, nessa Trajetória Espacial Cotidiana.

Dei uma passada na casa de Erêndira, só para dar um ‘oi’ e ver como ela estava. Nesse meio tempo, apareceu Alcebíades, perguntando pelos guris. Erêndira disse que estavam no campinho, referindo-se ao Canguru. Alcebíades afirmou que iria até lá, me grudei nele e fomos por um atalho, que não passa na casa de Janja, mas é bem inclinado. Lembrei-me dos cabritos que são criados no quilombo e achei que, subindo e descendo aquelas trilhazinhas, se faz um movimento de cabrito.

Alcebíades e eu fomos indo pela rua de baixo, quando avistamos os guris voltando do Canguru. Paramos e esperamos que eles chegassem. Cumprimentei-os e, quase ao mesmo tempo, me despedi, porque eles estavam voltando para suas casas. Peguei o atalho da casa de porta de cor azul. Foi a primeira vez que saí quase escurecendo do quilombo. Fiquei na parada, chegou um entregador de gás, querendo saber onde era o quilombo. Expliquei, mas ele pegou o caminho errado. Entrou na placa do seminário onde se lê: ‘Propriedade Particular’. Quando o ônibus chegou, os mosquitos já estavam atacando. Na descida da Estrada dos Alpes, dava para ver uma faixa laranja avermelhada sobre o horizonte da cidade. Tirei fotos. Anoiteceu.

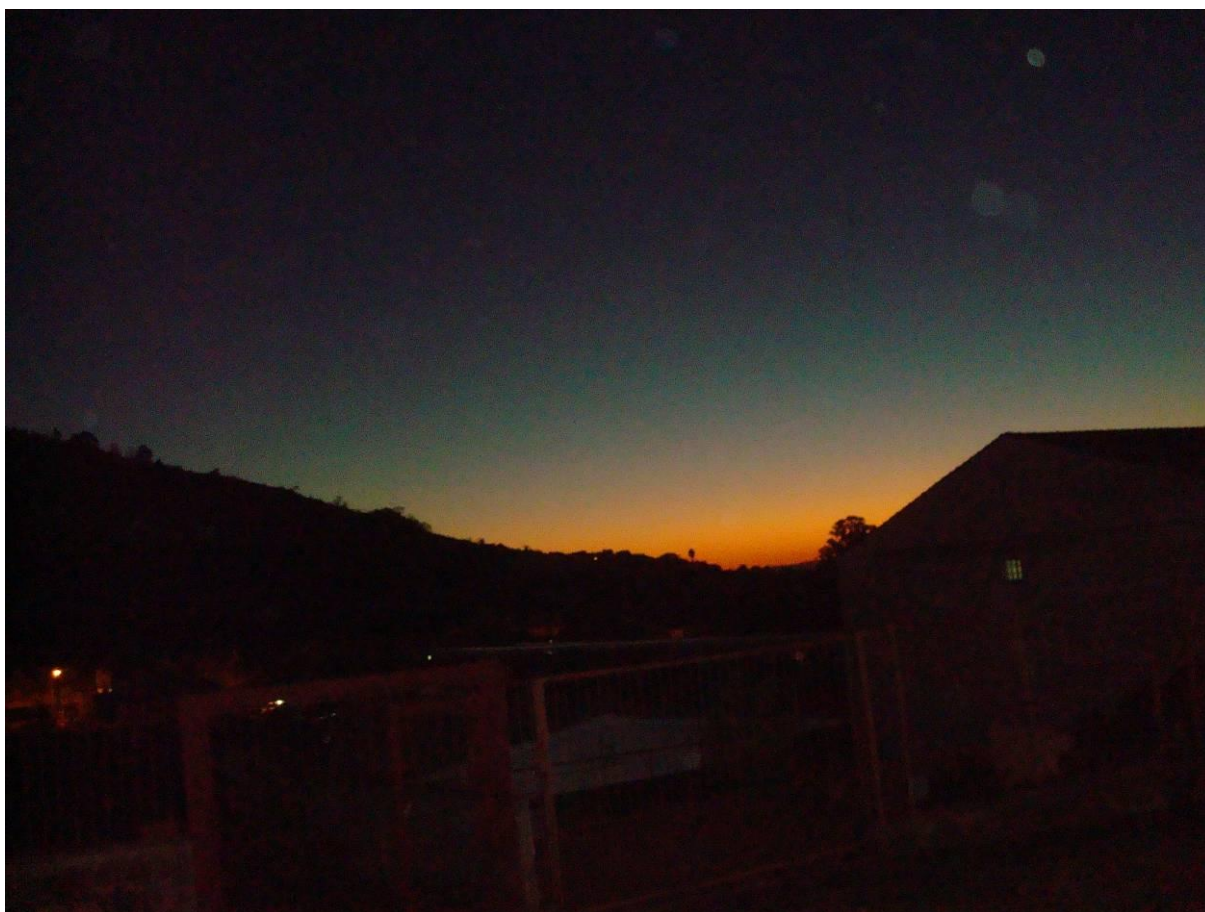


Foto 24: Anoitecer em Porto Alegre visto da Estrada dos Alpes.

Fonte: Gisele Santos Laitano, 2012.

TRILHA 17 – Acertando os Convites

11 de abril, quarta-feira. Fui até o quilombo num horário diferente. Peguei o ônibus do fim da tarde. Ao entrar no ônibus, dei 'oi' para o Milton e para um dos irmãos de Janja. Fiquei pensando sobre a caminhadinha na trilhazinha da casa de porta azul, já quase escurecendo. Pensei em descer antes e subir a ladeira íngreme, que dá direto nas casas. Acho legal essa proximidade das pessoas no ônibus, esse conhecer-se uns aos outros, essa vizinhança que sobrevive e reforça-se no cotidiano da metrópole. Nessa atmosfera, já perto do fim da linha, perguntei ao Milton onde ele desceria. Ele me indicou uma senhora, no fim do ônibus, que desceria na mesma parada que eu. No fim da linha, só havíamos eu e a senhora. Descemos do ônibus e fomos conversando pelo atalho. Ela me contou que mora no quilombo, que é esposa de um primo da Janja, que está aposentado e está com

câncer. Ela também está aposentada, mas trabalha “de terceirizada para aumentar a renda”. Falei que estou fazendo uma pesquisa com os jovens do quilombo. Ela me disse que já tinha me visto por ali. Então, me despedi, para descer até a casa da Janja. Ela seguiu, pois disse que morava um pouco mais adiante.

Desci o barranquinho e, ao me aproximar, já escutei a música alta saindo da casa e as crianças correndo no pátio. Bati na janela da cozinha da casa de Janja e lá estavam Maria Quitéria e Ilyana. Cumprimentei-as. Elas estavam discutindo a organização do galeto do sábado. Também me falaram de uma plenária para reunir os jovens do quilombo e que estavam fundando um núcleo chamado JV, em homenagem a Joelma e Volmir, os irmãos assassinados de Janja. Perguntei pela Janja e falei que quase tinha vindo na noite anterior, para abraçá-la pelo seu aniversário, mas, ao mesmo tempo, fiquei receosa pelo horário, pois achei que poderiam se assustar com minha chegada. Maria Quitéria disse que eu poderia ter vindo, que o filho mais velho da Janja tinha feito um churrasquinho para ela. Conversei sobre o galeto, reparei que Ilyana levantou vários pontos necessários e que eles comprariam o galeto no atacado, que não tinham um fornecedor. Acertei os convites para o galeto que tinha vendido.

Em função do horário, fui me despedindo e deixei o presente de aniversário de Janja. Alguns minutos depois, ela chegou e fui abraçá-la pela data. Ela disse que estava recolhendo as cabras e que não dava para eu abraçá-la. Janja entrou e trocou de roupa. Então, abracei-a e felicitei-a. Conversamos mais um pouco e eu disse que iria embora, pois tinha que dar aula nos últimos períodos. Ilyana também afirmou que ia e, então, desceríamos juntas. Ao sair, falei com Maria Quitéria que poderia ajudá-los com meu carro, caso fosse necessário.

Desci a Estrada dos Alpes, conversando com Ilyana. Ela me contou que, pela primeira vez na vida, ela e Maria Quitéria estavam se sentindo protagonistas, que era necessário agregar os jovens para que houvesse continuidade. Contou que ela e Maria Quitéria já tiveram um grupo maior, formado por um pessoal da idade delas, mas diz que só sobraram as duas, “porque o pessoal foi se perdendo”. Ilyana relembrou as mortes, inclusive a do seu irmão. Falou dos que se perderam nas drogas, disse que restaram as duas e que era necessário formar uma nova geração. Ressaltou que a plenária que fariam tinha esse objetivo.

Ao longo da descida pela Estrada dos Alpes, Ilyana cumprimentava um e outro. Era uma noite de verão. Então, me despedi e fiquei na escola.

TRILHA 18 – Gestos e Laços

12 de abril, quinta-feira. Telefonei para Maria Quitéria, para falar sobre a questão do transporte dos alimentos para o galeto no sábado. Ela me disse que tinham conseguido um carro, que ficaria à disposição deles toda à tarde. Acredito que os laços são criados e fortalecidos nessas pequenas coisas, nos pequenos gestos.

TRILHA 19 – Galeto Dançante no Quilombo dos Alpes

14 de abril, Sábado. A previsão do tempo marcava chuva para sábado. Acordei lá pelas cinco da manhã, com a chuva que caía. Fiquei apreensiva com a chuva, pensei que a obra da nova sede da Associação estava inacabada, que poderia haver goteiras, que o acesso da descidinha da rua de cima até a sede poderia ficar intransitável, com muito barro resvalando, que isso e aquilo... Mudei o despertador para às 10h, custei a dormir. Acordei e fui realizar as caronas para o carro dos amigos e familiares para o Galeto Dançante no Quilombo dos Alpes.

A subida da Estrada dos Alpes foi lenta, o tempo estava encoberto. Cheguei um pouco antes das 13h e entrei na nuvem. Quase não dava para ver a cidade e havia um chuvisqueiro fininho.

Logo que cheguei e desci até a sede, reparei que havia uma lona preta muito bem presa e uma churrasqueira de tijolos no chão, onde os galetos estavam sendo assados. Foi o que me tranquilizou, pois tive a certeza de que, mesmo se caísse a maior chuva, o galeto sairia, teria fogo para assar os frangos. Havia um irmão de Janja assando os galetos. Quando entrei no saguão e vi tudo organizado e arrumado, senti o quanto de trabalho havia sido desprendido ali. Pensei na força do grupo, na união das pessoas, em objetivos comuns, em garra, em força, em esperança e fé, em superação de tal modo que ‘tudo vai dar pé’.

Ilyana me recepcionou, fui apresentando meus familiares e amigos. O saguão da sede estava todo arrumado. O saguão foi batizado por Janja de ‘Octógono Dejanira’, que foi uma tia dela. Sua preocupação é que, daqui a pouco tempo, ninguém mais vai saber quem foi quem no passado. As paredes do octógono foram construídas em pedra de laje, seu chão está num cimento forte, seus dois banheiros são grandes e espaçosos, com pia e WC, mas faltam os azulejos. As janelas e

portas não combinam entre si, foram doadas. As mesas retangulares, feitas por Arquelau, estavam dispostas no saguão, cobertas com toalhas plásticas vermelhas. Junto ao pilar de azulejos coloridos, localizado no meio do saguão, havia uma mesa com os pratos, talheres e os famosos palmitos em conserva, que eu sempre observava na cozinha da Janja e que acabei não experimentando. Nos acomodamos nas mesas. Havia um aparelho de som super moderno de onde saía uma música super alta.

Maria Quitéria estava na contabilidade. Acertei com ela os convites. Bibiana, atrás do balcão, era auxiliada por outra moça, que desempenhava a função de vender as bebidas. Havia cerveja, refrigerante e água mineral para serem comercializados. Mais tarde, foram vendidos doces. Havia uma mesa para se autosservir, com uma panela enorme, cheia de arroz branco e solto (talvez uns cinco quilos), e saladas (alface, tomate, beterraba, repolho). Cada pessoa ia pegando o galeto e as saladas, conforme tivesse fome. Esse ritual de comer se estendeu durante todo o período em que estive no quilombo, até às 17h30min.

A música ao vivo ficou por conta do grupo 'Pegada de Negão' da comunidade dos Alpes, composto por nove integrantes, sendo Elisa, a vocalista e os demais, homens. O grupo 'Pegada de Negão' entre outras músicas tocou: 'Coisa de Pele', de Jorge Aragão e Acyr Marques; '300 anos' do Grupo Bom Gosto, composição de Paulo César Feital e Altay Veloso; 'Canto das Três Raças', de Paulo Cesar Pinheiro e Mauro Duarte; 'Corpicho', de Ronaldo Barcellos e Picolé. Várias pessoas dançaram ao longo da apresentação. Janja apareceu sorridente.

Durante a tarde, vários grupos de pessoas chegavam, almoçavam, conversavam e saíam. Deputados federais e estaduais do PT visitaram. Saraí e Reginete Bispo chegaram em outro momento. Estiveram presentes: a diretora da EMEF Gabriel Obino, o professor de História e o árbitro brasileiro da FIFA.

Caminhei com meus convidados, ao longo da rua de cima, mas as nuvens encobriram tudo e, com o chuvisqueiro, tivemos que voltar. Minha intenção era mostrar-lhes a vista da cidade e a localização do Quilombo dos Alpes, que o coloca na mira da especulação imobiliária.

Foi um dia festivo, alegre, tranquilo e bonito. Espero que, financeiramente, tenha sido proveitoso para a Associação Quilombola D. Edwirges/Quilombo dos Alpes. Em maio, haverá uma feijoada e em junho um mocotó. Estava feliz e me pareceu que a felicidade estava nos rostos de todos. Desejo que esse Galeto

Dançante seja um marco na retomada emocional e política do Quilombo dos Alpes. Para mim, o Galeto marcou o encerramento do trabalho de campo.

4.2.5 Um Esforço de Síntese para a Espacialidade em Rizoma

O rizoma é sempre aberto, sempre incompleto, sempre podendo levar a novas e inesperadas conexões, mas também pode partir-se, ou seja, ser interrompido. Apesar dessas características, a pesquisa exige um esforço de síntese; portanto, a seguir, proponho uma síntese provisória, no sentido de conter aberturas ou indicar fechamentos, quando os mesmos se mostrarem evidentes.

A síntese para a espacialidade em rizoma, apresentada a seguir, desdobra-se em duas ações. Na primeira, se oferece um esquema visual¹¹⁶ através de uma figura que evidencia os diferentes vínculos existentes entre os jovens pesquisados e D. Edwirges, matriarca e mito fundador do Quilombo dos Alpes. E, na segunda, realiza-se uma síntese por linhas, ou seja, a linha molar, a linha molecular e a linha de fuga.

Esquema Visual

¹¹⁶ As informações que compõem esse esquema visual foram coletadas junto à Associação Quilombola D. Edwirges e não com os jovens pesquisados.

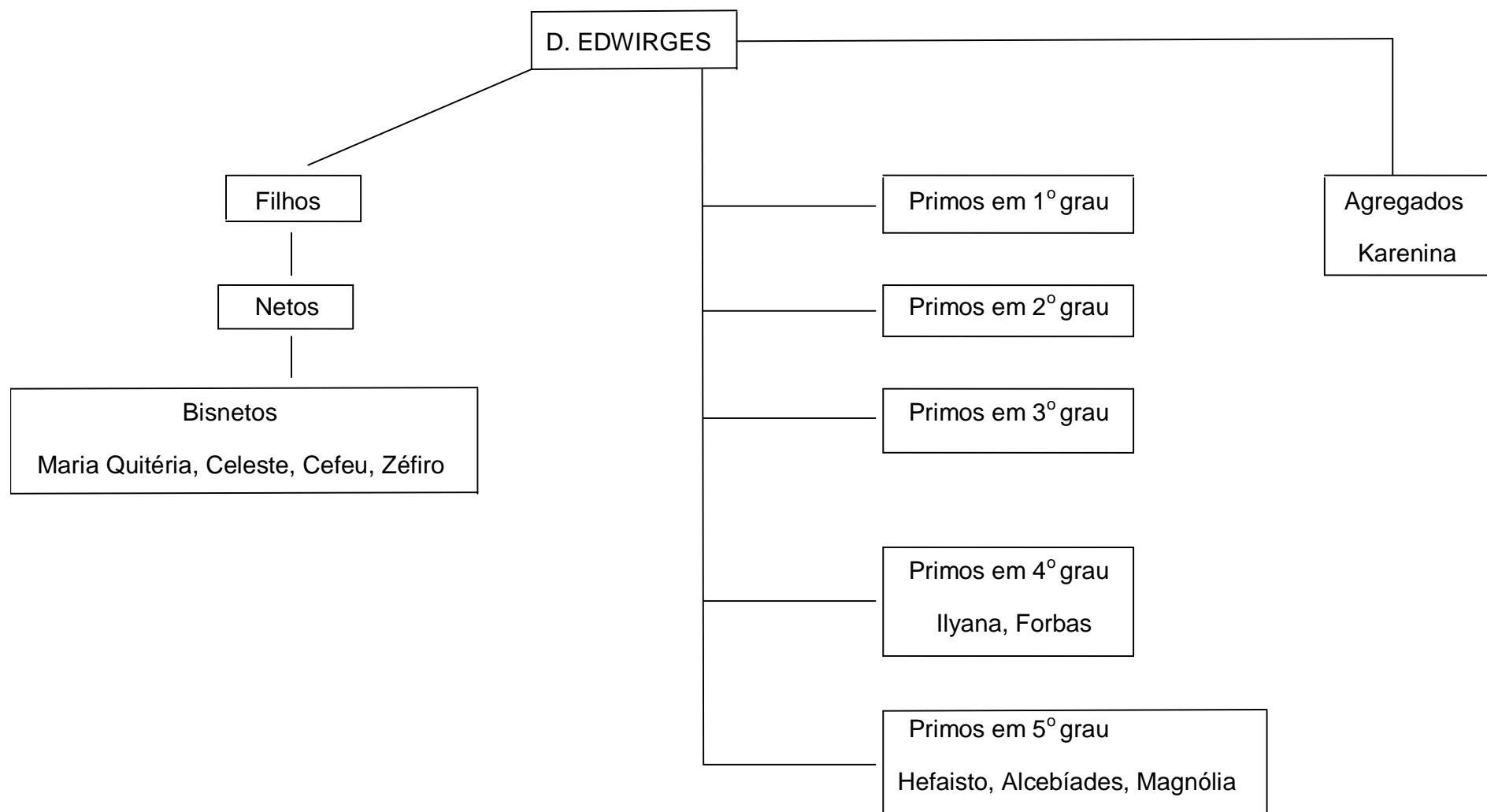


Figura 1 - Vínculos entre D. Edwirges e os jovens pesquisados

Fonte: Gisele Santos Laitano

A figura acima mostra os vínculos entre D. Edwirges e os jovens do Quilombo dos Alpes, sejam vínculos dados por consanguinidade (os bisnetos e os primos) ou os vínculos por afinidade (os agregados). Os vínculos evidenciam um pertencimento étnico-racial entre os jovens. Eles constroem suas subjetividades perpassadas por partilhas cotidianas dadas em um território e por vivências em comum num lugar. Esses vínculos são fundamentais para suas existências, marcadas por uma identidade quilombola em processo de formação.

Uma Síntese por Linhas

A seguir, apresenta-se as vivências, os juízos e as transformações expressas pelos jovens do Quilombo dos Alpes nos aspectos pesquisados.

Em relação aos aspectos da linha molar, pesquisados entre os jovens do Quilombo dos Alpes, pode-se sintetizar que:

- há desde jovens que não possuem nenhuma vivência desses aspectos (Hefaisto), até jovens que, pela participação no processo de autorreconhecimento, se descobriram com direitos (Zéfiro);

- há jovens que reconhecem ações práticas do governo, com a distribuição de cestas básicas para as famílias (Karenina, Cefeu e Zéfiro) e a oferta de cursos para os jovens (Alcebíades e Forbas). Também foram reconhecidas as ações feitas pelos governos, que redundaram em melhorias físicas no quilombo, ou seja, o aplainamento das ruas e a luz elétrica (Forbas);

- mesmo sem ter a vivência, existe a possibilidade de o jovem sugerir ações para o governo (Magnólia);

- há um reconhecimento, por parte dos jovens (Maria Quitéria, Celeste e Ilyana), no sentido de que a ação do INCRA, se for efetivada, trará impactos positivos entre os próprios jovens;

- não ter a vivência das ações do INCRA não é impedimento para reconhecer esse órgão como realizador de políticas que trazem benefícios à comunidade (Celeste);

- as ações de Estado, de governo ou do INCRA são identificadas como lentas (Maria Quitéria, Celeste e Ilyana) e provocadoras de desânimo (Maria

Quitéria). Ao mesmo tempo, essas ações provocaram união na comunidade (Zéfiro);

- existem jovens que discorrem sobre as suas participações nas atuações do INCRA dentro do quilombo (Maria Quitéria, Ilyana e Zéfiro);

- a participação nos movimentos sociais, mesmo que de forma não orgânica, proporciona uma leitura crítica, tanto do governo quanto de suas ações (Maria Quitéria e Ilyana), ao mesmo tempo que reforça e impulsiona a identidade quilombola em formação.

Maria Quitéria	Teve participação no processo de autorreconhecimento. Contatou com lideranças quilombolas. Manifesta desânimo, pela lentidão do processo de titularização. Diz ter esperança pelo convívio com outros quilombolas. Acredita que a realização das ações do INCRA afetará positivamente, em especial, os jovens.
Karenina	Identifica distribuição de cestas básicas para as famílias.
Celeste	Sem vivência. Reconhece, no entanto, que seria bom se a ação do INCRA se realizasse, especialmente para os jovens terem mais condições. Afirma que tudo que envolve a parte econômica é demorado.
Cefeu	Reconhece a distribuição de rancho.
Hefaisto	Não há vivências.
Ilyana	Entende que o INCRA foi importante no processo de reconhecimento, mas pensa que se trata de um órgão político, que deveria ser mais ágil e rápido. Diz que a agilização do processo de titularização trará benefícios aos jovens do quilombo. Reconhece o governo Lula como um marco no reconhecimento das áreas quilombolas. É militante política.
Alcebíades	Pouco conhecimento do INCRA. Relata curso que fez na Vila Cruzeiro do Sul. Aponta que a mudança ocorreria, se fosse chamado para algum tipo de trabalho.
Forbas	Como ações dessa linha, reconhece a horta, o caminhão que aplana as ruas de chão batido, a luz elétrica, os cursos que fez.
Magnólia	Não tem vivência, mas sugere que o governo faça pracinha, colégio e creche no quilombo.
Zéfiro	Pela atuação do INCRA, diz que a comunidade passou a ter conhecimento que sua bisavó foi a primeira moradora do morro e que isso lhe dava direitos. Acredita que isso provocou a união na comunidade. Refere que o governo distribui cestas básicas.

Quadro 11: Síntese Linha Molar

Fonte: Gisele Santos Laitano

O relato dos jovens quanto à linha molar evidencia o quanto as linhas (molar, molecular e de fuga) estão e se dão em mistura. Conforme Deleuze e Guattari (1995a, 1996), a ação do Estado é típica da linha molar, do instituído. Na pesquisa, a ação do Estado revelou-se como incentivadora de uma identidade quilombola em formação, o que nos remete à linha molecular. No processo de autorreconhecimento efetuado pelo INCRA, muitas pessoas da comunidade se descobriram quilombolas e, a partir daí, passaram a tecer essa identidade em sobredeterminação e rasura com outras identidades. Isto evidencia o que Hall (2000) chama de sujeito pós-moderno, o qual joga o jogo das identidades.

Quanto aos aspectos da linha molecular, que foram pesquisados, pode-se sintetizar o seguinte:

- em relação ao Movimento Negro, existem desde os jovens que nunca ouviram falar desse movimento (Alcebíades), até aqueles que ouviram falar, mas não sabem precisar o que é ou como atua (Forbas e Magnólia); há os que não têm vivência, mas gostariam de conhecer (Hefaisto). Alguns já participaram de manifestações públicas sobre as questões dos negros e dos quilombolas, mas não realizam um pensamento analítico e crítico sobre o mesmo (Karenina e Cefeu). Por outro lado, há aqueles que, mesmo sem vivenciar o Movimento Negro, reconhecem nele uma luta contra o racismo (Celeste) ou reconhece no movimento a possibilidade de realizar aprendizagens sobre o passado e a cultura dos negros (Zéfiro).

- há jovem que identifica o Movimento Negro (Ilyana). Embora não tenha um envolvimento sistemático, demonstra que aprendeu muito sobre o racismo nas participações esporádicas. Ao mesmo tempo, realiza uma leitura de que esse movimento, muitas vezes, toma a cor da pele como caracterizador do que é ser negro. Há a identificação como negra, não pela cor da pele, mas pelos vínculos existenciais.

- existem reflexões dos que participam do Movimento Negro (Maria Quitéria). Tais reflexões, proporcionam definições que apontam semelhanças e diferenças entre os movimentos negro e quilombola. Esses movimentos não devem se dividir, sendo que o Movimento Quilombola é marcado pela permanência e fixação de sua população no espaço, enquanto o Movimento Negro contribui para toda a sociedade (Maria Quitéria).

- há jovem que aponta a invisibilidade das trajetórias dos negros no mundo, mas diz que, nessa invisibilidade, os negros vão se inserindo (Maria Quitéria). Segundo a jovem, a invisibilidade gera a falta da história dos negros na escola, a qual, para ela, é compensada pela história da família em casa.

- os relatos foram escassos quanto a vivências de festas *black* fora do quilombo (Cefeu), exceto no caso de um jovem que trabalha num local onde toca pagode (Zéfiro). Quando há festas no quilombo, existe participação dos jovens para ajudar na organização e mostrar o quilombo aos convidados. Essas festas têm como foco a diversão e a arrecadação de verbas, como por exemplo as que se realizaram para a conclusão da nova sede da Associação. Nessas festas, a música é identificada como música *black*. Há jovens que afirmam que se sentem bem nessas festas porque está com pessoas que pensam de modo parecido com ela (Celeste). Mas há jovens que não gostam de festas (Alcebíades) e que gostam de músicas não identificadas como *black* (Ilyana). Há as festas de 15 anos no quilombo. Também foi expresso que o gostar de música *black* se dá por ser um tipo de música que fala de assuntos sobre os negros.

- os jovens escutam e dançam música *black* nas suas casas;

- quanto à identidade quilombola, todos dizem que são do quilombo, mas referem que: poucas pessoas conhecem sobre o assunto (Celeste e Hefaisto); há dupla filiação, ou seja, à Estrada dos Alpes e ao Quilombo dos Alpes (Karenina); existem os que gostam e os que não gostam dos quilombolas, por causa da cor da pele (Cefeu). Além disso, há reconhecimento de que muitas pessoas gostariam de conhecer um quilombo (Alcebíades e Magnólia); existe o pensamento de achar legal mostrar o quilombo pra quem não é quilombola (Forbas). Afirmam que essa identidade quilombola não existia há um tempo atrás e que o quilombo está sendo cada vez mais conhecido (Zéfiro); e há aqueles que se descobriram quilombolas quando se mudaram para a parte de cima do quilombo (Alcebíades). Ilyana afirma que tem orgulho de ser quilombola, enquanto Alcebíades gosta do quilombo, sem explicar o porquê e Magnólia ressalta que o que mais gosta no quilombo é que todos se ajudam.

- em relação a uma estética negra, há jovem que afirma que a mesma permite aos quilombolas saberem quem são e afirmarem que essa estética aumenta a autoestima, mas diz que achar bonito é algo que se relaciona com o

conhecimento (Maria Quitéria). Existem jovens que já alisaram o cabelo, mas atualmente o usa em longas trancinhas, numa imitação de sua irmã (Karenina). Ela afirma que assim se acha mais bonita. Outra jovem usa seu cabelo crespo e não tem intenção de alisá-lo (Celeste); para ela, usar cabelo liso é querer ser que nem os brancos. Ela acredita que isso é uma forma de não ter vergonha de ser negro, mas adverte que o preconceito e a discriminação não se restringem aos negros. Diz que os homossexuais também sofrem em função disso e que ambos têm origem no desconhecimento. Há aqueles jovens que acham que as mulheres ficam mais bonitas com cabelo trançado (Cefeu); enquanto outros acham bonito o cabelo liso, sendo que as tranças, ficam bem nos rapazes (Hefaisto). Uma jovem usa seu cabelo crespo ou liso, mas adverte que a mídia impõe um modelo de beleza (Ilyana). Um jovem já usou seu cabelo com trancinhas (Alcebíades), enquanto, para outro, esse uso de cabelo é um indicativo de que as pessoas estão menos racistas (Forbas). Ainda há jovens que consideram ser indiferente trançar ou alisar o cabelo (Magnólia), embora ela se ache mais bonita com trancinhas, enquanto há o relato do uso do cabelo no estilo *black power*, numa imitação do pai (Zéfiro).

- em relação a roupas ou vestimentas que remetam à afrodescendência, existem jovens que acham “legal”, mas não usam (Alcebíades). Há os que já usaram camisetas nesse estilo (Hefaisto e Forbas), enquanto outros nem conhecem (Magnólia) e outros acham “tri”, mas só usaram em apresentações do seu grupo de dança (Zéfiro).

- a imitação na questão estética está presente, quanto aos cabelos *black power* (Zéfiro); e há os que gostam de imitar, quando vêem algo diferente (Magnólia).

- uma jovem tem vinculação explícita a um partido político, no qual ela milita (Ilyana). Ela teve vivências do Carnaval e da religião de matriz africana. Ela afirma que há preconceito em relação a essa religião pelo fato de que é a mesma que é de origem negra. Também relaciona a violência presente nas periferias urbanas com a violência sofrida pelos negros ao longo da história.

Maria Quitéria	<p>Participa do Movimento Negro. Entende que o processo de autorreconhecimento proporcionou apropriação da sua história. Pensa que o Movimento Negro e Movimento Quilombola não devem se dividir. Compreende que o Movimento Quilombola diferencia-se do Movimento Negro, pela fixação e permanência no espaço. Festas no quilombo são vistas como diversão, como modo de arrecadar fundos, de valorização da música negra. Ressalta a necessidade da conclusão da nova sede da Associação. Evidencia que a falta da história dos negros na escola é compensada pela história da família em casa. “Negro caminha como invisível no mundo, mas vai se infiltrando”. Estética negra: acredita que ela permite saber quem se é, de onde se vem (raízes). Ela diz que achar bonito passa pelo conhecimento e que isso valoriza a autoestima. Afirma que o Movimento Negro contribui para toda a sociedade.</p>
Karenina	<p>Participou de manifestação no centro da cidade, onde ocorreram manifestações a respeito do que são os quilombos. Escuta e dança samba e <i>rap</i>, pois essas músicas apresentam assuntos sobre os negros. Estética: usa longas trancinhas imitando sua irmã, pois assim se acha mais bonita e chama a atenção; já alisou o cabelo. Costuma dizer que faz parte da Estrada dos Alpes e do Quilombo dos Alpes. Gosta de morar no quilombo.</p>
Celeste	<p>Não tem vivência do Movimento Negro, mas identifica que a luta contra o racismo é grande. Se sente bem em festas com <i>black music</i>, pois está com pessoas que pensam parecido com ela. Afirma que é do quilombo, mas que são poucas pessoas que conhecem o assunto. Valoriza a estética negra, como forma de não ter vergonha de ser negro, de dizer: “sou negro”. Demonstra que gosta de coisas que os negros gostam. “Cabelo liso é querer ser parecida com os brancos”. Usa cabelo crespo e não tem intenção de alisá-lo. Lembra que os negros sofrem discriminação, mas afirma que isso não se restringe aos negros: “Os homossexuais também”. Pensa que discriminação e preconceito vêm do desconhecimento e que suas ideias são alimentadas pela televisão, pelos estudos, por leituras e pela escola.</p>
Cefeu	<p>Participou de passeata no centro, onde pôde conhecer outros quilombolas e sair um pouco. Foi a duas festas <i>black</i>, no centro da cidade, onde pôde escutar músicas que gosta e namorar. Quanto à identidade quilombola, identifica que há os que gostam e os que não gostam, em função da cor da pele da pessoa. Vivencia as linhas de cor. Estética negra: acha que mulheres ficam mais bonitas com cabelo trançado; gosta de roupas coloridas porque causam impacto.</p>
Hefaisto	<p>Não tem vivência do Movimento Negro, mas gostaria de conhecer. Apresenta-se com seu grupo de <i>Hip Hop</i>, onde aprendeu a não ser mais brabo. Gostaria de conhecer outros quilombos. Sobre a identidade quilombola, afirma que nem todo mundo sabe o que é um quilombo. Estética negra: gosta de trancinhas só nos rapazes; nas gurias, acha bonito o cabelo liso. Já teve uma camiseta com estampa que remetia à</p>

	afrodescendência e gostaria de ter mais roupas nesse estilo.
Ilyana	<p>Participa, de forma não orgânica, do Movimento Negro.</p> <p>Auto-identifica-se como negra e quilombola, não pela cor da pele, mas pelos vínculos existenciais.</p> <p>No Movimento Negro, aprendeu muito sobre o racismo, embora setores desse movimento não considerem a cor da sua pele suficientemente negra para representá-los.</p> <p>Teve vivências do Carnaval e da religião de matriz africana. Afirma que essa religião sofre preconceito, porque é de origem negra.</p> <p>Relaciona violência atual das periferias urbanas com a violência histórica sofrida pelos negros.</p> <p>É socialista.</p> <p>Gosta de pagode e <i>pop rock</i>.</p> <p>Tem orgulho de ser quilombola.</p> <p>Usa cabelo crespo ou liso, mas reconhece que a mídia impõe um modelo de beleza.</p>
Alcebíades	<p>Nunca ouviu falar do Movimento Negro.</p> <p>Não gosta muito de festa, mas participava, quando tinha festa no quilombo.</p> <p>Diz que gosta do quilombo, mas não explica o porquê.</p> <p>Reconhece que muitas pessoas têm curiosidade de conhecer o quilombo.</p> <p>Ficou sabendo que era quilombola, quando se mudou para a parte de cima do quilombo.</p> <p>Já usou cabelo com trancinhas; hoje usa moicano. Afirma gostar, por ser diferente.</p> <p>Aprova as roupas que valorizam a afrodescendência, mas não usa.</p>
Forbas	<p>Já ouviu falar sobre o Movimento Negro, mas não sabe como ele atua.</p> <p>Não sai muito em festas fora do quilombo.</p> <p>Escuta música em casa (pagode).</p> <p>Acha legal mostrar o quilombo pra quem é de fora.</p> <p>Afirma que os cabelos que valorizam a afrodescendência mostram que as pessoas estão menos racistas.</p> <p>Já usou camiseta em estilo afro. Acha que é uma forma de expressão.</p>
Magnólia	<p>Ouviu falar sobre o Movimento Negro, mas não sabe precisar com o que seus integrantes se preocupam.</p> <p>Relatou sua Festa de 15 anos, a qual teve música, alegria e diversão.</p> <p>Diz que gosta de morar no quilombo, sendo que o que mais gosta é que “um ajuda o outro”.</p> <p>Ajuda e é ajudada dentro do quilombo.</p> <p>Refere que quem não é do quilombo gostaria de conhecer.</p> <p>Acha indiferente trançar ou alisar seu cabelo, mas se acha mais bonita de trancinhas.</p> <p>Gosta de imitar, quando vê algo que acha diferente.</p> <p>Não conhece roupas que remetam à afrodescendência.</p>
Zéfiro	<p>Sobre o Movimento Negro, conhece pouco. Já participou de um grupo de dança afro, onde também aprendeu sobre a escravidão e sobre a dança como forma de expressão.</p> <p>Festas <i>black</i>: só vivencia porque trabalha num local onde toca pagode.</p> <p>Diz que a identidade quilombola não existia há um tempo.</p> <p>Afirma que o quilombo está sendo cada vez mais conhecido.</p> <p>Já usou cabelo <i>black power</i>, por imitação de fotos de seu pai. Acha bonitas as garotas com cabelo trançado.</p> <p>Só usou roupas que remetam à afrodescendência nas apresentações do grupo de dança, mas diz que acha “trí”.</p>

Quadro 12: Síntese Linha Molecular

Fonte: Gisele Santos Laitano

Os aspectos da linha molecular evidenciam, como Deleuze e Guattari (1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b) ressaltam, que os sujeitos estão inseridos num mundo onde existem diversos agenciamentos. Os agenciamentos são fundamentais na construção das identidades. Os agenciamentos aos quais os jovens estão expostos são múltiplos. Esses agenciamentos incluem estéticas diversas, carnaval, religiosidade, política partidária, imitação, marcas como signos do consumo.

O Movimento Negro agencia um falar de si que não é necessariamente do nível da consciência. Tem-se que a cor da pele é, como tem sido destacado, um marcador das relações sociais. O corpo é compreendido pelos jovens como raça, quando é a cor que diferencia e qualifica os sujeitos para determinadas ações. Mas, há jovens que rompem com o conceito de raça, em suas vivências cotidianas, já que se consideram negros em função dos laços existenciais, apontando para o humanismo não racial de Gilroy (2007), ou seja, a condição de ser negro vai sendo tecida enquanto ser/existência.

A invisibilidade das trajetórias dos negros no mundo direciona a análise para o nível do rizoma, na perspectiva de Deleuze e Guattari (1995a). O rizoma compõe uma espacialidade que vai sendo construída cotidianamente e que toca e se emaranha com aquilo que é molar e proporciona cartografar as diversas artimanhas e jogos que os sujeitos realizam nas suas existências. E isso foi feito no acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas.

Gostos, costumes e passado em comum trazem o que Poutignat e Streiff-Fenart (1998) afirmam constituir a etnicidade. Assim, uma identidade étnico-racial não é totalitária, no sentido de que não há necessidade de que todos os membros compartilhem todos os atributos étnico-raciais. O que marca o grupo étnico-racial é o fato de que gostos, costumes e passado comum são expressos como diferenciadores de outros grupos, evidenciando o Nós (como grupo de pertencimento) e o Outro. A fronteira étnica não é rígida, mas é negociada. Isso se alinha à perspectiva de que a identidade não é algo fechado ou único, permitindo múltiplas filiações, conforme Hall (2000), em sobredeterminação. Ao mesmo tempo, a identidade quilombola é construída sob um território, o que nos remete ao genoespço de Gomes (2002), quando ele elenca os aspectos culturais do mesmo. Também remete ao nomoespaço (GOMES, 2002), quando se refere à titularização do território. Para Heidrich e

Heidrich (2010), o espaço é território quando é fechado, coeso e com pertencimentos, o que fica claro quando o quilombo vai sendo mostrado ao Outro, ao visitante.

Não há uniformidade quanto a uma estética que valorize a afrodescendência, nos cabelos e/ou nas roupas. Existe uma diversidade de gostos e estilos entre os jovens, ao mesmo tempo em que não existe uma vinculação entre aquilo que é apreciado e o uso em seus corpos. É necessário ressaltar que o duelo ético-estético se realiza para além daquilo que o jovem aprecia e/ou usa no corpo.

A forte presença da solidariedade entre os jovens do Quilombo dos Alpes evidencia o mesmo como lugar, na perspectiva de Milton Santos (1999).

LINHA DE FUGA

Todos os jovens entrevistados relataram vivências de consumo de álcool e/ou drogas no quilombo (exceto Magnólia). Essas vivências são as grandes incentivadoras de participações de jovens nos movimentos sociais e na política (Maria Quitéria e Ilyana). Existe a preocupação expressa com o fato de que esse consumo é muitas vezes feito na frente das crianças (Cefeu, Hefaisto e Celeste). Há o entendimento de que as drogas geram violência: há o relato do irmão morto por causa das drogas e sem ter envolvimento com as mesmas (Ilyana); existe a vivência do padastro beber e bater em sua mãe (Forbas) e de fugir de casa quando adolescente porque o pai bebia e daí batia nele (Zéfiro). Neste último caso, essa situação o levou a dormir na rua, a morar precocemente sozinho e a conviver com boca de tráfico. E há o caso de quem não vê como ajudar um amigo envolvido com drogas (Karenina).

Vivências de casos de loucura e/ou doença mental foram relatados somente por Ilyana e Forbas. Ilyana lembrou de Maria Bonita que conheceu quando era criança. Forbas lembrou de Meleagro, que foi recentemente diagnosticado como esquizofrênico.

Em relação à capoeira, não há nenhum jovem que a pratique regularmente e a conheça profundamente, porém existe o gosto pelo movimento (Hefaisto e Magnólia). É lembrado que a capoeira poderá ser

oferecida no próprio quilombo, desde que a nova sede da Associação esteja concluída (Maria Quitéria).

Quanto aos churrascos e reuniões de final de semana no quilombo, os jovens expressam que o lado bom é que esses são momentos para ficar em família, ficar perto de quem se gosta, conversando (Cefeu, Hefaisto, Ilyana, Alcebíades, Forbas, Magnólia). Uma jovem afirma sair pouco, ficando em casa dançando samba e *funk* (Karenina). Outro fica mais em casa com a esposa, mas gosta das reuniões (Zéfiro). E outra jovem argumenta que o lado ruim dessas reuniões é a ocorrência de brigas, por causa da bebida (Ilyana).

Todos os jovens pesquisados manifestaram gostar de morar no quilombo, seja porque, nesse território, há ajuda entre seus membros (Maria Quitéria, Cefeu, Hefaisto, Alcebíades, Forbas), porque todos se conhecem (Karenina), porque há liberdade (Zéfiro) ou porque é possível ficar relaxado (Forbas).

Em relação aos assassinatos de Joelma da Silva Ellias e Volmir da Silva Ellias, todos os jovens manifestaram tristeza, dor e pesar. Um jovem responsabiliza o Estado pelas mesmas e adverte que a justiça ocorreu, mas foi buscada pela comunidade, que sofreu um impacto político e emocional (Maria Quitéria). Há jovens que reconhecem que a justiça foi feita (Maria Quitéria, Celeste, Cefeu, Hefaisto, Ilyana). Um jovem destaca o fato de que houve justiça, por se tratar de área quilombola (Ilyana). Um contou que presenciou tudo (Cefeu) e outro carregou Joelma no colo (Zéfiro).

Maria Quitéria	<p>Vivencia consumo de álcool e drogas ilícitas e é em função disso que participa dos movimentos sociais.</p> <p>Pensa que há lacuna da política pública; falta governo estar junto da comunidade e proporcionar, aos jovens, vivências pautadas por participação, motivando-os positivamente.</p> <p>Diz que a capoeira será possível no quilombo, com a nova sede.</p> <p>Responsabiliza o Estado pelas mortes.</p> <p>Acredita que as mortes causaram impacto político e emocional na comunidade.</p> <p>Afirma que a justiça pelas mortes foi buscada e não houve a realização da vingança.</p> <p>Entende que a ética orienta as ações dos sujeitos.</p>
Karenina	<p>Diz que tem amigo do quilombo que usa drogas e que não tem como ajudar.</p> <p>Sai pouco de casa, mas dança, em casa mesmo, o samba e o <i>funk</i>.</p> <p>Vai à casa das amigas no quilombo.</p> <p>Gosta do fato que, no quilombo, todo mundo se conhece.</p> <p>Afirma que as mortes trouxeram “uma coisa ruim no coração”.</p>
Celeste	<p>Tem vivência do uso de álcool e drogas ilícitas no quilombo.</p> <p>Afirma que isso causa problemas nas crianças, que ficam expostas a esse consumo, sem terem em quem se espelhar. Além disso, as crianças sofrem, porque a família morre em função dessas práticas.</p> <p>Sabe cozinhar comida que os negros gostam.</p> <p>Conhece pouco da capoeira.</p> <p>Mortes: diz que foi difícil, mas que houve justiça. Ressalta o medo de que ocorressem outros assassinatos. Expressa solidariedade pela dor dos outros.</p>
Cefeu	<p>Vivencia o consumo de álcool e drogas ilícitas, expressando preocupação, quando isso ocorre na frente das crianças.</p> <p>Ajuda nas festas, mas não conversa com os convidados.</p> <p>Não conhece muito sobre a capoeira.</p> <p>Pensa que as reuniões de fim de semana são boas, porque “é bom estar em família”.</p> <p>Ressalta que as pessoas do quilombo se ajudam.</p> <p>Mortes: presenciou, diz que houve justiça, mas lembra que “os mortos não voltam e deixaram filhos”. Sente a falta deles.</p>
Hefaisto	<p>Vivência o consumo de álcool e drogas ilícitas e acha errado que isso seja feito na frente das crianças.</p> <p>Gosta das reuniões de fim de semana, porque diz que as pessoas ficam conversando e compartilhando um momento de estar “à toa”.</p> <p>Capoeira: gosta do movimento.</p> <p>Reconhece, como o lado bom do quilombo, o fato de as pessoas se ajudarem.</p> <p>Diz que as mortes representam algo triste, mas afirma que houve justiça.</p>
Ilyana	<p>O uso de álcool/ drogas entre os jovens é um dos motivos pelos quais faz militância política.</p> <p>Afirma que as drogas geram violência, que atinge, inclusive, quem não é envolvido com drogas, como seu irmão que foi morto.</p> <p>Buscou explicação para a loucura de Maria Bonita.</p> <p>Acredita que o lado bom dos churrascos de final de semana é a reunião e a possibilidade de ficar perto de quem se gosta. “O lado ruim é quando há brigas devido a bebida”.</p> <p>Mortes: considera “horrrível” e diz que levou desmotivação política e gerou medo de ocorresse novamente. Diz que houve justiça porque era área quilombola.</p>

Alcebíades	<p>Vivencia uso de álcool e de drogas. Gosta das conversas nas reuniões de final de semana. Da capoeira, só conhece a ginga. Afirma que as relações ruins, dentro do quilombo, ocorrem por causa de roubo ou brigas. “O que tem de bom no quilombo é que um ajuda o outro”. Mortes: diz que foi algo “ruim”, mas não relata mudanças após as mesmas.</p>
Forbas	<p>Vivenciou situações com o padrasto, que bebia e batia na sua mãe. Diz que agora ela mora longe e que sente saudade. Relatou a doença mental de Meleagro. Capoeira: conhece pouco. Reuniões de final de semana: gosta, pois afirma que a festa é uma forma de as pessoas se aproximarem. “Festas fora do quilombo têm muitas brigas”. No quilombo gosta das festas, porque pode ficar relaxado, “sem tiros de revólver”. Entende que, no quilombo, as pessoas são unidas e que essa união deriva do fato de as pessoas se conhecerem há muito tempo. Ressalta que, no quilombo, há a tradição de as pessoas ajudarem-se umas às outras. Tratamento do linfoma o fez morar com sua mãe. Mortes: considera uma covardia, mas diz que elas fizeram a comunidade se unir.</p>
Magnólia	<p>Não tem vivencia de álcool, drogas ou loucura. Capoeira: nunca participou, nem sabe o que é, mas gosta dos movimentos. Reuniões de final de semana: lembra que ocorrem na casa do irmão e das tias. Acha “legal” a família se reunir, onde alguns dançam, mas não dança na frente dos outros. Mortes: afirma que foi algo “muito chato”. Lembra que ficou muito nervosa. Não identifica mudanças, em função dessas ocorrências.</p>
Zéfiro	<p>Fugiu de casa, porque o pai bebia e batia nele. Conviveu com boca de tráfico. Caminhada solitária por sobrevivência Morou sozinho com 13 anos. Dormiu no centro. Reuniões de final de semana: gosta de ficar em casa com a esposa, mas, quando participa, gosta das conversas e risos em família. Do quilombo, gosta da liberdade. Mortes: considera uma crueldade, carregou Joelma no colo e fez com que os moradores se dessem conta que estavam em área quilombola.</p>

Quadro 13: Síntese Linha de Fuga

Fonte: Gisele Santos Laitano

Os entrelaçamentos das linhas molar, molecular e de fuga aparecem de forma pungente, quando se analisa a linha de fuga. Enfatiza-se que Deleuze e Guattari (1995a, 1995b, 1996, 1997a, 1997b) lembram que só existem linhas e que elas não param de se misturar. Nas vivências de consumo de álcool e/ou drogas, evidencia-se a ação do Estado que torna algumas drogas lícitas e outras ilícitas. Ao mesmo tempo, as dependências químicas necessitam de uma discussão que estabeleça políticas que cheguem a toda a população. O mesmo pode-se dizer com relação às doenças mentais. O que se percebe é

que o consumo de drogas tem agravado as vivências, que se desdobram em mortes e violências. Esses consumos remetem as pessoas do Quilombo dos Alpes em direção às linhas de morte, vivendo-a no seu corpo ou no corpo daqueles que são próximos.

A capoeira revela o quanto a musicalidade é, como Hall (2003) afirma, um dos principais capitais dos negros. Há certo desconhecimento dos jovens sobre a capoeira, mas verifica-se o seu potencial de afetivação, uma vez que eles expressam simpatia e curiosidade sobre a mesma.

Diversão e lazer na comunidade reforçam os laços sociais e expressam o Quilombo dos Alpes como lugar, pois Milton Santos (1999) conceitua lugar como o espaço onde, no cotidiano, há um compartilhamento das vivências.

A expressão do gostar de morar no quilombo é mais uma mostra de que o mesmo é também território, pois é perpassado por pertencimentos e fundamental para a manutenção da comunidade. (HEIDRICH; HEIDRICH, 2010)

Os assassinatos são uma exemplificação dolorida do emaranhamento das linhas. O Estado, linha molar, é o que titula o território quilombola e, ao iniciar esse processo, incide e fomenta a identidade quilombola que é da linha molecular. Ao mesmo tempo, o Estado, ao iniciar o processo de titulação, deixou diferentes interesses entrarem em conflito, o que resultou nas mortes. As mortes são da linha de fuga. As mortes desmotivam política e emocionalmente a comunidade, o que se expressa nas ações dirigidas à linha molar, como nas participações nos movimentos sociais; e também, nas dirigidas à própria linha de fuga, como a diversão e o lazer, que são vivenciados dentro do quilombo. As mortes impulsionaram a comunidade na busca de justiça (linha molar) e reforçaram a identidade quilombola (linha molecular). As linhas se reagem entre e sobre si e permitem uma cartografia das Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens do Quilombo dos Alpes.

Pelas Trajetórias Espaciais Cotidianas, os jovens do Quilombo dos Alpes se inserem na cidade, elaborando ou não singularizações existenciais, negociando ou não suas identidades. Ao cartografar as Trajetórias Espaciais Cotidianas, foram seguidas trilhas que evidenciaram uma espacialidade em rizoma.

Enfim, a abertura hermenêutica empreendeu uma cartografia do corpo racializado e pautou-se na busca do invisível. O invisível não é o inexistente. Buscou-se o invisível que está em conexões, no corpo vibrátil, no tangenciamento dos corpos no espaço. Para isso, foram percorridas diferentes trilhas, que estabelecem diferentes qualidades de conexões e que foram descritas e interpretadas ao longo desse capítulo. O conjunto das trilhas revela as Trajetórias Espaciais Cotidianas. As Trajetórias Espaciais Cotidianas compõem o rizoma. Com Deleuze e Guattari (1995a), vale lembrar que, no rizoma, há o melhor e o pior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS



- As palavras invadem esse ermo como ervas. Todas as coisas passam a ter desígnios. Não há o que lhes ande por documentos. Enxergam borboletas apertando rios. Escutam o luar comendo árvores. Trazem no centro da boca pequenas canaletas por onde lhes correm o lanho e o lodo. O chão dá encosto para as suas latas, seus trevos, seus apetrechos. Arrastam no crepúsculo andrajos e moscas. Criam peixes nos bolsos. Há cogumelos paridos em seus ressaios. E vozes de rios e rãs em suas bocas. Águas manuseiam seus azuis. E, viver roça no corpo deles.

- E as palavras, têm vida?

- Palavras para eles têm carne aflição pentelhos – e a cor do êxtase.

Manoel de Barros

O Capítulo 5 contém as 'Considerações Finais' e está organizado em três momentos. Primeiro, são destacados aspectos fundamentais do trabalho, em síntese, visando explicitar os entrelaçamentos temáticos; após, são respondidos os objetivos da pesquisa e, por fim, procurando refletir sobre as contribuições dos resultados, no entrelaçamento entre os dados de campo e as incursões teóricas.

5.1 ENLACES ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Os aspectos fundamentais deste trabalho entrelaçam teoria e prática. O processo de leitura, releitura e escrita configuraram uma cartografia dos textos. Tal processo foi perpassado por grande alegria, na medida em que, pelas leituras e pelas aproximações empíricas com os pesquisados, foi sendo delineado o campo teórico-conceitual em que minhas ideias estariam fundamentadas e que possibilitaria as análises e interpretações da dimensão empírica do estudo. Assim, foi surgindo um sentimento de abertura, em direção a um espaço nem sempre cartografado, ou, até mesmo, negligenciado por uma Geografia que se movimenta quase sempre ao nível molar; pois a abertura hermenêutica enleva os sujeitos envolvidos.

A trajetória da pesquisa me permitiu adentrar no território do Quilombo dos Alpes, a partir de uma perspectiva rizomática, cartografando o nível molecular, evidenciando o corpo vibrátil, como constituinte do espaço pelas vivências e juízos elaborados pelos jovens. Isso proporcionou o encontro dos saberes da professora-pesquisadora e os da comunidade pesquisada, em especial o dos seus jovens. Esse encontro foi repleto de emoções, tensas e alegres. Entendo que tais momentos não configuram algo fora da pesquisa, ou mesmo algo que delinear algum tipo de introdução, onde a pesquisa, 'em si', constitui o corpo científico, e as emoções, apenas adendos. As emoções vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa são constituintes da perspectiva de pensar e interpretar o espaço rizomático, de tal forma que retirá-las do rizoma ou secundarizá-las seria negar a visão de que a natureza do espaço contempla

razão e emoção. Então, não há a 'pesquisa em si', sem a emoção que a constitui.

Posso citar como os momentos que mais me acalentaram, ao longo da pesquisa: o sorriso de Janja, no Galetto Dançante do Quilombo dos Alpes, e seu ar de felicidade, durante o seu relato, após o show que assistiu com Teseleu; o ar amigável de Alice, sendo tecido com um leve sorriso, ao longo do acompanhamento que fiz da Trajetória Espacial Cotidiana de Hefaisto; a visita minha, de Alice e de Hefaisto à Igreja N. Sra. da Conceição, também ao longo da Trajetória Espacial Cotidiana de Hefaisto. Esta visita foi profundamente significativa para mim, que sou professora do Ensino Fundamental e tantas e tantas vezes organizei e levei alunos aos espaços patrimoniais da cidade.

As crianças do quilombo foram um caso à parte, repleto de infância: brincam, pulam e correm por volta das casas do Quilombo, próximas da natureza e dos seus cuidadores. Lembro da imagem delas, correndo na rua de cima, indo em direção ao Canguru e gritando, num coro puxado por Fefe, 'Olha a professoraaaa!', quando me avistaram. É como uma foto em minha memória!

A presença de Jerominho, sempre pronto e disponível em ajudar a me deslocar pelos caminhos novos para mim, naquele território, me proporcionou a segurança e a empatia iniciais com a comunidade do Quilombo dos Alpes. A cada retorno ao quilombo, a cada caminhar pelas trilhazinhas, a cada 'oi' ou aceno de cabeça, os laços iam se estabelecendo. A fala mansa de D. Jane com as crianças do quilombo revelava um cuidado com a nova geração e o quanto nossa sociedade negligencia, muitas vezes, esse cuidar.

Foram especiais as vivências nas entrevistas semiestruturadas. Destaco, neste sentido, a tensão anterior à realização da primeira e um alívio, na última, por sentir que a sua realização me possibilitou um material magnífico para interpretação. Ressalto, também, as emoções expressas pelos jovens: alegria, fé, esperança, crenças, nervosismo, indiferenças, tristezas. Elas foram de imenso valor para a aproximação entre a teoria e a prática, bem como entre a descrição e a interpretação do campo. Sentir e viver a teoria na prática, trilhando as hastes do rizoma, estando em Trajetória Espacial Cotidiana com os jovens do Quilombo dos Alpes representa, em síntese, o que eu posso chamar de 'os melhores momentos' deste trabalho. Essas Trajetórias Espaciais Cotidianas também são minhas e me revelam.

As flores do campo e o cheiro de macela durante a Semana Santa são os aspectos naturais mais cândidos, embora a vista panorâmica de Porto Alegre seja a mais exaltada pela maioria dos visitantes. Como aprendi com Janja o que lhe importa são os lugares da memória onde ela compartilhou e compartilha suas vivências no Quilombo dos Alpes, um território e um lugar.

5.2 OS RESULTADOS DA PESQUISA: A RESPOSTA AOS OBJETIVOS

Apresento a seguir os resultados obtidos na pesquisa. Para tal fim, relembro que os objetivos dessa pesquisa foram: reconhecer e identificar a população jovem do Quilombo dos Alpes; compreender a identidade, a demarcação de territórios e os vínculos com o lugar entre os jovens do Quilombo dos Alpes; analisar as Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens; entender o jogo das identidades, realizado pelos jovens; debater o pertencimento étnico-racial dos jovens do Quilombo dos Alpes, na construção das suas identidades; verificar a negociação das identidades, feita pelos jovens do Quilombo dos Alpes, através do corpo racializado e interpretar as vivências e os juízos elaborados pelos jovens do Quilombo dos Alpes, a partir das suas participações no duelo ético-estético.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados através de três movimentos: análise do formulário de identificação, análise e interpretação das entrevistas semiestruturadas e acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas. Todos os movimentos se inserem no trabalho de campo.

5.2.1 Reconhecer e identificar a população jovem do Quilombo dos Alpes

Este objetivo foi alcançado, através da aplicação de um formulário de identificação da população jovem do Quilombo dos Alpes (Apêndice A), o qual foi aplicado entre os períodos de 06 de agosto a 1º de outubro de 2011 e entre 08 e 18 de dezembro de 2011. Este formulário não foi aplicado entre todos os jovens do quilombo, pelo elevado número de famílias cadastradas junto ao INCRA (75 famílias) e também porque se pretendeu, com o instrumento, uma aproximação dos sujeitos da pesquisa. Ao todo foram aplicados 28 formulários, sendo que 11 pessoas que o responderam eram do sexo feminino e 17 do sexo masculino. As idades dos jovens variaram entre 14 e 27 anos.

A aplicação desse formulário gerou três tabelas. Na Tabela 1, temos o número de jovens e suas idades. A Tabela 2 mostra o número de jovens que frequentam a escola, por série ou nível, sendo que dois jovens concluíram o Ensino Médio, um jovem concluiu o curso de Magistério e um jovem, o curso de Técnico em Enfermagem. Nove jovens frequentam a escola e 15 não concluíram seus estudos. Depois, a Tabela 3 apresenta o número de jovens que pararam de estudar, pela série de abandono da escola, sendo que, desses, três jovens não pensam em retornar e um abandonou a escola, ao longo de 2011, por motivo de doença.

Quando questionados no item sobre trabalho, ficou contudente a presença do subemprego e da informalidade, nas relações de trabalho entre os jovens do Quilombo dos Alpes. Esses jovens ocupam funções que exigem pouca qualificação da mão-de-obra, o que mantém relação direta com a escolaridade. Evidenciaram-se poucos sonhos e/ou projeções futuras, quanto ao mundo do trabalho, exceto em três jovens: uma quer fazer o curso Técnico em Nutrição; outra, trabalhar com Sociologia; e a outra, na sua área de formação.

Apresenta-se um típico mundo infantil, no relato das atividades de lazer realizadas no passado, pelos jovens do Quilombo dos Alpes. Já no tempo presente, as atividades de lazer são majoritariamente realizadas em casa ou nas casas de parentes, com pouquíssima mobilidade dos jovens pela cidade e em seus equipamentos de lazer. Para as atividades de lazer no tempo futuro, a

maioria dos jovens não respondeu, o que leva a refletir sobre um modo de vida, cuja ênfase é no presente.

Quanto às relações de parentesco com D. Edwirges, mito fundador, matriarca e base das relações de parentesco, ficou claro que os laços de sangue existem e são fonte de identidade entre os jovens do Quilombo dos Alpes. Há, contudo, laços por afinidade, o que é a evidência que a identidade territorial não se realiza somente por consanguinidade. Existem, ainda, jovens que não sabem precisar ou não responderam qual o seu vínculo com D. Edwirges, mostrando que a identidade quilombola dos jovens está em processo de formação.

O último item do formulário foi quanto ao número de filhos entre os jovens do Quilombo dos Alpes. Nesse item, comprovou-se a redução desse quesito em toda a população brasileira, pois só quatro dos jovens tem filhos.

5.2.2 Compreender a identidade dos jovens do Quilombo dos Alpes, a demarcação de territórios e os vínculos com o lugar

A partir da aplicação e posterior análise das respostas do formulário de identificação, é possível afirmar que a identidade territorial dos jovens, no vínculo com o Quilombo dos Alpes, ou seja, a identidade quilombola, está em construção. Existe um número grande de jovens (16 dos 28 formulários aplicados) que apontam seus laços por consanguinidade ou afinidade com D. Edwirges. Ao mesmo tempo, 12 jovens não souberam precisar qual o vínculo com o mito fundador ou não responderam a questão. Tem-se, portanto, nessas respostas, a confirmação de que a identidade quilombola está em processo de construção, entre os jovens do Quilombo dos Alpes.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas entre os dias 03 e 18 de dezembro de 2011, com dez jovens, distribuídos igualmente entre os sexos feminino e masculino, sendo que todos os entrevistados responderam ao formulário de identificação. As entrevistas constituíram-se em diálogo com os jovens, permitindo ao entrevistado ir além do perguntado. A partir da realização das entrevistas semiestruturadas, compreendeu-se que a identidade dos

jovens do Quilombo dos Alpes está sendo construída imbricada na espacialidade; portanto, em correlações com o território do Quilombo dos Alpes e com o quilombo como lugar. O que se quer dizer é que a identidade dos jovens é alimentada pelos pertencimentos ao território e pelos vínculos com o lugar, mas isso não é um absoluto, ou seja, existem outros agenciamentos que atuam nessa identidade (esses outros agenciamentos são analisados no jogo das identidades).

A identidade dos jovens, ao ser perpassada pelo Quilombo dos Alpes como território e como lugar, vai construindo uma identidade quilombola. Ela aparece no reconhecimento, nas críticas ou sugestões quanto às ações do INCRA e/ou dos governos dentro do quilombo, no contato com jovens de outros quilombos, no falar do quilombo para aqueles que não sabem o que é um quilombo, nos visitantes do quilombo e nas vivências internas.

A identidade quilombola é marcada pela fixação no território e pelos laços de parentesco e consanguinidade, bem como pelos vínculos étnico-raciais, o que ocasiona cotidianos e vivências partilhadas. Todos esses aspectos são entrelaçados pelos afetos humanos: alegrias (festas de quinze anos, reuniões de finais de semana), ajudas mútuas (construção da nova sede, ajudar a avó, ajudar na horta, pedir algo emprestado, dar um prato de comida), dores e perdas (assassinatos de Joema da Silva Ellias e Volmir da Silva Ellias, mortes de parentes, convivência com dependentes químicos). A identidade quilombola se fortalece, quando, através das políticas públicas, o ser quilombola passa a ser assinalado num formulário de identificação do ENEM. Assim, a identidade quilombola vai sendo afirmada internamente e externamente ao território, sendo que tal fato é contribuinte da valorização da autoestima de seus membros.

É importante destacar que a identidade quilombola não é absoluta ou essencial. Os jovens são perpassados pelos diversos dispositivos identitários existentes no mundo contemporâneo, e alguns desses dispositivos reforçam a identidade. É o que ocorre com a identificação com o Movimento Hip Hop. O passado escravagista do Brasil, o racismo e a dimensão da política institucional também alimentam a identidade. Isso ocorre de tal forma, que a identidade vai sendo constituída tanto do que é molar, quanto do que é molecular e da linha de fuga. Salienta-se o quanto o processo de pesquisa, realizado pelo INCRA,

impulsionou o autorreconhecimento. Na prática, isso significa que saber que D. Edwirges foi a primeira moradora do morro, num contexto de pós-abolição da escravidão, onde as relações de trabalho ainda se pautavam pela escravidão, é algo que inseriu a sua parentela em uma série de direitos constitucionais. Essa ação do INCRA, no entanto, não advém de um Estado assistencialista, mas, sim, dos movimentos sociais dos quais as lideranças do Quilombo dos Alpes participam.

5.2.3 Analisar as Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens pertencentes ao Quilombo dos Alpes

Este objetivo específico foi alcançado através do acompanhamento dos jovens¹¹⁷ do Quilombo dos Alpes, em suas Trajetórias Espaciais Cotidianas, no período de 25 de janeiro a 14 de abril de 2012. Seguir os jovens do Quilombo dos Alpes, em suas Trajetórias Espaciais Cotidianas, foi trilhar as hastes do rizoma, evidenciando uma espacialidade rizomática, onde foi possível cartografar o corpo racializado. Foram percorridas 19 trilhas de diferentes intensidades e conexões. Algumas se abriram em ricas, variadas e surpreendentes conexões; outras se esgotaram em si mesmas, foram interrompidas ou simplesmente se mostraram impossíveis de se realizar no tempo desta pesquisa; entretanto, tais constatações nada mais são do que a evidência do rizoma, o qual é sempre aberto e incompleto.

A análise das Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens do Quilombo dos Alpes permite concluir que os diferentes dispositivos de identidade, existentes no mundo contemporâneo, atuam em sobredeterminação nos jovens, de tal modo que uma subjetividade de classe vai sendo coadunada com outras. Os jovens inserem-se espacialmente desde residências precárias até fóruns de discussão acadêmica e popular; vivenciam e militam em instituições formais, como partidos políticos e em ONGs; concorrem a editais públicos para captarem verbas para poderem realizar projetos no quilombo, voltados para o que acreditam ser necessário, ou seja, com foco na infância e juventude. Há, ainda, aqueles que ficam no território e pouco saem.

¹¹⁷ O universo desses jovens restringiu-se aos entrevistados.

As Trajetórias Espaciais Cotidianas evidenciam o quanto os jovens estão envolvidos em qualificarem as suas ações dentro da comunidade, preocupando-se em gerar protagonistas, que deem continuidade as suas reivindicações e criem condições de realização de seus direitos. Os jovens buscam inserir-se no mercado formal de trabalho, realizando os trâmites burocráticos necessários, mesmo quando a condição de classe social os coloca bloqueios cotidianos para realizarem essa inclusão. Percebe-se uma série de sonhos entre os jovens, em especial os relacionados a melhorias nas suas condições de vida, no sentido de terem um salário para poderem realizar determinados consumos, assim como para contribuir na renda da casa.

Há diversão entre os jovens dentro do território do quilombo: andam de bicicleta, jogam futebol no campo do Canguru. Eles também organizam festas para arrecadarem fundos. Trata-se de eventos, onde os alimentos e as músicas selecionadas e apresentadas são aspectos representativos de sua identidade étnico-racial.

Quanto ao mundo juvenil masculino, as Trajetórias Espaciais Cotidianas revelam o quanto a participação do duelo ético-estético pode imobilizá-los no quilombo, em situações em que é vislumbrada uma derrota ou uma dificuldade de jogar o jogo das identidades. Ao mesmo tempo, sob essas condições, esses jovens tendem a ficar mais vulneráveis aos agenciamentos que conduzem às linhas de morte. Talvez o sexo masculino só entre em duelo ético-estético onde possa antever vitórias, mesmo que, de fato, sejam irrealizáveis. Exemplifica-se essa análise pela desistência de Hefasto de treinar no Internacional e pelo quanto o futebol, no campo do 'Comunitário', os mobiliza.

Por fim, as Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens do Quilombo dos Alpes mostra o quanto esses jovens vivenciam os espaços públicos aos quais têm acesso, em especial o 'Comunitário', e o quanto essa vivência é significativa em suas subjetividades, num momento em que as demais classes sociais (média e alta) tendem a vivenciar e a se enclausurarem em espaços privados e artificiais. Cada vivência em novos e diferentes espaços vai proporcionando, a esses jovens, mudarem seu olhar, fluírem em conversas com desconhecidos, posicionarem seu corpo racializado com ânimo, superando a dificuldade de duelar.

5.2.4 Entender o jogo das identidades, realizado pelos jovens do Quilombo dos Alpes

O jogo das identidades expressa e reflete a ação do sujeito pós-moderno, no sentido de Hall (2000), pois as escolhas vão sendo realizadas, em função dos contextos nos quais o sujeito está inserido e da sua singularidade.

O hibridismo cultural caracteriza as sociedades e, portanto, permite entender como os jovens do Quilombo dos Alpes jogam o jogo das identidades e as negociam cotidianamente, pois a inserção desses sujeitos no mundo é múltipla e heterogênea. Os jovens não estão encarcerados em uma identidade, mas exercem suas escolhas e expressam suas singularidades em abertura com os dispositivos identitários existentes no mundo contemporâneo. Os dispositivos identitários atuam sob rasura e em sobreterminação. Ora se tem um jovem que opta e identifica como belo um cabelo que valorize a afrodescendência; ora o belo é o alisamento do cabelo. Em outros momentos, o jovem reconhece roupas e vestimentas que enaltecem a negritude, mas não necessariamente vai usar essas roupas e vestes. Há situações em que a cor da pele é fator de diferenciação e enaltecimentos, e outras em que a cor da pele não é evidenciada como o que vincula ao pertencimento a uma identidade negra e quilombola. Religiosidades de matriz africana, carnaval, socialismo, participações políticas, gostos musicais, gostos culinários, aparência física são acionados conforme os contextos em que os sujeitos se encontrarem. Os contextos são múltiplos e múltiplas são as identificações, sempre abertas a novas conexões esperadas e inesperadas, como, por exemplo, a condição homossexual referida por uma jovem.

5.2.5 Debater o pertencimento étnico-racial dos jovens do Quilombo dos Alpes, na construção de suas identidades

O pertencimento étnico-racial é exposto em uma série de endodefinições dos jovens do Quilombo dos Alpes, as quais contribuem para a coesão social, um atributo do território. Conjuntamente a essas endodefinições são construídas exodefinições, sendo que as mesmas possuem marcas de cunho étnico-racial.

O movimento político com a criação da Associação Quilombola D. Edwirges e, a partir daí, o início da luta pela realização do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição da República Federativa do Brasil, que garante o direito de posse ao território ocupado ancestralmente, redundou no processo de autorreconhecimento a partir da ação do INCRA, contribuindo na diferenciação entre o Nós (a população do Quilombo dos Alpes) e os Outros. Também é possível citar a autoidentificação como quilombola, no formulário de inscrição do ENEM, como algo derivado e permeado de pertencimento étnico-racial.

As participações fora do espaço do quilombo, onde eles têm que falar de si para os outros, seja em manifestações na rua, seja em contato com jovens universitários, reforçam o aspecto étnico-racial da identidade quilombola, assinalando a contraposição ao Outro.

Músicas, comidas e danças, identificadas como negras em termos étnico-raciais, são indicadas pelos jovens do Quilombo dos Alpes como um gosto próprio porque étnico-racial. Isso mostra que eles se sentem bem, em um espaço que identificam como deles. A história da família em casa, ou seja, os momentos em que são contadas as histórias vivenciadas pelos mais velhos, também foi mencionada como perpassada por uma identidade étnico-racial, a qual contribui para o senso de pertencimento ao grupo étnico-racial e ao território. A família e a tradição de ajudar-se, em função dos laços de sangue, são aspectos que demarcam, na fala dos jovens do Quilombo dos Alpes, um Nós e o Outro permeado de pertencimento étnico-racial.

As tranças no cabelo, adotadas por imitação de modelos ou por não ter vergonha de ser negro; o orgulho da raça; as vestimentas que remetem à

afrodescendência são aspectos que expressam que o que foi menosprezado é retomado por eles e investido da valorização inerente a saber quem se é. A visibilidade daí advinda é carregada de pertencimento étnico-racial e mostra o quanto as linhas de cor pautam as relações sociais no Brasil, ao mesmo tempo que carregam a tensão do que demarca e é reconhecido como a própria linha.

5.2.6 Verificar a negociação das identidades, feita pelos jovens do Quilombo dos Alpes, através do corpo racializado

O corpo foi racializado, através da educação do olhar voltada para perceber a raça, no sentido de um conjunto de traços fisionômicos, os quais supostamente determinariam os comportamentos e os intelectos dos seres humanos. O corpo racializado, ao longo dos processos de Colonialismo e Imperialismo, é tomado pelos Movimentos Negros como fonte de valorização positiva. Nesse sentido, opera-se com o mesmo significante que foi fonte e justificativa de estigma, ou seja, a raça.

Entre os jovens do Quilombo dos Alpes, existe a valorização de uma estética afrodescendente, onde o corpo racializado é tomado como fator de identificação. Eles lembram que o que é considerado bonito se relaciona com o estudo, ou seja, acreditam que, pelas reflexões que o conhecimento pode proporcionar aos sujeitos, é possível tecer outras considerações sobre o que é belo.

O corpo racializado tangencia-se com outros corpos pelo espaço. Nesse tangenciamento, capta sobre si olhares para além do visual. São olhares que expressam sentidos e afetos: de tolerância, aceitação ou apreciação; de intolerância, recusa ou depreciação. Tais olhares focam o corpo vibrátil dos jovens do Quilombo dos Alpes. São os jeitos e os trejeitos, os movimentos, o andar, as roupas, as cores, os cabelos, as posturas, os signos que são colocados sobre o corpo, que captam e são captados pelos olhares. Não existe, entretanto, uma uniformidade nesse corpo vibrátil dos jovens do Quilombo dos Alpes, observando-se, inclusive mudanças durante o tempo da pesquisa. Cabelos trançados, crespos ou alisados, curtos ou longos, raspados

ou em moicano, valorizando ou não a afrodescendência, entre outros, ocupam o repertório das estéticas expressas no corpo racializado. O mesmo ocorre com as roupas e vestimentas. Há um reconhecimento e afeição por roupas que contenham uma expressão da negritude, mas não há a 'necessidade' de usá-las. Uma decisão, nesse sentido, passa pela imitação, pelo senso sobre o que é belo, bem como pelo gosto de produzir diferença, de tal forma a causar impacto na cena urbana. Estes são aspectos agenciados pelos jovens do Quilombo dos Alpes, sem essencialização, quer dizer, sem remeter a uma identidade essencial, única e exclusiva.

As opções feitas pelos mesmos jovens, expressas no seu corpo racializado, podem variar desde uma estética que valorize a afrodescendência até uma que seja antagônica a essa valorização. Entendo que isso representa a negociação das identidades que os jovens realizam, pois negro não é cor ou raça, negro é ser. Lembro, como tem sido afirmado ao longo desta pesquisa, que participar do duelo ético-estético é jogar o jogo das identidades e que as contradições encontram-se na sociedade e dentro de seus sujeitos. É isso que possibilita a construção de novas configurações, onde o corpo vibrátil se realiza e se manifesta. E esse corpo vibrátil racializado passa a carregar e expressar sobre si uma manifestação.

Ao mesmo tempo em que se vive numa sociedade regulada pelas linhas de cor e pelo conceito de raça, os jovens do Quilombo dos Alpes rompem cotidianamente com tal regulação. Isso ocorre, no sentido de que, para alguns, não é a cor e a raça que criam vínculos com o território e com o lugar, mas, sim, as vivências, os laços afetivos, políticos e existenciais. Nesse ponto, foi possível cartografar, entre os jovens, a presença do humanismo não racial (GILROY, 2007). Também ficou evidente a valorização daquilo que foi estigmatizado e se constituiu em fonte de inferioridade, o que passa a ser central nessa estética negra, que se alimenta do que é molecular e se expressa num corpo racializado.

5.2.7 Interpretar as vivências e os juízos elaborados pelos jovens do Quilombo dos Alpes, a partir das suas participações no duelo ético-estético, existente em Porto Alegre

As vivências relacionadas às ações dos governos, do INCRA ou do Estado dentro do quilombo reforçam a identidade quilombola, ao mesmo tempo em que são entendidas como proveitosas para a população do quilombo. Também são compreendidas como impulsionadoras e agilizadoras de políticas públicas, sendo que o enfrentamento dos agenciamentos que conduzem à linha de morte é uma preocupação que perpassa por todo o conjunto social do quilombo e, em especial, pelos seus jovens.

Vivências de participações políticas, do Carnaval, da religiosidade de matriz africana, de festas em família, com músicas e comidas como endodificações do grupo, colaboram na elaboração de juízos que ressaltam um hibridismo cultural. Os jovens não possuem uma identidade única, mas, sim, jogam o jogo das identidades, perpassados por essas vivências. Nesse sentido, os juízos elaborados são expostos também em função dos contextos nos quais os jovens se encontrem.

As participações dos jovens do Quilombo dos Alpes em eventos fora do quilombo e que estejam relacionados com suas identidades étnico-raciais constituem-se em vivências lembradas como importantes pelos mesmos. Foram citadas as participações em espaços públicos, no centro da cidade, quando tiveram a oportunidade de se mostrarem como quilombolas para os não-quilombolas. Foram recordadas as participações em cursos na Vila Cruzeiro do Sul ou na Orfanatório, quando vivenciaram oportunidades de se deslocarem por outros espaços da cidade, que oportunizaram, pelas atividades feitas, outras reflexões e mudanças de atitude entre os jovens. Essas ações redundam em tênues rompimentos com o destino social que lhes é imposto, tendo em vista a quase não mobilidade dos jovens pelos equipamentos de lazer e diversão da cidade.

As vivências das ajudas internas, ou seja, prática de ajudar-se, uns aos outros, dentro do quilombo, reforça os sentidos de pertencimento ao território e fortalece os jovens, de forma molecular, para participarem do duelo. A vivência

dos assassinatos de Joelma da Silva Ellias e Volmir da Silva Ellias gerou o enfraquecimento político e emocional da comunidade, que passou a vivenciar tristezas e angústias. Isso atuou tanto na desmotivação quanto no senso de pertencimento e união da população do Quilombo dos Alpes, pois foram mortes de dois quilombolas e por serem quilombolas.

Há juízos elaborados que salientam forte preocupação com as crianças. Essa preocupação envolve desde questões rotineiras, a respeito de onde e com quem ficam as crianças enquanto suas mães trabalham até os modelos e espelhos aos quais as crianças são expostas, o que inclui desde a educação formal até o consumo de drogas lícitas e ilícitas. Também existem as vivências das festas dentro do quilombo, as quais aproximam as pessoas e marcam ritos de passagem (Festas de 15 Anos); promovem a arrecadação de fundos (Galeto Dançante) ou, até mesmo, resultam em desentendimentos entre seus membros.

Existem juízos formados por vivências e vinculações com a questão negra, não como cor ou raça, mas sim por laços afetivos, acolhimentos e identificações. Neste caso, a identificação não é dada pela cor da pele, mas sim pela condição de negro enquanto ser, numa elaboração que remete à construção do humanismo não-racial.

Por outro lado, há uma série de juízos que envolvem as questões estéticas dos cabelos, das roupas e das vestimentas. Esses juízos não são fechados em prognósticos excludentes; ao contrário, são diversificados entre os jovens do Quilombo dos Alpes. Eles mostram o quanto esses jovens jogam o jogo das identidades, acionando os vários dispositivos identitários do mundo contemporâneo, não existindo situação de fechamento em torno de algum dispositivo. O quer se quer dizer é que os jovens do Quilombo dos Alpes elaboram seus juízos de forma aberta, sem enclausuramentos prévios em determinadas posições ou opiniões. Essa abertura é constituinte do jogo das identidades, que evidencia o duelo ético-estético do qual os jovens participam.

Assim, foi atingido o objetivo desta pesquisa, ou seja, foi feita a análise de como a construção das identidades dos jovens do Quilombo dos Alpes se insere e é reveladora do duelo ético-estético.

O duelo ético-estético toma a forma de tangenciamento dos corpos no espaço, onde o corpo vibrátil expressa os afetos do tempo presente numa outra

estética. O tangenciamento dos corpos é público, provocam-se olhares para além do visual; é o corpo vibrátil com seus valores, sentidos e afetos. São corpos racializados. O duelo ético-estético se dá com os corpos racializados. Quem participa do duelo faz isso na condição de sujeito, invertendo o que foi estigma e depreciação, transformando em positividade: o corpo negro. Assim, no duelo ético-estético, há a valorização do corpo racializado.

Participar do duelo ético-estético é jogar o jogo das identidades, o qual possibilita a construção de novas configurações e conexões, onde o corpo vibrátil expressa o que lhe afeta. Essas novas configurações são facetas do duelo. Assim, o duelo é aberto para o futuro. O duelo evidencia um cotidiano em rizoma: os invisíveis, na linha molar, infiltram-se em diferentes espaços, realizando penetrações, conexões não esperadas.

Pelo duelo, há visibilidade, há busca da diferença. O sujeito no cotidiano imita e traduz isso no corpo racializado. O imitar revela os diferentes espelhos aos quais os sujeitos estão expostos. Conforme se dá a inserção no duelo, a autoestima é construída. Constitui-se, então, um espaço composto por éticas e estéticas diversas e não isoladas, mas em forma de duelo, um duelo ético-estético.

Ainda, a cartografia realizada permite uma série de observações conclusivas.

- A classe social não é vinculada, por necessidade, a uma única e exclusiva subjetividade, embora exista toda uma produção capitalista para as classes não garantidas. Ilyana rompe com o destino de classe, em suas Trajetórias Espaciais Cotidianas, seja ao adentrar no mundo da linha molar dos partidos políticos, seja nas suas participações no Fórum ou na ONG. Ao ingressar nesses espaços múltiplos e heterogêneos, Ilyana constrói sua identidade, ao mesmo tempo em que carrega suas identidades: de jovem, de mulher, de quilombola, elaborando sua singularidade. São espaços heterogêneos e múltiplos, onde Ilyana opta/escolhe/trilha as hastes do rizoma, em que as conexões estabelecidas permitem-lhe singularizar-se, jogando o jogo das identidades.

- Existe um profundo conhecimento do território, pela comunidade do Quilombo dos Alpes. Esse conhecimento é expresso, entre outras circunstâncias, pelas explicações das transformações no espaço físico, feitas

por Maria Quitéria, a partir da construção do muro do seminário, que provoca represamento das águas da chuva. O mesmo é válido para as falas sobre o entulhamento de nascentes e a derrubada das árvores que funcionavam como um quebra-vento.

- Há uma preocupação em elaborar ações que contemplem as crianças e os jovens do quilombo. É o que se percebe, em especial, nas ações feitas por Maria Quitéria e Ilyana. A preocupação das jovens é enfrentar os fantasmas das drogas e do “nada para fazer”, ou seja, a construção de singularidades existenciais nos jovens do quilombo. Para atingir tal fim, as jovens se movimentam autonomamente pelas linhas molar, molecular e de fuga, propõem oficinas a serem realizadas na Associação, bem como o projeto da biblioteca. Elas parecem entender que, para poderem duelar, é necessário preparar a sucessão, agregar os jovens e fortalecer o grupo.

- Para Maria Quitéria e Ilyana, a política é fator de afetivação, pois, pela política, elas fabricam um mundo.

- Acompanhar as Trajetórias Espaciais Cotidianas esbarra, entre outras coisas, nas regras do mundo do trabalho, o que se aplicou no caso de Cefeu e de Magnólia.

- A inserção no mundo do trabalho, mesmo que em empregos com alta sazonalidade de mão-de-obra, implica em se inserir como sujeito na cidade, em disciplinar-se para o trabalho, em sair do quilombo, em vivenciar outros espaços, em saber duelar e jogar o jogo das identidades.

- O consumo de objetos, de alimentos e de bebidas é uma inserção social até então restrita às camadas médias.

- O riso é uma forma de amortecimento, frente a um fato dolorido, penoso ou triste, presente no cotidiano, e para o qual não se consegue fazer outro encaminhamento. Esta perspectiva está presente nas brincadeiras realizadas pelos rapazes, quando afirmaram, de forma jocosa: “Eu trabalho na Vivo”.

- O futebol é visto como uma participação no duelo ético-estético, num duelo onde o corpo racializado é o maior. O futebol é o duelo que toca as classes populares. O futebol é entendido como dispositivo de identidade positiva, marcado pelo corpo racializado. Assim, o futebol é fator de afetivação para os jovens do sexo masculino. No futebol, os jovens jogam o duelo ético-

estético na regra da sociedade meritocrática. O futebol é duelo, pois há o tangenciamento dos corpos onde se é/se pode ter chance de ser o melhor, duelar pra vencer.

- Talvez o duelo e a perda no duelo sejam aspectos mais doloridos para os homens jovens, em função de uma maior dificuldade de jogar e a uma maior exposição aos trágicos agenciamentos destrutivos do álcool e drogas etc. Já as mulheres jovens, numa tradição de matriarcado e de parideiras cuidadoras/responsáveis pela prole, ficam colocadas em posição de ir duelar, de jogar o jogo das identidades.

- A não permanência de Hefaisto no Internacional talvez seja um indicativo da dificuldade de os jovens duelarem.

- O duelo ético-estético não acontece sempre. Os que ficam no quilombo, dali não saem ou saem pouco, não vivem a realização do duelo, mas continuam integrando a cartografia do corpo racializado.

- Vivenciar outros espaços é também saber duelar; é saber se colocar como sujeito com a estética e a ética não hegemônicas na cidade. Daí a importância de espaços públicos acolhedores e bem cuidados, tais como a Igreja N. Sra. da Conceição e o Museu de Medicina.

- A dificuldade de argumentar a seu favor é a dificuldade de duelar. Há também expressões da dificuldade de jogar o jogo das identidades e duelar: a dificuldade de posicionar o corpo racializado num olhar lateral (de igualdade frente aquele que te olha); as inseguranças para conversar com os outros, cumprimentá-los e se posicionar em espaços que não os do cotidiano. Evidencia-se, então, a dificuldade de jogar, no sentido de acionar a identidade adequada ao momento, identidade que está num corpo racializado, que carrega uma ética e uma estética não hegemônicas.

Enfim, a abertura hermenêutica empreendeu uma cartografia do corpo racializado e pautou-se na busca do invisível. O invisível não é o inexistente. Buscou-se o invisível que está em conexões, no corpo vibrátil, no tangenciamento dos corpos no espaço. Para isso, foram percorridas diferentes trilhas, que estabelecem diferentes qualidades de conexões e que foram descritas e interpretadas ao longo dessa pesquisa. O conjunto das trilhas revela as Trajetórias Espaciais Cotidianas. As Trajetórias Espaciais Cotidianas compõem o rizoma.

5.3 APONTAMENTOS PARA O FUTURO

A partir desta pesquisa, abrem-se inúmeras possibilidades de diálogo com outros campos da ação humana, bem como de futuras pesquisas.

É urgente a qualificação de políticas públicas para os jovens de quilombos urbanos. Tais políticas devem ultrapassar a simples ocupação do tempo desses jovens, carregando relações entre aquilo que é popular e o que é científico. Sua ênfase deve ser permeada por construções de autonomia, com foco no duelar, ou seja, que os jovens joguem o jogo das identidades. Essas ênfases devem ser elaboradas a partir daquilo que afeta positivamente aos jovens, evitando que os mesmos se dirijam às linhas de morte. A realização da linha de morte é a não realização do duelo. Portanto, não se deve perder de vista que as linhas molar, molecular e de fuga reagem e interferem entre si.

Uma das ênfases deve se pautar pela diversificação dos espaços por onde esses jovens transitam, pois essa diversificação dos espaços transitados proporciona a potencialização das condições para jogar o jogo das identidades, que é onde o duelo ético-estético se expressa. E isto se verifica na medida em que há poucos deslocamentos dos jovens para fora do quilombo.

As classes populares organizam-se, muitas vezes, em famílias extensas que lhes fortalecem na difícil manutenção econômica. Os laços de parentesco e de afinidade no Quilombo dos Alpes evidenciam uma família extensa, onde a solidariedade é o cerne de sua sustentação. A família extensa muda quando se desagrega ou quando seus membros ou parte deles mudam de classe social. A mudança de classe social ocorre via profissionalização, a qual é imbricada na autonomia. Seria interessante investigar o que tais membros, oriundos de famílias extensas carregam dessa família, a qual já não mais está nos seus cotidianos.

A pesquisa evidenciou também que aspectos relacionados a um debate público da doença mental (sanidade/loucura), bem como do consumo de drogas lícitas, em especial do álcool, devem se inserir nos espaços educativos da sociedade.

Procurei por uma resignificação dos lugares de pesquisa, tanto da pesquisadora (no caso professora-pesquisadora), quanto dos sujeitos da

pesquisa (os jovens). Esse ressignificar promoveu uma abertura em diálogo, onde as emoções vivenciadas foram expressas e embasaram uma Geografia mais humanista, onde o Eu/Outro, o Nós/Outros se expressem, numa contribuição para uma remodelação das humanidades. A busca pelos silêncios e invisibilidades na linha molar dos grupos socialmente menos favorecidos, num relato que lhes desse voz, teve a intenção de valorizá-los na semelhança, ou seja, na sua humanidade. Por outro lado, dar-lhes voz também é valorizá-los nas suas diferenças, que são econômicas, sociais, políticas, culturais e que essa pesquisa captou em termos étnico-raciais. Isso também é uma contribuição para a Geografia, ou seja, a discussão da questão étnico-racial, em especial a questão dos jovens e a multiplicidade de identificações que os constituem. Essas identificações podem promover desorientações e direcionamento às linhas de morte, mas também podem produzir singularizações existenciais.

A pesquisa constitui-se num esforço da professora de escola regular, no sentido de dialogar com o entorno da vizinhança escolar e, a partir daí, recheiar suas práticas pedagógicas de positivities, oriundas dessa aproximação.

Por fim, lembro que aquilo que é complexo é perpassado pelo físico, pelo racional e pelo emocional, sendo isto o grande guia metodológico dessa pesquisa. Esta imbricação se realizou no processo de conhecer as pessoas do Quilombo dos Alpes, conhecer o território e entendê-lo como lugar, cartografando as Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens pesquisados, as quais também revelaram as minhas próprias trajetórias.

Cabe destacar o difícil e doloroso relato do preconceito étnico-racial, pelos jovens do Quilombo dos Alpes, evidenciando que a identidade do negro foi construída em forma de diáspora e desterritorializada, enquanto a identidade quilombola vai sendo tecida territorializada. Talvez essa identidade carregue algo que vai além das linhas de cor, até porque o fato de territorializar-se trouxe, em certos contextos, contatos e casamentos inter-raciais.

A realização das entrevistas semiestruturadas me lançou em falas repletas de eloquência e outras mais 'tímidas'. Este fato me proporcionou rever preconceitos, que afloraram no sentido de valorização das primeiras. Debruçar-me sobre as falas mais 'tímidas' me fez refletir sobre o pragmatismo do

cotidiano e sobre o quanto esse pragmatismo levanta questões a uma ciência que analisa, mas não é propositiva. A escuta do relato das mortes de Joelma e Volmir me colocou frente à violência, à opressão e ao racismo, quase que de uma forma intrusiva. E o acompanhamento das Trajetórias Espaciais Cotidianas dos jovens me proporcionou vivenciar, com eles, um espaço heterogêneo e múltiplo.

Pequenas e significativas ações me aguardam após essa pesquisa. A primeira é a devolução da mesma ao grupo pesquisado. A organização de uma biblioteca é sonho expresso pelas jovens, com o qual posso colaborar, assim como penso ser possível fazer algo, em relação à busca por patrocínio para o Furacão. Estar ali, trabalhando ao sopé do quilombo, me mantém em contato permanente com a população estudantil do mesmo. Nada do que foi por mim descrito, nesta tese, é de desconhecimento deles; ao contrário, tudo foi contado por eles, nos múltiplos encontros. O novo, de agora em diante, serão os leitores e onde a escrita vai chegar, numa tarefa de divulgação do território do Quilombo dos Alpes.

Enfim, pelo tangenciamento dos corpos, no espaço expresso no duelo ético-estético, posso afirmar que:

*nada é belo,
nada é amoroso,
nada é político,
a não ser que sejam
arbustos subterrâneos
e as raízes aéreas,
o adventício e o rizoma.*

(DELEUZE; GUATTARI, 1995a, vol. 1, p. 25, grifo meu)

E um pouco de saudade já fica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. Contribuição à história do pensamento geográfico brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. São Paulo: Edusp, 1994. p. 199-322.

ALVES, Caleb Faria. Uma Política Pública voltada para a Resistência ao Neoliberalismo: a descentralização da cultura em Porto Alegre. In: GRIMSOM, Alejandro (org.). **Cultura e neoliberalismo**. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 225-240.

ALVES, Castro. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/calves01.html>. Acesso em: 20 jun. 2012.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2. ed. Bauru: EDIPRO, 2007.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BANDA DA SALDANHA. Disponível em: <http://bandasaldanha.com.br>. Acesso em: 07 nov. 2011.

BARCELLOS, Jorge Alberto Soares (org.). **A grande Glória**. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995.

BARROS, Manoel de. **O guardador de águas**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**. Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. Fora de alcance juntos. In: **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 77-98.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BICHIR, Renata. Uma nova visão sobre a segregação urbana. **diverCIDADE. Revista do Centro de Estudos da Metrópole**, n. 6, jul/ago/set 2005. Disponível em: www.centrodametropole.org.br/divercidade/numero6/6.html. Acesso em: 24 out. 2009.

BOBBIO, Norberto. **Teoria do Ordenamento Jurídico**. São Paulo: Polis; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1989.

BONETTI, Aline de Lima. Novas Configurações: direitos humanos das mulheres, feminismo e participação política entre mulheres de grupos populares porto-alegrenses. In: NOVAES, Regina Reyes; DE LIMA, Roberto Kant (orgs.). **Antropologia e Direitos Humanos**. v. 30. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2001. p. 137-201.

BORGES, Antonadia. Barraco: Etnografia dos meios e dos modos de vida no Recanto das Emas. In: FONSECA, Claudia; BRITES, Jurema (orgs.). **Etnografias da participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 212-243.

BOURGOIS, Philippe. Homeless in el bairro. In: BOURDIEU, Pierre (org.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 203-214.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Agrário**. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Instrução Normativa n. 49, 29 de setembro de 2008. DOU N° 190, 1 de outubro de 2008, Seção 1. p. 83 a 85.

_____. **Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**. Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial: Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2006.

BRITES, Jurema. Atrás dos Bastidores: clientelismo, cidadania e serviço doméstico. In: FONSECA, Claudia; BRITES, Jurema (orgs.). **Etnografias da participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 186-212.

BURKE, Peter. A Descoberta do Povo. In: BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 31-49.

_____. Fronteiras do Cômico nos Primórdios da Itália Moderna. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Orgs). **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 93-114.

_____. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

_____. Interação. In: BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 84-90.

CALABRIA. Disponível em: <http://www.calabria.com.br/index.php>. Acesso em: 24 abr. 2012.

CALDEIRA, Teresa. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana. **Novos Estudos**: CEBRAP, São Paulo, n. 47, p. 155-176, mar. 1997. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br>. Acesso em: 24 out. 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandrini. **Espaço Tempo na Metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001a.

_____. A segregação como fundamento da crise urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (org.) **Urbanização e Cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente/São Paulo: GasPEER, 2001b. p. 47-56.

CARRIS. Disponível em: www.carris.com.br. Acesso em: 27 dez. 2009.

CARROL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. O Motivo Edênico no Imaginário Social Brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 63-79, 1998.

CEASM. **QUEM SOMOS? QUANTOS SOMOS? O QUE FAZEMOS? A Maré em dados**: censo 2000. Rio de Janeiro, 2003.

CHOPRA, Deepak. **A Realização Espontânea do Desejo**: como utilizar o infinito poder da coincidência. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

COMERFORD, John. **Como uma Família**: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processos Espaciais e a Cidade. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSTA, Ângela Maria Faria da. **Quilombos Urbanos, Segregação Espacial e Resistência em Porto Alegre/RS**: uma análise a partir dos quilombos do Areal e da Família Silva. 2008. 78 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

COSTA, Benhur Pinós da. **Por uma geografia do cotidiano**: território, cultura e homoerotismo na cidade. 2007. 362 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

COSTA, Rogério Haesbaert da. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

COUTO, Mia. **Identidade**. Disponível em: <http://citador.pt/poemas/identidade-mia-couto>. Acesso em: 24 abr. 2012.

_____. **Murar o Medo**. Conferência de Estoril, 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jACccaTogxE>. Acesso em: 05 dez. 2011.

CURTO, Maria Cecília. Lucha y papeles em uma organización piquetera del sur de Buenos Aires. In: MÍGUEZ, Daniel; SEMÁN, Pablo (Orgs.). **Entre Santos, Cumbias e Piquetes**: las culturas populares em la Argentina reciente. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 145-164.

DAMO, Arlei Sander. A Peça Orçamentária: os sentidos da participação na política a partir do OP porto-alegrense. In: FONSECA, Claudia; BRITES, Jurema (Orgs.). **Etnografias da participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 136-183.

DARNTON, Robert. Os Trabalhadores se Revoltam: o Grande Massacre dos Gatos da Rua Saint-Séverin. In: _____. **O Grande Massacre dos Gatos e outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 103-140.

DEFFONTAINES, Pierre. Como se constituiu no Brasil a rede das cidades. **Cidades**, Presidente Prudente, v.1, n. 1, p. 119-146, jan./jun. 2004. [original de 1938].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.

_____; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.

DEWEY, John. **El arte como experiencia**. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1949.

DIAS, Nélia. Imitation et Anthropologie. **Terrain**. n. 44, p. 5-18, 2005. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index2610.html>. Acesso em: 24 abr. 2008.

DICIONÁRIO do Pensamento Social do séc. XX/. Editado por Willian Outhwaite; Tom Bottomore. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galera e o Movimento Hip Hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

DMAE. Disponível em: www2.portoalegre.rs.gov.br/dmae. Acesso em: 24 abr. 2012.

DMLU. Disponível em: www2.portoalegre.rs.gov.br/dmlu. Acesso em: 24 abr. 2012.

DOUGLAS, Mary. Jokes. In: _____. **Implicit Meanings**: Essays in Anthropology. London: Routledge & Kegan Paul, 1993. p. 90-114.

DUNDES, Alan. 97 Reasons why Cucumbers are better than Men. In: _____. **Cracking Jokes**. Studies of Sick Humor Cycles and Stereotypes. Berkeley: Ten Speed Press. p. 82-95, 1987.

_____. Nationalistic Inferirity complexes and the Fabrication of Fanelore: A Reconsideration of ossian, the kinder-und Hausmärchen, the Kalevala, and Paul Bunyan. **Journal of Folklore Research**, Indiana. v. 22, p. 5-18. 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3814466>. Acesso em: 24 abr. 2008.

ELIAS, Norbert. Mudanças de Atitude nas Relações entre os Sexos. In: _____. **Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 169-189. (O Processo Civilizador).

ESCOLA MUNICIPAL VEREADOR MARTIN ARANHA – Histórico. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas>. Acesso em: 24 abr. 2012.

ESTEVAM, Carlos Estevam. **Freud**: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

EXPOINTER. Disponível em: www.expointer.rs.gov.br. Acesso em: 04 nov. 2011.

FASANO, Patrícia. **De Boca em Boca**: el chisme em la trama social de la pobreza. Buenos Aires: Ides, 2006.

FASC. Disponível em: www2.portoalegre.rs.gov.br/fasc. Acesso em: 24 abr. 2012.

FASE. Disponível em: <http://fase.rs.gov.br>. Acesso em: 24 abr. 2012.

FEBEM. Disponível em: <http://www.fase.rs.gov.br>. Acesso em: 24 abr. 2012.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. **Escolas de samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 2001. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro).

FERREIRA, Conceição Coelho; SIMÕES, Natércia Neves. **A Evolução do Pensamento Geográfico**. Lisboa: Gradiva, 1986.

FONSECA, Claudia. Classes e a recusa etnográfica. In: FONSECA, Claudia; BRITES, Jurema (Orgs.). **Etnografias da participação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006. p. 13-34.

_____. **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FORUM SOCIAL TEMÁTICO. Disponível em: <http://www.fstematico2012.org.br>. Acesso em: 05 Mar. 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANCO, Sergio da Costa. **Porto Alegre**: guia histórico. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis: Vozes, 2007a. Vol. 2. A virada Hermenêutica.

_____. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis: Vozes, 2007b. Vol. 3. Hermenêutica e a Filosofia prática.

_____. **Verdade e método**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GANS, Herbert. From 'Underclass' to 'Undercaste': some observations about the future of the post-industrial economy and its major victims. In: MINGIONE, E. (Org.) **Urban poverty and the underclass: a reader**. Oxford: Blackwe, 1996. p.141-151.

GARCIA, Januário. **25 anos 1980 – 2005: movimento negro no Brasil**. Brasília/DF: Fundação Cultural Palmares, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GEHLEN, Ivaldo (Coord. Geral); LEITÃO, Leonardo Rafael Santos Leitão (Coord. Estudo). **Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade Quilombola dos Alpes – Porto Alegre/RS**. Porto Alegre: Laboratório de Observação Social, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, dez. 2007.

GELL, Alfred. Amour, Connaissance et Dissimulation. **Terrain**, n. 27, 1996, p. 5-14. Disponível em: <http://terrain.revues.org/index3344.html#txt>. Acesso em: 24 abr. 2008.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GILROY, Paul. **Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo/Rio de Janeiro: 34 ed./Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2004.

GINZBURG, Carlo. Cultura Dominante e Cultura Subalterna. In: GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 230-231.

_____. Prefácio à edição Italiana. In: _____. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 15-34.

_____. Sinais. Raízes de um Paradigma Indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

_____. Tusitala e seu Leitor Polonês. In: GINZBURG, Carlo. **Nenhuma Ilha é uma Ilha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 91-113.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GRAVINA, Heloisa Corrêa. **Ser da Praça: performance-etnografia na Praça da Alfândega**. 2006. 206 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GREENFELD, Liah. Nationalism and the mind. **Nations and Nationalism**, London, v. 11, n. 3, p. 325-34, 2005.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, Felix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1999.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUREVICH, Aaron. Bakhtin e sua Teoria do Carnaval In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (Orgs). **Uma História Cultural do Humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 83-92.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte/Brasília: editora UFMG/Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HARVEY, David. **A justiça social e a cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

HEIDRICH, Álvaro et al. (orgs.). **A emergência da multiterritorialidade**: a ressignificação da relação do humano com o espaço. Canoas/Porto Alegre: Ed. ULBRA/Editora da UFRGS, 2008.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Conflitos Territoriais na estratégia de preservação da natureza. In: SAQUET, Marco Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e Territorialidades. Teorias, processos e conflitos**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 271-290.

HEIDRICH, Álvaro Luiz; HEIDRICH, Bernadete Beschorner. Reflexões sobre o estudo do território. In: BUITONI, Marísia (org.). **Explorando o ensino**. 1ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 2010, v. 22, p. 111-134.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Espaço e multiterritorialidade entre territórios: reflexões sobre a abordagem territorial. In: PEREIRA, S. P.; COSTA, B. P.; SOUZA, E. B. (orgs). **Teorias e Práticas Territoriais**: análises espaço-temporais. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 25-35.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

HISTORICO. Disponível em: <http://historico.enem.inep.gov.br>. Acesso em: 07 Jan. 2012.

HOBBSAWM, Eric. A Produção em Massa das Tradições: Europa 1879 a 1914. In: _____; RANGER, Terence (Orgs.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 271-316.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: _____; RANGER, Terence (Orgs.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 9-23.

IBGE. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 11 fev. 2011.

INCRA. Disponível em: www.incra.gov.br. Acesso em: 08 abr. 2011.

KESSLER, Lucenira Luciane. **Diálogo de Traços**: etnografia dos praticantes de apropriações visuais do espaço urbano em Porto Alegre. 2008. 105 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LAITANO, Gisele Santos. **Os Territórios, os Lugares e a Subjetividade**: construindo a geograficidade pela escrita no Movimento Hip Hop, no bairro Restinga, em Porto Alegre/RS. 2001. 172 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

LAN_HOUSE. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/LAN_house. Acesso em: 07 nov. 2011.

LARROSA, Jorge; LARA, Nuria Pérez de. **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.

LEFEBVRE, Henri. A Cidade e a divisão do trabalho. In: _____. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 29-73.

LOCKE, John. **Carta acerca da tolerância; Segundo tratado sobre o governo; Ensaio acerca do entendimento humano**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores)

LÖFGREN, Orvar. The nationalization of Culture. **Ethnologia Europea Journal of European Ethnology**. Copenhagen, v. 19, p. 167-191, 1989.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1994.

MACHADO, Rosana Pinheiro. **A Garantia Soy Yo**: etnografia das práticas comerciais entre camelôs e sacoleiros nas cidades de Porto Alegre (Brasil) e Ciudad Del Este (Paraguai). 2004. 143 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRGS:Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **A Transfiguração do Político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **O Tempo das Tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARCUSE, Peter. Enclaves, sim; guetos, não: a segregação e o Estado. **Espaço & Debates**. São Paulo, v. 24, n. 45, p. 24-33, 2004.

_____. No caos, sino muros: el postmodernismo y la ciudad compartimentada. In: Martín Ramos, Ángel. (Coord.). **Lo urbano en 20 autores contemporáneos**. Barcelona: UPC, 2004. p. 83-90.

MARIAMULHER. Disponível em: <http://www.mariamulher.org.br>. Acesso em: 24 abr. 2012.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Livro Primeiro, vol. I.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCDONALDS. Disponível em: www.mcdonalds.com.br. Acesso em: 24 abr. 2012.

MEAD, George H. **Espiritu, Persona y Sociedad**. Desde el punto de vista del conductismo social. México D. F.: Paidós, 1993.

MENEGAT, Rualdo et al. **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Hucitec, 1987.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo/DF; Brasília: Cortez/UNESCO, 2001.

MSN. Disponível em: www.br.msn.com/. Acesso em: 07 nov. 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Obras incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas: Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

OLIVEIRA, Cêurio de. **Curso de cartografia moderna**. Rio de Janeiro: IBGE, 1988.

OLIVEN, Ruben George. Nação e Tradição na Virada do Milênio. In: _____. **A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 17-37.

_____. O Imaginário na Música Popular Brasileira. In: PAIS, José Machado; BRITO, Joaquim Pais; DE CARVALHO, Mário Vieira (Orgs.). **Sonoridades luso-brasileiras**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004. p. 291-321.

ORKUT. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. Acesso em: 07 nov. 2011.

ORTIZ, Renato. Uma Cultura Internacional-Popular. In: _____. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 105-145.

PALMARES. Disponível em: www.palmares.gov.br. Acesso em: 04 nov. 2011.

PARSONS, Talcott. **Sociedades**. Perspectivas Evolutivas e Comparativas. São Paulo: Pioneira, 1969.

PIVA, Tulio. Disponível em: www.vagalume.com.br/tulio-piva/pandeiro-de-prata.html. Acesso em: 12 jun. 2012.

PLANALTO. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/infger_07/presidentes/lula.htm. Acesso em: 11 Jan. 2012.

_____. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao. Acesso em: 14 fev. 2011.

POCHMANN, Marcio; AMORIN, Ricardo (orgs.). **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2003.

POP ROCK. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Pop_rock. Acesso em 11 Jan. 2012.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Cultura Belém Velho. Porto Alegre. UE/Porto alegre, 1994.

_____. Disponível em: <http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas>. Acesso em: 24 abr. 2012.

_____. Disponível em: www2.portoalegre.rs.gov.br. Acesso em: 14 fev. 2011.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PREFPOA. Disponível em: www.prefpoa.gov.br. Acesso em: 27 dez. 2009.

PROPP, Vladimir. Quem ri e quem não ri. In: _____. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Ática, 1992. p. 31-36.

QUILOMBO FAMÍLIA SILVA. Disponível em: <http://quilombofamiliasilva.blogspot.com/>. Acesso em: 12 jan. 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RATTS, Alecsandro JP. A Geografia entre as Aldeias e os Quilombos: territórios etnicamente diferenciados. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro JP (orgs.). **Geografia: leituras culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 29-48.

RATZEL, Friedrich. O povo e seu território. In: MORAES, Antonio Carlos Robert de. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990. p. 73-82.

_____. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Revista Geografia**, Rio Claro: AGETEO, v.4, n. 7, p. 1-25, 1979.

RICOUER, Paul. **O Conflito das Interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SACK, Robert David. **Human Territoriality**: its theory and history. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANCHEZ, Andréa Quadrelli. **A Fronteira Inevitável**. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil). 2002. 209 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SANTOS, Milton. **Metrópole Corporativa Fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1990.

_____. **Por uma Economia Política da Cidade**. São Paulo: HUCITEC/EDUC, 1994. p. 115-145.

_____. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **A Natureza do Espaço**: espaço e tempo: razão e emoção. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Milton. Dois Processos de Industrialização e os Dois Subsistemas Urbanos. In: _____. **O Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004 [1979]. p. 327- 366.

_____. O Estado, os Monopólios e a Macroestruturação do Espaço. In: _____. **Espaço Dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004 [1979]. p. 277-325.

_____. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

SCALCO, Lúcia Mury. **Fala K É NÓIS**: etnografia de um projeto de inclusão digital entre jovens de classes populares em Porto Alegre. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SEMÁN, Pablo. **Bajo Continuo**: explorações descentradas sobre cultura popular y masiva. Buenos Aires: Gorla, 2006.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**: o pensamento pragmatista e a estética popular. São Paulo: Ed. 34, 1998.

SIMONE, Nina. Disponível em: <http://letras.mus.br/nina-simone/3605/>. Acesso em: 20 jun. 2012.

SMED. Disponível em: www2.portoalegre.rs.gov.br/smed. Acesso em: 24 abr. 2012.

SOUSA SANTOS, Boaventura. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de et al. (org.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p. 77-116.

TOLEDO, José; MANZON, Jean. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=7GntgsvgdOo>. Acesso em: 16 jun. 2012.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUDOFÁCIL. Disponível em: <http://www.tudofacil.rs.gov.br/>. Acesso em: 24 abr. 2012.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 533 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2008.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. **Evolução do Povo Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. Ordem multilateral e o novo papel dos Estados Unidos no sistema internacional. RIPE – Relações Internacionais para Educadores, 15 de maio de 2010. Fotocópia.

_____. **Dez anos que abalaram o século XX**: da crise do socialismo à guerra ao terrorismo – política internacional de 1989 a 2002. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.

WACQUANT, Loic. A Underclass urbana no imaginário social e científico americano In: _____. **Os Condenados da Cidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2001. p. 107-124.

_____. A zona. In: BOURDIEU, Pierre (Org.) **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 177- 191.

_____. Com um hustler no gheto americano. In: BOURDIEU, Pierre (Org.) **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 192- 201.

_____. Subúrbios franceses e gueto negro americano: do amálgama a comparação. In: WACQUANT, Loic. **Os Condenados da Cidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2001, p. 127-148.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WIKIPEDIA.FICHEIRO. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/ficheiro:Mapa_dos_Bairros_de_Porto_Alegre.png. Acesso em: 26 ago. 2012.

APÊNDICE A - MODELO DO FORMULÁRIO APLICADO

LEVANTAMENTO: QUEM SÃO – QUANTOS SÃO – O QUE FAZEM OS JOVENS

FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Data da coleta: _____

1.Nome: _____

2.Sexo: () Feminino() Masculino

3.Data de nascimento/idade: _____

4.Acesso à **educação**:

Escolarização concluída: _____

Escolarização em andamento: _____

5.Atividades de **trabalho**:

Passada: _____

Presente: _____

Futura: _____

Formais: _____

Informais: _____

6.Atividades de **lazer**:

Passada: _____

Presente: _____

Futura: _____

7. Grau de **parentesco** em relação à Dona Edwirges: _____

8. Tem **filhos**? () Sim () Não

Quantos: _____

Idade (s): _____